

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

Sabrina Sales Araújo

**ECOTURISMO E IDENTIDADE NO PANTANAL SUL:
USOS DA CATEGORIA “PANTANEIRO” EM PERSPECTIVA**

CAMPO GRANDE, MS

MAIO/ 2023

Sabrina Sales Araújo

**ECOTURISMO E IDENTIDADE NO PANTANAL SUL:
USOS DA CATEGORIA “PANTANEIRO” EM PERSPECTIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito final para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Álvaro Banducci Júnior

CAMPO GRANDE, MS

MAIO, 2023

Sabrina Sales Araújo

**ECOTURISMO E IDENTIDADE NO PANTANAL SUL:
USOS DA CATEGORIA “PANTANEIRO” EM PERSPECTIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito final para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Aprovada em: ___/___/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior – UFMS (Orientador)

Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grunewald – UFCG (Membro titular)

Prof. Dr. Ricardo Luiz Cruz – UFMS (Membro titular)

Prof. Dra. Mara Aline Ribeiro - UFMS (Suplente)

AGRADECIMENTOS

A seção de agradecimentos de um trabalho acadêmico inaugura o contato do leitor com o pesquisador e o seu trabalho. Apesar dessa função e efeito de abertura, ela é comumente para o autor, uma das últimas partes a ser produzida. Por ser um texto que finaliza um processo longo e hercúleo, o instiga a revisitar os caminhos trilhados e, por isso, possui uma carga emocional imensa e expressa o lado mais humano da produção de uma pesquisa.

Em 2020 iniciei o mestrado em meio à diversas incertezas e inseguranças. Vivíamos então a pandemia de covid-19 que transformava as formas de comunicação e interação, trazendo diversos desafios para o contexto educacional. Lecionar, assistir aulas, planejar, organizar e participar de eventos acadêmicos à distância, por mais difícil e desgastante que fosse, era a maneira de nos mantermos próximos enquanto comunidade de ensino e pesquisa. Nesse contexto, algumas pessoas foram de extrema importância e talvez nem saibam a dimensão, o valor e a diferença que os seus pequenos gestos fizeram ao longo do meu caminho.

Porque há em nós, por mais que consigamos ser nós mesmos a sós sem
nostalgia, um desejo de termos companhia [...]
- Fernando Pessoa

Agradeço inicialmente aos meus pais por me incentivarem, e possibilitarem ao longo do meu desenvolvimento e por meio de muito esforço, o acesso aos estudos que eles só tiveram à duras penas.

Sou grata à Alanna Antunes, amiga que a graduação me deu e que muito me auxiliou no início do mestrado, desde o processo seletivo e ao longo do primeiro semestre, quando além de ter que compreender as dinâmicas do programa com aulas remotas e pouco contato humano direto eu ainda estava em um processo complexo de mudança de residência. Os seus esclarecimentos e apoio foram providenciais.

Ao Johnny Daniel, amigo com quem desde a graduação compartilho os entusiasmos e as queixas da vida acadêmica. Os cafés online que marcamos em algumas tardes para falarmos de nossos trabalhos e vida pessoal foram de grande alento.

À Maria Eduarda, cujo encontro ocorreu durante o mestrado por meio das aulas e participações em eventos. As conversas sobre os textos e seminários, sobre as nossas pesquisas do passado e do presente, bem como as fofocas e a companhia em um congresso na Bahia, foram alguns dos momentos mais agradáveis dessa experiência tão singular e curta que é um mestrado.

Às amigadas de Angela Victória e Vinícius Ferreira que me forneceram estadia em Campo Grande durante o trabalho de campo. Obrigada pela disposição, carinho e apoio.

À Juliana Ribeiro que além de me receber e me hospedar em sua casa em idas e vindas à Campo Grande, compartilhou leituras, dicas e ideias muito pertinentes.

Sou imensamente grata ao meu grande amor e companheiro Nilson dos Santos Alves Junior, por me incentivar, apoiar, ser paciente e fornecer palavras de consolo nos momentos mais difíceis. Sem você, nada disso teria sido possível!

...

Não poderia deixar de trazer aqui os meus agradecimentos aos turistas com os quais conversei e que abriram mão, por vezes, de seu descanso e contemplação para responder algumas das minhas perguntas, bem como aos guias de turismo que gentilmente me concederam o seu tempo para a realização das entrevistas. De modo semelhante, agradeço também aos proprietários das pousadas que visitei, por me receberem, responderem minhas questões, e concederem entrevistas, possibilitando, assim, o desenvolvimento da pesquisa.

A todo o corpo docente do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, aos professores e participantes do grupo de pesquisa “Estudos Fronteiriços”, meus sinceros agradecimentos às discussões e partilhas de conhecimento. Vocês me forneceram tardes de reflexão e entusiasmo que foram de suma importância para me manter motivada.

Agradeço também ao meu orientador Álvaro Banducci Júnior, pela cautela, pelo zelo e criteriosidade nas conversas, propostas e correções. O seu trabalho e a forma com a qual se relaciona com os alunos e orientandos são admiráveis.

Agradeço também aos professores Mara Aline Ribeiro e Rodrigo de Azeredo Grunewald que participaram da qualificação sugerindo caminhos, leituras e melhorias que foram de grande valia. Espero que apreciem o trabalho do qual fizeram parte.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa, sem o qual, a conclusão deste trabalho teria sido impossível.

RESUMO

O ecoturismo no Pantanal se desenvolveu e se consolidou principalmente a partir da década de 1980 relacionado aos debates internacionais e à busca por alternativas de desenvolvimento sustentável. A valorização da natureza suscitada pelas preocupações ambientais em voga colocou o bioma em evidência em um contexto de crise da pecuária, principal atividade econômica da região, e em um momento de intensificação da globalização no Pantanal que, por meio da construção de infraestrutura, facilitou o acesso e a comunicação de regiões até então em relativo isolamento. Pesquisas locais sobre as mudanças ocorridas no Pantanal desde então mostram uma profusão de usos da categoria identitária “pantaneiro” por nativos ou não nativos, além de seu uso por marcas, produtos e empresas. Constitui-se alvo desta análise compreender como se dão os usos desta categoria identitária no contexto das pousadas de ecoturismo localizadas na Estrada-Parque Pantanal no Estado do Mato Grosso do Sul. Compreendendo o turismo como uma arena promotora de relações de fronteiras e de entre-lugares - que, ao colocar a diferença em contato favorece a produção e enunciação da identidade, - analisou-se o cotidiano de turistas, guias de turismo e donos de pousadas para delinear as referências presentes nas respectivas noções que eles têm sobre o Pantanal e principalmente sobre o que significa “ser pantaneiro”. Identificou-se que, com a valorização da natureza e a descentralização da pecuária como referencial identitário, a categoria em evidência tem sido utilizada de forma mais ampla, pois não se restringe mais às fazendas de gado como era no contexto originário desta categoria. No entanto, os embates na arena do turismo, que ocorrem principalmente entre os guias de turismo, aproximam valores e comportamentos como critérios de pertencimento que movimentam as duas referências - natureza e pecuária -, fazendo com que discursos internos e externos sobre o Pantanal e os pantaneiros, interajam de forma heterogênea e híbrida, movimentando referenciais do presente e do passado, pois, este último é ajustado, atualizado e ressignificado conforme contexto do universo do turismo, no qual a natureza passa a ser a referência central.

PALAVRAS-CHAVE: PANTANAL; ECOTURISMO; IDENTIDADE;

ABSTRACT

Ecotourism in the Pantanal has developed and consolidated mainly since the 1980s, related to international debates and the search for alternatives for sustainable development, generating great expectations. The appreciation of nature raised by the environmental concerns in vogue placed the biome in evidence in a context of a crisis in livestock, the main economic activity in the region, and at a time of globalization intensification in the Pantanal which, through the construction of infrastructure, facilitated the access and communication of regions hitherto in relative isolation. Local research on the changes that have occurred in the Pantanal since then shows a profusion of uses of the “pantaneiro” identity category by native or non-native people, in addition to its use by brands, products, and companies. The target of this analysis is how the uses of this identity category occur in the context of ecotourism inns located on Estrada-Parque Pantanal in the State of Mato Grosso do Sul. Understanding tourism as an arena that promotes borders relations and between-places, which, by putting the difference in contact, favors the production and enunciation of identity, it was analyzed the daily life of tourists, tour guides, and owners of inns was examined to outline the references present in the respective notions they have about the Pantanal and mainly about what it means to “be a pantaneiro”. It was identified that, with the appreciation of nature and the decentralization of livestock as a reference to identities, the category in evidence has been used more broadly, as it is no longer limited to cattle ranches as it used to be in the original context of this category. However, clashes in the tourism arena, which occur mainly among tour guides, bring together values and behaviors as criteria of belonging that move the two references - nature and livestock -, making internal and external discourses interact in a heterogeneous and hybrid way about the Pantanal and the pantaneiros, as well as the definitions of the present and the past, as the latter is adjusted, updated and re-signified according to the situation of the universe of tourism, in which nature becomes the central world reference.

KEYWORDS: PANTANAL; ECOTOURISM; IDENTITY.

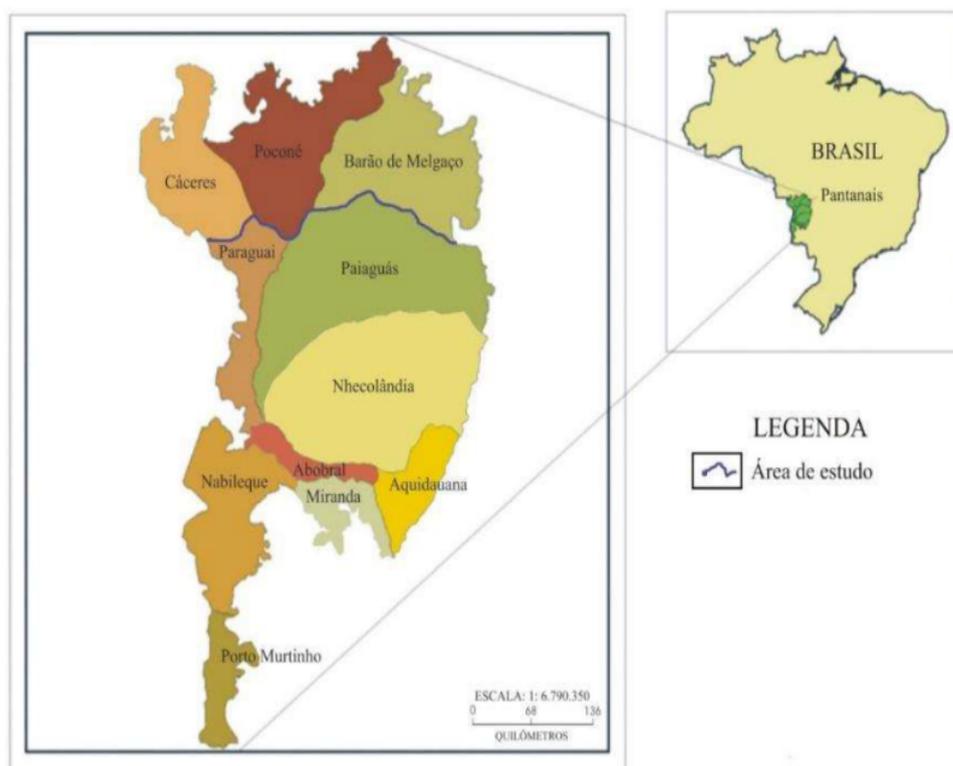
SUMÁRIO

Introdução	10
Recorte espacial e temático da pesquisa	14
Pesquisando o turismo: turistas, guias de turismo e proprietários	19
Turista – antropóloga e a metodologia da afetação	26
Observação participante do trabalho e do não-trabalho	27
Sobre a divisão dos capítulos	30
1. O TURISMO NO PANTANAL	32
1.1. A chegada do turismo no Pantanal	32
1.1.1. Turismo de pesca e ecoturismo	36
1.1.2. A construção da Estrada- Parque Pantanal e a promoção do ecoturismo	39
1.2. Ecoturismo: do conceito ideal ao real	41
1.3. Análises do turismo no Pantanal sul em perspectiva	43
2. ETNOGRAFIAS DO TURISMO NO PANTANAL	52
2.1. Turismo como ritual de passagem oscilante e relativo	55
2.1.1. Aproximações e imersão gradativa	60
2.1.2. Da ilusão do paraíso terrestre à realidade temerária: o Pantanal seco, em chamas e sob eventos climáticos extremos	63
2.1.3. Imersão no rio: liminaridade e fluxo	65
2.1.4. Quebras de fruição: relações entre turistas e entre turistas e agentes de turismo	67
2.1.5. Inversão de papéis e liminaridade relativa	70
2.1.6. As oscilações do regresso	73
2.2. O que busca o turista no Pantanal? a experiência e o conto do turista	74
3. TURISMO E IDENTIDADE NO PANTANAL	82
3.1. “Pantaneiro”: historicizando a categoria, contextualizando os seus usos	82
3.2. Ser pantaneiro no âmbito do turismo	87
3.3. Os guias de turismo: conceitualização, papéis e atribuições	91
3.3.1. Ser pantaneiro sob o olhar dos guias nativos e residentes de longa data no Pantanal	95
3.3.2. Ser pantaneiro para os guias “de fora”	115
3.4. Os guias na lida diária	119
3.5. Ser pantaneiro para os proprietários de pousada	122
3.6. Pantaneiro: uma categoria organizativa, híbrida e abrangente	126
4. O ECOTURISMO SOB O OLHAR DOS GUIAS LOCAIS	143
4.1. Organização e consolidação do ecoturismo	144

4.2. Ecoturismo e relações de trabalho	149
4.3. Embates entre o ecoturismo e a pecuária	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165

Introdução

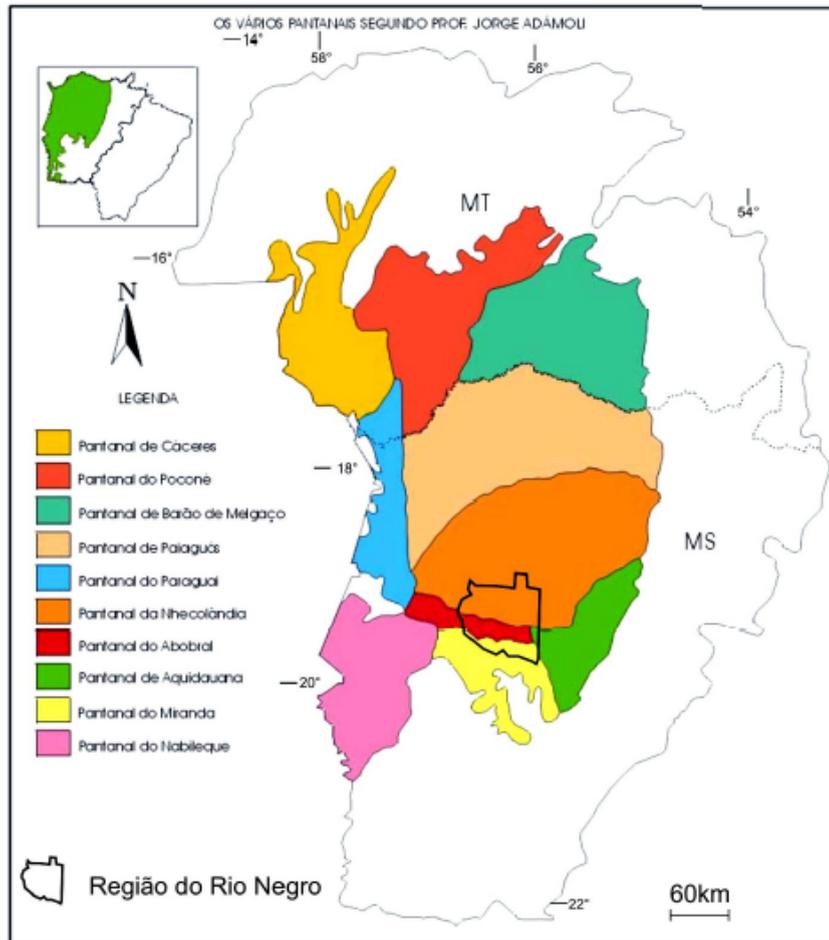
O Pantanal é constituído por uma extensa planície alagável de baixo declive com cerca de 210 mil quilômetros quadrados que é submetida a um regime pluviométrico das bacias das áreas planálticas da região e às suas inundações constantes. Desse território, cerca de 30% se encontra na Bolívia e no Paraguai (OLIVEIRA, 2017). Em território brasileiro abrange parte dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo que, neste último, o bioma ocupa maior área (64, 64%) e é conhecido como Pantanal Sul. O bioma é comumente dividido em 11 sub-regiões em decorrência de características geográficas que as diferenciam, como o tipo de solo, composição da vegetação e duração das enchentes. São elas: Cáceres, Poconé e Barão de Melgaço, em Mato Grosso, e Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho, em Mato Grosso do Sul (SILVA & ABDON, 1998).



Sub-regiões do Pantanal
Fonte: (ARAÚJO, 2009).

Há ainda, de acordo com Thomé (2008), a região do Rio Negro ou “Pantanal do Negro”, que não é considerada pelas subdivisões mais aceitas na academia, sendo, no entanto, uma referência espacial e histórica para a população local, que trabalha e mora na região,

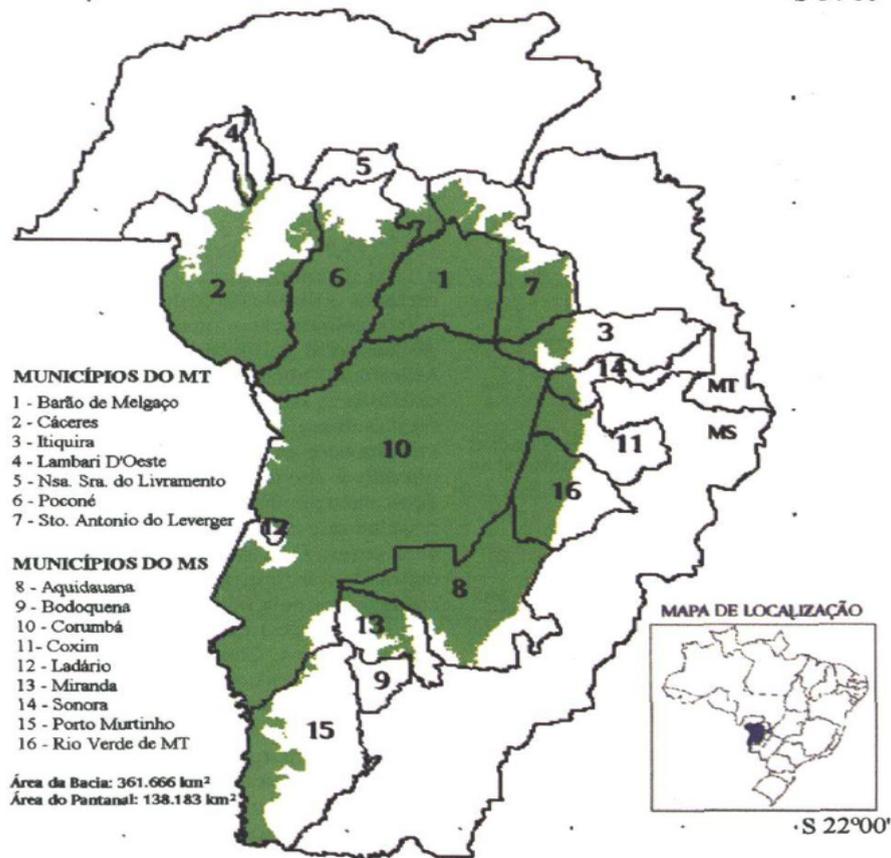
sendo por eles assim denominada. Ela compreende partes do Pantanal de Aquidauana, Nhecolândia e Miranda.



Região do Rio negro em relação á divisão feita por Adámoli (1982).
Fonte: (THOMÉ, 2008).

Considerado uma espécie de santuário natural, em razão de sua biodiversidade, o bioma abriga milhares de espécies vegetais, centenas de espécies de aves e peixes e dezenas de mamíferos, répteis e anfíbios (BANDUCCI JUNIOR, 2001). Nas diferentes regiões pantaneiras localizam-se importantes centros urbanos. No Pantanal Sul estão: Corumbá, Ladário, Miranda, Aquidauana, Bodoquena, Porto Murtinho, Coxim, Rio Verde e Sonora.

S 14°00'



Municípios do Pantanal

Fonte: SILVA & ABDON (1998)

O Pantanal não é uma região populosa e com alta densidade demográfica (ARAÚJO, 2009). Mas nele habitam etnias indígenas, como os Guató, os Terena, os Kadiwéu, os Kinikinau e os Ayoreo, populações ribeirinhas, urbanas, pescadores, agricultores, além dos que orbitam o universo das fazendas e se dedicam à pecuária, que é a principal atividade econômica praticada na região. A criação de gado, tradicionalmente desenvolvida de forma extensiva e que deu base ao processo de ocupação e povoamento não indígena no Pantanal, influenciou na transformação do espaço agrário em enormes latifúndios, marcado por longas distâncias e pela população reduzida.

A pesca, praticada tradicionalmente por ribeirinhos, foi desenvolvida na região em associação com a pequena lavoura, por um segmento da população que, não encontrando trabalho nas fazendas de gado, conseguiu estruturar sua vida com autonomia e garantir sua subsistência junto aos rios (BANDUCCI JÚNIOR, 2012). Além da pecuária e da pesca, atividades tradicionais e de grande relevância, há a produção de lavouras, ainda que reduzidas em escala comercial, com destaque para o cultivo de arroz em Miranda, soja e milho em

Coxim e Rio Verde de Mato Grosso onde o agronegócio tem se intensificado. Há também a exploração mineral com produtos como o ferro, o manganês e o calcário, sobretudo na cidade de Corumbá. Nos centros urbanos, por fim, destacam-se os setores do comércio e serviços (ARAÚJO, 2009).

Há algumas décadas, o turismo cresce de forma proeminente, suscitando altas expectativas por ser visto como uma alternativa de fonte de renda e de desenvolvimento sustentável gerando, assim, muita atenção e incentivos públicos e privados. Atualmente, de acordo Novaes et al (2021), o Estado de Mato Grosso do Sul é subdividido em 9 regiões turísticas e entre elas há dois polos principais que recebem maior fluxo de turistas e são, conseqüentemente, mais dependentes economicamente desse setor: Bonito/Serra da Bodoquena e o Pantanal, principalmente nos municípios de Corumbá, Aquidauana e Miranda. Nessas regiões os principais segmentos turísticos são o turismo de pesca, o ecoturismo, o turismo contemplativo e o turismo rural.

O desenvolvimento de atividades turísticas no Pantanal está relacionado à sucessão de crises e mudanças associadas às transformações do capitalismo global que ocorreram a partir da década de 1970 na região, com forte impacto negativo no setor agropecuário que utilizava técnicas tradicionais, condicionando à busca de fontes alternativas de renda por parte dos proprietários de terra. Nesse contexto, muitas terras foram vendidas para empresários de outras regiões que, desde então, contribuem para imprimir novos formatos de administração e gerenciamento das fazendas. Para os novos e antigos fazendeiros do Pantanal, o turismo surgiu como uma forma alternativa de renda que possibilitaria a manutenção de suas terras.

Eles enxergaram o potencial econômico da atividade a partir do movimento incipiente de alguns grupos de pesca atraídos pela piscosidade dos rios e que procuravam lugares alternativos de lazer e de contato com paisagens diferenciadas, quando a região não dispunha de infraestrutura para recebê-los. A percepção da existência dessa demanda e o contexto de crise econômica fomentaram o processo de racionalização do lugar para a prática turística, fazendo nascer os primeiros hotéis, pousadas e ranchos de pesca de maneira improvisada, pouco organizada e fiscalizada, trazendo rapidamente muitos problemas para o meio ambiente e para a população local¹.

Apesar de ser ainda um segmento importante e majoritário no Pantanal, o turismo de pesca encontra-se atualmente em declínio devido a fatores como a escassez de peixes, em decorrência da pesca desordenada e não fiscalizada no início desta atividade; do assoreamento

¹ Cf. Moretti (2001) e Banducci Júnior. (2001).

dos rios em virtude, principalmente, da exploração desordenada das terras do entorno pantaneiro, com desmatamento intenso para plantio de lavoura e pasto; e o uso de agrotóxicos que chegam aos rios causando prejuízos para a vida aquática. Soma-se a isso fatores restritivos que fortalecem o contorno sazonal deste segmento da atividade, como a proibição da pesca em período de reprodução das espécies (BANDUCCI JÚNIOR, 2003), e o limite do volume de pescado passível de ser retirado por pescador esportivo do Pantanal, definido por meio das normas da legislação pesqueira que regulam a quantidade, o peso e a medida das espécies capturadas.

No final da década de 1960 e início da década 1970, o limite ambiental, isto é, a esgotabilidade dos recursos naturais passou a ser pensada e discutida mundialmente de forma intensa e apresentada como limite ao desenvolvimento. À crise ambiental foi apresentada o “desenvolvimento sustentável” como proposta resolutiva, segundo a qual é necessária a valorização mercantil do ambiente e a racionalização e controle de seu uso pelo mercado (MORETTI, 2006). O turismo e, mais precisamente, modalidades como o turismo contemplativo e o ecoturismo foram apontados como alternativas de geração de renda e desenvolvimento sustentável. Nas décadas seguintes, eles passaram a ser encarados como principal alternativa econômica viável no Pantanal, reduzindo a pressão sobre a pesca.

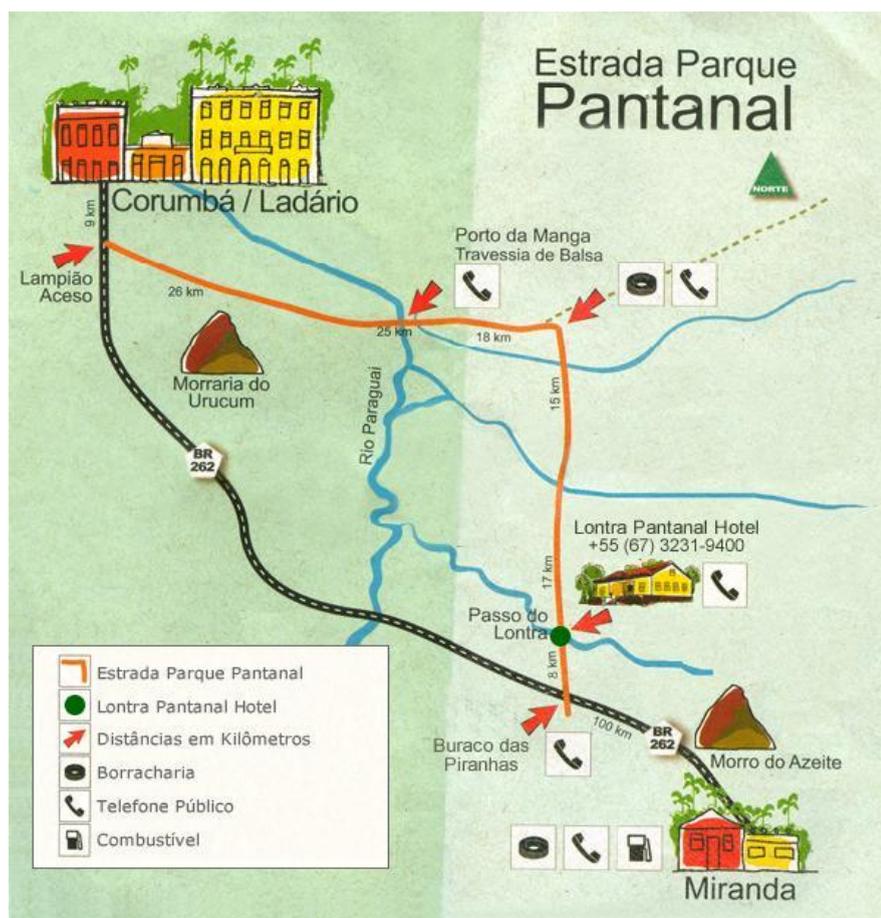
Como o turismo é uma atividade que acompanha os valores, sentimentos e modos de vida que configuram a cultura e a conjuntura histórica de uma determinada sociedade (STEIL, 2018), o *marketing* das empresas de turismo focadas nas modalidades contemplativas e de ecoturismo em ascensão, tem trabalhado, desde então, com a revalorização e reencantamento da natureza, produzindo em suas propagandas imagéticas, um Pantanal idealizado e idílico a ser contemplado, um ambiente intocado que assim precisa ser admirado, mantido e preservado.

Recorte espacial e temático da pesquisa

A área abrangida por este estudo é a da Estrada-Parque Pantanal (a partir daqui denominada apenas como EPP), por ser considerada uma Área de Especial Interesse Turístico (AEIT). Com 118 quilômetros de extensão, ela congrega duas antigas estradas estaduais: a MS-182 e a MS -228 que remontam às antigas estradas boiadeiras e ao trajeto pelo qual foi implementada a transmissão de energia elétrica até Corumbá na década de 1970. Ao longo de sua extensão é possível encontrar fazendas de gado tradicionais e pousadas destinadas ao turismo de pesca ou ecoturismo, além de comunidades ribeirinhas que nasceram vinculadas ao

turismo de pesca como a comunidade Passo da Lontra, que possui em torno de 30 moradias e abriga cerca de 264 pessoas, e a comunidade Porto da Manga, que abriga cerca de 383 habitantes. Enquanto essa última tem população originária sobretudo de Corumbá e Ladário (OLIVEIRA, 2017, p. 18), a primeira abriga famílias oriundas, em geral, da cidade de Miranda (MS).

Seu início pode ser localizado no entroncamento da BR-262 com a estrada estadual MS-182, num local denominado “Buraco das Piranhas”, onde há um posto da polícia ambiental, seguindo até a denominada “Curva do Leque”, quando incorpora a estrada estadual MS-228, passando pelo Porto da Manga, onde há uma travessia de balsa pelo rio Paraguai e pela Morraria do Urucum. O seu término ocorre no local denominado Lampião Aceso, um posto fiscal situado na BR-262. Ao longo deste trajeto a EPP atravessa os municípios de Miranda, Corumbá e Ladário e quatro sub-regiões pantaneiras: Miranda, Abobral, Nhecolândia e Paraguai.



Mapa turístico da Estrada-Parque Pantanal – Prefeitura de Corumbá
Fonte: <https://www.camaracorumba.ms.gov.br/pagina/dicas-de-turismo>

A EPP é um exemplo de como o enfoque na preservação da natureza e no desenvolvimento sustentável se tornaram preocupações latentes, bem como no quanto o turismo em suas modalidades alternativas e sustentáveis passaram a ser uma grande aposta. Ela foi criada pelo decreto n. 1722, de 17 de março de 1993 pelo Estado de Mato Grosso do Sul e categorizada como uma área especial de interesse turístico (AEIT), isto é, como uma área de inestimável beleza cênica e paisagística que deve ser protegida e destinada a atividades que promovam o desenvolvimento sustentável e a integração homem-natureza. Tal categorização tem como objetivo conservar a biodiversidade e promover o ecoturismo na região (IMASUL, s/d²; OLIVEIRA, 2017).

A criação da EPP em 1993, fez parte de um conjunto maior de ações e investimentos em infraestrutura, sobretudo nas áreas de energia, locomoção e comunicação que ocorrem desde a década de 1970 e se estendem até os dias atuais com o objetivo de minimizar os efeitos econômicos negativos do relativo isolamento da região melhorando o acesso, a comunicação e impulsionando a dinamização e o desenvolvimento de novas atividades econômicas, entre as quais está o turismo. Alguns exemplos são: a implantação da BR-262 (1970) e a sua pavimentação asfáltica (1990), o projeto da Hidrovia Brasil- Bolívia e a expansão da rede de energia elétrica, que abriu possibilidade para o uso no Pantanal de diversos meios de comunicação eletrônicos, tais como televisão, celulares e internet. Com elas, houve maior integração e aproximação da área rural do Pantanal ao mercado internacional³.

Se por um lado o mercado impôs essas mudanças nos processos produtivos tradicionais e alterações no modo de vida da população como têm apontado muitos autores (MORETTI, 2006; RIBEIRO, 2014; VARGAS, 2006; ARAÚJO, 2009; PAIXÃO, 2006), por outro lado, o novo formato adotado pelo capitalismo a partir de 1970, caracterizou-se também pela valorização dos espaços e culturas locais (ARAÚJO, 2009). Isso somado ao reconhecimento e revalorização da natureza, noções de desenvolvimento sustentável, o desenvolvimento do turismo, e de modalidades como o ecoturismo, têm contribuído para uma valorização do Pantanal.

Exemplo disso é que no momento em que escrevo essa dissertação a reprise da novela “Pantanal” produzida pela Rede Globo de televisão tem alcançado e sustentado altos índices de audiência. Como na peça original, produzida pela extinta Rede Manchete, que marcou a

² Descrição, definição e objetivos da EPP disponíveis no site do Instituto do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul - IMASUL. Disponível em: <https://www.imasul.ms.gov.br/estrada-parque-do-pantanal-2/#:~:text=S%C3%A3o%20116%20quil%C3%B4metros%20de%20estrada,de%20animais%20da%20fauna%20pantaneira>. Acesso em: 27-09-2022.

³ Cf. (MORETTI, 2006); (RIBEIRO & MORETTI, 2012).

história da televisão brasileira e que segundo Leite (2008) fez um importante papel de apresentar o bioma e a região ao Brasil, a nova versão também tem promovido o interesse de turistas pelo Pantanal. Mas, se a trama original que foi apresentada em 1990, ajudou a impulsionar o ecoturismo que vivenciava o início de sua estruturação, no contexto atual, com o segmento consolidado, a novela tem superado as expectativas com relação ao aumento de turistas em um período pós pandêmico em que o turismo foi duramente afetado.

Com a valorização do Pantanal, autoras como Vargas (2006) e Ribeiro (2014) identificam e problematizam a formação de um complexo cenário de apropriações da região, apontando que, atualmente, todos querem ser pantaneiros, e que pessoas de diversos segmentos sociais e lugares assumem essa nova identidade e vão se “pantanalizando”, ao passo em que transformam essa identidade. Para Vargas (2006), por exemplo, o uso generalizado da categoria “pantaneiro” a torna nesse contexto, uma identidade difusa, carente de significação precisa. As autoras porém, atrelam a essa difusão de usos da categoria uma relação com o atendimento de demandas e imposições do mercado internacional e o seu apelo ao diferencial de produtos regionais e aos processos produtivos sustentáveis, e dão pouca atenção aos interesses, formas de uso e significação da categoria pelos agentes sociais.

De acordo com Albuquerque Júnior (2008) as regiões, seja da perspectiva natural, geográfica, administrativa, jurídica, econômica, entre outras, não são um dado *a priori*, são fruto da construção espacial humana, de elaborações discursivas ficcionais, não no sentido de que não possuem compromisso com a verdade, mas que resultam de operações de dotação de sentido com que os homens procuram ordenar o caos a sua volta. Elas decorrem de operações de investimentos de significação que podem ser diversas e que trazem imanente à sua realização estratégias de poder, domínio, controle, separação, inclusão e exclusão.

Sendo a identidade uma questão de embate e disputa (AGIER, 2001) em torno das classificações e do controle dos sentidos, ela desponta em contextos de crise (HALL, 2020), e o turismo por meio de seus agentes profere discursos sobre o lugar e a sua cultura, visando atrair os turistas. Sendo uma atividade promotora de alteridade e de fronteiras (BANDUCCI JÚNIOR, 2011), emerge como um campo privilegiado para a análise antropológica acerca da produção identitária no Pantanal, especialmente o ecoturismo que, em franco crescimento na região, constitui-se numa modalidade cujo conceito e ideal compõe a oferta de experiências com a natureza e as culturas locais, sendo um fator de sua valorização e promoção. Por essa razão, optou-se por abordar a modalidade do ecoturismo tal como é entendida e se aplica no

contexto dos empreendimentos turísticos visitados e que se identificam como participantes desse segmento localizados na EPP.

Ao longo da EPP na sub-região do Abobral, na transição para a sub-região da Nhecolândia, na zona rural do município de Corumbá, localiza-se uma região de concentração da atividade turística em razão do maior número de atrativos e da maior acessibilidade e nelas têm sido desenvolvidos o ecoturismo e o turismo rural (ARAÚJO, 2009). Há nesse trecho quatro pousadas que se enquadram na modalidade de ecoturismo, cujos folhetins, sites e demais plataformas de comunicação, tal como o *Instagram*, possuem textos, imagens e vídeos que valorizam a proximidade e conexão com a natureza, com os animais silvestres, com os sons, cheiros e sabores do Pantanal e que proporcionam e apresentam tal experiência como o estilo de vida pantaneiro, vendendo ao turista uma imersão que o permita conhecer um modo de vida singular desenvolvido neste ambiente.

No site de uma dessas pousadas, pode-se encontrar uma definição do modo de vida e da experiência que o empreendimento turístico deseja antecipar aguçando os sentidos e a imaginação do turista que procura uma hospedagem no Pantanal:

[...] Tenha uma imersão completa no estilo de vida pantaneiro. Acorde com o canto dos pássaros. Durma ao som das águas. Experimente os sabores arrebatadores da comida regional. Desfrute de um tempo só seu curtindo a piscina. Relaxe em uma rede bem gostosa para deitar. Dê uma pausa e aprecie o pôr do sol no rio Miranda. Pare, ouça e sinta os sons e aromas do Pantanal. (POUSADA PANTANAL JUNGLE LODGE)⁴.

As pousadas localizadas nessa região oferecem passeios e atividades bastante semelhantes entre si e nelas pode-se verificar o enfoque na natureza que é o seu principal produto turístico. De modo geral, os passeios compreendem: safari fotográfico, focagem noturna, trilhas ecológicas, pesca artesanal de piranhas, canoagem, cavalgadas, e passeios a barco a motor. Há em uma delas, de forma exclusiva, o passeio de comitiva definido como a experiência de uma dia da lida com o manejo do gado e de descanso de um peão pantaneiro. Noutra pousada, também de forma exclusiva, há a opção de os turistas passarem uma noite acampados, mais próximos ainda à natureza e distantes da segurança e do conforto dos quartos da pousada.

Diante das atividades e da proposta de promover uma experiência com o modo de vida pantaneiro ou simplesmente com a “cultura local”- como aparece também na publicidade dessas pousadas-, nota-se que, ainda que as atrações culturais não sejam o foco dos estabelecimentos, eles criam através da propaganda a possibilidade de vivenciar aspectos culturais locais e a aproximação com o “modo de vida pantaneiro” e ressaltam que possuem

⁴ Disponível em: <https://pantanaljunglelodge.com.br/>. Acesso em: 27-09-2022.

“guias nativos” ou “locais” e monitores ambientais disponíveis e capacitados para observação e explicação sobre a fauna, flora e a cultura local (FOLHETIM - POUSADA SÃO JOÃO).

Este trabalho objetiva analisar o ecoturismo praticado na EPP e identificar como esta atividade que produz uma valorização simbólica do lugar Pantanal e do “ser pantaneiro/a”, contribui para que a população que nele habita e trabalha, sobretudo os guias de turismo, crie novas maneiras de lidar com esta categoria identitária, reforçando antigas referências e/ou criando e agregando novas referências a ela, bem como, como ocorrem os diferentes usos e disputas em torno desta categoria, sobretudo os guias de turismo, responsáveis por fazerem um papel de intermediação, tradução e representação da natureza e cultura pantaneiras quando diante dos turistas.

Pesquisando o turismo: turistas, guias de turismo e proprietários

Viajar é um ato característico da experiência moderna (URRY, 1996), o *homo turisticus* (RODRIGUEZ, 2011), é fruto da expansão colonial e sobretudo das condições propiciadas pela sociedade industrial (GRÜNEWALD, 2003). A força da atividade turística eclodiu preponderantemente na contemporaneidade, caracterizada pela intensa mobilidade e pela busca humana pelo contato com novos lugares e culturas, e pela necessidade de “deixar-se mover pelo local visitado e a memória que ele condensa” (ADAM, 2018). Por isso, a atividade turística além de ser vinculada ao lazer, descanso e recreação, tem sido identificada por congregar essas características a objetivos de caráter espiritual, ritualístico, sagrado e religioso (ADAM, 2018; STEIL & TONIOL, 2011; STEIL & CARNEIRO, 2008; CARALHO & STEIL, 2008). Como uma atividade em expansão e que envolve deslocamento e o contato entre diferentes, o turismo tem despertado o interesse das ciências sociais e particularmente da Antropologia. Trata-se de um território fértil em relações de alteridade, propício para a análise de interações, relações sociais, bem como a dinâmica das identidades (BANDUCCI JÚNIOR, 2011).

Sendo assim, os campos do Turismo e da Antropologia reconhecem uma sinergia (BURNS, 2002), que precisou implodir alguns preconceitos por parte dos antropólogos que enxergavam a atividade turística como secundária ao vinculá-la ao ócio e ao lazer e priorizar assuntos relacionados às funções sociais como o trabalho. Outro motivo para o afastamento do turismo diz respeito à proximidade que a figura do turista estabelece com o antropólogo: ambos se deslocam e estabelecem estadia em um local desconhecido que buscam conhecer. Os antropólogos recebiam ser identificados de forma próxima à figura dos turistas, vistos

como indivíduos que praticavam o ato de viajar de forma irrefletida, como “exploradores inconsequentes dos nativos” (BANDUCCI JÚNIOR, 2001, p. 26), causadores de impactos negativos às sociedades receptoras. Para Crick (1989) tratava-se de uma esquivia básica: os antropólogos enxergavam nos turistas figuras muito próximas aos seus antepassados distantes, os colonizadores, e preferiam não se associar a essa figura a despeito de toda a proximidade e correlação prática e muitas vezes motivacional das atividades de ambos.

Apesar da resistência dos antropólogos em estudar o turismo, o crescimento vertiginoso da atividade no mundo a partir de 1960 e o reconhecimento por parte de alguns autores de que o turista e o seu comportamento sintetizam o modo de vida contemporâneo (BAUMAN, 1998; FIGUEIREDO & RUSHMANN, 2004), tornaram o assunto difícil de contornar, um fenômeno inadiável e privilegiado para pensar a nossa sociedade. No entanto, segue-se uma situação paradoxal identificada por Crick (1989) no estudo da atividade turística feita por antropólogos: apesar de ser uma atividade que promove interação entre pessoas de diferentes lugares e culturas, o turista é um objeto estranho à Antropologia, pois acostumada a estudar o homem em sua cultura e sociedade, vê-se diante de um indivíduo que está, via de regra, longe de sua cultura, vivenciando uma vida “entre parênteses”. Além disso, é característico do turista a permanência reduzida no local, o que também se torna um desafio para o trabalho antropológico, acostumado a ter como interlocutores partícipes e moradores de determinada comunidade e localidade.

Tais características, no entanto, são vistas por Urry (1996) como positivas, pois ao buscar experiências distintas de seu cotidiano, o turista fala muito sobre si e sobre a sua realidade. O comportamento e as aspirações do turista são indicadores diretos ou indiretos do que é significativo em sua vida, bem como um recorte de suas autopercepções, de sua classe, identidade e aspirações sociais (GRABURN, 1983).

É comum nos estudos de Antropologia do Turismo que os antropólogos tomem os turistas como ‘nativos’, tornando-se turistas entre turistas, praticando de certa forma uma autoetnografia, embora outros sejam definitivamente observadores (GRABURN, 2002, p. 25 *apud* Crick, 1994). Estar entre os turistas, experienciar junto a eles atividades no Pantanal; reconhecer as suas motivações, desejos, expectativas e avaliações em relação à experiência turística e identificar se os turistas que frequentam o Pantanal possuem interesses comuns àqueles que praticam o ecoturismo e se buscam assim conhecer a cultura local e os modos de vida existentes na região foi um dos objetivos do trabalho de campo. O levantamento etnográfico ocorreu mediante a participação e observação dos comportamentos, interações e

trocas de informações entre turistas e os guias de turismo em um primeiro momento e, em seguida, junto a esses dois agentes incluiu-se também os proprietários e/ou gerentes das pousadas como objeto de análise.

Se, como vimos, o turismo é uma atividade que promove relações que se pode denominar em situação de fronteira, o guia de turismo também desempenha uma função de fronteira (COHEN, 1985), haja vista que esse profissional exerce um papel de intermediação entre o empregador, dono do estabelecimento turístico e o serviço que este deseja prestar, e os turistas, além de transitar e entre dois mundos: o do turista e o local, do qual frequentemente faz parte. Para tanto, o guia necessita conhecer o turista de maneira a se tornar apto a atender as suas demandas, dar explicações, fazer traduções e representações inteligíveis sobre o lugar, a sua natureza e os seus aspectos culturais aos visitantes (CAMPOS, 2022). Apesar da aproximação das ciências humanas e particularmente da Antropologia ao turismo, são poucos os estudos que focalizam esses três agentes no contexto interacional do turismo.

De acordo com Banducci Júnior (2001), com base em Ceballos-Lascuráin, (1996), nas ciências sociais de forma geral há quatro plataformas ou perspectivas de análise em relação ao turismo: a primeira, mais comum na década de 1960 é a de “defesa”, caracterizada por uma visão otimista da atividade turística, na qual se enquadram sobretudo os trabalhos de planejadores, economistas e especialistas envolvidos no turismo; a segunda é denominada de “advertência”, marcada por uma postura extremamente crítica, na qual estão os trabalhos das ciências sociais e de organismos públicos, além dos midiáticos que focalizaram a interferência do turismo nas culturas locais e no ambiente em que opera, impondo mudanças significativas à vida da população nativa; a terceira denominada “adaptação” produzida a partir de uma revisão das abordagens anteriores se caracteriza pela fuga dos extremos que as marcaram, pautando assim, formas alternativas de turismo que podem ter menor impacto do que o turismo de massa, entre as quais estava o ecoturismo tido como modalidade de baixo impacto ambiental e grande retorno social para as comunidades receptoras; por fim há a de “conhecimento” que tem como objetivo a formação de um corpo científico sobre o turismo, analisando a atividade de maneira ampla e holística, superando a perspectiva maniqueísta vigente nos primeiros anos do debate.

Para o autor, na antropologia brasileira, o turismo desperta interesse a partir da década de 1990, incorporando algumas críticas do debate ocorrido nas décadas de 1970-80, mas esforçando-se para ultrapassar tal perspectiva pessimista. No entanto, ainda assim, o enfoque

dos trabalhos recaiam no âmbito da economia política, revelando principalmente as contradições político-econômicas e os seus reflexos na cultura das pequenas comunidades.

Fogem dessa perspectiva os trabalhos de Martins (1995 *apud* BANDUCCI JÚNIOR, 2001b), que, além de apontar as mudanças na vida local impostas quando a praia do Santinho no litoral catarinense se tornou um destino muito procurado, buscou maneiras de abordar esse turismo na perspectiva da população local, evidenciando mecanismos regulares por eles mobilizados para reforçar os seus costumes e práticas culturais diante dos estrangeiros. Da mesma forma, no trabalho de Grünewald (1999; 2001) o autor analisa a relação dos Pataxó com o turismo e reconhece que o turismo proporcionou um espaço, uma nova arena⁵ de relações interétnicas que impulsionou a criação e um “resgate cultural” entre as comunidades Pataxó como as de Barra Velha e Coroa Vermelha na Bahia para se apresentarem aos turistas, mas também para se afirmarem como os *índios do descobrimento* perante as autoridades, visando os seus objetivos em relação à demarcação de suas terras e a participação no mercado turístico com a venda de artesanato e as representações de sua cultura. E por fim – para ficar nestes três exemplos - o trabalho de Silveira (2014) que, com enfoque distinto mostra os problemas que o enclausuramento dos resorts causa à população local, priorizando, contudo, a análise do turista nesses espaços e a dimensão processual e ritualística de sua experiência.

Tendo em mente essa última perspectiva e me inspirando nesses estudos, o trabalho de campo visou captar as relações e experiências dos agentes sociais envolvidos com o turismo, tais como os turistas, os guias de turismo e os proprietários e/ou gerentes dos empreendimentos turísticos em pousadas de ecoturismo ao longo da EPP. Para isso, ele foi dividido em duas etapas com o uso de metodologias distintas: na primeira, a proposta era vivenciar de modo breve e intensivo a experiência turística no Pantanal. Ao longo de cinco dias como turista, me norteiei pela proposta metodológica da afetação de Favret – Saada (2005), visando dar estatuto epistemológico às emoções, sensações e sentimentos e buscando uma participação efetiva menos preocupada com a observação; na segunda, a observação participante norteada por autores clássicos como Malinowski (2020), DaMatta (1987) e Roberto Cardoso de Oliveira (2000) foi utilizada para acompanhar durante cinco dias alguns turistas ao longo de sua estadia nas pousadas e no decorrer dos passeios e atividades realizadas, bem como os guias que os acompanhavam e os gerentes ou proprietários dos

⁵ Neste trabalho utilizo a noção de arena turística ou arena do turismo na mesma acepção de R. Grünewald (1999;2001;2003), que a compreende como um espaço social polissêmico no qual ocorrem interações geradas pela atividade turística.

empreendimentos turísticos visitados. Com os dois últimos, utilizou-se também entrevistas semiestruturadas.

Antes de adentrar nos aspectos descritivos da experiência etnográfica, é preciso informar a respeito de seu contexto. O ano de 2020 no qual ingressei no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul até o final de 2021, vivenciamos a pandemia de Covid-19, que teve como uma das principais formas de redução da transmissão o isolamento social. Neste período as atividades econômicas foram afetadas no mundo inteiro. O turismo de forma particular, sendo uma atividade por si só volátil (PINTO, 2021) foi fortemente impactada com a paralisação das viagens internacionais, nacionais, e o fechamento de estabelecimentos que não eram considerados de primeira necessidade. Turistas e antropólogos que compartilham o deslocamento como parte intrínseca de suas atividades não puderam nesse período exercê-las da maneira convencional.

Com o avanço da campanha de vacinação no Brasil, o comércio e as atividades econômicas que haviam sido paralisadas retornaram gradativamente. Estando inoculada duas doses da vacina e percebendo o retorno paulatino das atividades turísticas no Pantanal através do acompanhamento dos perfis das pousadas via redes sociais, bem como algumas campanhas do governo do Estado de incentivo ao retorno do turismo⁶, organizei a viagem para o mês de outubro de 2021, especialmente na semana em que Mato Grosso do Sul goza de uma semana de feriado denominada “Semana do saco cheio”, pois notou-se, como algumas pesquisas iniciais apontavam que o retorno do turismo no estado tendia e se confirmava como atípico, sendo realizado principalmente pelo público interno e procedentes dos estados vizinhos contando menos com visitantes advindos de longas distâncias ou estrangeiros (NOVAES et al, 2021).

Durante o trabalho de campo me deparei com pousadas que estavam no início da retomada, ainda com pouca frequência de turistas. Lanço aqui esses breves apontamentos contextuais para indicar que a singularidade na qual ocorreu esta pesquisa não poderia deixar de imprimir nela os seus efeitos. Notar-se-á, por exemplo, que alguns dos guias que contatei estavam trabalhando há cerca de um mês na pousada onde os conheci. O número de turistas, por sua vez, se mostrou bem abaixo do comum para a época.

É importante pontuar ainda que eu já havia visitado brevemente a região de recorte da pesquisa em 2018 durante a graduação e na ocasião eu não focalizava questões concernentes

⁶ BRUNO, Beatrice. **Governo lança campanha “Meu Estado, Meu Destino para promover o turismo regional”**. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/governo-lanca-campanha-meu-estado-meu-destino-para-promover-o-turismo-regional/>

ao ecoturismo, de modo que a primeira etapa do trabalho de campo, na qual interagiria como turista seria um primeiro contato com esse campo temático na região.

Além de buscar em um primeiro momento um contato mais próximo ao turista e a sua experiência no Pantanal, identificando os seus anseios e expectativas, iniciar o trabalho de campo como turista parecia ser também a maneira mais fácil, não apenas de acessar o local, como também de não ser vista como uma presença estranha, pois na região escolhida o turismo é uma atividade consolidada, o que torna a presença de estrangeiros algo comum para os moradores locais. Assim, como turista eu seria uma espécie de “desconhecido conhecido”.

A maior confiança em ir como turista me levou a duas reflexões: a primeira se refere às características singulares do turismo no Pantanal e, conseqüentemente, do meu trabalho de campo. De acordo com Roy Wagner (2017) as principais dificuldades do pesquisador iniciante são de ordem prática: solitário, “desorientado e aturdido, ele muitas vezes encontra dificuldades para se instalar e fazer contatos”. Muito próximo à figura de um viajante aventureiro que se lança às adversidades de forma corajosa, ele aprende os modos de vida de uma outra cultura em um outro contexto “do zero”, buscando estabelecer relações com os nativos da cultura na qual se encontra como um estrangeiro, tornando-se de maneira peculiar um “nativo metafórico”, por participar e se tornar paulatinamente um elo entre a sua cultura e a cultura que estuda. Mas estudar Antropologia do Turismo, independentemente de qual dimensão que se irá focar nessa complexa atividade, requer analisar todos os agentes nela envolvidos, entre os quais está o turista, e a melhor maneira de fazê-lo é estando entre eles, principalmente podendo desfrutar da mesma condição. Trata-se, portanto, de um estudo de uma atividade - o turismo, - de suas situações e das relações que a envolvem, bem como de uma condição temporária, o “ser turista”.

Gozando desta condição, pressupus experienciar uma vivência turística efetiva no Pantanal -, afinal, compartilhando de um mesmo `status` com os demais turistas, estaria às voltas com os anseios, expectativas, frustrações e emoções vivenciadas por eles. Mas ir a campo deste modo me colocava numa situação bastante distinta das primeiras incursões a campo de aspirantes a antropólogo que comumente se deparam com inúmeras dificuldades de ordem prática à sua sobrevivência e à criação de relações com a populações local no início e no decorrer do trabalho de campo.

Como turista, as principais dificuldades que eu poderia ter eram de comunicação. Quanto às questões relativas à acomodação, ao deslocamento e a satisfação das necessidades básicas num lugar desconhecido, com costumes e hábitos diferentes, eu poderia ficar

despreocupada, pois como analisou Araújo (2001), a viagem trabalhosa e aventureira dos viajantes se transformou em turismo quando o trabalho foi terceirizado e, em razão disso, as viagens passaram a contar com muito mais previsibilidade e segurança.

A segunda reflexão se refere a como o turismo influencia a maneira como as sociedades enxergam o estrangeiro, tendendo mesmo à uma recepção amistosa, embora essa não seja uma característica universal. A Antropologia está repleta de histórias sobre o contato entre diferentes permeados inicialmente por tensão, anseios e angústias e que se desenvolvem de maneira amistosa, caminhando para a formação de alianças e relações de trocas ou para hostilidade e guerras. O contato com o outro e com a diferença pode comumente suscitar uma gama de possibilidades de reações e relações. Para Van Gennep (2012), os rituais de contato com o estrangeiro geralmente envolvem desprezo, animosidade ou amistosidade e há ritos formais com intermediadores, presentes, entre outros. O turismo interfere no encontro entre diferentes, pois ao promovê-lo e construir infraestrutura para recepcioná-los, fomenta e influencia que os estrangeiros, os de fora, sejam esperados e recebidos de forma amistosa.

Nesse sentido, me identificando como turista ou como pesquisadora, a minha presença como forasteira não era novidade para os moradores locais. No entanto, explicitada a segunda condição, os contatos e as relações se revestiram de maiores formalidades, pois o antropólogo amiúde chega a campo tendo de se apresentar e dar explicações sobre o que faz no local, sendo notado com estranhamento e associado a figuras tais como missionários, representantes do Estado, jornalistas, entre outros. Ser um “desconhecido conhecido” era uma interessante maneira de estabelecer um contato inicial com o local, com a sua dinâmica e as suas gentes – ainda que de maneira limitada, e também de experienciar o “estar lá” do ponto de vista mais próximo do turista, um olhar de um agente sem o qual não existiria o turismo e toda uma rede extensa e complexa de empresas e serviços diretos e indiretos aos quais muitos indivíduos se envolvem, seja como empreendedores, trabalhadores, entusiastas, estudiosos, pessoas que se engajam nesse fenômeno tão característico do mundo contemporâneo.

Turista – antropóloga e a metodologia da afetação

Visando experienciar o “ser turista” me lancei numa viagem na qual passei cinco dias em uma pousada no Pantanal Sul, que denominei de Pousada 1. Durante a estadia, que era também meu primeiro contato com o campo, eu pretendia levar às últimas consequências o princípio de que a característica fundamental da Antropologia é o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal (GOLDMAN, 2006). Desse modo, baseada em

Favret- Saada (2005) busquei “ser afetada” pelo campo, isto é, dar estatuto epistemológico às sensações, sentimentos, expectativas e vivências através da separação dos expedientes “participar” e “observar” que compõem a chamada “observação-participante”, ferramenta metodológica clássica consagrada por Malinowski. Para a autora o ato de “observar” requer um distanciamento do pesquisador que dificulta a sua “participação”. Ela propõe que a produção etnográfica seja dividida em momentos tais como “participar”, “narrar”, “observar” e “analisar”, pois a Antropologia se assemelha em seus aspectos processuais e analíticos à Psicanálise, na medida em que integra e representa as vivências e seus sentidos através de uma análise posterior à vivência em si. Assim, para compreender um desenfeitiçamento, por exemplo, é necessário participar intensa e inteiramente e só depois narrar, observar e analisar essa experiência.

Em seu trabalho de campo, em Bocage, na França, estudando bruxaria, ela se deparou com um obstáculo: os habitantes de Bocage disseram que só poderiam falar de feitiçaria com quem foi atingido por ela. Eles só falariam a respeito disso com ela quando fosse “pega”, quando fosse “afetada”. Ao invés de observá-los e perguntar a eles como é ser enfeitiçada, ela deveria responder a essa questão a partir de sua própria experiência. No caso de minha proposta, para compreender o que é o ser turista, suas motivações no Pantanal e os estados e sensações que vivencia, tal proposta – guardada a devida dimensão de contextos, motivações e expectativa de resultados/mudanças pessoais - soava promissora, pois permitiria vivenciar uma experiência, a princípio, bastante acessível, já que, diferentemente da autora, meu ‘objeto’ nesse momento não era um ‘nativo’ culturalmente diferente ou indivíduos praticantes de feitiçaria de difícil inserção e inacessível a mim, mas sim uma condição temporária disponível e comum a qualquer indivíduo que tenha condições de pagar por ela.

Participar como turista, nesse sentido, parecia requerer um afastamento de uma parcela de mim que era exatamente a que justificava a estada lá, o meu trabalho como antropóloga. Para “ser turista”, vivenciar o “não trabalho” e me afetar como turista era necessário afastar ou anular questões e preocupações antropológicas que, nessa proposta, seriam inscritas e analisadas posteriormente. Esse dilema me acompanhou em diferentes graus do início ao fim do experimento e assim também ocorreu com Favret-Saada (2005), que oscilou entre a sensação de que, se participasse do trabalho de campo pareceria uma aventura pessoal e que se tentasse observar e se manter a distância, não acharia nada para observar. Para ela, que participou de sessões de desenfeitiçamento, tal experiência foi vivida como uma espécie de “atenção flutuante” sem elaborar questionamentos, apenas algumas anotações em um caderno

de campo ao final do dia para trabalhar posteriormente. Inicialmente, pareceu para a autora que esse posicionamento muito focado na experiência pessoal, não lhe permitiria dizer nada sobre os outros que havia ido analisar. Contudo, a participação e inserção dela em meio aos habitantes de Bocage sem a adoção de um distanciamento para observar, suscitou uma comunicação específica, involuntária e desprovida de intencionalidade, diferente da comunicação objetiva e ordinária nas etnografias. Tal experiência, lhe fez então, reavaliar profundamente o que havia aprendido sobre o fazer etnográfico.

Tal oscilação como veremos, coadunou em alguns momentos com as sensações das etapas do ritual de passagem do turismo. De acordo com Graburn (1983;1989), o turismo moderno tem como motivação básica a necessidade humana de recreação e possui estrutura semelhante aos rituais de passagem, pois envolve uma separação da vida instrumental normal e dos trabalhos dos quais a pessoa vive, fornecendo uma entrada gradativa num outro estado moral, mental expressivo e cultural e uma re-criação capaz de renovar a vida em seu retorno.

Observação participante do trabalho e do não-trabalho

Essa etapa do trabalho de campo foi realizada de maneira mais convencional à Antropologia. Sem as facilidades, segurança e regalias de um turista agenciado eu passei pelo ritual etnográfico característico do qual fala Damatta (1987), para quem o trabalho de campo é altamente marcado por características do ritual de passagem. No ritual dos antropólogos há também a saída de sua sociedade para realizar uma viagem aos limites do seu mundo diário em pleno isolamento num universo marginal e perigoso, quando ficam individualizados em condição de invisibilidade social, contando apenas com os seus próprios recursos. No campo, seu período liminar, experimentam o processo de redução, ficando transformados numa espécie de matéria prima, um estado pré-social propício a novos aprendizados, mudanças de status e remodelações, quando aprendem novos fatos e conhecimentos sociológicos através dos relacionamentos com os autóctones, antes do seu renascimento social.

Nos estudos de Sociologia do Turismo é comum encontrarmos análises centradas nas contradições existentes entre o morador local que presta serviços, que trabalha para o turista que, a lazer, experiencia em suas férias, o não trabalho, se entregando ao ócio. Durante a segunda etapa do trabalho de campo o meu foco se mantinha nos turistas e nos guias de turismo, bem como na relação e nas conversas por eles protagonizadas, sobretudo para identificar de ambos os lados o interesse por conhecer ou abordar questões concernentes a identidade e/ou práticas culturais locais. Eu também ambicionava me aproximar mais dos

guias de turismo nesse momento, além de contatar os proprietários das pousadas para compreender o que pensam sobre o turismo, o ecoturismo, sobre as suas funções, sobre os turistas, sobre o ser pantaneiro, entre outros. Para isso, eu tinha em mente além de observá-los e participar de atividades possíveis junto a eles, entrevistá-los, compreendendo as entrevistas como um complemento aos dados etnográficos que seriam provenientes de duas curtas imersões em campo.

Sendo assim, após uma semana da primeira viagem, retornei a campo por mais uma semana, dessa vez me identificando como antropóloga e pesquisadora. Da mesma forma participei das atividades turísticas junto aos turistas e guias, e me aproximei mais dos guias e proprietários das três pousadas visitadas. Durante a segunda viagem fiquei hospedada na Base de Estudos do Pantanal (BEP)⁷ da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, intencionando a partir dela visitar as pousadas ao longo da E.P.P.

Apesar de ter conseguido realizar as visitas e entrevistas, muitos foram os desafios: o principal deles foi o deslocamento, pois eu não fui de carro ou acompanhada de um motorista da universidade tendo em mente vencer as longas distâncias do Pantanal através de caronas e de negociações com os moradores da vila Passo da Lontra, fator que me aproximaria da comunidade e poderia aumentar as minhas relações no local, o que de fato ocorreu, não sem me tomar muito esforço, energia e tempo – que me era reduzido em razão da curta duração da viagem; em seguida o fato de haver poucos turistas nas pousadas por causa da recente reabertura das atividades em decorrência da pandemia de covid-19, o que fez, por exemplo, com que em uma das pousadas visitadas sem turistas eu tenha conversado apenas com os proprietários; em terceiro lugar, ocorreu em alguns casos de eu não conseguir fazer *in loco* a entrevista com alguns guias em virtude de eles estarem trabalhando. Nesses casos, marcamos de fazê-la *online* - o que no Pantanal em muitos casos pode se tornar bastante difícil devido à instabilidade dos serviços de internet. Por isso, algumas entrevistas foram realizadas através de áudios pelo aplicativo *WhatsApp*. Ademais, em alguns momentos, apesar de eu conseguir a entrevista presencialmente, não foi possível gravar por dificuldades de carregar o celular que seria utilizado para essa tarefa, pois é comum no Pantanal a queda da energia elétrica em decorrência de chuvas e ventos fortes, fazendo com que os estabelecimentos funcionem através de geradores movidos a diesel que, por causa do alto custo, são ligados apenas em alguns horários do dia – geralmente a noite – e por pouco tempo.

⁷ A partir daqui denominada apenas como BEP.

Todos esses fatores dificultaram o contato com os agentes envolvidos no turismo, sobretudo com os turistas e guias de turismo que estavam presentes em número reduzido no período. Mas, dentre eles, o que mais me colocou à prova foi a questão do deslocamento, não só porque eu precisava negociar com os moradores próximos ou pegar carona com os motoristas que levavam outros alunos à BEP, mas por ter de caminhar até a vila próxima a pé ou de bicicleta sozinha temendo o assalto de animais silvestres, tendo inclusive em um momento avistado patas de onça cruzando a estrada, o que me gerou intenso medo e tensão. Contudo, alguns interlocutores foram de extrema importância para ampliar e agilizar os meus contatos com as pousadas e com alguns guias de turismo. Entre eles está Marcelo e a esposa conhecida como Cida, que é funcionária da universidade, e que reside na BEP. Marcelo é guia autônomo, conhece a região e possui muitos contatos, e me emprestou gentilmente uma bicicleta para minimizar ao menos em parte os problemas com o deslocamento, e também me passou o contato de um primo que já havia trabalhado em uma das pousadas. Através dele, consegui conversar com a proprietária de uma das pousadas visitadas e marcar uma visita ao local.

Se, como dito na primeira etapa do trabalho de campo, o contato com os turistas foi breve em razão de se tratar de turistas com estadias curtas, na segunda etapa foi ainda mais breve pelo fato de eu ter visitado três pousadas no período de seis dias. Além disso, nesta etapa havia menos turistas nas pousadas visitadas do que na pousada em que me hospedei como turista.

Para além disso, na primeira etapa o foco estava nos turistas e nos guias, no segundo momento além desses dois agentes, os proprietários ou gerentes dos estabelecimentos também entraram no foco da minha observação – o que se mostrou difícil porque frequentemente estavam trabalhando no escritório da pousada, saindo com alguma frequência para resolver questões específicas. Era mais fácil pará-los e conversar de forma mais demorada em determinado momento do que ficar próxima a eles observando suas atividades. Por isso, a entrevista neste caso foi bastante conveniente.

Sobre a divisão dos capítulos

A partir dessas duas incursões com formatos distintos – como turista e como pesquisadora (apesar de, em ambos eu ser movida pelos objetivos da pesquisa)– pude tecer considerações a respeito do turismo praticado pelos empreendimentos visitados, sobre os turistas e o que buscam, anseiam, desejam e experienciam no Pantanal, bem como sobre

como circulam entre turistas, guias de turismo e proprietários diferentes noções sobre o “ser pantaneiro/a” e como a categoria identitária “pantaneiro/a” tem sido utilizada no âmbito turístico local.

No capítulo 1 abordo a história da chegada do turismo no Pantanal Sul e o contexto que propiciou a organização formal desta atividade na região, o seu desenvolvimento e consolidação, perpassando o primeiro e principal segmento que é o turismo de pesca até o surgimento do ecoturismo. Nesse capítulo, também me atendo às análises existentes acerca do turismo desenvolvido na região e me situo no debate a partir do qual problematizo o ecoturismo praticado no Pantanal Sul e a sua relação com a identidade pantaneira.

No capítulo 2, me detenho nas duas etapas do trabalho de campo. Em relação à primeira, tematizo o turismo como ritual de passagem para descrever o processo ritual como mais relativo e oscilante do que os modelos e esquemas explicativos correntes na Antropologia do Turismo. Em seguida, descrevo a segunda etapa mais desafiadora em vários aspectos. Juntas, essas duas experiências de campo, apesar de diferentes, me mantiveram em contato com turistas, guias de turismo e, em menor medida com alguns proprietários ou gerentes dos empreendimentos e me conduziram a uma resposta à questão que norteou minhas observações e reflexão: a de saber o que os turistas buscam e experienciam no Pantanal. As entrevistas realizadas com os guias e proprietários, somadas às anotações sobre os acontecimentos, formaram a base para analisar os seus discursos e comportamentos, principalmente em relação ao que dizem e compreendem por “ser pantaneiro” e que serão exploradas no capítulo seguinte.

No capítulo 3, historicizo a categoria identitária “pantaneiro” e exponho a narrativa dos interlocutores a respeito de seus trabalhos, suas vidas, bem como a maneira como se reconhecem e como compreendem o que é “ser pantaneiro”, e se assim se sentem e se identificam. Em que pese a miríade de autores e correntes teóricas que perpassam o texto e as concepções sobre o conceito de ‘identidade’, analiso as categorias trazidas pelos interlocutores, sobretudo, a partir de Barth (2000; 2001), Oliveira (1976; 1978; 2002), Agier (2001), Bhabha (2013), Banducci Júnior (1996; 2007; 2012) e Grünewald (1999; 2001; 2003) identificando, a partir deles, a existência de dois principais referenciais - um externo e um interno-, na concepção dos guias de turismo nativos sobre o que é “ser pantaneiro/a”, bem como a permanência de referentes do passado que são atualizados e ressignificados no presente.

É importante salientar que ao me referir à população nativa ou aos guias nativos estou a falar das pessoas que nasceram no Pantanal, seja no contexto urbano ou rural, ou que vivem nele há mais de uma década e, principalmente, os que assim se identificam⁸ e que também são reconhecidos de tal maneira pelos demais. Ao longo do trabalho ficará claro que, ao menos na arena do turismo, para os que se consideram nativos e assim se identificam, há uma série de valores e comportamentos que credenciam alguém a se tornar um pantaneiro. Tais valores e comportamentos atualizam no contexto do turismo critérios nativos desenvolvidos no ambiente originário da categoria que tinha como lócus o universo do gado e faz movimentar dois referentes identitários: a natureza de forma ampla, referente que se tornou central, e o gado que, mesmo em segundo plano, permanece como importante referencial de mundo.

No capítulo 4, forneço ao leitor reflexões a partir da fala dos guias de turismo a respeito do que eles consideram ser o ecoturismo e qual é a função deste segmento na região, bem como a deles enquanto guias de turismo para este segmento. Como nativos e moradores locais, eles buscam se legitimar diante de guias de fora e perante os proprietários questionando os seus métodos e as contradições existentes nas relações de trabalho que experienciam, reivindicam ainda maior participação da população local no trabalho no segmento, sugerindo a necessidade de profissionalização e a criação de um sindicato.

⁸ Como a categoria “pantaneiro/a” esteve ligada historicamente ao universo da pecuária e das fazendas de gado, é possível que mesmo nascendo no território caracterizado pelo bioma Pantanal, alguém que não tenha vínculo com esse referencial de mundo não se identifique como “pantaneiro”.

1. O TURISMO NO PANTANAL

1.1.A chegada do turismo no Pantanal

É consenso entre os pesquisadores do turismo no Pantanal que a atividade turística realizada de maneira estruturada e organizada teve início na década de 1970. Isso não significa, no entanto, que viajantes, exploradores e turistas passam a afluir para a região apenas deste período em diante.

Apesar das dificuldades de locomoção impostas às pessoas pelas características do bioma, o Pantanal é historicamente marcado por movimentos, fluxos, trânsitos e disputas. Na região, circularam e habitaram e ainda habitam populações indígenas, tais como: grupos Paiaguá, Guaná, Guató e os Guaicuru (FERREIRA, 2011; EREMITES, 2003).

No contexto colonial, o território pantaneiro foi habitado por missionários jesuítas e disputado entre os indígenas, os espanhóis e os portugueses. Tal disputa foi o cerne dos investimentos lusos na região sul da capitania de Mato Grosso, após o surgimento de povoados ao norte dessa “entidade eminentemente geopolítica” (BRAZIL, 2014, p. 129) na esteira das bandeiras e da descoberta do ouro, no que viria a ser Cuiabá. Com o intuito de ocupar, povoar, defender e estabelecer controle político, foram fundados o Real Presídio de Nova Coimbra e o Forte de Coimbra (1775) às margens do rio Paraguai e, em seguida, o “povoado de defesa” (Idem, p. 144) denominado Albuquerque (1778), atual cidade de Corumbá, obras que serviram de substrato ao plano português de estabelecer os limites de seu território baseado nos princípios de fronteiras naturais (materializados pelos rios Amazonas, Paraguai e Prata) e o do *uti possidetis*⁹, desrespeitando os limites traçados por tratados diplomáticos precedentes¹⁰.

Além de consolidar a presença portuguesa como força política e militar, essas obras foram também a base para um processo de aproximação aos Guaicuru, indígenas que firmaram o Tratado de Amizade e Aliança, em 1791, com os portugueses e os ajudaram a combater os Paiaguá - cuja resistência e aliança aos espanhóis era vista como grande obstáculo aos interesses lusos - e a defender os domínios portugueses (Idem, p. 154). Com as fortificações, os povoados fundados no sul da capitania, a contenção de investidas castelhanas

⁹ Princípio do direito internacional que prima pela lógica e pelo fato de que é dado aos que ocupam determinado território o direito sobre este.

¹⁰ Tratado de Madri (1750), Tratado de Santo Idelfonso (1777) Cf. BRAZIL (2014, p. 107-165).

e o domínio dos povos indígenas, a região “estava franqueada aos interesses dos proprietários de terras, [...] inicialmente limitados às proximidades de Cuiabá” (Idem, p. 145).

No final do século XVIII e sobretudo no XIX ocorre de forma mais intensa o povoamento não indígena no então sul de Mato Grosso, por meio de duas frentes, a saber: a advinda do norte da província e influenciada pela Rusga¹¹ e a proveniente das províncias de São Paulo e de Minas Gerais. Ambas sustentaram a ocupação através da pecuária, atividade econômica que possibilitou sua permanência e o povoamento da região e que se tornou majoritária no Pantanal desde então. Com as especificidades das cheias cíclicas do bioma, a pecuária foi desenvolvida de maneira bastante singular, influenciando o modo de vida da população que habitava as fazendas. Empregou-se mão de obra indígena, de escravizados e ex-escravizados, paraguaia e boliviana que se juntaram posteriormente com a mão de obra de peões provenientes do sul do Brasil, contribuindo, assim, com elementos que seriam identificados com uma cultura pantaneira.

Apesar de majoritária e importante à economia local, a pecuária não foi a única atividade desenvolvida. Junto a agricultura mais voltada à subsistência e às atividades extrativistas, no final do século XIX, houve intenso desenvolvimento do comércio em Corumbá, sobretudo após o fim da Guerra do Paraguai (1864-1872), e do estabelecimento do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Paraguai, em 1872, momento chamado por Banducci Júnior (1998) de terceira frente de ocupação e povoamento, no qual o porto da vila de Corumbá lhe rendeu centralidade econômica no antigo Mato Grosso, promovendo a intensificação de trânsitos no local.

Nesse período, Corumbá atraía viajantes ligados às atividades comerciais provenientes sobretudo de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, do Rio de Janeiro, capital federal e dos países vizinhos como o Paraguai e Argentina, existindo, por isso, uma pequena infraestrutura hoteleira (BANDUCCI JÚNIOR, 2006). Segundo Eunice Ajala Rocha (s/d *apud* BRAZIL, 2014, p. 222), Corumbá era uma cidade – empório, onde casas comerciais eram estabelecidas e onde ocorria “o espetáculo dos movimentos envolvendo partidas e chegadas de embarcações e o desfile das etnias” (BRAZIL, 2014 p. 222) e, para Sena (2012), a condição fronteiriça contribuía para torná-la um lugar de passagem de viajantes, uma cidade cosmopolita.

¹¹ Movimento nativista ocorrido no período regencial. Tratou-se de uma revolta do partido liberal de Mato Grosso contra os conservadores e a elite portuguesa.

No final do século XIX e início do século XX a navegação a vapor regular de mercadorias e passageiros através do porto de Corumbá, suscitou relatos de viajantes que nos dão dimensão da importância do estuário platino para o trânsito de mercadorias e de pessoas, facilitando a interação entre povos, cidades e campos (BRAZIL, 2014). Tal característica teve continuidade com a chegada da Estrada de Ferro Noroeste Brasil¹² em 1914, e foi notada por Levi-Strauss (1996) que, de passagem através dela, descreveu a presença de uma população composta por sedentários e viajantes, cuja agitação e alegria, para ele contrastavam “com a paisagem plana e desértica que se estendia para além do rio” (*Idem*, p. 214). No final da década 1930, a cidade passou a se constituir um pólo de atração cultural, pois os filhos dos fazendeiros da região procuravam este centro urbano em busca de estudos e, além disso, algumas datas festivas, como o carnaval começaram a atrair visitantes, transformando-se em uma tradição regional que dura até os dias de hoje (BANDUCCI JÚNIOR, 2006).

Segundo Moretti (2001) antes da década de 1970, a maioria dos turistas que chegavam ao Pantanal eram “aventureiros” que utilizavam o trem como meio de transporte. Eles paravam e se hospedavam em pequenas pousadas na cidade de Corumbá que se constituía como um apoio de passagem, local onde não passavam mais de três dias e de onde seguiam viagem rumo aos Andes. Havia também um pequeno e incipiente movimento de grupos de pescadores amadores que costumavam ir até as margens dos rios pantaneiros, onde pescavam e acampavam sem relação com empresas de turismo.

O turismo como empreendimento econômico estruturado, no entanto, se constituiu de forma efetiva no Pantanal a partir da década de 1970 (BANDUCCI JÚNIOR, 2001; MORETTI, 2006; RIBEIRO, 2014; ALMEIDA, 2002), quando começam a afluir para a região grupos de estudantes provenientes principalmente do Estado de São Paulo para praticar o turismo educativo e grupos de pescadores esportivos atraídos pela piscosidade dos rios da bacia do Alto Paraguai (BANDUCCI JÚNIOR, 2001b).

Isso ocorreu em grande medida por influência de um abalo no universo pecuário, atividade econômica majoritária na região. De acordo com Ribeiro (2014) nesse período, além de uma crise econômica nacional, o Pantanal passou por sérias dificuldades no setor agropecuário que teve relação com a cheia histórica de 1974 que culminou na perda de

¹² Há um debate historiográfico a respeito do impacto que a chegada da estrada de ferro teve na dinâmica do porto de Corumbá. Parto da concordância com a crítica de Brazil (2014) à tese da decadência do porto por decorrência do trem. Para a autora, a estrada de ferro abriu uma nova página na história dos transportes em Mato Grosso e reduziu a centralidade da navegação a vapor, mas Corumbá permaneceu como um entreposto comercial para as cidades do norte do Estado e o seu porto manteve-se como o mais importante meio de escoamento de produtos comercializados entre Brasil e os países do Prata. (*idem*, p. 242).

milhares de cabeças de gado; com as exigências de adequações a padrões produtivos internacionais¹³ que aumentaram significativamente os custos de produção; e, mais recentemente, duas epidemias de Febre Aftosa nos anos de 1998 e 2005 respectivamente, fatores esses que comprometeram até o início do século XXI boa parte da produção dessa atividade.

A esses problemas se sucedeu a implantação de projetos para a melhoria dos meios de transporte e comunicação, visando sanar dificuldades de desenvolvimento industrial e gerar alternativas econômicas, dando mais competitividade às empresas e produtores da região. Entre as obras estão:

[...] o Aeroporto Internacional de Corumbá, com vôos diários para Campo Grande e São Paulo, e a construção e pavimentação asfáltica da rodovia BR-262, que faz a ligação entre as cidades de Corumbá e Campo Grande, atravessando o Pantanal de leste a oeste em toda a sua extensão (MORETTI, 2001, p. 52).

Além desses empreendimentos em destaque, também houve, entre outros investimentos, a expansão da rede de energia elétrica e a instalação de torres de telefonia que viabilizaram a inserção de novos e diferentes meios de comunicação no Pantanal.

Para Moretti (2006), essas transformações fazem parte de um processo maior de intensificação da globalização no Pantanal condicionados pelos interesses do capital e de projetos de desenvolvimento econômico regional como o PRODEPAN¹⁴ e o POLOCENTRO¹⁵ encabeçados pela SUDECO¹⁶ que visavam amenizar as dificuldades de desenvolvimento industrial dando mais competitividade às empresas e produtores da região. Os investimentos em infraestrutura promovidos por esses programas, possibilitaram o surgimento de novas atividades econômicas como o turismo.

No âmbito das fazendas de gado, com as dificuldades geradas pela crise no setor agropecuário, ocorreu a venda de terras para pessoas de outros estados brasileiros e países, que trouxeram consigo os seus costumes e novas lógicas de gerenciamento e produção das fazendas, gerando mudanças na forma de lidar com a produção e com os habitantes locais. As

¹³ Entre as exigências do mercado internacional e condições para manter a produção bovina competitiva estão: a suplementação nutricional, a plantação de gramíneas exóticas, modernas técnicas de manejo, com inserção de máquinas tecnológicas, substituição dos cavalos nas atividades dos peões por triciclos, motocicletas e caminhonetes, administração das fazendas e acompanhamento do gado feito por técnicos profissionais como administradores, veterinários e zootecnistas, o transporte dos bois feito por caminhões em substituição às tradicionais comitivas (Cf. RIBEIRO & MORETTI, 2012).

¹⁴ Programa Especial de Desenvolvimento do Pantanal, em execução a partir de 1974. Cf. MORETTI, 2006; ABREU, 2014.

¹⁵ Programa de Desenvolvimento dos Cerrados, criado em 1975 nos limites do espaço mato-grossense. Cf. ABREU, 2014.

¹⁶ Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste – SUDECO, autarquia federal criada em 1967 com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico do Centro – Oeste.

regras de etiqueta em vigor passaram a ser quebradas, como por exemplo, trancar porteiros com cadeados quando deveriam ser passagens abertas para acesso de vizinhos e seus funcionários, além do aproveitamento intenso das propriedades com desmatamento para implantação de pastagens exóticas.

No Pantanal, conhecido pelo regime de suas águas e pela influência destas na vida local, o turismo de pesca esportiva se apresentou como atividade econômica viável, candidata a contribuir para resolver os problemas econômicos locais e rapidamente se consolidou. Teve além da crise vivenciada no Pantanal outros fatores impulsionadores, como por exemplo, a destruição intensa das condições naturais e dos rios na região sudeste, provocando a procura dos pescadores amadores por outras regiões em condições favoráveis, transformando o que era um movimento incipiente no principal segmento turístico da região.

1.1.1. Turismo de pesca e ecoturismo

Apesar de ser um setor consolidado e majoritário, o turismo de pesca no Pantanal logo demonstrou amplas contradições e provocou problemas ambientais, econômicos e sociais: a construção de infraestrutura hoteleira com materiais inapropriados ao ambiente e a falta de fiscalização contribuíram para a poluição e transformação da paisagem, dando a um ambiente rural características urbanas em atendimento às demandas de conforto dos turistas; as dificuldades com o devido destino do lixo gerado nesta atividade também contribuíram para poluição do meio ambiente.

Para Moretti (2001), nas primeiras décadas de funcionamento, o turismo de pesca não era devidamente regulamentado e fiscalizado. Não havia restrição ao volume de pescado a ser retirado dos rios e transportado para fora da região e do estado. Caminhões e ônibus com pescadores amadores transportavam toneladas de peixes de espécies nobres para suas cidades de origem, quando não atiravam nos rios outros tantos exemplares de peixes que não lhes interessava. Essas práticas predatórias afetaram a disponibilidade de peixes nos rios pantaneiros e tal condição, desencadeou um processo de monitoramento do estoque pesqueiro, implementação de legislação restritiva e fiscalização mais efetiva que, somadas à queda no volume de pescado, acabou por atingir os segmentos da pesca profissional e artesanal que viviam da economia dos rios. Muitos desses pescadores encontraram no turismo e em outras atividades, alternativas para a sua sobrevivência.

É preciso ter em mente, como aponta Banducci Júnior (2001a), que essa interferência e alteração no modo de vida dos pescadores não foi tão somente desencadeada pelo turismo e

não resulta exclusivamente desta atividade. Mudanças no sistema de pesca profissional já vinham ocorrendo anteriormente através da pesca intensiva de comerciantes e atravessadores de outras regiões para atender a interesses de frigoríficos com o uso de instrumentos não utilizados por pescadores locais e, apesar da legislação restritiva e da fiscalização que visam a redução da pressão no estoque pesqueiro dos rios pantaneiros, outras atividades paralelas à pesca, como a exploração de terras com a monocultura intensiva no entorno do Pantanal, continuaram e continuam contribuindo para o assoreamento e intensificação dos impactos sobre o ecossistema aquático da região, e são resultado do projeto de desenvolvimento agrícola implantado no estado. O turismo surgiu nesse contexto como “uma alternativa de trabalho para os pescadores profissionais e artesanais, para os quais as condições de exercício de seu trabalho mostravam-se desvantajosas” (BANDUCCI JÚNIOR, 2001a, p. 90-91).

De todo modo, diante destes e de outros problemas, uma modalidade de turismo praticado no Pantanal de forma incipiente por viajantes aventureiros interessados em conhecer o meio ambiente e contemplar as suas paisagens, foi identificado gradativamente como uma alternativa, sobretudo, porque o limite ambiental e preocupações com a preservação da natureza estavam em voga no âmbito de debates internacionais sobre sustentabilidade na década de 1970 e 1980, e, a esse perfil de turistas, interessava, principalmente, a contemplação, sendo vista, assim, como uma atividade econômica que não depredava o meio ambiente.

As questões preservacionistas eram provenientes de um amálgama de interesses que emergiram de preocupações de ordem ambiental, econômica e social mundiais (WESTERN, 2001, p. 16), e o ecoturismo apresentou-se como uma panaceia para todos os problemas. Sua proposta era a de ser uma atividade sustentável, que valorizaria a natureza e a cultura local, contribuindo para a sua preservação, enquanto viabilizaria recursos para a geração de renda para as populações locais.

De acordo com Araújo (2009), a atividade que desde a década de 1970 era realizada no Pantanal por pequeno número de visitantes, tais como alguns turistas, ecologistas e naturalistas que se encantavam com o lugar chamando-o de “santuário ecológico”, passou, em seguida, a ser realizada por grupos de mochileiros com suas câmeras fotográficas, extasiados com a abundância da fauna e flora. Eles se hospedavam em pequenas pousadas ou acampavam com barracas no meio do mato, orientados por guias locais sem nenhuma relação com agências de viagens ou empresas de turismo, e tinham a cidade de Corumbá como um ponto de referência.

De forma mais detalhada, a atividade ocorria do seguinte modo:

Sem o encaminhamento de uma agência de turismo, esses turistas desembarcavam no Terminal Rodoviário de Corumbá/MS e eram abordados pelos chamados guias [pessoas que transportavam turistas estrangeiros e que assim se denominavam, porém, sem qualificação profissional para exercer tal atividade], em busca de oportunidade de trabalho, com ofertas de serviços de transporte e visitação ao Pantanal. Em transporte precário e condições locais insalubres, guias e turistas se arriscavam pelo Pantanal, pernoitavam em barracas montadas às margens da estrada sem água potável para o consumo ou para o preparo das refeições (RIBEIRO, 2014,p.48).

Nas décadas de 1980 e 1990, cresceram os investimentos neste segmento com a construção de pousadas, itinerários de passeios, trazendo uma organização e padronização dos serviços prestados. Contribuiu para o aumento da demanda de turistas no Pantanal a produção da novela “Pantanal” pela extinta Rede Manchete que, segundo Leite (2008), marcou a história da televisão brasileira e foi importante para apresentar o bioma ao Brasil, a partir de uma narrativa edênica, de um paraíso na terra e de um lugar caracterizado por uma harmonia entre o homem e a natureza.

Tal segmento mantêm-se, atualmente, em crescimento, seguindo um processo de valorização do bioma. Em 1988, o Pantanal foi reconhecido como Patrimônio Nacional pela Constituição Federal e como Área Úmida de Importância Internacional pela Convenção Ramsar¹⁷, assinada com o Brasil em 1993 e, no ano de 2000, foi considerado pela UNESCO, Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera.

Em 1992, a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, trouxe entre as recomendações para o desenvolvimento sustentável, a criação, implantação e gestão de Unidades de Conservação públicas e privadas (Oliveira, 2107) a partir de uma noção conservacionista, que permite a presença e ação humanas de forma racional, em detrimento da visão radical preservacionista anterior, que se baseava numa noção de preservação por meio da não interferência humana na natureza, o que para Diegues (2008) constitui o mito da natureza intocada, que causou além de conflitos, a expulsão de populações tradicionais dos ambientes transformados para esta finalidade.

¹⁷ Convenção sobre as Zonas Húmidas de Importância Internacional realizada na cidade de Ramsar no Irã em 1971 (OLIVEIRA, 2017).

1.1.2. A construção da Estrada- Parque Pantanal e a promoção do ecoturismo

Exemplo da influência das preocupações preservacionistas em vigor e da aposta do Estado de Mato Grosso do Sul no turismo e em modalidades que menos interferem no meio ambiente, como o turismo contemplativo, ecológico, ambiental ou ecoturismo, foi o decreto de n. 7.122 de março de 1993, que criou a Estrada-Parque Pantanal, com cerca de 6.800 Km², a primeira estrada parque do Brasil (RIBEIRO, VARGAS & ARAÚJO, 2011).

Em razão da riqueza da fauna e flora do Pantanal, o decreto que tornou as estradas MS-228 e a MS – 824, bem como as suas faixas laterais de 300 metros de cada lado como Área de Especial Interesse Turístico (AEIT), o fez considerando vários fatores, tais como:

[...] o aprofundamento na diversificação econômica, estratégica para o desenvolvimento do turismo, seu imenso potencial ecológico, paisagístico, cultural e recreativo; com a finalidade de compatibilizar o desenvolvimento econômico com a conservação ambiental e o racional aproveitamento dos recursos naturais (DECRETO MS, n. 7.122/93).

Em discussão no Brasil desde a década de 1970, Oliveira (2017) explica que as estradas-parque são de modo geral definidas por serem construídas como estradas de notável valor panorâmico, cultural e recreativo ou ainda de importância para a preservação dos seres vivos. Para este autor, a EPP foi criada diante do contexto econômico de crise da pecuária, associada à valorização do turismo de pesca e de contemplação e aos movimentos em prol da conservação do ambiente pantaneiro, com o intuito de conservar a biodiversidade e promover o ecoturismo no Estado, devido ao seu valor turístico, geológico, arqueológico, ecológico, paisagístico e cultural e, apesar de as estradas-parques não serem incluídas como categoria no Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SINUC, o Estado de Mato Grosso do Sul a inseriu na legislação estadual como uma modalidade de área protegida, a de especial interesse turístico (DOUROJEANNI, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2017).

Remontando às antigas estradas boiadeiras e ao traçado de implantação da rede de energia elétrica até Corumbá a partir da década de 1970, a EPP interliga vários pantanais como Miranda, Abobral, Nhecolândia e Paraguai. Ela concentra, sobretudo nos três primeiros, grande parte das atividades e empreendimentos turísticos, pois são regiões de mais fácil acesso e com mais atrativos para os turistas (ARAÚJO, 2009).

Ao estudar a segmentação do turismo no Pantanal sul mato-grossense, Almeida (2002) sinalizou que junto ao ecoturismo os empreendimentos estão agregando valor ao seu produto por meio da inserção do turismo rural que pode ser feito de modo complementar. O turismo

rural é reconhecido tradicionalmente por ser ofertado aos moradores de grandes centros urbanos que buscam contato com a simplicidade dos modos de vida e da cultura do campo. Sendo assim, a conjunção desses dois segmentos deveria trazer reforço aos aspectos culturais na experiência turística local. No entanto, o autor identificou também que há uma confusão com relação à definição dos segmentos dos empreendimentos turísticos no Pantanal. Exemplo disso, é que o ecoturismo é praticado de maneira problemática ao privilegiar a relação com o meio ambiente em detrimento da relação dos turistas com as populações e a cultura local, dificultando a participação dos moradores locais na atividade turística. Para ele,

A exploração dos valores culturais do ecoturismo é menos difundida em função dos valores naturais que na mídia ganham mais espaço. A preocupação com as gerações futuras e até o futuro da humanidade faz com que a sociedade se preocupe e valorize mais os recursos naturais e a sua conservação, entretanto os valores culturais também são motivações do ecoturismo (ALMEIDA, 2002, p. 79).

Analisando os efeitos e a efetividade da proposta da EPP, Oliveira (2017) pontuou que apesar da estrada ter uma categorização específica como área de especial interesse turístico e se justificar pelo intento de desenvolver o ecoturismo, há nos empreendimentos de turismo ao longo de sua extensão pouca preocupação com relação às comunidades tradicionais que ali residem, tal como os moradores do Passo da Lontra e os do Porto da Manga que, via de regra, são utilizados como mão de obra nesses empreendimentos. Isso ocorre em um momento em que a tendência mundial em relação às estradas-parques é a construção de planos de manejo que contemplem, além da conservação do ambiente natural e das qualidades visuais dos cenários paisagísticos, o patrimônio arqueológico e cultural, e que visam, principalmente, o desenvolvimento sustentável dos atores envolvidos.

Em razão das contradições que encontrou envolvendo os empreendimentos turísticos da região, o autor questiona se assim como muitas unidades de conservação no Brasil, a EPP não seria `de papel`, isto é, se tem existência desvinculada dos objetivos de sua criação. Isso porque as propagandas turísticas locais vendem o contato com a natureza e com a cultura local, mas na prática, a aproximação feita aos moradores locais é mínima e inexistente turismo comunitário ou um envolvimento das comunidades ali presentes no planejamento e nas decisões a respeito do turismo praticado. Falta, para ele, um diagnóstico detalhado, um plano diretor e um plano de manejo que os envolvam efetivamente.

1.2. Ecoturismo: do conceito ideal ao real

Desse mesmo contexto da criação da EPP emergiram projetos de desenvolvimento que incluíam o ecoturismo como estratégia estadual para o desenvolvimento econômico e

sustentável como: o Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável de Mato Grosso do Sul – PDTUR (1998)¹⁸; e o Programa Pantanal (1999)¹⁹ que explicita o termo ecoturismo como estratégia prioritária de desenvolvimento sustentável deste setor (MORETTI, 2006).

De acordo com a cartilha de orientações básicas sobre o ecoturismo do Ministério do Turismo (2008)

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações.

Para Moretti (2006) apesar desses planos, sobretudo o Programa Pantanal enfatizarem o ecoturismo como modalidade estratégica para o desenvolvimento econômico da região, eles são incompatíveis com os princípios do segmento. Isso porque, o ecoturismo preconiza que a atividade seja estruturada de forma a interferir o mínimo possível no meio ambiente, o que significa ter maior controle sobre a quantidade de turistas e da demanda que, diferente do turismo de massa, precisa ser reduzida. Ocorre que, de forma paradoxal, esses programas instigaram o desenvolvimento econômico da região através do turismo, propondo principalmente a melhoria da infraestrutura, visando o aumento da demanda pelos serviços turísticos, sem estimular e propor, no entanto, medidas para o controle ambiental, como regras que estipulam número de visitantes, período de permanência, além da fiscalização e avaliação permanentes.

Este autor apresenta além de contradições concernentes à preservação do ambiente, questões envolvendo a cultura que, para ele, também são contraditórias. Como a mercantilização da cultura do pescador e do vaqueiro que são valorizadas mediante o atendimento da demanda dos turistas pelo exótico, mas que são modificadas pelas transformações geradas pelo turismo e por outras atividades que se instalam no Pantanal. Assim, indica que um dos pressupostos do ecoturismo é a valorização das culturas estabelecidas nos locais visitados, mas, na prática

[...] ao modificar e produzir novos espaços e paisagens, destrói o ambiente natural para produzir um ambiente propício à atividade turística e, assim, destrói o modo de vida da população local, através da alteração do seu trabalho, da sua cultura, da sua produção do espaço (MORETTI, 2006, p. 99).

¹⁸ O Plano de Desenvolvimento turístico sustentável de Mato Grosso do Sul foi constituído em 1998 junto ao SEBRAE, visando desenvolver consultorias e propostas de empreendimentos turísticos para a região. Ele fez parte do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT encabeçado pela EMBRATUR e pelo Ministério do Esporte e do Turismo. Cf. Moretti (2006).

¹⁹ O Programa Pantanal – programa de desenvolvimento sustentável do Pantanal, de 1999 possui conforme Moretti (2006) quatro objetivos ou componentes, entre os quais está: promoção de atividades sustentáveis como o ecoturismo e a criação de Unidades de Conservação e Estradas-Parque.

Assim, para este autor, a cultura do pescador e do vaqueiro são vendidas e representadas de forma inautêntica, pois, com as transformações do espaço e dos modos de vida no Pantanal, muitos passeios como o que os turistas acompanham uma comitiva, passam a ser eventos produzidos para a apreciação turística, sendo realizados fora de seu contexto 'natural'. De modo geral, ele avalia que esses programas ao vincular o desenvolvimento sustentável ao ecoturismo, aproximam interesses e princípios que são incompatíveis.

Apesar de reconhecer que o ecoturismo por ser realizado no Pantanal, principalmente por meio de pousadas instaladas em fazendas, permite aos peões e vaqueiros a manutenção de suas atividades tradicionais, mesmo que acrescidas à novas funções como a de guia de turismo, Moretti (2006) indica que o foco na sustentabilidade que o justifica escamoteia o fato de que se trata de uma atividade econômica e que, para ser viável, precisa maximizar os seus lucros e, para isso, necessita criar infraestrutura para atender as demandas dos clientes, produzindo inescapavelmente mudanças no ambiente, descaracterizando-o. Sendo assim, para ele, tanto o turismo pesqueiro quanto o ecoturismo, apesar das diferenças de interesse de seus respectivos públicos, em essência, promovem a homogeneização, isto é, uma perda da autenticidade cultural local ao mercantilizar de forma artificializada o ambiente natural e a cultura do pescador e do peão pantaneiro (Idem, p. 101).

Neste trabalho, utilizar-se-á uma perspectiva diferente. A discussão sobre autenticidade e homogeneização cultural que inauguraram os estudos e debates nas ciências humanas em relação ao turismo foram discutidas à exaustão. Edward Bruner (2005) indica que “a autenticidade ou inautenticidade são pistas falsas, a serem examinadas apenas quando os turistas, os moradores locais ou os próprios produtores usam o termo” (Idem, p. 5, tradução minha), apontando ainda que esta questão foi exagerada na literatura turística” (Idem, p. 209, tradução minha).

Longe de pensar o turismo apenas como um produtor de simulacros, não-lugares e de experiências artificiais e inautênticas das localidades como fizeram alguns autores como Boorstin (1992) e Marc Augé (1994), procura-se pensar nesse fenômeno crescente na contemporaneidade como um difusor de *entre-lugares*, identificando esse terceiro espaço como um “ponto de revisão, renovação e diferenciação dos arranjos sociais” (MARTINS, 2011, p. 80), um lugar de troca e de criação do híbrido.

A perspectiva presente na literatura regional acerca do turismo, proveniente principalmente da Geografia, calcada na noção de que a intensificação da globalização

incorrerá, necessariamente, numa homogeneização cultural ou ocidentalização, na perda de elementos tradicionais, ou (des)tradicionalização como afirma Moretti (2006), aparece em outros trabalhos a respeito da atividade turística no Pantanal e marca a chegada do tema no meio acadêmico. Esses trabalhos e as perspectivas neles encontradas são o cerne da problemática desta pesquisa e, por isso, cabe pontuá-los e situá-los, bem como apresentar de forma mais contundente a perspectiva que desejo incluir neste debate.

1.3. Análises do turismo no Pantanal sul em perspectiva

Em relação às análises acerca do ecoturismo no Pantanal Sul, a maioria dos trabalhos que se debruçam sobre a temática são do campo da Geografia e possuem perspectivas semelhantes que os conduzem a interpretações bastante negativas a respeito das mudanças ocasionadas por esta atividade econômica – e que na maioria dos casos não foram ocasionadas apenas por ela, mas por um conjunto de fatores e de seus respectivos contextos socioeconômicos.

Esses trabalhos costumam analisar primeiro o contexto geral de mudanças e alterações nas atividades produtivas no Pantanal a partir de 1970 e relacionar a elas diversos problemas e contradições, derivando daí uma visão bastante crítica e pessimista em relação às mudanças culturais que estão a ocorrer nas populações que habitam o bioma. Através do uso de uma perspectiva que vincula a globalização e a intensificação das relações com o mundo ocidental à homogeneização cultural, essas pesquisas tendem a enxergar o turismo – atividade econômica que simboliza o mundo globalizado – como destruidora da cultura local, produtora de simulacros e espetacularização. Dessa forma, tendem a analisar a produção da cultura como dada, podendo ser destruída por influências externas que se impõem e não como em constante produção, modificação e negociação, conforme o contexto de interação e dos respectivos interesses dos agentes sociais.

Para Ribeiro, Vargas e Araújo (2011), o turismo ocasionou um reordenamento nas relações sociais do Pantanal. “O advento do turismo promoveu alterações na ‘paisagem cultural’ da região, no modo de viver, na gastronomia, nos vestuários, na linguagem, nas relações sociais e profissionais da gente pantaneira” (Idem, p. 7). Um dos indicadores dessas mudanças pode ser observado na falta de recursos humanos qualificados para atender a demanda do turismo, considerando que, em muitos casos, as pousadas foram estabelecidas em locais onde havia fazendas produtivas, constituindo-se como recurso de diversificação e alternativa de geração de renda, resultou que os próprios peões e seus familiares passassem a

cumprir funções tais como guias de turismo, as mulheres como cozinheiras, camareiras, entre outros.

A despeito dos novos postos de trabalho representarem incremento e fortalecer a economia familiar, inclusive com o aumento da participação feminina no orçamento dos lares, para as autoras, as interferências no mundo do trabalho culminaram na “descaracterização da identidade profissional”, pois muitos indivíduos passaram a encontrar condições desfavoráveis para o trabalho tradicional que realizavam. Assim, pescadores e vaqueiros foram colocados por seus patrões noutras atividades, como na manutenção da pousada, ou como de guias de turismo. Outros passaram a desempenhar tais funções junto às atividades tradicionais que desenvolviam, como um vaqueiro que, além de cuidar do gado, exerce também o trabalho de manutenção da pousada, por exemplo. Dessa forma, para as autoras, os trabalhadores passaram a exercer múltiplas atividades e muitos entraram num processo de rotatividade de empregos dentro e fora do turismo visando um ‘reencontro com a sua profissão’ (idem, p. 8).

Apesar de as novas atividades econômicas causarem impactos negativos em algumas das atividades tradicionais realizadas no Pantanal, como no caso da pesca explorado acima, nem todos os trabalhadores migraram para a atividade turística em condições adversas ou contrárias a interesses pessoais. Há, como veremos em relatos no capítulo 3, trabalhadores que se interessaram pelas funções relacionadas ao turismo e, em muitos casos, não necessitaram abandonar a função anterior, sobretudo para os peões que trabalhavam em fazendas de gado, onde geralmente exercem múltiplas funções.

Como vimos, Moretti (2006) enxerga mesmo no ecoturismo praticado em fazendas ou antigas fazendas de gado onde há a possibilidade de os funcionários e habitantes da região praticarem novas funções atreladas às tradicionais, que há um processo de (des)tradicionalização e de produção de simulacros, na medida em que os passeios e atividades deixam de ter relação com as atividades anteriores e tradicionais e passam a ser produzidas fora de seu contexto original, para os turistas verem. Exemplo disso, para ele, seriam os passeios de comitiva ofertados por algumas pousadas, atividade que não mais faria parte da rotina de produção e trabalho de muitas fazendas. As comitivas de gado, antes muito comuns em todo o Pantanal, hoje ocorrem apenas em algumas regiões da planície e, mesmo assim, percorrem menores distâncias, visto que é mais rápido e menos desgastante para os animais as viagens feitas através de caminhões, que são preferidas pelos produtores.

No entanto, Moretti (2006) não leva em conta que, independentemente do turismo, a própria dinâmica produtiva do Pantanal tem promovido mudanças que repercutem na tradição da condução do gado em comitivas. De outro lado, como fizeram Cohen (2002) e Bruner (2005), não considera que, em muitos casos onde algumas práticas tradicionais estão se tornando incomuns em razão de alterações sociais promovidas por fatores diversos, o turismo pode ser uma via de continuidade ou de manutenção, na medida em que, ao produzir e reproduzir encenações e performances culturais para os turistas, mantém a população local engajada nessas produções, não permitindo que tais práticas se percam. Mais do que isso, com a valorização dada pelo turismo a elementos singulares de uma cultura local, eles passam a ter novos sentidos no presente para essa população e, por isso, não se trata apenas de um ‘resgate’ ou tentativa de não deixar morrer algo do passado.

Junto às constatações, denúncias e críticas realizadas por esses autores às mudanças econômicas e culturais ocorridas no Pantanal nas últimas décadas, Ribeiro (2014) e Vargas (2007) acrescentam outra questão, a saber: o uso intensivo da categoria “pantaneiro” pelas populações que habitam o Pantanal e pelas “novas gentes” que chegam de fora.

Para Ribeiro (2014), a valorização mercadológica da natureza e do Pantanal, sobretudo pelo setor turístico nas últimas décadas e as transformações ocorridas em seu espaço, têm contribuído para que esteja em voga e na moda ser pantaneiro. Ou seja, acoplar o Pantanal à imagem pessoal, empresarial ou a um serviço, produz uma valorização, reveste tal objeto de um valor ligado ao meio ambiente, à natureza rústica e a sua conservação atrelada a uma noção - propagada sem lastro empírico - de que ele é conservado graças aos métodos de produção tradicionais da região. Isso ocorre graças a um apelo da indústria turística, tanto à natureza em si, quanto à rusticidade e simplicidade do campo, haja vista que o ecoturismo, turismo contemplativo e turismo rural se destinam a um público urbano, que anseia e deseja esse tipo de experiência. Desse modo, a autora alerta para o fato de que a relação funcional entre a identidade e as novas formas de produção pode incorrer na falta de autenticidade e na espetacularização da região e de suas gentes, que são transformados (Idem, p. 192-193), em atrativos turísticos com o fito de obter lucros.

Assim, com Bruner (2005) compreendo que a questão da autenticidade que decorre de uma perspectiva binária de verdadeiro-falso, autêntico-inautêntico, se constitui numa pista falsa se não utilizada pelos interlocutores. Para ele, é autêntica toda produção e objeto dignos de investigação antropológica. De forma semelhante, Thomé (2008) desfaz tal oposição, ao identificar que a população local da região do Rio Negro, ao produzir *suvenires* para serem

vendidos com referências locais e externas ao Pantanal, conduzem um ato produtivo autêntico, haja vista que o fazem eles mesmos e conforme os seus próprios interesses, diante de contextos no qual estão imersos, e de acordo com estratégias próprias neles criadas.

No que tange ao turismo, há para Ribeiro (2014) em algumas pousadas na mesma região do recorte desta pesquisa, um processo utilitário de identificação, seja da população nativa ou das “novas gentes”, com a “pantanabilidade”, termo que explica de forma genérica como uma categoria que se “refere à qualidade de ser pantaneiro no estilo, nos costumes, nos hábitos, no comportamento e na cultura e que foi produzida para constituição e consolidação do sentimento de pertença ao território pantaneiro” (RIBEIRO, 2014, p. 192).

Ocorre que existem muitas definições de “pantaneiro” dentro de um ambiente que convive com inúmeras categorias sociais, tais como o peão de gado, o pescador profissional, os fazendeiros, os guias de turismo, as populações urbanas, enfim, há uma miríade de populações com seus hábitos, costumes particulares e que podem estar se definindo como pantaneiros (as) e valorando a categoria a partir de referenciais, sentidos e interesses diversos, sendo importante ao tratar dessa questão, sabermos como se identificam, bem como manejam essa categoria em seus diferentes contextos, pois como nos informam Hall (2014), Barth (2000; 2011), Agier (2001) Bhabha (2013), entre outros, a identificação é uma forma de atuar no mundo, é um ato político que se dá em contextos de crises e embates; aciona referenciais do presente e do passado, bem como perspectivas do futuro, em atendimento a demandas situacionais e/ou de projetos de vida individual ou coletiva.

Vargas (2007), por sua vez, apontou que diante do reencantamento da natureza promovido pela percepção do esgotamento dos recursos naturais e pelos debates mundiais sobre desenvolvimento sustentável, outros nichos produtivos que valorizam práticas tradicionais surgiram e, nesse ínterim, a categoria “pantaneiro” passou a ser utilizada em projetos de unidades de conservação, como o do Parque Regional Natural do Pantanal, por grupos de fazendeiros antigos visando defender e conservar uma estrutura agrária, fundiária e uma cultura produtiva tradicional. Ela indica, antes de tudo, uma apropriação da categoria e de uma noção genérica de pantaneiro vinculado à tradição da lida como uma forma de posicionamento estratégico no mercado mundial, cuja tendência é uma valorização do tradicional como um sinônimo de sustentabilidade.

Utilizando uma lógica semelhante para o turismo, ela aponta que com essa apropriação da categoria vinculada a um processo de ressignificação e valorização do Pantanal “quase todos querem ser pantaneiros” e, assim, pessoas e lugares assumem essa nova identidade e

vão se “pantanalizando”. Sem explicar o uso do termo, a autora indica em tom pessimista, que tal apropriação se dá como uma prostituição do “saber ambiental” da população pantaneira, construído ao longo de quase duzentos anos de coevolução, pois são esses saberes que “fazem do Pantanal e do ser pantaneiro uma espécie de marca de origem, um selo de qualidade para melhor circular no universo mercadológico”. Ela se refere a uma noção generalizada de identidade pantaneira que circula como referencial no mercado, relacionada principalmente ao universo do gado, das fazendas e de uma forma de produção tradicional e sustentável, adaptada à natureza do bioma e que requer saberes e conhecimentos desenvolvidos em seu ambiente.

Apesar de reais as suas evidências acerca de uma apropriação da categoria por diversas pessoas nativas ou não, e em diversos ramos econômicos, visando vincular os seus produtos ou serviços à tradição e a singularidade que o bioma e a sua histórica ocupação humana representam, falta nessas análises descrever como isso ocorre em seus respectivos contextos e embates. Banducci Júnior (2012) analisou o processo de apropriação da categoria identitária “pantaneiro” por parte dos fazendeiros indicando que os peões e vaqueiros historicamente reconhecidos pelo termo passaram a reforçar comportamentos e valores vinculados à ela com o intuito de questionar tal apropriação por parte de seus patrões, explicitando o embate em torno dessa categoria no contexto das fazendas de gado a partir da década de 1970 e vinculada a diversos fatores que tratarei melhor no capítulo 3.

A constatação de que há um uso intensivo da categoria “pantaneiro” vinculada a empresas, produtos, serviços e pessoas de dentro e de fora do Pantanal, recém chegadas, habitantes de longa data ou nativos é interessante e relevante, mas responde pouco ou nada sobre como isso se dá nos diversos contextos em que ocorre, bem como quais interesses estão em jogo nas diversas arenas de uso. Sendo assim, uma das principais questões perseguidas nesta pesquisa é a de saber como no contexto do turismo e das relações estabelecidas entre turistas, guias de turismo e donos de pousadas aparecem diferentes usos, embates, disputas e como eles movimentam sentidos diversos e ressignificações desta categoria que, há algumas décadas, tem estado no centro das construções identitárias na região.

Outrossim, Vargas (2007) sinaliza que como um símbolo ou selo do tradicional tal identidade tem sido utilizada para legitimar uma lógica e racionalização produtivista utilitária que lhe é originalmente incompatível. De forma semelhante à Ribeiro (2014), para Vargas (2007), a difusão da “pantanabilidade” - definida de forma bastante genérica - vista em diversos projetos e produtos, sobretudo no âmbito turístico, é fruto de uma auto atribuição e

os indivíduos que se autointitulam pantaneiros, nascidos ou não na região, evidenciam a necessidade de falar e agir como um “pantaneiro típico” para obter lucros. Aqui, novamente não há definição do que vem a ser um pantaneiro típico, e ela se faz necessária, haja vista que no Pantanal habitam várias populações, de diferentes culturas, como veremos no capítulo 3.

Em relação ao turismo praticado na região, essas autoras se aproximam da visão de Moretti (2006), que entende que o ecoturismo, ou melhor, os empreendimentos turísticos que atuam no Pantanal, e se valem desse rótulo que lhes valoriza, não cumprem o ideal preservacionista delineado pelo conceito do segmento, pois como uma atividade mercadológica, prioriza o lucro que é, por sua vez, incompatível com os valores relacionados à conservação da natureza e da cultura dos destinos turísticos. Essa conclusão, no que se refere à identidade e a cultura local, decorre principalmente de uma noção de identidade e de cultura como instâncias puras, estáticas e imutáveis, que tendem a ser modificadas e corrompidas com a chegada de outras culturas e identidades externas.

Em relação às modificações advindas dos interesses do capital e de sua maior integração no Pantanal, a partir de 1970, os autores aqui apontados ressaltam que elas promovem um choque entre o global e o local, comportando-se como veículos que impõem transformações nas atividades e relações econômicas, sociais, culturais e identitárias tradicionais. Aqui, novamente não se explicita para além do trabalho e das novas atividades funcionais que surgiram, quais relações sociais e culturais são modificadas e, principalmente, como essas modificações ocorrem, havendo uma relação de causa e efeito entre o impacto negativo em algumas atividades produtivas, como a pesca profissional, e uma total perda de identidade.

Ocorre que tal perspectiva é controversa e gerou um grande imbróglio na Antropologia²⁰ que chegou a acreditar que os outros aos quais se dedicava a estudar estavam em vias de desaparecer diante da imponente cultura ocidental, restando aos antropólogos, nada mais do que a tarefa de fazer uma etnografia global do capitalismo como fez Eric Wolf em “Europe and the people without history”, trabalho comentado e criticado por Sahlins (1992) que indica a necessidade de

[...] escapar da percepção corriqueira da economia global simples e mecanicamente como forças materiais, bem como de seu corolário, as descrições de histórias locais como invariáveis crônicas de corrupção cultural [...] o Sistema Mundial não é uma física de relações equilibradas entre “impacto” econômico e “reações” culturais. Os

²⁰ Cf. SAHLINS, M. O ‘pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em vias de extinção?’ (Parte I). Rio de Janeiro: *Mana* 3(1): 41-74, 1997.

efeitos específicos das forças materiais globais dependem dos diversos modos como são mediados em esquemas culturais locais (p. 10-11).

Por isso, neste trabalho utilizo a noção de Renato Ortiz (1994) que sugere uma diferenciação para os termos globalização e mundialização, na qual o primeiro se refere aos aspectos econômicos e tecnológicos e o segundo aos culturais, pois para ele,

[...] Há na ideia de globalização uma conotação que nos sugere uma certa unicidade. Quando falamos de uma economia global, nos referimos a uma estrutura única, subjacente a toda e qualquer economia [...] a esfera cultural não pode ser considerada da mesma maneira. Uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela coabita e se alimenta delas. (ORTIZ, 1994, 26-27).

A categoria mundo dessa forma,

[...] encontra-se assim articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma “visão de mundo”, um universo simbólico específico à civilização atual. Nesse sentido ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias, conflitos e acomodações (ORTIZ, 1994, p. 29).

Compreendo a “pantanabilidade” ou a “moda de declarar-se pantaneiro” não apenas como resultado e expressão de uma cultura ocidental e capitalista que se impõe, modifica e homogeneiza as formas e os hábitos de vida locais ao transformar tudo, inclusive a sua cultura em mercadoria. As culturas locais não são meramente cooptadas aderindo às imposições externas, tampouco a valorização do local significa em sua totalidade ações com intuito consciente de resistência ao global. A interação entre essas duas instâncias ou dimensões deve ser analisada sem reduzi-las tão somente a pares de oposição. Entre ambos há sujeitos e agentes sociais criando significados, sentidos, interesses e dinâmicas para as suas ações.

Sahlins (1992) sinalizou que “muitos pesquisadores têm argumentado que a história mundial, desde a década de 1960, tem sido marcada pelo desenvolvimento simultâneo de integração global e diferenciação local” (*ibid*, p. 11). Ao comentar sobre o conceito de *glocalização* de Robertson (1995), Grünewald (1998) aponta que “a globalização envolve a criação e a incorporação da localidade, sendo que o local não deve ser visto como um contraponto do global, mas considerado como um aspecto da globalização” sendo o inverso também verdadeiro (*ibid*, p. 32-33). De modo semelhante, Salazar (2005) chama a atenção para este conceito explicando que é possível utilizá-lo como um operador que permite colocar em evidência as interrelações e conexões entre essas duas dimensões que se manifestam simultaneamente na sociedade contemporânea, na qual o turismo apresenta-se como campo privilegiado de identificação de culturas cada vez mais glocalizadas (*ibid*, p. 641).

Como dito anteriormente, no âmbito do turismo, atualmente os trabalhos relativizam a postura extremamente crítica vinculada à noção de que o turismo promove necessariamente aculturação, apontando várias formas alternativas de turismo com menor impacto que o turismo de massa, promovendo, assim, uma visão holística do turismo com análises mais amplas do fenômeno, e que enfocam, além dos impactos, as diferentes formas turísticas, de modo a superar a perspectiva maniqueísta no início do debate (BANDUCCI JÚNIOR, 2001b).

É a partir desta última perspectiva que este trabalho se posiciona, entendendo como Grünewald (2001) que o turismo não deve ser visto apenas do ângulo da aculturação, pois com ele pode ocorrer a ressignificação de vários elementos culturais de caráter tradicional entre a população hospedeira, sendo, mais interessante analisar não a perda gradativa de uma cultura ou identidade cultural local, mas a percepção de mudança cultural através da perspectiva histórica, identificando estratégias de mobilização cultural e o acionamento estratégico da etnicidade por um conjunto de atores nesses espaços. Ademais, é preciso desvincular, como fez Barth (2011), a noção de que alterações culturais promovem necessariamente e conseqüentemente modificações identitárias.

Banducci Júnior (2011) e Oliveira (2017) chamam a atenção justamente para o cuidado que devemos ter ao analisarmos o turismo, para não reduzirmos a sua complexidade e não incorrerem no erro comum de demonização da atividade, como se possuísse autonomia perante a realidade em que incide e uma intencionalidade maléfica que se manifesta tão somente em detrimento das sociedades receptoras. Apesar de todos os problemas que o turismo pode trazer às populações locais, que não são desprezíveis, cabe considerar, tendo por base a complexidade do olhar holístico da antropologia, a agência desses povos e sua capacidade de dimensionar, avaliar e interagir com práticas que interferem em seu cotidiano. De outro lado, há na atividade turística potencial para promover mecanismos de conservação da natureza, valorização das culturas e afirmação de identidades tradicionais, pois o turismo, que está cada vez mais presente em lugares os mais remotos e diversos, apresenta-se “não só como fonte de renda alternativa e complementar, mas também como mecanismo de revitalização cultural e integração no cenário global” (LEAL, 2007). Trata-se de uma arena que tende a promover e instigar o contato entre diferentes, o reconhecimento mútuo e a retomada (no sentido de se interpretar e recriar o passado visando o presente e o futuro) e a produção de tradições e símbolos. Para Cohen (1988), o mercado turístico é um importante meio auxiliar na preservação de tradições culturais em locais onde há culturas em crise devido

a impactos de forças externas que precedem o turismo, possibilitando a reafirmação de identidades – nacionais, regionais ou étnicas – que, em última instância, constituem seu produto.

Em relação à identidade e aos usos da categoria “pantaneiro” no âmbito do turismo, investigaremos os diferentes referenciais que aparecem e lhes sustentam, tendo como hipótese um relato e breve análise de Banducci Júnior feito em 1996 sobre a comunidade Passo da Lontra, quando evidenciou que o desenvolvimento do turismo na modalidade de pesca ou o contemplativo, contribuíram se não para tirar o gado do centro da vida e da referência dos indivíduos que habitam o Pantanal, ao menos para reduzir sua importância, acrescentando outros referenciais às identidades, sobretudo a partir das novas funções que foram abertas em razão da nova atividade como: guia de pesca, piloto, guia de passeios contemplativos ou ecológicos, entre outros.

Multiplicaram-se os referenciais e os contatos com pessoas de fora, culminando em muitas transformações nas percepções locais sobre progresso, desenvolvimento e tradição. Contudo, um referencial que se manteve e que era importante antes, passou a ser superdimensionado: a natureza pantaneira ganhou centralidade. Ela é o principal produto a ser vendido no Pantanal e se tornou o principal referente identitário nesse novo contexto.

2. ETNOGRAFIAS DO TURISMO NO PANTANAL

O turismo é uma prática contemporânea que movimenta milhões de pessoas no mundo inteiro, colocando-as em contato umas com as outras. Edward Bruner (2005) utiliza a noção de zona fronteira, compreendendo-o como uma atividade e objeto antropológico por excelência. Para Pinto (2020),

O turismo se configura como uma zona de contato intercultural, bem como como um consumidor de culturas, territorialidades e identidades. E, do ponto de vista etnográfico, apresenta-se como uma janela privilegiada para a observação processual de mudanças e adaptações das diversas sociedades” (BURNS, 2002; PEREIRO, 2020, p.3 apud PINTO, 2020, p. 85).

Apesar disso, é conhecido nos estudos sobre Antropologia do Turismo a resistência existente entre os antropólogos no estudo desse tema, seja pela noção de que o turismo seria uma prática secundária – ligada ao lazer e à diversão de classes médias e ricas no mundo e não a temáticas concernentes ao trabalho, – como também, ao fato de que os antropólogos se ressentiam de serem comparados a esses viajantes que, assim como eles se deslocavam para locais desconhecidos, compartilhando características como o deslocamento, a vulnerabilidade em meio a um universo desconhecido, o retorno e as considerações acerca da experiência feita *a posteriori*. Acima de tudo, o antropólogo temia que tal semelhança com os turistas os fizessem ser considerados por outros como eles consideravam os turistas: indivíduos alienados que, diferentemente dos antropólogos, acessavam lugares e culturas sem nenhum tipo de responsabilidade com os grupos humanos locais, contribuindo assim, para levar problemas sociais a essas comunidades.

Não à toa, boa parte dos trabalhos de antropologia que tratam de questões concernentes ao turismo, não tinham de início o turismo como objeto de estudo, mas se depararam em campo com a atividade turística de modo que se tornou impossível desconsiderá-la. Sendo assim, os estudos sobre o turismo estavam associados a outros objetos e enfoques de estudos como “o estudo de comunidades tradicionais, religião, urbanização, avaliação de políticas públicas ou interações entre sociedade e meio ambiente” (PINTO, 2020, p. 93), entre outros. Na história do desenvolvimento deste campo de estudos nas ciências sociais e na Antropologia de maneira específica, costumou-se enfatizar aspectos concernentes aos efeitos devassos do turismo nas comunidades receptoras através de uma perspectiva bastante crítica que o enxergava por meio da noção de aculturação, isto é, como mais um

veículo do mundo globalizado para atrair as populações locais para os desejos ocidentais, modificando os seus modos de vida tradicionais. Tal perspectiva evocou e continua a evocar

[...] “uma espécie de expressão extemporânea da síndrome do bom selvagem, uma noção difusa de que a atividade turística causaria a destruição do “objeto antropológico” com a desagregação de sociedades e o esfacelamento de tradições pelos bárbaros modernos” (PINTO, 2020, p.96).

Como visto na formulação da problemática dessa pesquisa, as interpretações sobre o turismo no Pantanal tenderam a perpetuar essa perspectiva negativa. Em revisão aos trabalhos produzidos regionalmente encontra-se, no entanto, poucos estudos que se utilizam de dados etnográficos. Eles frequentemente não analisam todos os integrantes desta atividade, focalizando relações sociais concernentes ao trabalho e os efeitos do turismo nas sociedades receptoras.

Perseguindo o objetivo de analisar a dinâmica da relação entre esses agentes no âmbito do turismo, para compreender as motivações, os sentimentos e as frustrações dos turistas e dos guias turismo e as construções discursivas e performáticas entre eles, me propus a fazer o trabalho de campo em duas etapas: a primeira na qual eu me identificaria como turista e chegaria à região do recorte espacial da pesquisa por meio da contratação de um pacote turístico por uma agência; e a segunda, na qual eu me identificaria como pesquisadora, chegando à região sozinha, me hospedando na BEP e, como é de praxe na etnografia, buscando estabelecer relações com os moradores locais, bem como com os proprietários e funcionários das pousadas para deles me aproximar. Me baseio em Pinto (2020), quando afirma que o rol dos sujeitos de estudo da antropologia do turismo não se limita ao simples binômio anfitrião e visitante, sendo antes um conjunto diverso e complexo de atores, com interesses e demandas específicas, dispostos num cenário de considerável interação, cuja análise não pode abdicar dessa complexidade. Por isso, devemos pensar na sociedade emissora, na viagem, sua fruição, até o retorno, incluindo os agentes diversos que operam nesses diferentes momentos e etapas.

Notando principalmente a falta de informações e dados sobre os turistas que se deslocam para a prática do ecoturismo no Pantanal, o objetivo na primeira etapa era principalmente empreender uma participação imersiva, participativa e afetiva (FAVRET-SAADA, 2005) visando analisar através de uma interação mais próxima aos turistas e compartilhando de um mesmo status, quais eram as suas motivações e desejos em

relação ao Pantanal. Durante cinco dias como turista na Pousada 1²¹, o propósito era identificar se buscam, e em qual medida, o contato com a natureza pantaneira, com as populações locais e seus modos de vida, as sensações e sentimentos gerados pelas atividades realizadas *in loco*, as relações criadas com os agentes de turismo, sobretudo os guias de turismo e as conversas por eles protagonizadas²².

Na segunda etapa, ainda em relação aos turistas, esse objetivo se manteve, só que com a diferença de que me apresentei como pesquisadora, o que tornou a minha relação com eles mais formal, assim como com os guias de turismo. Da mesma forma, eu manteria o foco na relação entre turistas e os guias de turismo, buscando estender também às minhas observações e contatos com os donos dos empreendimentos visitados para compreender como pensam o turismo e como se dá a sua relação com os funcionários, principalmente com os guias de turismo e com os turistas. Por isso, nessa etapa, em razão do curto período de tempo em campo, além da observação participante, optou-se pelo uso intensivo de entrevistas semi-estruturadas.

Sendo assim, visitei duas pousadas localizadas na EPP. A pousada 2 foi a que pude me ater por mais tempo. Nela, passei dois dias e meio e acompanhei dois casais de turistas, um composto por duas mulheres provenientes da cidade de Curitiba, e um composto por um homem e uma mulher provenientes dos Estados Unidos, e pude conversar mais demoradamente com o guia. Na pousada 3, passei apenas uma manhã conversando com a proprietária, pois em razão da pandemia não havia turistas. Nos demais dias, retornei à pousada 1, onde estive como turista na semana anterior, para me apresentar, entrevistar o gerente e os guias de turismo. Em todas as pousadas houve dificuldades de entrevistar pessoalmente os guias, pois durante o trabalho não podiam me atender e na parte da noite, quando ficam mais livres, eu não conseguia me deslocar para as pousadas. Por isso, em muitos casos, as entrevistas com eles ocorreram on-line. Foi possível ainda entrevistar o guia de uma outra pousada em que estive na primeira etapa do trabalho de campo, quando fomos realizar a cavalgada, que fora terceirizada. Na ocasião, aproveitei que o guia que nos

²¹ Opto por não inserir os nomes das pousadas para que não sejam identificadas. As pousadas são nomeadas através da numeração 1,2 e 3. A de número 1 é a que estive na primeira etapa do trabalho de campo e as demais, na segunda etapa.

²² Por si só a existência desses objetivos impossibilitam a integralidade da proposta de afetação e de uma experiência como turista, pelo fato de que as leituras feitas sobre antropologia do turismo até então e que me permitiram delimitar a pesquisa, condicionavam o meu olhar e as minhas preocupações. Me refiro ao olhar não ingênuo, mencionado por Oliveira (1996) quando fala sobre a distinção e características do trabalho do antropólogo. Isso não quer dizer, no entanto, que não houve momentos no campo em que eu não me distanciei desses objetivos vivenciando atividades e relações mais próximas à experiência de um turista como mostro ao longo deste capítulo.

acompanhava nos forneceu os seus contatos em redes sociais para sabermos mais sobre as novidades e aventuras dele com os animais do Pantanal e, assim, entrei em contato solicitando a entrevista, ao que fui gentil e satisfatoriamente atendida.

Neste capítulo dedico atenção específica aos turistas e à experiência turística para em seguida me ater aos guias de turismo e aos proprietários.

2.1. Turismo como ritual de passagem oscilante e relativo

Entre os temas explorados pela Antropologia do Turismo desde a década de 1970, está o do turismo como ritual de passagem, que talvez seja o que mais nos possibilite pensar e privilegiar uma análise com enfoque nos turistas, por se preocupar com as motivações existentes para a prática do turismo, isto é, pelo foco na busca dos indivíduos que se deslocam temporariamente para locais desconhecidos, como as sensações, sentimentos, pretensões, interesses, motivações que há por trás do ato de viajar, bem como os efeitos gerados por essa prática.

Ao enfatizar essa dimensão da prática turística, podemos pensar no turista enquanto viajante no local de destino, como também em seu cotidiano na sociedade emissora, pois é consenso que o turismo é motivado pelo desejo de atividades não cotidianas de lazer e recreação (GRABURN, 1977; 1983; 1989) e que objetiva um rompimento momentâneo das práticas e regras ordinárias da sociedade em que vive o turista, como uma espécie de pausa que o permite “recarregar” as energias para o retorno. Por isso, o turista é movido pela novidade dos lugares que visita, pelas novas comidas, práticas e novos e diferentes modos de vida. Como afirma Jafari (2005, p. 43) “el turismo puede ser definido como el estudio de las personas fuera de su hábitat habitual, del aparato y las redes turísticas y de los mundos ordinario (cotidiano) y no ordinario (turístico) en su relación dialéctica”.

De acordo com Burns (2002), independentemente dos objetivos, expectativas e motivações dos turistas quando viajam, o ato de viajar possui aspectos estruturais semelhantes a esses rituais. Nesta discussão recorre-se aos clássicos textos de Van Gennep (1909) e Victor Turner (1974), entre outros.

Van Gennep (1977) indicou que nos rituais de passagem religiosos, passar do mundo profano ao sagrado requer um estágio intermediário entre um ponto e outro, devido ao antagonismo entre essas duas dimensões. Mais do que isso, ele identificou rituais de passagem presentes em vários momentos da vida de um indivíduo em sociedade, fora do âmbito religioso. Apesar de variações em seus formatos, todos eles admitem momentos como

a *separação*, a *liminaridade* e a *reincorporação*. De acordo com ele, a separação é quando o indivíduo ou grupo se desloca fisicamente ou moralmente de sua vivência ordinária. A liminaridade é o ápice do ritual, quando passa-se por um momento de suspensão das regras sociais e o proibido passa a ser permitido; e a incorporação é o retorno à sociedade da qual havia saído. Nela, o indivíduo está imbuído de uma nova condição ou status promovidos pelo ritual.

Em “O processo ritual: estrutura e antiestrutura” focalizando o período liminar dos rituais, Turner (1974) chama de “*communitas*” o momento dessa fase caracterizado pela suspensão das regras da estrutura, quando pode ocorrer inversões temporárias de condições sociais, como por exemplo, os chefes e autoridades de determinada comunidade, experienciar valores dos “fracos” como a humildade, a submissão, e os fracos exercerem temporariamente posturas de poder sobre os seus superiores, quando “a liminaridade dos fortes se converte em fraqueza e a dos fracos em força” (*Idem*, p. 240-241). Para o autor, a própria vida se dá neste processo, a sociedade é por ele constituída, pois há uma relação mútua de dependência entre estrutura e anti-estrutura que tende a reforçar a estrutura, não necessariamente intacta e sem mudanças, pois a “*communitas*” é aquele momento fugaz, distanciado ou fora das regras que permite o êxtase do existir, é nele, na marginalidade, que reside o potencial e condições para a criação e para o surgimento de mitos, símbolos, filosofia, arte e para possíveis reclassificações da realidade.

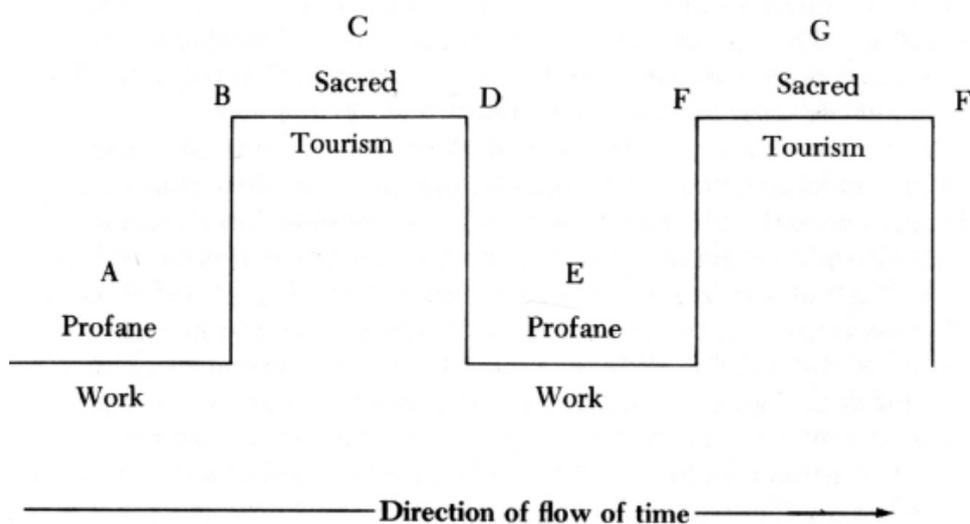
Para Burns (2002), o turismo pode ser pensado como um totem de liberdade, um símbolo de liberdade econômica e social moderna, uma reverência à própria sociedade. O deslocamento e a curta experiência com modos de vida diferentes objetivam, frequentemente, o descanso e a recreação e faz sentido na sociedade que reside o turista e reforça-a. No entanto, há uma série de características da “*communitas*” que introduzem o modo ambíguo que, segundo Turner (1974) caracteriza a liminaridade e propicia novas vivências e experiências, abrindo margem para refletir sobre a vida, o cotidiano, e para pensar em possibilidades de vida em outros moldes. É essa também a perspectiva de Pinto (2020), que compreende o turismo como um ritual cíclico capaz de produzir uma espécie de “reencantamento do mundo” podendo gerar mudanças na conduta dos turistas que, por sua vez, pode impactar e gerar mudanças na sociedade de origem.

Ao fazer um balanço da produção socioantropológica acerca do turismo, Pinto (2021) descreve a partir de Simonicca (2001; 2007) que há dois grandes paradigmas de análise, quais sejam: 1) o do tempo livre ou político – econômico, que é um enfoque moderno que privilegia

os aspectos econômicos e as relações de poder e enxada como mote do turismo o lazer; 2) e a semiológica que tem como foco principal a formação do olhar do turista e seus desdobramentos simbólicos e se bifurca em duas abordagens ou linhagens acadêmicas. A primeira é a francesa que foca na formação midiática do imaginário da viagem e do turismo, e a segunda é a inglesa que se volta para o olhar turístico, para uma espécie de sociologia e economia da formação das imagens turísticas na perspectiva do turista. A abordagem semiológica também engloba o entendimento e discussão da atividade turística como um ritual.

Há vários modelos que pretendem abarcar o modo como ocorrem as etapas do ritual de passagem do turismo, como o de Graburn (1977; 1983), que o compreende como uma intercalação em três tempos, compostos respectivamente por três estados mentais: 1) a saída do mundo profano e ordinário, marcado pela empolgação e expectativa em relação à viagem; 2) a chegada e entrada no universo turístico do destino que corresponde a uma experiência sagrada, no sentido de que as experiências ali vivenciadas estão via de regra distantes do mundo ordinário em que vive o turista, constituindo, portanto, um momento e estado mental liminar e singular, que antecede o momento da despedida e do retorno; 3) reincorporação à sociedade de origem caracterizada por um estado de abatimento.

Figura 1: Esquema do turismo como rito de passagem



Fonte: GRABURN (1977; 1989).

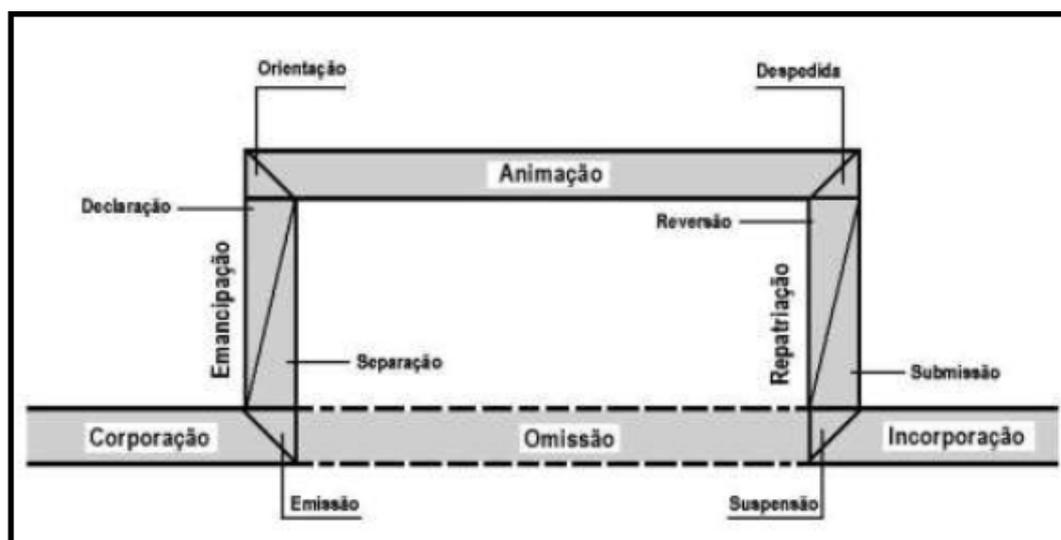
Jafari (2007 apud PINTO, 2011; 2021) produz um esquema mais detalhado composto por vários momentos ou trechos primordiais do ciclo turístico. Cada um deles possui características próprias, como:

- a *corporação*, que é a vida ordinária que produz a demanda de potenciais turistas e onde se decide fazer turismo, local no qual o planejamento de uma viagem turística é realizado, e onde se forma o mercado turístico;
- a *emancipação*, momento gradativo no qual o turista começa a se desassociar das limitações e restrições morais cotidianas e a vivenciar o momento extraordinário da viagem, transformando-se em turista. Essa etapa é dividida em dois momentos, sendo o primeiro, a *separação física* do lugar onde reside, e o segundo a *declaração*, quando o indivíduo incorpora a identidade de turista, bem como um conjunto de expectativas, condutas, marcadores simbólicos e comportamentais característicos.

Desse processo, induz-se um tipo de magia emancipadora, do qual deriva um novo estilo de vida que possui escassa ou nula interferência dos limites anteriores no mundo não-ordinário, e que conduz o turista à fruição ajustada não aos valores da sociedade de origem, mas ambientado no cenário turístico. Emancipado, o turista adentra num estado e momento de *animação* que termina com os preparativos para o retorno ao mundo ordinário, quando ocorrem:

- a *repatriação* formada pela reversão paulatina para uma mudança atitudinal de volta às obrigações cotidianas e pela submissão, que é a reincorporação aos papéis costumeiros e, por fim,
- a *incorporação* que é o retorno ao fluxo rotineiro da vida, marcado por uma fase de suspensão sentida como um abatimento ou mesmo um choque cultural no reencontro com as normas de sua sociedade e abandono da liminaridade vivenciada no trampolim turístico (JAFARI, 2007 *apud* PINTO, 2021, p. 40-41).

Figura 2: Esquema das etapas do turismo

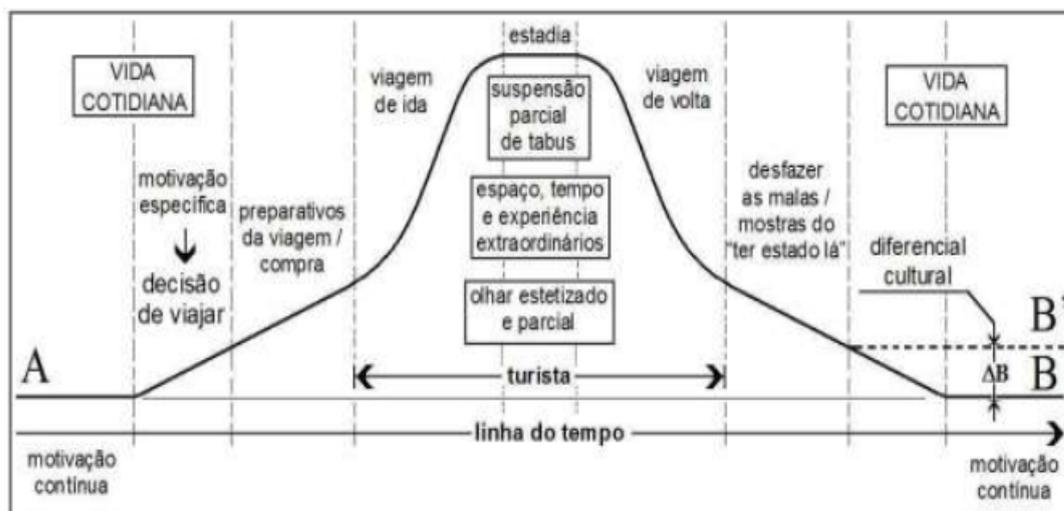


Fonte: JAFARI (2007 apud PINTO, 2011;2021).

Pinto (2011; 2021) superpõe os modelos de Graburn (1977;1983) e de Jafari (2007) para produzir um esquema alternativo ainda mais detalhado, pois considera que os modelos desses autores promovem um “salto” da vida ordinária para a extraordinária, a partir da entrada no ambiente turístico. Por isso, seu modelo é constituído por etapas transitórias entre os três momentos do ritual turístico, compreendendo a experiência ritualística do turismo de forma cíclica, gradativa e processual, enfocando também os efeitos do turismo sobre o turista regressado e, conseqüentemente, o potencial de transformação que a experiência turística pode causar nos indivíduos e nas suas respectivas sociedades de origem.

Para ele, o cotidiano ordinário desenvolve a motivação e a decisão de viajar, e neste tempo e espaço, define-se o destino, a forma da viagem e a acomodação previamente a partida rumo ao destino, quando se empreende o deslocamento físico. No destino, ocorre o ápice da experiência turística, em razão da suspensão temporária e parcial dos tabus de origem e da fruição hedonista num espaço-tempo extraordinário, dentro de uma visão parcial e estetizada do lugar (que é direcionada pelos operadores turísticos) para, em seguida, ocorrerem os preparativos para o regresso e a viagem de volta. Ao retornar à sociedade de origem, o turista vive uma etapa de demonstração com provas materiais ou imateriais e relatos do lugar visitado e das experiências pelas quais passou. Em diversos níveis, essas experiências podem influenciar alterações da conduta ordinária do turista, modificando a sua vida em seu habitat.

Figura 3: Esquema do ciclo turístico e retroalimentação da conduta do turista



Fonte: PINTO (2021).

A partir desta perspectiva, entendendo o turismo como um ritual de passagem, analiso alguns recortes do trabalho de campo na primeira e segunda etapas do trabalho etnográfico. Adianto que, apesar da existência de vários modelos que buscam abarcar a esfera ritual do turismo, compreenderem tal experiência de modo gradativo e processual, - apontando inclusive para o fato de que a suspensão que ocorre no período liminar frequentemente é parcial (GRABURN, 1983; SILVEIRA, 2014; PINTO, 2021), - esses modelos informam o processo entre as etapas e sensações do ritual turístico de modo progressivo, isto é, como uma gradação ascendente que leva ao estado de liminaridade e, posteriormente, a uma gradação decrescente que leva a um novo estado. Eles não dão conta, no entanto, de representar os sucessivos momentos de oscilação entre o ordinário e o extraordinário durante toda experiência turística, ocasionados por fatores diversos, como ocorreu ao longo da minha estadia.

2.1.1. Aproximações e imersão gradativa

A primeira etapa do trabalho de campo consistiu numa estadia de cinco dias em uma pousada às margens do rio Miranda, próximo à EPP, onde estive como turista, isto é, como contratante de um pacote turístico que incluía a hospedagem em quarto compartilhado, as três refeições diárias (pensão completa) e atividades e passeios, como: safári fotográfico, safári noturno, caminhada ecológica, pesca artesanal de piranha, passeio de barco, acampamento e o passeio a cavalo ou cavalgada. Eu partia com o objetivo de empreender um trabalho etnográfico imersivo no sentido participativo ancorada na noção do “ser afetada” de Favret-Saada (2005). Sendo assim, eu me propunha a não me preocupar tanto em observar e

mais em participar, entendendo que, assim, teria uma experiência como turista, e que a observação ocorreria em seguida, após narrar e descrever as experiências e sensações vivenciadas como turista entre os turistas e outros agentes de turismo.

Contratado o serviço de uma agência, antes mesmo de embarcar rumo ao destino havia muitas expectativas quanto à estética e às belezas naturais do local, cujas imagens são muito divulgadas visando um pré-consumo, principalmente nos sites visitados para obter mais informações sobre o turismo e cotar os valores da viagem. De acordo com Bruner (2005), os turistas são caçadores de histórias movidos por um ou mais contos ou narrativas acerca do espaço que escolhem como destino, e muito do que buscam, se refere a confirmação dos contos e de suas respectivas imagens acessadas previamente à viagem. O fim da viagem é o momento de retomada das lembranças e provas materiais da experiência reafirmando ou não o conto para outras pessoas.

Essas imagens e expectativas que são comumente divulgadas sobre o Pantanal e o paraíso construído por sua natureza pulularam o imaginário após a partida de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, pois ao longo do trajeto, que durou cerca de quatro horas pela BR-262, a paisagem deixava o cenário urbano e se modificava oscilando entre uma estrada com mata mais densa e fechada, para a de campos mais abertos, quando era possível avistar gado em fazendas. As imagens prévias do Pantanal, junto às mutações da paisagem durante o caminho, constituíram um momento pré-liminar e de entrada gradativa em um estado de liminaridade. Mas, as expectativas, para além das paisagens e belezas naturais, incidiam também sobre as emoções que os passeios e atividades a serem realizadas trariam, bem como a possibilidade de imersão na natureza, e em aspectos da cultura local, além do possível privilégio de se deparar com animais silvestres.

Na van em que embarquei rumo ao Pantanal estavam muitas pessoas moradoras ou visitantes de cidades encontradas ao longo do trajeto ou mesmo da vila Passo da Lontra. Como o número de turistas ainda era pequeno, as agências estavam embarcando os turistas no transporte utilizado pelos moradores da região. Muitos deles desembarcaram em cidades como Anastácio e Miranda, e outras desembarcaram junto comigo em um local chamado “Buraco das Piranhas”, onde há um posto da polícia ambiental, local no qual os carros das pousadas aguardam os turistas para levá-los até a acomodação, quando também fornecem carona para os moradores da vila que fica distante cerca de 8 Km, percorridos através da EPP.

Após a chegada e recepção na pousada procurei conhecer e me familiarizar com o local e as suas respectivas áreas. Caminhei pelo refeitório, onde também há um bar, a área

externa que além da beleza do rio, da vegetação e dos animais silvestres, possui uma piscina, um redário e espreguiçadeiras. Com aspecto rústico e construída sobre palafitas, a pousada trazia a sensação de aconchego. O dormitório escolhido era compartilhado, mas naquele momento estava sendo utilizado apenas por mim. Esse primeiro contato com o lugar e os seus espaços é marcado por uma empolgação, afinal de contas, o momento planejado e aguardado se concretiza e a sensação de vivenciar isso no plano real, *in loco*, traz entusiasmo. Adentra-se a zona liminar que já vinha sendo gradativamente alcançada ao longo do trajeto com saída da sociedade e vida cotidianas.

Naquele momento na pousada havia uma família brasileira, constituída por um casal e três filhos sendo dois deles pequenos com cerca de quatro anos e o outro com cerca de doze. Além deles, havia um grupo de nove estrangeiros que falava um idioma desconhecido por mim. Ao longo dos dias houve uma aproximação à família em razão de compartilharmos alguns passeios. Em breves conversas soube que eram provenientes de Salvador, na Bahia. Houve contatos amistosos também com um grupo familiar brasileiro composto por dois casais provenientes do interior de São Paulo, e que chegaram no segundo dia de minha estadia.

Nos primeiros dias senti certa dificuldade em participar da visita como turista, ao invés de observar como pesquisadora. Durante algumas atividades, como a pesca artesanal na beira do rio ou no passeio de barco, me apercebi prestando atenção nas reações dos turistas às falas e informações dadas pelo guia em relação a algum aspecto da natureza. Reparava também no interesse dos turistas por saber as espécies de peixes do rio, se o guia era morador local, nas suas perguntas e reações ao que viam e ouviam, no que os empolgava ou os frustrava. Esse dilema me acompanhou em diferentes graus do início ao fim do breve trabalho de campo, uma dúvida que também percorreu a pesquisa de Favret-Saada (2005), cuja sensação era de que, se participasse do trabalho de campo como um agente local pareceria uma aventura pessoal e que se tentasse observar e se manter a distância, não acharia nada além de pequenos eventos dispersos para observar. Tal sensação também foi narrada por Bruner (2005) num contexto em que ele trabalhou na Indonésia como guia de turismo, quando, por vezes, sentia que “escorregava entre os papéis de turista e etnógrafo” [tradução minha] (Idem, p. 205).

Essa oscilação também pareceu, no início, dificultar a desvinculação do cotidiano, aspecto característico da liminaridade. Para Graburn (1983) e Silveira (2014), a sensação de liminaridade ocorre de maneira gradativa, desde o momento prévio à viagem ou mesmo durante o seu planejamento, e é comum que nos primeiros dias os turistas estejam fazendo um primeiro contato e conhecendo o lugar, o espaço e as pessoas, sendo os dias seguintes

propícios a imersões mais profundas. A partir de então, estabelecem amizades e rotinas próprias do lugar, que podem manter em menor ou maior medida aspectos da sua vida comum, pois o turista em certa medida também escolhe os aspectos dos quais quer se distanciar, conforme os seus interesses, desejos e expectativas em relação à viagem.

2.1.2. Da ilusão do paraíso terrestre à realidade temerária: o Pantanal seco, em chamas e sob eventos climáticos extremos

No dia seguinte à chegada ao destino e após o almoço na pousada, os turistas brasileiros - que ficavam separados dos estrangeiros durante os passeios em razão da presença do guia bilíngue necessário ao outro grupo,- aguardavam o horário do passeio denominado “safari terrestre”, que consiste em observar a fauna e a flora em um carro aberto da pousada, que circula ao longo da EPP, parando numa trilha para a realização de uma caminhada guiada. Essa atividade atrasou, pois presenciamos antes uma abrupta ventania que se tornou, em seguida, uma tempestade de areia, causando alguns transtornos na pousada, como a falta de energia elétrica e internet, momento em que os turistas se viram compelidos ao ócio.

O passeio foi realizado em meio a forte nuvem de fumaça de queimadas, trazida pelo vento e pela tempestade, dificultando a visão da natureza, dos animais e trazendo desconforto a respiração. Além disso, o Pantanal vivia e vive uma forte estiagem, o que fez com que rios, como o Abobral²³, deixassem de correr e secassem em algumas partes de seu trajeto. A fumaça explicitava para os turistas o problema das queimadas que têm ganhado cada vez maior magnitude no Pantanal. Alguns turistas no carro, se preocuparam com a origem do fogo e com a possibilidade dele nos alcançar – preocupação amenizada pelo guia que sabia que aquele foco não estava tão próximo e que acompanhava grupos de prevenção ativos naquele momento na região. A visão da seca, de animais disputando recursos claramente escassos como a água foi chocante, a imagem midiática do jardim sagrado, de um paraíso ecológico se esfacelava diante dos nossos olhos, trazendo sentimento de impotência.

²³ Ao longo do trabalho de campo escutei dos guias o termo “Rio Abobral” e em conversa com outro guia fui informada que o Abobral não possui nascente, se tratando, na verdade, de um grande corixo, região baixa que recebe a água que transborda de grandes rios durante o período das cheias. Seja como for, para nós turistas naquele momento, perceber que um local como aquele, com porte e tamanho de um rio estava com poças apenas, chocava.

Figura 4 - Fumaça na Estrada-Parque Pantanal



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 5 – Lagos e rio Abobral com níveis de água extremamente baixos



Fonte: Acervo Pessoal

O turista que procura serviços ecoturísticos no Pantanal busca, sobretudo, contato com a natureza (ALMEIDA, 2002). Ele paga um alto valor acreditando que é em meio a esse refúgio natural que recarregará as suas energias, descansará, terá momentos prazerosos e

memoráveis e, para alguns, é nele que buscará encontrar a si próprio. Se são essas as sensações, emoções e sentimentos que se deseja vivenciar durante a viagem e, como tal, no período liminar, presenciar a natureza sendo devorada pela fumaça, e visualizar a sua morte em função das queimadas - um problema que a população urbana tem conhecimento principalmente através das mídias, mas que lhes parece tão distante -, traz à tona uma triste realidade, que acaba por interferir no estado contemplativo e obriga a pensar nas condições em que o ambiente local vem sendo tratado.

O passeio que objetivava nos aproximar da natureza paradisíaca do Pantanal se transformou em um tormento devido aos incômodos causados pelo fogo e pela fumaça. No deslocamento de ida e de volta da atividade foi frequente nas conversas comentários dos turistas com tom de desesperança quanto ao futuro daquele bioma, em razão da ação humana de destruição. Alguns deles, inclusive, expressavam certo contentamento pelo fato de que ao menos estavam conseguindo acessar e visualizar um pouco daquele paraíso antes de seu completo fim.

O episódio não só nos lançou num estado incômodo, que interrompeu um sentimento de fruição e contemplação, como também abriu margens para conversas que refletiram um estado de abatimento. Conforme os modelos e esquemas de turismo como ritual de passagem, tais sensações são comuns apenas com o vislumbre do retorno à sociedade de origem, no final da viagem.

2.1.3. Imersão no rio: liminaridade e fluxo

Comentarei mais à frente outros momentos nos quais a saída do estado contemplativo ocorreu em função da atitude dos próprios funcionários da pousada e da relação criada entre turistas e esses agentes. Por hora, gostaria de me ater a um momento e evento da viagem em que, sem perceber, houve a ultrapassagem de uma barreira que me retirou do estado de entrada gradativa na liminaridade, fazendo-me imergir naquela experiência - o que só pude perceber longe do Pantanal, no retorno e com a leitura das anotações do caderno de campo.

No dia seguinte ao da tempestade de areia, fizemos o passeio denominado “canoagem”, uma das poucas atividades que atrela a contemplação e o contato com a natureza a uma ao intenso esforço corporal de um esporte radical. A proposta era que remássemos por volta de duas horas. Antes de iniciarmos, o guia nos forneceu explicações, indicando a direção que deveríamos seguir e informou também que ele seguiria próximo a nós num barco

motorizado para nos auxiliar e nos rebocar em caso de necessidade. Todos os turistas colocaram coletes salva vidas e se direcionaram às canoas na beira do rio.

Havia um novo casal de turistas brasileiros conosco, recém chegados de Brasília e com um perfil semelhante ao dos turistas de São Paulo, aparentando ter em torno de 55 a 60 anos. O casal foi junto em um barco, os dois casais paulistanos foram em outras duas embarcações e a família em mais duas, o pai com os dois filhos menores em um e a mãe com a filha em outra. Eu fui a única a fazer a atividade individualmente. Aprendi rapidamente com as dicas do guia o manejo dos remos para ações como impulsionar, virar e frear. O vento e o modo de cada turista utilizar os remos conduziram à dispersão: havia turistas encalhados nas barrancas e outros com dificuldades de manter a direção.

Remar é uma atividade bastante cansativa, principalmente para os braços, por isso, alguns turistas exaustos pediram rapidamente o auxílio do reboque. Eu, pelo contrário, não dei o “braço a torcer” e os colegas turistas junto ao guia me deram incentivo para concluir o percurso e me elogiaram ao final por ter conseguido. Essa foi ao meu ver a atividade mais interessante, não apenas por se tratar de um tipo de esporte que me agrada, mas também porque a dispersão incontrolável de cada dupla nas canoas me distanciou dos demais turistas e me fez focar a atenção e energia apenas em remar no sentido indicado e aproveitar aquela atividade de modo particular.

Nesse momento que me levou a uma atitude menos observadora, do ponto de vista do ritual tratava-se de um ápice de vivência liminar (GRABURN, 1989). Na liminaridade é possível que o indivíduo experiencie o fluxo, um estado não reflexivo, característico de alguém que está totalmente engajado em alguma atividade importante, o que faz com que a sua atenção fique focada em um campo limitado. Trata-se de um momento em que a ação e a consciência se fundem. Esse tipo de sentimento é comum em comunhões religiosas, ocupações de lazer, atos sexuais, recreações e jogos (TURNER, 1977 *apud* GRABURN, 1983, p. 14).

Após esse momento, senti que eu havia experienciado o “participar” no sentido da afetação proposto por Favret-Saada (2005), pois a torcida dos outros turistas e a descontração do momento, gerou uma proximidade espontânea com eles, abrindo margem para conversas despreziosas que se seguiram ao longo dos dias e que, até então, não haviam ocorrido e, certamente, não ocorreriam facilmente em situações nas quais eu estivesse mais focada em observar ou em fazer uma “observação-participante”.

Nesse momento, a despeito de diferenças sociais, culturais, econômicas, etária e de gênero, abriu-se um contexto propício à sociabilidade, às trocas afetivas e conversas em condições simétricas, que são características da liminaridade. Os iniciantes nos ritos tendem a criar entre si uma intensa camaradagem. As distinções seculares de classe e posição desaparecem, ou são homogeneizadas (TURNER, 1974, p. 118). Tratava-se também de um momento de aceitação, admissão e inserção da minha pessoa enquanto turista pelos demais turistas e junto a eles. Sentia que a antropóloga que até então sobressaía, cedeu maior espaço à turista, e eu me tornava turista-antropóloga. A partir de então, vivenciei os momentos na pousada e nos passeios junto aos demais de forma participativa, imersa, me envolvendo com eles em conversas e discussões e, ao voltar para o quarto, sobretudo próximo à hora de dormir, quando estava distante dos demais, a antropóloga se impunha e, eu relembra o dia e anotava questões pontuais que chamaram a minha atenção, quando voltava a um estado em que me sentia antropóloga-turista.

2.1.4. Quebras de fruição: relações entre turistas e entre turistas e agentes de turismo

Após a canoagem, segui junto ao grupo de turistas paulistanos para a região da piscina, onde eles compartilharam comigo um acontecimento do dia anterior: aparentemente, enquanto eu estava me arrumando para ir jantar o novo casal de turistas (que participou da canoagem naquela manhã conosco) chegou atrasado, haviam se perdido no caminho, chegaram mais tarde do que esperavam e, apesar de conseguirem jantar antes do fechamento da cozinha, queriam um suco específico, cujos ingredientes estavam em falta na pousada. Além disso, pediram um serviço de quarto após às 22:30, quando as atividades dos funcionários já estão encerradas e, sendo assim, o pedido foi negado. Por causa desses dois eventos, eles reclamaram à gerência, da funcionária que lhes atendeu nas duas ocasiões. Essa funcionária era a que eu escutei reclamando próximo à piscina no dia anterior e que, como fiquei sabendo, havia sido demitida.

As mulheres me contavam irritadas com o casal e se posicionaram ao lado da funcionária alegando que ela trabalhava muito e tratava todo mundo bem, identificando o casal como “folgados”. Quando a funcionária em questão passou pela piscina, elas comentaram também o fato de o casal ser “falso” pois, mesmo com o ocorrido do dia anterior, tentaram naquele dia estabelecer uma conversa agradável com ela como se nada tivesse acontecido. Elas também disseram que os funcionários trabalhavam demais, fazendo várias

coisas e, um pouco inconformadas, comentaram o fato deles morarem e ficarem tanto tempo na pousada²⁴. A cumplicidade entre turistas e uma funcionária contra outros turistas me chamou a atenção. Para mim, já estava clara certa possibilidade de aproximação entre clientes e os trabalhadores naquele contexto devido ao fato de haver poucos funcionários e eles exercerem múltiplas funções, mas aquilo me soava bastante inusitado, apesar de eu partilhar do sentimento das mulheres com relação aos indivíduos envolvidos no problema.

De fato, na noite do dia anterior eu havia escutado uma funcionária em ligação telefônica reclamando sobre a pousada e o trabalho, em estado de visível irritação, mas naquele momento não pude compreender o que ocorreu. Para Urry (1996) o turismo é um dos produtos mais difíceis de ser produzido, pois envolve a relação direta entre o cliente e o produtor. O turista de forma geral demanda uma experiência envolta em várias expectativas tangíveis e intangíveis e boa parte do que consome é fruto de um serviço abstrato, que o autor chamou de ‘trabalho emocional’, expresso na solicitude, presteza, eficácia e simpatia dos funcionários e é um aspecto importante no dia a dia do trabalho no setor, mas que é relativamente mal reconhecido e recompensado.

Em relação aos aspectos do ritual turístico e a liminariedade, a reação das senhoras diante do ocorrido, demonstra que, apesar de ter sido estabelecido anteriormente entre os turistas o reconhecimento de uma condição comum e o estabelecimento de uma sociabilidade simétrica, a partir daquele evento, elas se colocam contra os seus pares, diferenciando-se do casal ao ficarem ao lado e dar razão à funcionária. A simetria e camaradagem que se configurou no momento da canoagem não se tornou condição plena e duradoura. Imersa na trama no momento, não percebi que ali se estabelecia uma espécie de cisão entre nós, o grupo ao lado da funcionária e eles, vistos nesse momento como vilões. Ademais, o problema entre o casal e a funcionária foi mais um fator capaz de deslocar o estado contemplativo dos turistas relativizando o estado liminar ao nos colocar frente a questões relacionadas às condições de trabalho e a relação entre funcionários e clientes.

Nota-se, assim, que a relação estabelecida entre os turistas ou grupos de turistas pode impactar as suas sensações e experiências de forma positiva e negativa. Nesse caso, a

²⁴ Em razão das grandes distâncias entre a zona rural onde ficam muitas pousadas de ecoturismo e as cidades estabelecidas em territórios que compõem o Pantanal, muitos funcionários residem na pousada, onde geralmente possuem um quarto com banheiro ou uma pequena casa, local onde descansam e guardam os seus pertences. No caso dos guias de turismo com os quais conversei, eles acumulavam as folgas para o fim ou início do mês, quando voltavam para as suas respectivas cidades por cerca de cinco dias a uma semana. Em casos em que os guias são de outras regiões do país, é possível que passem meses sem retornar à cidade de origem, acumulando mais dias de folga, visando se ausentar por mais tempo. O fato de residirem no local de trabalho cria dificuldades em estabelecer os horários de trabalho e descanso, já que o funcionário está sempre ‘disponível’.

aproximação de um grupo facilitou uma imersão e compartilhamento de assuntos e impressões, mas a rixa criada entre grupos de turistas em relação àquele problema, ocasionou uma saída do estado contemplativo e desvinculado do corriqueiro ao fazer com que pensássemos em relações de trabalho e injustiças que ali ocorriam e que, apesar das singularidades locais não são muito diferentes das que vivenciamos cotidianamente em centros urbanos. A quebra da fruição gerou frustração, desconforto e irritação.

Outro momento no qual a relação dos turistas com os funcionários incorreu em um afastamento da imersão contemplativa, foi quando em um passeio de barco no rio, após três dias na pousada e em contato com um guia que conduzia o grupo de brasileiros, ele aproveitou a proximidade criada naquele curto período para perguntar a respeito da minha vida em São Paulo, não escondendo o seu interesse de imigrar para o estado em busca de melhores condições de vida, razão pela qual questionou principalmente a respeito de trabalho e custos de vida médio no local onde eu resido.

Ora, o ecoturista busca novos destinos para apreciar novas paisagens e conhecer outros modos de vida, mas ocorre que o turismo é uma atividade que promove a alteridade e o contato com o outro, devendo estar aberto às diferentes possibilidades que podem advir desse encontro. Nesse caso, parecia que o guia tinha tanto interesse em saber informações sobre o modo de vida em um lugar por ele desconhecido e almejado, quanto eu como turista e antropóloga tinha acerca de seu modo de vida naquele local. No entanto, a sua questão redirecionou o foco ao qual eu enquanto turista me propus observar, me reconduzindo ao cotidiano do qual eu buscava me furtar, me fazendo alternar entre uma experiência liminar e outra ordinária, ainda que em um local e espaço incomum.

Outra questão que me parece importante ressaltar é que os diferentes interesses dos turistas também impactam as experiências uns dos outros. Exemplo disso, foi durante a atividade de focagem noturna no rio, que consiste em um passeio de barco no final da tarde, momento em que os animais noturnos começam a sair de seus refúgios diurnos. Nela, busca-se visualizá-los do barco com o auxílio de lanternas e binóculos. Durante esse passeio, o casal brasiliense comparava todos os equipamentos e serviços da pousada a outras pousadas e locais turísticos onde estiveram, desqualificando os serviços ali prestados e mesmo a ideia das atividades ofertadas, como aquela que, para eles, como disseram, “parecia filme de terror”. Os seus comentários a respeito da condição de higiene do barco, da velocidade em que o guia explicava, bem como o fato de desdenharem do foco dado a uma capivara – animal comum em sua cidade – fez com que não apenas eu, mas também o grupo em que eu estava

mais próxima, nos incomodássemos com a sua presença, tornando o momento menos agradável e divertido para aqueles que buscavam experienciar uma atividade que, de um lado era calma, por se tratar de um deslocamento em baixa velocidade de barco, em que podia-se contemplar a natureza ao redor e, ao mesmo tempo radical devido a possibilidade e expectativa de avistar animais silvestres.

2.1.5. Inversão de papéis e liminaridade relativa

Se por um lado a relação com os demais turistas e com os agentes de turismo podem ser fatores negativos à imersão contemplativa no destino turístico, elas também podem, de outro lado contribuir para a ampliar. Exemplo disso foi quando ao repetir no último dia da minha estadia o passeio de barco, só que agora junto a um grupo de três estrangeiros que passaram a dividir o quarto compartilhado comigo, o guia bilíngue que seguiria com outro grupo de estrangeiros se aproveitou da proximidade que criamos ao longo dos quatro dias anteriores em função das breves conversas que tivemos na pousada, para me pedir que o ajudasse traduzindo algumas coisas para os meus colegas de quarto durante o passeio, já que o nosso guia não era bilíngue. Quando demonstrei resistência à ideia, justificando que eu não estava segura quanto ao meu nível de conversação em inglês para traduzir a eles as informações passadas pelo guia, ele me disse que era muito fácil porque os turistas, sobretudo estrangeiros, acreditavam em tudo o que fosse dito, por não conhecer nada sobre o Pantanal.

Tal generalização do guia é causada porque os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas, o que nos permite um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular, baseando-nos apenas em preconceções acabamos por transformar a expectativa em exigência (GOFFMAN, 2021). Neste caso, havia duas idealizações por parte do guia: de mim enquanto turista brasileira que, tendo renda para praticar o turismo no Pantanal, saindo de São Paulo, estaria dentro do perfil de turistas nacionais que são, geralmente, de classe média ou alta (OLIVEIRA, 2017, p. 95), o que lhes dá condições de obter um capital cultural tal que, certamente, os credenciam à fluência para se comunicar com os turistas estrangeiros; e dos turistas estrangeiros que foram tomados, por sua vez, como fáceis de agradar, pois desconhecem completamente o lugar e a cultura local, aceitando facilmente o que lhes fosse informado.

A ideia de que os turistas, sobretudo os estrangeiros, aceitam toda e qualquer informação como verdadeira foi erroneamente generalizada pelo guia. O holandês que se

hospedou no quarto compartilhado em que eu me hospedei, lia um livro sobre a América do Sul e, no capítulo sobre o Brasil se atentava às informações diversas sobre a fauna, a flora e as características socioculturais da população. Em determinado momento me perguntou sobre uma fala de um guia que lhe informou que a onça pintada come jacaré. Incrédulo ele disse: “*jaguar not eat jacaré*”. Apesar de equivocado em sua desconfiança, a dúvida em relação a fala do guia demonstra que o turista estrangeiro não aceita facilmente tudo o que lhe é dito, pois sabe que, aparentemente, por ser estrangeiro qualquer informação pode lhe parecer verdadeira, podendo ser usadas pelos guias para facilmente o surpreender. Ou seja, “turistas têm agência, eus ativos que não apenas aceitam, mas interpretam e frequentemente questionam as mensagens dos produtores” [tradução minha] (BRUNER, 2005, p. 95).

De todo modo, o papel de tradução que prestei aos estrangeiros naquele passeio me inseriu numa situação de inversão: de turista eu passava a ser uma espécie de guia-intérprete. As inversões de papéis são típicas dos momentos liminares “que são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas se furtam ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural” (TURNER, 1974, p.114). Mas, aqui, ao invés da inversão me aproximar da “*communitas*” e me aproximar dos demais partícipes de forma igualitária, contribuiu para que eu me diferenciasse, ao passo em que me aproximou dos guias de turismo. Após o passeio, nas dependências da pousada eu retornava ao status anterior de turista.

Na Pousada 3 visitada por mim durante a segunda etapa do trabalho de campo, ocorreu algo semelhante com duas turistas de Curitiba. Quando o guia bilíngue não estava por perto, elas traduziam para a proprietária o que um casal estrangeiro, proveniente dos Estados Unidos lhe dizia. Em uma dessas conversas, a estrangeira questionou à proprietária o descuido com um potrinho que havia encontrado machucado na propriedade, bem como os maus cuidados com os cascos dos cavalos. Tanto a proprietária, quanto o guia, ambos de fora do Pantanal e há pouco tempo residindo na região, tinham dificuldades com os cuidados dos animais. A turista estrangeira era veterinária e auxiliou nos cuidados do potrinho que eram emergenciais e, na oportunidade, proprietária e guia aproveitaram para aprender e pegar algumas dicas com a turista. Na ocasião, eu também fui solicitada a ficar próximo da mãe do potrinho para que ela não atrapalhasse os procedimentos.

Nesse momento, todos os turistas ali presentes foram requisitados a sair da fruição e contemplação que até então haviam sido o foco das atividades. Isso não quer dizer, no entanto, que experimentamos de igual maneira um rompimento, pois, para nós não se tratava

de ações cotidianas. No meu caso e no das turistas de Curitiba, traduções e auxílio nos cuidados dos animais não eram experiências esperadas, e, executá-las fazia com que invertêssemos nossos papéis e atitudes, passando de turistas passivos e espectadores para turistas ativos e mais interativos. No caso da turista estrangeira, aquela experiência a levava para o seu universo cotidiano laboral e, a sua inversão, ao invés de aproximar de um estado liminar, a afastava, ainda que ela estivesse em um ambiente diferente com materiais distintos do que os habituais para a execução de seu trabalho.

Se para Graburn (1983) a liminaridade e a inversão nem sempre são vivenciadas de maneira integral e o turista pode selecionar, consciente ou inconscientemente os aspectos de sua vida cotidiana que deseja se distanciar ou mesmo inverter durante a experiência turística, podendo, por exemplo, buscar alguns aspectos familiares no local visitado, como algumas facilidades e confortos urbanos, pode ocorrer também - como foi o caso - de o turista ser surpreendido com alguma situação que intensifique o seu estado liminar e inverta os seus papéis no local, ou ainda que o insira numa fronteira entre o liminar e o cotidiano. Ou seja, apesar de poder selecionar algumas dimensões de sua vida que deseja se distanciar e que sofrerão inversão durante a experiência turística, o turista não possui pleno controle do quanto se afastará ou se aproximará de elementos de sua vida rotineira ao longo de sua estadia.

A partir dessas diferentes atividades e experiências turísticas, pode-se pensar a respeito do turismo enquanto um ritual de passagem relativo. Embora tenha características estruturais desse tipo de ritual, conforme Van Gennep (2012), Turner (1974) e Pinto (2020;2011), a depender das condições da natureza, do lugar de hospedagem, dos serviços prestados, dos interesses, motivações e perfil do turista, bem como as relações criadas entre os próprios turistas e destes com os agentes de turismo, pode-se suceder diferentes tipos de sensações e incorrer numa oscilação de estados, mesmo sendo a situação por si só liminar, em razão principalmente do distanciamento do lugar de residência e das ocupações da vida cotidiana.

O fruto desse conjunto de elementos é variável e altamente relacionado à singularidade dos interesses e expectativas dos turistas e das relações estabelecidas no ambiente turístico com os demais turistas, agentes de turismo, além de fatores externos como mudanças climáticas e desastres causados por fatores naturais ou humanos. Os resultados dessa curta experiência etnográfica apontam principalmente para o fato de que nem todos os turistas participam de uma mesma visão de mundo, tal como sinalizou Cohen (1974). Eles não são homogêneos, e suas vivências turísticas não os conduzirão às mesmas sensações e percepções, tornando as suas respectivas passagens pelo ritual turístico, diferentes, ainda que sejam

clientes de um mesmo segmento turístico, cujo nicho parece por vezes constituído de consumidores com um perfil específico.

2.1.6. As oscilações do regresso

Após as tarefas relativas aos cuidados com o potrinho, as turistas de Curitiba aproveitaram as horas restantes antes do retorno na piscina. Aproveitei para perguntar o que acharam da experiência. Elas disseram terem gostado dos passeios e começaram a falar sobre tarefas de trabalho as quais teriam que se dedicar logo após o retorno. O mesmo tipo de diálogo também ocorreu com o casal brasileiro que, ao conversar comigo ou com os demais turistas em momentos que antecederam a despedida, relembrou alguns momentos positivos da experiência e, com pesar, dirigiam o pensamento e a fala para a rotina do trabalho e da vida doméstica. Comentarei com mais detalhes algumas dessas conversas no tópico a seguir, por hora importa evidenciar esse estado de rememoração dos acontecimentos recentes e de desânimo com o retorno.

Para Graburn (1983) e Silveira (2004), o momento que antecede a saída e, portanto, o fim do ritual, implica uma mistura de atitudes e sentimentos que compreendem tanto o distanciamento do contexto do sagrado quanto o voltar-se gradativo para a “vida lá fora”. As últimas atividades que o antecedem são marcadas por um intenso desejo de aproveitá-las ao máximo. O momento de repatriação ou “agregação” ritual, que precede o embarque para o retorno dos turistas, é acompanhado das lembranças e conversas sobre a viagem, seus pontos altos e momentos mais agradáveis. Trata-se do rito de despedida, que antecede a reagregação e a volta à sociedade de origem. Nesse momento, e após reagregados, os turistas retomarão suas fotos, lembranças e *souvenirs* para contar como foi o “estar lá”, revivenciando os momentos e as suas sensações. Em alguns casos, trata-se apenas de adicionar mais um destino à coleção, o que tende a conferir status ao viajante, uma das decorrências do ritual de passagem.

Para Pinto (2021), após viver “a fruição hedonista num espaço tempo extraordinário, dentro de uma visão parcial e estetizada do lugar, que geralmente é direcionada pelos operadores turísticos, têm-se os preparativos para o regresso e a viagem de volta”, quando o turista viverá a etapa da demonstração do “ter estado lá”, com provas materiais como os *souvenirs*, presentes, o bronzeado; ou imateriais, formadas sobretudo pela descrição das experiências e lugares visitados. Para esse autor, as experiências turísticas têm potencial de

transformar a vida dos turistas, mesmo que em poucos aspectos. Isto é, após o retorno da viagem, o turista, ao identificar-se com experiências positivas que vivenciou, poderá buscar agregá-las ao seu cotidiano. Mas, para que isso ocorra, vários fatores precisam se combinar, um dos principais é que o grau de distância entre a sociedade de origem e a do destino turístico não seja tão grande. Um turista, por exemplo, que tenha gostado da sensação de relaxamento vivida nos momentos da pesca pode buscar locais onde pescar em sua cidade, a fim de incorporar a experiência ao seu cotidiano; ou ainda, um turista que tenha gostado da comida pantaneira pode querer incluir algumas de suas variações em seu cardápio doméstico.

Outro exemplo desta questão foi a minha experiência enquanto turista com a canoagem. Eu nunca tinha praticado esse esporte e realmente gostei da sensação que me proporcionou. Como moro muito próximo a uma represa, onde aos finais de semana pessoas a praticam, vislumbrei a possibilidade de inserir esse esporte em minha vida cotidiana, mas isso só foi possível por causa dessa proximidade, caso contrário, seria difícil imaginar a canoagem com alguma viabilidade em minha rotina.

Para Pinto (2021), além da distância entre a sociedade de origem e a do destino turístico, há outros fatores que incidem com maior ou menor efeito sobre o turista regressado, podendo influenciar na alteração da sua conduta ordinária como:

a intensidade da experiência turística; o tempo de permanência; a propensão sociopsicológica do turista à aceitação e fruição de novas experiências e aquisição de novos padrões de conduta; a satisfação pessoal da experiência vivida no espaço-tempo turístico e o desejo de repeti-la (PINTO, 2021,p. 41, 42).

Acrescento a esses fatores que a análise da experiência turística a qual me submeti parece indicar que os momentos que mais aproximam o turista de um estado liminar são justamente os que proporcionam sensações que o surpreendem, que estão fora de seu controle e parecem ser eles os que possuem maior potencial de influência numa possível transformação da vida do turista em seu cotidiano, talvez por serem os que lhe rendem maior novidade e desejo de repetição. Ou seja, para além da expectativa criada pelo turista em relação à viagem, atividades e práticas que o surpreendem podem se tornar a lembrança mais forte em relação a ela, a ponto de influenciar alterações em sua vida ordinária.

2.2. O que busca o turista no Pantanal? a experiência e o conto do turista

A pergunta com a qual inicio esse tópico não é óbvia e foi uma das principais questões da pesquisa. É fato que há muitos tipos de turistas (COHEN, 1974,1979; GRABURN,1983;

SILVEIRA, 2014; BRUNER, 2005) e que cada um utiliza a sua lente referente a sua vida no local de origem para direcionar sua busca por algo novo e exótico, tornando essa resposta bastante relativa. Essa pergunta se desdobrou numa outra que pululava em minha mente antes, durante e depois do trabalho de campo, qual seja: o praticante do denominado ecoturismo no Pantanal está interessado e preocupado com questões relacionadas à identidade pantaneira ou como vivem as populações que habitam o Pantanal, isto é, quais são os seus hábitos, costumes, culturas, etc.?

Para além da necessidade de recreação (GRABURN, 1983) e de vivências extra cotidianas que lhes forneçam experiências distanciadas de sua sociedade de origem e alternâncias que se assemelham processualmente aos rituais de passagem, os turistas frequentemente se baseiam em informações que encontram previamente à viagem em sites, folhetins, documentários, entre outros para imaginar e antecipar expectativas em relação a ela.

[...] os turistas reúnem informações sobre o destino que se baseiam em muitas fontes, incluindo temas da cultura popular ocidental - por exemplo, o primitivo africano, a ilha paradisíaca balinesa, o Egito como terra dos faraós [...], e cada um deles é expandido em uma história. A indústria do turismo organiza o passeio com essas histórias mestras em mente. Eles são a base para os folhetos turísticos e servem como roteiro para a produção turística., embora nenhum passeio possa ser tão bem roteirizado que não haja lacunas ou surpresas [tradução minha, grifos meus] (BRUNER, p. 22).

Como dito anteriormente, os folhetins e anúncios das pousadas promovem uma noção de experiência com o “modo de vida pantaneiro” de forma genérica e bastante vinculado ao contato intenso com a natureza, aproximando a contemplação, a tranquilidade, o descanso e o relaxamento com esse modo de vida local. Isso junto ao que os turistas vêm na mídia e nos sites de busca sobre o Pantanal e que geralmente apelam para a exuberância da natureza, produz uma concepção ou referência ao turista bastante vinculado a ela, deixando a população local, que dificilmente é apresentada em sua diversidade, em segundo plano.

Este apelo à paisagem e à contemplação da natureza não é uma novidade no turismo de maneira geral. Urry (1996) demonstra como o nascimento do turismo de massa no período de industrialização da Inglaterra se utilizou do contraste entre a desordem e visão caótica das cidades à ordem contemplativa presente na natureza. O romantismo contribuiu também para fazer das águas, sobretudo a do mar e a paisagem litorânea, elementos de apreciação hedonista, importantes para a saúde dos trabalhadores. Apesar do desenvolvimento de diversos segmentos turísticos na atualidade, o litoral, os campos e regiões interioranas, como é o caso do Pantanal, continuam se valendo do forte apelo à natureza, e, por isso, o turismo

rural²⁵ tem crescido no Brasil²⁶ e está sendo adotado por pousadas de ecoturismo no Pantanal, para agregarem aos serviços prestados mais uma modalidade turística (ALMEIDA, 2002; ARAÚJO, 2006; THOMÉ, 2008; OLIVEIRA, 2017), sabendo que trata-se de um segmento procurado por moradores dos grandes centros urbanos nacionais e internacionais que são o principal perfil de turistas que buscam esse destino em suas viagens.

De acordo com Bruner (2005)

O turismo não é tão inovador em inventar novas narrativas, mas busca novos locais para contar histórias antigas, possivelmente porque essas histórias são aquelas que o consumidor turístico está disposto a comprar. A desvantagem de tais histórias escritas, é claro, é que muito conteúdo cultural é deixado de fora ou mascarado; é o que eu chamo de "turística não contada", e faz parte da política de seleção [tradução minha] (BRUNER, 2005, p. 24).

Sendo a natureza o elemento central da experiência turística no Pantanal, ao longo das duas etapas foram poucas as menções dos guias e dos turistas a questões culturais locais, pois todas atividades eram tomadas como comuns naquele contexto, sendo interpretados como parte da vida local. O único momento no qual um turista questionou um guia sobre as populações que habitam o Pantanal foi quando, na primeira etapa do trabalho de campo, em um passeio de barco na Pousada 1, o pai da família baiana perguntou ao guia sobre quais eram os grupos indígenas que viviam na região e o guia, que era da cidade de Miranda, não soube responder, indicando que ele encontraria indígenas nas cidades próximas, como em Taunay. Em outros momentos, as perguntas dos turistas acerca do modo de vida na região se limitavam à figura do guia como referência, quando perguntavam se ele era nascido ou se era morador da região e desdobravam daí outras perguntas, tais como: como é trabalhar no Pantanal? - já que em razão das distâncias os turistas sabiam que o guia, assim como outros funcionários, tinham que morar na pousada, indo para as suas respectivas cidades poucas vezes ao ano.

As atividades realizadas nas pousadas apesar de terem relação com práticas comuns aos habitantes do Pantanal, geralmente não fazem menção direta a referências culturais locais. Para além da atividade denominada “passeio de comitiva”, da “cavalgada” e da “pesca artesanal de piranha” as pousadas que visitei não oferecem atividades que possuam

²⁵ Ao conceituar o turismo rural, Almeida (2002) elenca duas condições para que ele ocorra: 1) a hospedagem é feita nas instalações já existentes (geralmente fazendas antigas, que mantêm os aspectos rústicos); 2) no turismo rural o turista tem como objetivo a contemplação, o entretenimento e o lazer (ALMEIDA, 2017, p. 69).

²⁶ MINISTÉRIO DO TURISMO. *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural*. s/d. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/diretrizes-para-o-desevolvimento-do-turismo-rural.pdf>

envolvimento com outras práticas culturais da região. Com exceção do primeiro passeio, os demais são praticados como atividades meramente recreativas para ocupar o tempo do turista e promover atividades que o aproximem da natureza.

De acordo com Bruner (2005), os turistas buscam comparar e confirmar as informações de que dispõem sobre o lugar visitado com a experiência da viagem, o que ele chama *conto turístico* ou *conto do turista*, isto é, no destino turístico escolhido, procuram reconhecer os aspectos presentes nos folhetins, sites e outras fontes de informação que tenham acessado sobre o lugar e que serviram de base para sua imaginação, alimentando em grande parte as suas expectativas. Para este autor, assim se forma o conto do turista, pois a expectativa criada através dessas informações se relaciona com o que o turista procurará ao longo da estadia, com a história que os turistas contarão após a viagem e que, em grande medida, direciona o seu olhar durante a experiência²⁷. Como nos folhetos, sites e revistas a promessa está principalmente relacionada a uma espécie de encontro mágico com uma natureza promotora de contemplação, relaxamento e descanso, mas também aventuras e emoções proporcionadas principalmente pelo encontro com animais silvestres, tais como a onça pintada, são esses os principais focos e desejos dos turistas e a tendência é que saiam frustrados caso não consigam vivenciá-los.

Tais desejos e expectativas eram visíveis no comportamento de alguns turistas. Na primeira etapa do trabalho de campo, a família baiana, os dois casais paulistas e principalmente o casal brasileiro desfrutavam de momentos tranquilos na pousada, mas após algum tempo livre no local, frequentemente, pareciam ansiosos para uma nova atividade que promovesse mais agito e aventura e que lhes colocasse diante da possibilidade de avistar animais silvestres.

Apesar da frustração de terem avistado poucos animais, dos problemas causados pelas queimadas, e pelas tempestades, ao final da estadia e nos momentos que antecederam os seus respectivos retornos, todos comentaram sobre a experiência de maneira muito positiva. Durante a despedida, o casal brasileiro solicitou ao guia o seu número de telefone para que ele compartilhasse as fotos e vídeos de onças pintadas que já tinha encontrado ou que encontrasse, justificando que precisavam de imagens, para contar sobre a viagem ao Pantanal. Sem as fotos e o relato do encontro com a onça pintada, a viagem soaria como uma mentira ou um fracasso.

²⁷ O que Bruner (2005) chama de conto turístico ou conto do turista se assemelha ao que Pinto (2021) chama de visão parcial e estetizada do lugar, que geralmente é direcionada pelos operadores turísticos.

Ao longo de toda a viagem, o casal reclamou, se mostrou insatisfeito, motivou a demissão de funcionários e uma rixa entre os turistas, mas na despedida parecia ter amado a experiência e buscavam vídeos para incrementar a história do seu conto turístico, para narrá-lo aos seus pares no seu local de residência, tal como gostaria que tivesse ocorrido. Esse casal estava insatisfeito justamente por não ver se realizar muitas de suas expectativas em relação ao que imaginaram e projetaram sobre o Pantanal. Mas, mesmo frustrados, contariam a respeito dessa experiência de forma positiva, e, a onça como símbolo e elemento selvagem, um dos principais produtos turísticos no Pantanal, não poderia faltar. Para Krippendorf (2000) A expectativa com relação à viagem é tamanha que parece ser difícil admitir os desgostos, problemas e frustrações. Assim, eles buscam provas, de uma experiência exótica para validarem, serem reconhecidos e alimentarem o seu conto turístico no pós viagem, o que lhes rende status.

Do mesmo modo que os guias travam uma disputa velada para encontrarem a onça (RIBEIRO, 2014), sabendo pela experiência que esse é um dos principais desejos dos turistas no Pantanal e até se valem de recursos artificiais²⁸ para os aproximar ao máximo deste ‘encontro’, os turistas frustrados em suas expectativas, buscam até mesmo imagens que não condizem com o que vivenciaram para mostrar no retorno e validar perante os outros a sua experiência.

O mesmo tipo de frustração também ocorreu com as turistas de Curitiba na pousada 2. A parte contemplativa da experiência fora ofuscada pelas queimadas, elas não conseguiram avistar muitos animais desconhecidos e uma a atividade denominada “Passeio de comitiva”, que é uma reprodução em menor escala de uma comitiva boiadeira, e que muito ansiavam, foi realizada de forma incompleta por causa da tempestade da noite anterior que havia destruído o rancho, local onde grande parte das atividades do passeio seriam realizadas.

Esse passeio, entre todos os oferecidos era o que fazia maior apelo às práticas culturais locais, haja vista o contato direto entre os turistas e os vaqueiros que, no rancho faziam o jantar de forma comumente realizada numa comitiva, cantavam modas de viola e contavam os causos²⁹. Além disso, o fato de dormir no rancho que fica no campo e em redes, longe dos confortos do quarto da pousada, também suscitavam maior exotismo para os turistas. É, em

²⁸ É comum os guias de turismo encontrarem rastros desses animais e mostrá-los aos turistas para fazê-los se sentirem na iminência de encontrá-los. Às vezes inventarem terem visto recentemente no mesmo dia uma onça rondando determinado barranco do rio, com o intuito de aguçar a imaginação e fazer com que os turistas sintam que ao menos estiveram perto da onça.

²⁹ Histórias narradas oralmente pelos pantaneiros, isto é, os vaqueiros e trabalhadores do universo pastoril em rodas de conversa, mais frequentes antes da chegada da eletricidade e do uso de outros meios de comunicação, tais como a televisão, os celulares e a internet.

suma, um dos passeios mais singulares oferecidos no Pantanal. Em conversa com as turistas de Curitiba elas demonstraram terem ficado frustradas com a atividade, não apenas pelo fato da destruição do rancho, mas também porque sentiram que os vaqueiros não lhes explicaram muito ao longo do trajeto sobre a comitiva.

Além de comentarem a insatisfação em relação à atividade, reconheceram saber que se trata de uma reprodução para turistas verem e se mostraram interessadas em retornar ao Pantanal em período de cheia para a experienciar por completo, com o cenário repleto de água. Criticaram ainda outros turistas que encontraram noutra pousada, quando foram atrás de um passeio de barco. Para elas, o perfil de turistas encontrados no local era semelhante aos que haviam encontrado na cidade de Bonito, antes de irem ao Pantanal. Tal perfil era composto por pessoas que buscavam fazer o máximo de atividades disponíveis no menor espaço de tempo possível, o que elas criticavam por entenderem que a lógica de cobranças do cotidiano do trabalho acabava se inserindo nas férias, que deveriam ser um momento de maior tranquilidade e cujas atividades e passeios deveriam ser realizados visando a qualidade e não a quantidade.

Os discursos destas turistas as aproximam do pós-turista do qual fala Urry (1996), pessoas que sabem que estão vivendo um jogo de construção de histórias, narrativas e experiências e não se importam com isso, pois não buscam experiências autênticas no sentido de um encontro com algo perene, puro e imutável; e que valorizam mais a qualidade do que a quantidade de lugares, passeios e atividades ao longo das férias. Mas, apesar de se mostrarem mais reflexivas e conscientes a respeito de suas práticas turísticas, tal como os demais turistas, no momento do retorno, solicitaram fotos e vídeos de animais silvestres, principalmente da onça ao guia, alegando a necessidade de mostrá-la aos amigos e familiares, como se, de fato, tivessem os avistado.

Ao longo das duas etapas do trabalho de campo, apesar dos poucos turistas que contatei se comparado a um período de normalidade e sem pandemia, é possível dizer que o principal conto turístico ali presente e que norteia a busca dos turistas possui como referente principal a natureza singular do bioma. Mas os turistas não desejam apenas contemplá-la. Além da aproximação com esta paisagem, anseiam também por atividades radicais que lhes tragam aventura, perigos e desafios, representadas principalmente pela possibilidade do encontro com animais silvestres, sobretudo, a onça³⁰.

³⁰ Há atualmente na Antropologia do turismo, sobretudo na literatura sobre o turismo religioso e peregrinações, uma desconstrução da noção de ápice ou auge da experiência ao chegar ao destino almejado, que frequentemente é um objeto de culto e adoração. Nelas, há a ideia de que o peregrino – turista ou turista-peregrino significa e

As duas passagens pelo Pantanal as quais me submeti, recortadas e comentadas neste capítulo, apontam que os turistas que procuram o Pantanal como destino turístico privilegiam a relação com a natureza, pois é esse o principal conto que acessam previamente à viagem e que visam confirmar no local. Mesmo assim, há momentos que podem ser propícios a um interesse em relação a aspectos culturais como quando o pai da família baiana questionou sobre a existência de indígenas, quando os turistas perguntavam ao guia se ele havia nascido na região e como era trabalhar lá, bem como quando as turistas de Curitiba teciam comentários sobre uma experiência que sabiam ser feitas para os turistas verem.

Todos os turistas que convivi embora frustrados em alguns aspectos, pareciam ao final da estadia bastantes satisfeitos com a viagem ao comentar as atividades que gostaram, as fotos que tiraram, ao trocar contatos com os colegas turistas e se ressentirem de terem que retornar à vida cotidiana. Nos momentos pré despedida, eles juntavam imagens físicas e mentais da experiência para narrar o seu conto turístico.

Saber a respeito dos interesses, intenções, desejos e mesmo as frustrações dos turistas permite confirmar o que outros autores como Oliveira (2017) já denunciaram: o ecoturismo no Pantanal não é realizado em sua integridade e em consonância com o conceito do segmento, em razão de deixar em segundo plano, as práticas culturais locais, bem como por inserir de forma marginalizada e apenas como mão de obra barata os moradores da região.

Para além disso, o fato de os turistas não questionarem e não demonstrarem interesse em saber a respeito das populações locais e sobre os seus hábitos, costumes e práticas está relacionado ao fato de que o Pantanal que lhes é apresentado, é principalmente o do marketing turístico, que faz uma referência genérica a um “modo de vida pantaneiro”, dando centralidade à noção de que esse modo de vida é definido e condicionado em essência pela natureza local. Sendo assim, pode-se inferir a existência de uma ideia de Pantanal que circula fora dele e que é extremamente vinculada à natureza.

Embora as práticas culturais e questões concernentes à identidade não sejam a tônica dos empreendimentos turísticos e dos turistas que os visitam, entre os próprios guias e

interpreta a caminhada de modos bastantes subjetivos e que, passa a importar mais o processo do caminhar, do que a chegada ou a contemplação do objeto. Cf. STEIL (2009). No Pantanal, o deslocamento, a chegada ao espaço e o contato com a diversidade da flora e da fauna sem dúvida importam para o contentamento em relação à experiência, mas há uma expectativa muito grande em relação à onça. Ela é um objeto muito claro de desejo entre os turistas. Nos passeios de barco ou nos safaris terrestres, ela é o principal objeto de ‘caça’, justamente por ser a principal imagem do marketing turístico e o principal conto turístico acessado pelos turistas, daí a frustração em não conseguir encontrá-la e a necessidade de buscar imagens com os guias para forjar o encontro ao falar sobre a viagem no retorno ao local de origem.

empreendedores do ramo pude notar a existência de embates, aos quais nos ateremos nos próximos capítulos.

3. TURISMO E IDENTIDADE NO PANTANAL

3.1. “Pantaneiro”: historicizando a categoria, contextualizando os seus usos

A preocupação de Vargas (2007) em relação ao atual uso generalizado da categoria pantaneiro se dá, conforme informa, porque tanto pessoas que vivem no Pantanal quanto de fora o fazem visando se comportar como um pantaneiro típico, incorrendo na perda ou transformação desta identidade. Mas o que vem a ser um pantaneiro típico? Para esta autora

[...] não há uma resposta para o que é ser pantaneiro, pois trata-se de uma identidade difusa, que vem sendo sistematicamente apropriada e transformada pelos mais diversos atores e segmentos sociais, assim como outros fatores exógenos (VARGAS, 2007 ,p.197).

Esse uso intensivo da categoria, que faz referência à territorialidade como ingrediente identitário e, principalmente dos significados acoplados a esse território e que foram produzidos e veiculados pela mídia nas últimas décadas através da produção de peças culturais como reportagens e novelas junto ao *marketing* turístico, contribuíram para criar uma identidade para o Pantanal e que circula fora dele, como um santuário ecológico, paraíso sagrado, onde haveria um convívio harmonioso do homem com a natureza (LEITE, 2008).

Mas a identidade é produzida através da diferença e da exclusão (HALL, 2014, 2020; SILVA, 2014; AGIER, 2001) - cuja interdependência a criam, se relacionam, a mantêm e a subvertem - e tem como lugar a disputa e o embate (BAUMAN, 200; AGIER, 2001; HALL, 2014, 2020; SILVA, 2014). Sendo assim, uma identidade difusa que pode ser utilizada por todos de forma descontextualizada, não aparenta servir ao seu propósito de demarcar diferenças e fronteiras. Além disso, o termo “difusa” denota um estado de indefinição, nebulosidade, algo sem contorno – o que, novamente, não condiz com elementos alçados como identitários que pretendem sempre definir e fechar o significado, embora esta tarefa seja sempre frustrada (HALL, 2014; SILVA, 2014), dando à identidade o seu caráter múltiplo, mutável e instável. Vistas dessa forma, a categoria “pantanabilidade”, utilizadas por Vargas (2007) e Ribeiro (2014), parece não condizer com a definição de identidade, principalmente no que se refere à questão da disputa. Do modo que estas autoras a utilizam, os usos múltiplos dessa categoria, parecem ocorrer sem a existência de conflitos.

Assim, se por um lado as autoras chamam a atenção para uma necessidade intensa dos indivíduos que vivem no Pantanal, sejam nativos ou não, de se reconhecerem como pantaneiros, evidenciando, portanto, esta condição, por outro, não há definições ou caracterizações para o termo “pantanabilidade”. Faltam informações suficientes sobre os

diferentes sentidos, abrangência, relações com a realidade, os contextos dos indivíduos que assim se reconhecem, bem como quais são esses costumes, hábitos, valores, comportamentos e os elementos culturais comumente vinculadas à enunciação da categoria “pantaneiro”, de modo que, sem explicitá-los, o termo soa vazio.

Dito de outra forma, como as identidades são produzidas de maneira dinâmica e sofrem constantes atualizações frente a novas situações, interesses e disputas, no sentido mesmo das tradições inventadas (HOBSBAWM & RANGER, 2017) cabe rastrear os contextos cujos embates motivaram novas significações, de maneira a lançar luz sobre o momento presente em que ocorre uma profusão de usos. Entende-se por uso, o ato produtivo, discursivo, declarativo, performativo e representativo que um sujeito faz de uma identidade ou elemento identitário. De acordo com Hall (2014)

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas [...] elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica [...] de uma “identidade” em seu significado tradicional [...]. (HALL, 2014, p.109).

Há, de acordo com Banducci Júnior (2012), distintos grupos sociais com origens étnicas e tradições históricas diferentes no Pantanal. Entre eles estão quatro etnias indígenas (Terena, Kinikinau, Kadiwéu e Guató), além de pescadores profissionais, ribeirinhos, agricultores, populações urbanas, entre outras, que se distinguem principalmente através de termos que remetem às suas atividades econômicas, procedência étnica e outras referências que não necessariamente a espacial. Diferentemente, o uso do termo “pantaneiro” era comumente empregado em referência aos proprietários de terra e aos trabalhadores do gado que habitavam as fazendas do Pantanal, sendo eles peões que trabalham diretamente com os rebanhos ou os demais trabalhadores das fazendas que gravitam ao redor da atividade pastoril (BANDUCCI JÚNIOR, 2012, p. 9). Tal diversidade torna, segundo o autor, necessário cautela quando se vai falar sobre uma “cultura pantaneira”, pois esses grupos produzem diferentes formas de viver, interpretar e representar o mundo e os seus modos de vida.

A expressão “pantaneiro”, por exemplo, foi construída na segunda metade do século XIX, quando ocorreu o processo de ocupação não indígena do Pantanal que, alicerçado na atividade pastoril desenvolveu uma cultura singular de tradição de lida com o gado, influenciada pelas especificidades da natureza pantaneira e pela população que o habitava e que se dedicava à criação bovina, quais sejam: homens livres e pobres, o negro, o paraguaio, o boliviano e em menor medidas populações indígenas, cujos costumes e hábitos culturais

contribuíram para formar o vaqueiro pantaneiro (ARAÚJO, 2009, p. 82) que angariou outras contribuições provenientes de imigrações posteriores, sobretudo do sul do Brasil. Fazendo referência à memória da ocupação e tendo como *lócus* a fazenda e o universo da pecuária, o termo “pantaneiro” era assim majoritariamente empregado pelos vaqueiros e seus pares e reconhecido pelos demais habitantes do Pantanal (Idem, p. 9).

Dessa forma, a expressão “pantaneiro” denominava de maneira mais estrita

[...] quem leva uma existência rural em contraste com a urbana; quem trabalha com o gado em oposição à lavoura e quem possui o conhecimento e domínio sobre a natureza regional em seus mais diversos ciclos. Mas, são pantaneiros sobretudo aqueles indivíduos que compartilham de um passado comum, que pautam suas vidas em códigos rígidos de honra, retidão e bravura, constantemente reforçados no contexto das relações de trabalho e do convívio social diário. (BANDUCCI JUNIOR, 2009, 128 *apud* BANDUCCI JUNIOR, 2007).

Trata-se de uma identidade criada em um processo histórico de ocupação e povoamento protagonizado por fazendeiros e trabalhadores do universo produtivo pastoril que se afirmavam em contraste com outras atividades produtivas praticadas por outros grupos fora do contexto das fazendas, e que a reconheciam atrelada a essa memória histórica e a esse *lócus*.

De acordo com Banducci Júnior (2009), a partir da década de 1970 as discussões ambientais em voga foram articuladas a um debate mais amplo sobre a identidade de Mato Grosso do Sul, embalado pelo processo de divisão do estado que ocasionou uma corrida para a definição de símbolos, monumentos, figuras e marcos que remetessem a uma identidade sul-mato-grossense³¹. Nesse processo, o Pantanal junto à fronteira foi um dos elementos valorizados e reelaborados.

Ainda de acordo com o autor, um problema conjuntural relacionado à crise pela qual passava o Pantanal contribuiu para que um grupo de fazendeiros se apropriasse e reivindicasse para si a alcunha de “pantaneiros” e continuadores da ação dos pioneiros, bem como os protetores do bioma. Tratou-se de um momento de crise em que a caça aos jacarés deixou de ser algo positivo para a limpeza das lagoas onde a presença desses animais dificultava a passagem do gado, para um momento negativo, quando o aumento dessa atividade passou a oferecer riscos às propriedades, pois galpões estavam sendo saqueados para roubo de sal, necessários à conservação da pele do animal, e a entrada dos caçadores nas propriedades começou a resultar também no abate e roubo do gado.

Aliado às preocupações ambientalistas surgiram entidades representativas dos interesses dos fazendeiros como a Sociedade de Defesa do Pantanal (SODEPAN) que

³¹ A divisão do estado de Mato Grosso ocorreu em 11 de outubro de 1977.

produziu um discurso de que o gado preservou o Pantanal. Com isso, difundiu, a máxima de que os fazendeiros, por sua presença secular na região, seriam os protagonistas da conservação da planície pantaneira como um santuário ecológico, mudando a imagem do fazendeiro de “concentrador de terras para o defensor do ambiente pantaneiro” (BANDUCCI JÚNIOR, 2012, p. 13). Para o autor,

[...] a cultura pantaneira, entendida como o repositório da tradição pastoril, desponta, nesse contexto, como a síntese da expressão cultural de todo o universo social da planície e o fazendeiro aparece como o porta voz dos costumes e o responsável pela manutenção da cultura e do equilíbrio ambiental. O universo humano pantaneiro, entretanto, é constituído por diversas outras categorias sociais [...] cuja presença secular na região foi tão determinante para a sua conservação quanto a do proprietário. (BANDUCCI JUNIOR, 2009, p. 128-129).

Esse esforço de construção e consolidação de uma memória identitária para o Pantanal por parte das elites e dos fazendeiros utilizou-se e se utiliza de elementos memorativos com a função de revigorar constantemente a ação dos “pioneiros”, isto é, os primeiros fazendeiros responsáveis pelo povoamento na região, e de legitimá-la através do lastro com o passado (AGIER, 2011; HOBSBAWN & RANGER, 2017), excluindo dessa construção os demais grupos sociais que historicamente habitam o Pantanal, entre eles os próprios trabalhadores do universo pastoril que contribuíram para a criação de uma tradição reconhecida como “pantaneira” e que, “alijados dos debates públicos buscam reconhecimento identitário” (BANDUCCI JÚNIOR, 2012, p. 17), procuram reforçar a sua identidade através do apego aos valores e costumes pastoris.

A reformulação dessa categoria identitária se utilizou e contribuiu para criar e reiterar uma definição e ideia identitária para a região e para o território em que as características do bioma se fazem presentes, de modo a valorizar no contexto das discussões ambientalistas, o bioma e o território pantaneiro ao criar o “mito do paraíso terrestre, do santuário vivo” (NOGUEIRA, 2009, p. 8). Para Albuquerque Júnior (2008), as regiões não são dados fixos, são constituídas como práticas linguísticas, discursivas, que as constituem e as sustentam, elas são fruto de investimentos diversos, resultantes da necessidade de ordenar o mundo, assim como o de estabelecer fronteiras, e de categorizá-lo. Processo realizado como disputa de poder.

Para Leite (2008), a mídia e o marketing turístico contribuem para essa exclusão das demais categorias sociais na medida em que criam e reproduzem a narrativa imagética de uma natureza intocada e de paraíso ecológico, um mito no qual a natureza é separada do homem, produzindo uma representação do local “que parece tentar retirar a região e seus habitantes da

história” ou produzir uma relação homem-natureza protagonizada pelos pioneiros, que seria historicamente harmoniosa, quando na verdade, o processo de ocupação da região se deu através de um embate entre o homem e a natureza e entre homes e homens, haja vista o genocídio indígena (ESSELIN, 2011, p. 192; LEITE, 2008 p. 148).

Nota-se, portanto que,

[...] o referencial ecológico foi decisivo na releitura do Pantanal na história regional [...]. A economia pantaneira que sempre esteve associada ao universo pastoril e que guarda consigo a memória da ocupação territorial e da tradição da lida com o gado, com o advento da consciência ambiental, passa a ser objeto de nova representação [...] que traz à tona novos personagens e situações ao debate identitário do estado (BANDUCCI JÚNIOR, 2012, p. 13).

Sendo assim, compreende-se que, como toda definição identitária no Pantanal as identidades sociais foram estabelecidas de maneira contrastiva, tendo como referência principalmente às atividades econômicas dos diferentes grupos, havendo maior reconhecimento de uns e de outros nas respectivas identidades assim definidas. Nesse contexto, essas identidades não vivenciaram substanciais crises e embates a ponto de se notar, como atualmente se nota, conflitos e embates intensos em torno de suas definições. Com a divisão do estado de Mato Grosso do Sul e a valorização da natureza representada pelas discussões ambientais vinculadas à noção de desenvolvimento sustentável no final do século XX, inaugurou-se um momento de embate em torno da categoria “pantaneiro” por parte dos fazendeiros, culminando na exclusão dos peões e vaqueiros que tentam se afirmar como pertencentes à categoria através do reforço de hábitos e costumes relacionados ao trabalho com o gado nas fazendas e ao convívio com a rudeza do meio.

Junto a isso, o desenvolvimento da marca “Pantanal” como afirma Vargas (2007) intimamente relacionada à ‘natureza intocada’ e ao uso de técnicas tradicionais em harmonia com o meio ambiente local, trouxe valorização dos produtos como o próprio gado criado na região, ainda que essa imagem sirva para sustentar uma noção equivocada de harmonia entre homem e natureza ou mesmo entre homens que habitam a região, como fazendeiros e funcionários. Como demonstra Ribeiro (2015), os novos fazendeiros que adquiriram terras no período de crise da agropecuária a partir da década de 1970 instauraram novas formas de organização produtiva e relações de trabalho bastante diferentes das tradicionais. Exemplo disso é a prática da plantação de gramíneas exóticas que requer maior desmatamento, aumentando as queimadas no bioma³².

³² Neste quesito cabe mais pesquisas empíricas no sentido de identificar se essas práticas tiveram início com as “novas gentes” e se são atualmente praticadas só por não nativos ou se tais práticas estão sendo realizadas de maneira mais generalizada.

Entre as novas atividades desenvolvidas no Pantanal e que se utilizam desta marca ou selo de qualidade, que comportam a ideia de respeito à natureza e às tradições locais, está o turismo, que é representativo do longo e contínuo processo de globalização que se vale da produção de imagens que valorizam o lugar. Para Banducci Júnior (1996), a sua inserção, seja na modalidade de pesca ou a ecológica, contribuiu para redimensionar a natureza pantaneira como referencial identitário da população local, tirando do centro o gado, haja vista que ela passou a ser o principal produto do Pantanal e que a atividade turística inseriu novas funções como a de guias de turismo, piloteiros, entre outras, que passaram a servir como espaços ou arenas identitárias às populações locais.

3.2. Ser pantaneiro no âmbito do turismo

O turismo e as demais atividades desenvolvidas no Pantanal desde o final do século XX certamente resultaram em muitas alterações do ambiente, na economia e nas relações humanas. Questões relacionadas às mudanças físicas, sociais e culturais nos lugares que se tornam destinos turísticos foram e são questões primordiais para a Antropologia do Turismo. Autores como Nash (1989 apud BURNS, 2002) acusaram o turismo de ser uma nova forma de colonialismo e imperialismo, no qual, os países de terceiro mundo se colocam à disposição para receberem, hospedarem e serem o lugar de lazer com uma natureza intocável para a contemplação da população dos países de Primeiro Mundo, durante as suas férias. Tal relação de exploração também seria evidenciada pela língua, já que os operadores do turismo, nativos dos países de destino, passam a falar outras línguas para atender os clientes (NUÑES, 1989, p. 266 apud BURNS, 2002, p. 129).

De acordo com Cohen (1988) para além das mudanças, o turismo também pode propiciar a preservação cultural. Em seu texto “Authenticity and commoditization in tourism” ele apresenta uma discussão a partir do trabalho de Greenwood, o primeiro pesquisador a estudar a mercantilização das culturas através do turismo. Segundo Cohen, inicialmente, utilizando o termo “autenticidade emergente” o autor aponta uma manifestação do fenômeno de “invenção da tradição”, demonstrando que, algo criado exclusivamente para o turismo, com o tempo pode de fato se tornar reconhecido como uma manifestação “autêntica” de cultura local. Em seguida, o mesmo autor indica que, sendo o turista um público diferente do público interno ou local, para os nativos, eles fornecem oportunidades de criar novas mensagens podendo mobilizar e incrementar, sobretudo em culturas em crise, performances,

encenações de práticas culturais antes restritas à intimidade do grupo, que haviam se perdido, assim como o entusiasmo do público local em produzi-las.

Cohen evidencia que nos casos em que o mercantilismo alcança culturas em crise, devido a impactos de forças externas que precedem o turismo, frequentemente o mercado turístico estimula práticas que acabam por preservar e reafirmar tradições culturais locais, permitindo que seus portadores mantenham uma identidade local ou étnica significativa. Isso não quer dizer, no entanto, que elas permanecem intactas, pois o autor reconhece e enfatiza o aspecto mutável da cultura.

Por fim, ele chama atenção para o fato de que para a população local mesmo grandes processos de transformação cultural podem ser percebidos como tendo um grau de continuidade surpreendente, pois as pessoas frequentemente interpretam novas situações em termos tradicionais e, assim, vivenciam uma continuidade de significado cultural que pode escapar ao observador, sendo visíveis aos olhos um analista externo (COHEN, 1988, p. 382-383).

Mas é preciso ter em mente que nem todas as mudanças advém exclusivamente do turismo (CRICK, 1989; BANDUCCI JR, 2001a; 2001b), seja qual for a sua segmentação. Como visto, no Pantanal esta atividade se inicia na/chega na/ se estabelece na a região em um período de crise e de fortes mudanças, de modo que se torna difícil mensurar quais atividades têm contribuído mais decisivamente nas transformações ocorridas. Nesse contexto de crise, o turismo provocou um movimento inverso ao ocorrido no início da década de 1970, quando se deu a saída dos trabalhadores do campo em busca de empregos nas cidades. Ou seja, por meio do trabalho neste setor, muitos indivíduos que não encontraram nas cidades formas de se manter, puderam retornar às regiões rurais, onde, em decorrência do turismo – de pesca nesse caso – se ergueram três vilarejos (BANDUCCI JÚNIOR, 2001, p. 83-84) como a vila Passo da Lontra, onde essa pesquisa foi realizada.

Mais do que isso, é importante não desconsiderar que, sendo dinâmicas, a cultura e a identidade não necessitam de influências externas para estabelecer novas configurações e alterações, de forma que estas podem lhe impulsionar, acelerar e acrescentar alternativas nesse sentido, adicionando novas possibilidades.

Ao discorrer sobre turismo, autenticidade e identidade na contemporaneidade, Santos (2009) argumenta que no contexto de mundialização e de intensificação de fluxos internacionais e transnacionais, o turismo se torna um fenômeno que nos obriga a lançar sobre a cultura novos olhares etnográficos. Ele questiona a ideia de imposição e homogeneização

cultural, indicando que a mundialização só se enraíza em espaços praticados, onde cotidianamente os sujeitos sociais produzem cultura. Sendo assim, o global só ganha expressão local junto às práticas dos habitantes locais, agentes produtores de sentido, que incorporam à sua cultura novos elementos, hibridizando-os e criando algo novo.

Acompanhando as discussões em torno do termo híbrido / hibridismo a partir de Burke (2019), Hannez (1997) e Bhabha (2013) entendo que hibridização é um processo de mescla intersubjetiva na situação de contato que cria algo novo. Nesse processo, novas referências interagem com referências precedentes de ambos os lados, permanecendo assim singularidades ainda que alteradas e ressignificadas pela experiência, e mesmo havendo compartilhamento de referências comuns.

Assim como Ortiz (1994), Silva (2009) também compreende que a história da modernidade mundo é uma sucessão de desterritorializações e modificação ou multiplicação dos referentes mediante os quais se construíram e se constroem as identidades. Sendo assim, “com a intensificação da mundialização não são as identidades e as culturas que desaparecem, mas antes, os seus referentes que se transformam e multiplicam, perdem centralidade” (ORTIZ, 1994 p. 138). Dito de outra forma, se antes as sociedades em relativo isolamento tinham em si próprias e no seu local de existência os principais referentes para a produção cultural e identitária, agora se deparam com uma ampliação de referentes e possibilidades e, nesse sentido, o turismo é uma atividade privilegiada para identificar e analisar esse fenômeno.

Roberto Cardoso de Oliveira (1978), compreende a identidade enquanto ideologia e a enxerga, tal como Frederick Barth, como um fenômeno caracterizado pela autonomia em relação à cultura, o que não significa - como o autor explica-, atribuir à cultura um status de um epifenômeno. Para ele, as dimensões da identidade e da cultura se implicam mutuamente, mas não estabelecem entre si necessariamente uma relação de causalidade, isto é, a mudança de uma não gera consequentemente alterações na outra. É possível mudar hábitos culturais e continuar a se identificar e a se sentir pertencente a um grupo que não possui os novos hábitos.

A cultura influencia a identidade particularmente no seu caráter simbólico, isto é, alguns símbolos culturais podem ser alçados como centrais a uma identidade. Porém, para ele, a cultura não se esgota em seu papel de elemento meramente diacrítico, enquanto marcadora de identidades. Em outros termos, a cultura deve necessariamente ser considerada, “[...] especialmente quando nela estiverem expressos os valores tanto quanto os horizontes nativos

de percepção dos agentes sociais inseridos na situação de contato interétnico e intercultural” (*Idem*, p. 17)

Exemplos de embates identitários em torno de símbolos culturais podem ser encontrados no Pantanal. Thomé (2008) identificou que na região do Rio Negro, onde são desenvolvidos o ecoturismo e o turismo rural, a valorização da cultura local, articulada a uma demanda de consumo do “autêntico” por parte dos turistas, suscitou o interesse dos proprietários de uma pousada em acrescentar às atividades contemplativas, outras que propiciassem experiências culturais. Tais experiências que buscam a aproximação do turista aos costumes locais têm apresentado um modo de vida “pantaneiro” estanque: a categoria “pantaneiro” representa o peão e os seus hábitos diários na fazenda.

O embate ocorre quando parte da população local que produz artesanatos em diálogo permanente com o mundo externo, tende a absorver e inserir novos elementos na composição de suas peças, causando desconforto e críticas dos proprietários, que não compreendem esses produtos como expressão “típica” da cultura pantaneira e, como tal, objeto de interesse e de consumo dos turistas. Thomé (2008), identifica nesse contexto a tentativa dos proprietários de apresentar e mesmo controlar o que consideram como típicos, desautorizando outras expressões culturais locais. A autora destaca que as peças artesanais, não deixam de ser autênticas por conter influências e elementos externos, pois a autenticidade, está no fato de terem sido produzidas pela população local conforme os seus interesses no contexto turístico.

Para Homi Bhabha (2014) a identidade ou identificação são formas de atuar no mundo. Os indivíduos, situados em contextos de embates podem criar consciente ou inconscientemente estratégias como a imitação ou reprodução de uma noção estereotipada e estanque de pantaneiro para agradar os turistas que procuram o turismo no Pantanal embebidos de imagens muitas vezes fantasiosas que circulam na mídia. Pode também, como parece ser o caso trabalhado por Thomé (2008), a população local desejar inserir outros atributos a essa imagem, alargando as suas representações para os turistas.

A partir dessas perspectivas sobre a identidade e a sua construção busquei no âmbito do turismo no Pantanal, mais especificamente nas pousadas que vendem ecoturismo ao longo da EPP, identificar como ocorrem processos de construção identitária e, de modo específico, como se dão os usos e negociações em torno da categoria “pantaneiro” nas relações sociais estabelecidas entre turistas e guias de turismo, entre os guias de turismo com os seus pares e entre estes e os proprietários de pousadas.

Entre outros fatores já mencionados para justificar o recorte acerca do local da pesquisa e deste segmento turístico, é importante informar que ele ocorreu também por duas razões: a primeira, é pelo fato de que na EPP, o turismo é praticado principalmente em fazendas ou em áreas onde funcionaram fazendas de gado, *lócus* de criação da categoria “pantaneiro” e seu principal universo representativo; a segunda é em razão de pensar a proposta contemplativa, seja da natureza e/ou da cultura local deste segmento, como propiciador de momentos privilegiados em que os guias de turismo como pessoas autorizadas a apresentar, explicar e representar o Pantanal e a sua cultura, forneceriam substanciais contribuições para pensar os usos dessa categoria atualmente no contexto turístico.

3.3. Os guias de turismo: conceitualização, papéis e atribuições

O turismo é um fenômeno que intensifica o contato entre diferenças e as coloca em interação, promovendo alteridade e a construção de relações que predominam nas fronteiras (BANDUCCI JÚNIOR, 2011). Os guias de turismo como intermediadores e produtores de representações sobre uma determinada localidade turística em seus aspectos naturais e culturais atuam em “situação de fronteira” (COHEN, 1985).

Em “The tourist guide”, Cohen (1985) explica que a classificação geral dos guias advém de dois tipos: o desbravador (*pathfinder*), que é geralmente um guia nativo ou “guia original” mais preocupado com aspectos instrumentais de sua função; e o mentor, um “guia profissional” a quem importa mais a esfera comunicativa. Desses tipos foram originados respectivamente os papéis de líder e de mediador dos guias modernos que contêm componentes e esferas que os distinguem, tais como: a função instrumental, a social, a interacional e a comunicativa.

Para o autor a comumente citada esfera de mediação dessa ocupação, isto é, o papel de direcionar, orientar e entreter os turistas, é compreendida de forma simplista e há autores que apontam que nela estão papéis como o de professor, confidente, guru e comparações com um xamã condutor do ritual turístico (SMITH, 1997, p. 58 *apud* COHEN, 1985). Do mesmo modo a definição de “líder” apresentada na conceitualização do guia moderno, sendo uma extensão do “desbravador”, possui muito mais atribuições do que dar acesso geográfico a partir de seus conhecimentos (COHEN, 1985, p. 9-10).

Cohen enxerga o turismo como um processo no qual os guias originais desbravam e “abrem os caminhos” que serão futuramente, com a institucionalização do turismo, exploradas pelos guias profissionais. Geralmente, os guias originais não atuam nessa ocupação de forma

exclusiva e passam a exercê-la com a percepção da demanda e suas funções estão mais relacionadas à condução dos turistas em segurança – preocupando-se com os aspectos instrumentais e externos como a direção, o acesso e o controle – do que com o aspecto social e interno ao grupo de turistas que atende, como o gerenciamento de tensões geradas no grupo durante o passeio, integração do grupo, promoção de sociabilidade e a animação, que os induz à realização das atividades. Comumente atendem turistas não institucionalizados (aventureiros, ecoturistas fora do turismo de massa) e que desejam suporte e informação.

[...] Os guias originais são nativos marginais, completamente familiarizados com o ambiente e que conhecem um pouco de uma língua estrangeira, com noções básicas da cultura e das necessidades dos turistas [tradução minha] (SMITH, 1977, p. 68-69 *apud* COHEN, 1985, p. 18).

Para Cohen (1985) os guias originais florescem no estágio inicial do desenvolvimento turístico numa área recém penetrada, possuem pouca formação educacional e não têm treinamento, exercendo esta atividade de forma autônoma e sem vínculos com grandes empresas do setor. Além disso, estão mais presentes em ambientes turísticos naturais, distantes e periféricos, enquanto os guias profissionais são comuns em meios urbanos, com sistemas turísticos desenvolvidos, onde há museus e importantes instituições, onde atuam concentrados no componente da comunicação e onde os turistas esperam que lhes forneçam informações e interpretações dos lugares visitados.

Os guias profissionais, concentram-se na esfera de mediação que congrega: componentes *interacionais*, como as traduções e a organização e *comunicativos* como a seleção e os recortes dos locais que apresentam; componentes *informativos* que são o foco de sua função; e o *interpretativo* que consiste na mediação entre culturas, e a fabricação - elemento mal visto, caracterizado pela mentira e enganação dos turistas. Esses componentes e seus elementos podem ser encontrados na maioria das atitudes e comportamentos dos guias, às vezes com diferentes ênfases (Idem, p. 16).

Durante o trabalho de campo uma percepção generalizada de minha parte a respeito do trabalho dos guias de turismo e também sobre o ecoturismo, criou expectativas de que durante os passeios eu os veria se apresentarem aos turistas explicando a natureza local, o comportamento dos animais, mas também aspectos da cultura local, criando representações e explicações dos modos de vida e das culturas pantaneiras, quando poderiam se utilizar de diferentes formas de identificação e quando usos da categoria “pantaneiro” poderiam surgir.

O foco na contemplação da natureza dos empreendimentos visitados e dos turistas, no entanto, suscitaram poucas menções voluntárias diretas à cultura ou à identidade por parte dos

guias e, geralmente, quando falavam sobre elas era em resposta a alguma pergunta feita pelos turistas buscando saber se os guias haviam nascido na região e como era viver nela, quando eles geralmente respondiam com o nome da cidade em que nasceram, que eram principalmente Miranda e Corumbá, ou ainda respondiam com um “sim, sou daqui da região”, junto a aspectos breves de sua vida no Pantanal, geralmente associadas ao rio, à pesca e ao trabalho em fazendas.

Por um lado, esse aspecto é especialmente interessante pois parece sugerir que frente aos turistas e pessoas que não pretendem permanecer por muito tempo no Pantanal, não havia a necessidade de se afirmarem como pantaneiros.

Informar aos turistas a cidade em que nasceram e se situarem como pertencente a um contexto urbano próximo, os aproxima dos turistas e é de extrema importância para o papel intermediário que exercem no contexto fronteiriço do turismo. e no aspecto comunicativo de seu trabalho, haja vista que eles necessitam ter noções dos interesses e gostos dos clientes que são provenientes de contextos urbanos. Junto a isso, os guias comentavam sobre a sua convivência com a região, sua relação com o rio, com a fauna e flora locais.

Apesar da categoria “pantaneiro/a” não ter sido muito utilizada nesse contexto de interação entre guias e turistas como eu esperava que ocorresse, foi na relação entre os próprios guias que a vi emergir, frequentemente, em tom de questionamento e oposição em relação a um guia “de fora” que se apresentava como um “guia pantaneiro”. Nesses momentos ficou claro que os guias nativos das zonas rurais e das cidades situadas no Pantanal ou que viviam há bastante tempo nelas, buscavam afirmar elementos que caracterizam o “ser pantaneiro”, vinculados ao convívio e aprendizado com a rudeza e hostilidade da natureza local. Apresento a seguir alguns desses momentos, bem como entrevistas com guias nativos e “de fora” na qual eles contam brevemente sobre a sua trajetória, sobre o trabalho no turismo, como se identificam e o que entendem por “ser pantaneiro/a”.

Utilizou-se um modelo de entrevista semi-estruturada que possuía três eixos: 1) *PERFIL sócio-econômico* no qual buscava-se informações de identificação como a idade, a naturalidade, local de residência, sexo, escolaridade e renda; 2) *PERFIL profissional com turismo e Pantanal* que buscava delinear quando e porquê o entrevistado começou a trabalhar com o turismo e qual é o seu percurso no ramo, as áreas que trabalhou anteriormente, qual é a sua relação com essa área, o que o agrada e o desagrada no setor e/ou em suas funções, o que é preciso para ser um guia de turismo no Pantanal, se o entrevistado se sente pantaneiro, como se apresenta aos turistas e o que para ele é ser pantaneiro; 3) *PERFIL história de vida*,

buscava em sua trajetória e história de vida e em suas memórias a sua relação com o lugar Pantanal. Da mesma forma, com os proprietários de empreendimentos turísticos, utilizou-se questões dentro de estrutura semelhante, modificando algumas questões antes focalizadas nos guias de turismo, para a figura do proprietário.

Antes porém, é importante observar a título de caracterização e justificativa para a ausência de mulheres que exercem a função de guias de turismo nesta pesquisa. Ocorre que todos os guias das pousadas situadas no recorte espaço-temporal da pesquisa são homens. O turismo no Pantanal abriu oportunidades de trabalho para homens e mulheres, no entanto, apesar de haver mulheres que exercem a função de guias ou monitoras de turismo, no Pantanal historicamente as mulheres estiveram mais envolvidas em atividades restritas ao âmbito doméstico e, atualmente, no turismo elas se encontram principalmente em funções como cozinheiras, lavadeiras, camareiras, entre outras, atividades essas que as restringem ao espaço interno das pousadas, enquanto as funções exercidas pelos homens são via de regra relacionadas ao espaço externo, como as de cuidado com os animais, manutenção, motoristas, praieiros³³ e guias de turismo - uma divisão de trabalho que corresponde ao modelo de trabalho tradicional nas fazendas de gado. Apesar disso, na pousada 2 e 3 visitadas na segunda etapa do trabalho de campo, as mulheres respondiam como proprietárias, cuidando de diversas questões relacionadas às suas pousadas junto aos seus respectivos maridos. Para Ribeiro e Vargas (2022)

A presença das empresárias do turismo, proprietárias de pousadas, hotéis-fazendas, barcos-hotéis remodelaram o sentido da “patroa”, pois essas são mulheres que trabalham, praticamente, em nível de igualdade com as “empregadas”, guardadas as condições hierárquicas (RIBEIRO & VARGAS, 2022, p. 42-43).

De fato, no decorrer das visitas, notou-se padrões trabalhando junto aos empregados, como no caso da pousada 1, quando observei a proprietária ensinando o ponto de cozimento de uma abóbora à cozinheira a qual auxiliava; e na pousada 2 quando funcionários e proprietários limpavam e arrumavam a bagunça causada pela tempestade da noite anterior. No entanto, pelo relato da proprietária desta última, que informou que “não dá certo deixar na mão dos funcionários”, o trabalho lado a lado, parecia estar mais atrelado à desconfiança das capacidades técnicas e mesmo moral dos empregados do que a uma noção de paridade ou esfacelamento das hierarquias. De modo semelhante, a proprietária da pousada 1 disse que, ao

³³ Aquele que realiza tarefas na “praia”, terreno que circunda a fazenda/casa grande [...] Cabe a ele manter limpos de matos o pátio e o quintal da sede, incluindo o pomar. Também deve alimentar os pequenos animais de criação e atende às solicitações da cozinha como por exemplo, levar cedo o leite da ordenha (BANDUCCI JÚNIOR, (2007, p. 61).

chegar ao Pantanal, ficou estarrecida com o que considerou uma questão cultural local o fato de que “os funcionários passam mais tempo tomando tereré³⁴ do que trabalhando”. Essas falas indicam uma necessidade por parte dos proprietários de estarem próximos não apenas para ensinar ou dividir tarefas, mas principalmente para exercer controle.

Feitas essas breves observações, vamos nos aprofundar na caracterização dos guias entrevistados, enfocando suas trajetórias de vida e de trabalho com o turismo, bem como a maneira como se definem, se apresentam e o que entendem por “ser pantaneiro”, o que nos permitirá identificar os embates em torno da categoria no âmbito do turismo. Compreendendo a identidade como auto atribuída e declarativa, optou-se por uma estrutura narrativa das entrevistas que prioriza o relato das falas dos interlocutores.

3.3.1. Ser pantaneiro sob o olhar dos guias nativos e residentes de longa data no Pantanal

“O Pantaneiro é aquele caipira tímido”

Natural de Miranda, o guia Sérgio³⁵ se identifica como um pantaneiro criado na beira do rio, comendo bocaiúva - fruta típica da região, chamada pelos locais de chiclete de índio - e outras frutas “direto do pé, pescando e brincando em meio à natureza”.

Sérgio conduzia os grupos de turistas brasileiros durante os passeios na pousada onde estive como turista, quando tivemos maior interação. A entrevista foi realizada *on-line* através de chamada de vídeo do aplicativo *Whatsapp* durante a segunda etapa do trabalho de campo e o interlocutor se mostrou bastante sucinto nas respostas.

Com 33 anos e com o ensino fundamental completo, Sérgio trabalhou como pescador profissional até começar a atuar como guia de pesca e em outras atividades em empresas no setor de turismo, sobretudo no ramo hoteleiro, no qual exerceu atividades diversas principalmente em pousadas nas cidades de Corumbá, Miranda e Bonito, todas em Mato Grosso do Sul. Nelas, trabalhou em funções diferentes, atuando como guia de pesca, como ajudante geral, assistente de manutenção, de lavanderia, de almoxarifado e administrativo, além de porteiro. A maioria desses cargos, exerceu numa pousada de luxo onde trabalhou formalmente no Pantanal e que, segundo informou, tinha como diferencial o treinamento dos funcionários e a delimitação de funções e tarefas - para ele, um aspecto incomum em relação às demais pousadas em que trabalhou na região no setor turístico.

³⁴ Bebida à base de água fria e erva mate, muito consumida no contexto pantaneiro.

³⁵ A todos os entrevistados foram dados nomes fictícios de modo a preservar suas identidades.

Durante a pandemia de Covid-19 trabalhou temporariamente nas cidades de Campo Grande e Bonito. Na primeira, saiu de seu ramo habitual, atuando em indústria alimentícia, e na segunda, voltou a ele fornecendo serviços de manutenção e lavanderia, até que conseguiu um emprego como guia de turismo na pousada onde o conheci. O ecoturismo no Pantanal retomava lentamente as atividades a partir do segundo semestre de 2021, por isso, no período ele era um funcionário recém-contratado, trabalhando havia pouco mais de um mês no local e, como me informou, com esse público ou perfil de turistas que buscam as pousadas de ecoturismo. Acostumado ao turismo de pesca, ele se denominava um aprendiz dessa nova função e modalidade de guia.

Ao ser perguntado se gostava de ser uma guia de turismo no Pantanal e quais diferenças ou semelhanças notava entre as duas modalidades de guia com as quais trabalhou e trabalha, ele demonstrou gostar de ambos por proporcionarem contato com pessoas de diversos lugares, o que lhe tirava da rotina apesar de ir aos mesmos lugares fazer as mesmas atividades. Porém, ele tem gostado e achado mais tranquila a sua nova função, pois apesar de ser mais fácil guiar pescadores por ter mais intimidade com o rio e conhecer muito do universo da pesca, sente que o público deste segmento, o pescador esportivo, é mais difícil de lidar porque, como exemplificou, queriam pegar bons e grandes peixes, mas com frequência alguns não escutavam as suas dicas de como proceder para fazer uma boa pesca e, assim, apesar de levá-los a lugares estratégicos para alcançar o seu objetivo, ao não conseguirem capturar os peixes que desejavam culpavam o guia e, em alguns casos, eram desrespeitosos de maneira a criar um ambiente de conflito que ele precisava ser capaz de contornar. Outro aspecto importante que o faz gostar mais da nova função é que “o turista ecológico, é mais tranquilo, ele quer fazer um passeio de barco, ver os animais, tirar fotos, saber da natureza e o turismo ecológico³⁶ não depreda o ambiente”.

Para ele, exercer ambas as modalidades de guia de turismo requer, no caso da pesca, conhecer o rio, principalmente se o guia for também o piloto, além de conhecer os lugares onde os peixes estão em diferentes épocas e conforme a vegetação de suas barrancas. Isto porque, onde há árvores frutíferas, com frutos maduros, por exemplo, pode ser um local onde a queda constante de alimentos, pode atrair determinadas espécies que deles fazem uso. Assim, é feita uma leitura do tempo, levando em consideração a movimentação dos peixes e do ambiente para inferir bons lugares para a pesca. Mas, independentemente da modalidade,

³⁶ As denominações ecoturismo, turismo ecológico, turismo contemplativo, turismo de passeio foram utilizadas por diversos agentes de turismo como sinônimos ao longo do trabalho de campo.

para exercê-las no Pantanal, segundo ele, é necessário “conhecer ao menos uns 50% dos animais, da vegetação e acho que também um pouco da história da região”.

Apesar de elencar a história da região como um critério, durante o passeio com turistas não soube responder a um deles uma pergunta sobre a existência de indígenas na região (ver capítulo 2), e não apresentou outros elementos culturais locais além das comidas típicas.

Inquirido por mim com a questão “o que é ser pantaneiro?” ele respondeu: “Ser pantaneiro é... é o jeito caipira, mas não aquele caipira que conversa. É aquele caipira tímido, é o que toma tereré, come bocaiúva, come as frutas, o carreteiro³⁷ e, principalmente, que é muito humilde”. Para ele, ser pantaneiro está relacionado a hábitos simples e comedidos e ao consumo de alimentos típicos da região, como as frutas comuns no bioma e de pratos como o carreteiro, signos que remontam a um estilo de vida rural historicamente desenvolvido nesse ambiente. Apesar de serem alimentos habituais e de referência no Pantanal, tanto o tereré quanto o carreteiro estão disseminados para além do bioma, podendo, por exemplo, serem facilmente encontrados em muitas cidades do estado de Mato Grosso do Sul.

Sua definição do pantaneiro como um homem simples, humilde e tímido parece remeter a uma caracterização de um habitante de um meio rural e estabelece semelhanças com a definição de Nogueira (2009) e de Pinto (2006) que ao falar do vaqueiro no Pantanal, enfatizam um isolamento. Para Pinto (2006), por exemplo, Pantaneiro “[...] É um homem simples, calmo, acostumado à solidão e ao isolamento, mas não deixa de lado a solidariedade: está sempre pronto a receber, a informar, a servir de guia, a explicar sobre animais e águas e a contar seus causos”. As mesmas autoras informam, no entanto, que apesar disso, o pantaneiro está sempre disposto às brincadeiras, às prosas, a contar causos, a colocar apelidos nas rodas de tereré e a participação nas festas e bailes. Isso por si só relativiza essa noção de isolamento e não coaduna com a categoria ‘timidez’ trazida por Sérgio. O isolamento, a timidez ou a dificuldade no trato social, parece estar mais relacionado à figura dos roceiros que, no contexto das fazendas de gado do Pantanal, residem no território da fazenda, mas em regiões de mata onde é mais propício o desenvolvimento de uma pequena agricultura. Por ficarem mais distanciados e isolados do convívio social, costumam ter “comportamentos discrepantes do padrão de sociabilidade aceito e praticado pelos habitantes da região” (BANDUCCI JÚNIOR, 2007, p. 132) o que faz com que isso seja comentado por outras categorias sociais como os peões de forma depreciativa.

³⁷ Prato à base de arroz branco e carne de sol, uma espécie de carne seca e salgada.

Apesar de sua definição de pantaneiro fazer referência ao peão ou ao roceiro contextualizados nas fazendas de gado, Sérgio que se identifica como pantaneiro teve uma infância “na beira do rio”, como me informou e foi na maior parte da sua vida pescador, guia de pesca e roteirista e nunca exerceu função vinculada à criação de gado ou com a agricultura. Ao falar sobre os alimentos típicos apreciados pelo pantaneiro, Sérgio não elege como um alimento típico o peixe – principal fonte de proteína das comunidades ribeirinhas que residem no Pantanal -, preferindo o carreteiro que é um prato que leva a carne de sol em sua composição e a carne de gado que, conforme Banducci Júnior (2007) é um alimento valorizado e considerado nobre no Pantanal. Mesmo sem citar o peixe como uma referência alimentar em sua definição de “pantaneiro”, durante a atividade de “pesca artesanal de piranhas” que ele conduziu durante a primeira etapa do trabalho de campo, costumava enfatizar com propriedade os peixes mais saborosos dos rios pantaneiros como o pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*) e o dourado (*Salminus brasiliensis*).

Nota-se nessa perspectiva o aspecto discursivo e, portanto, linguístico e simbólico da construção identitária, vinculada a objetos com valor de uso cotidiano. No caso em questão, os produtos consumidos indicados pelo guia são parte dos hábitos alimentares da região, influenciados tanto por questões naturais como o caso das frutas típicas, quanto sociais, pois o carreteiro é um prato comum na região, caracterizado pela carne que remonta às fazendas de gado e que hoje está disseminado além do Pantanal. O uso da categoria “pantaneiro” por ele remete àquela mais veiculada pela mídia e pelo marketing turístico: a do peão pantaneiro que vive na fazenda, pois traz como referência elementos próprios da vida cotidiana pantaneira, como o carreteiro, a bocaiúva, o tereré; o ser humilde e tímido, mais vinculado aqui à vida rural, na qual as grandes distâncias reduzem o contato com os de fora. Mesmo sendo originário do contexto urbano e muito vinculado à pesca, Sérgio compreende nesses elementos valores de uso e valores simbólicos de pertencimento à categoria.

O contraste existente entre a sua definição de “pantaneiro”, a sua origem urbana e as atividades produtivas às quais se dedicou não são, no entanto, impeditivas ao seu sentimento de pertencimento à categoria, haja vista que, como afirmou Barth (2000) ao estudar os Pathan, é possível que grupos de composição bastante heterogênea se identifiquem e se sintam pertencentes a um mesmo grupo étnico através da seleção de alguns componentes ou atributos que associam à sua identidade. No caso Pathan, esses atributos eram a língua pathan, o islã ortodoxo e o “modo de agir” característico, elementos encontrados em grupos distantes territorialmente, inclusive com atividades econômicas distintas. No caso em apreço nota-se o

uso de itens de consumo e com valor de uso disseminados para além do Pantanal, além da descrição de um tipo de comportamento comumente atrelado ao meio rural como ser humilde e possuir hábitos comedidos, que o interlocutor elenca na enunciação de sua identificação.

Barth (2000;2011) e Oliveira (1976) evidenciaram também o caráter referencial e contrastivo da identidade. Identificar-se implica a afirmação de *nós* diante de *outros*. Diante dos turistas e da pesquisadora, o guia não hesita em dizer que é da cidade e de afirmar também que é pantaneiro baseado na seleção de alguns elementos que lhe permitem assim se definir e que estão mais atrelados ao universo rural, afinal, ele transita em ambos. Esses elementos o diferenciam das pessoas com as quais fala e se situa. Turistas e pesquisadora, principalmente os primeiros, são figuras comuns em seu cotidiano e a fronteira criada por esses atributos elencados pelo guia, o torna diferente, e o habilita a exercer o seu trabalho cuja função depende de conhecimentos diversos sobre o bioma, seu território, sua geografia, sua história, desenvolvidos de modo intuitivo, empírico e prático, bem como compreender minimamente as pretensões dos clientes que são provenientes em sua maioria de meios urbanos.

A categoria “pantaneiro”, que no passado fazia um contraste com o mundo urbano, restringindo-se às fazendas de gado no distante mundo rural, agora, diante de novos referenciais que valorizam o território e a natureza pantaneira, se alarga, sendo auto atribuída por pessoas que habitam também as cidades pantaneiras como Miranda, Corumbá, Aquidauana, entre outras e que transitam pelos dois contextos, residindo e/ou trabalhando no Pantanal.

Como demonstrado no capítulo 2, a frequente pergunta sobre a origem dos guias feita por novos turistas era uma maneira de validar a veracidade das explicações que receberiam ao longo da estadia. Os turistas parecem buscar e preferir o guia nativo como sinônimo de pantaneiro e, sabendo disso, o guia também se posiciona de modo a atender a tal expectativa visando o exercício de seu trabalho. Mas no caso do guia que realmente possui vínculo de nascimento ou de longa vivência no lugar, essa afirmação não é enfatizada verbalmente e objetivamente, ela é mais visível para os turistas nas explicações despretensiosas que o guia faz aos turistas e que o afirmam por meio de seus saberes, como quando explica o tipo da isca no momento da pesca; quando fala detalhadamente sobre as espécies de peixe que os turistas podem encontrar no rio e os diferentes sabores e texturas de cada um; quando detalha o comportamento dos pássaros avistados; ou ainda quando critica pescadores amadores que

chegam de fora, não conhecem o rio e não contratam piloteiros locais e se envolvem em acidentes, entre outros.

“Eu não me sinto, eu nasci aqui. Eu sou pantaneiro”

Josué é funcionário da pousada onde estive como turista na primeira etapa do trabalho de campo e nosso contato foi reduzido pois como é o guia bilíngue conduzia e ficava mais próximo dos turistas estrangeiros. Houve tentativas por parte dele no início de minha estadia em me enturmar ao perceber que eu estava sozinha e nossa interação ficou mais interessante quando me pediu para ajudá-lo traduzindo informações durante um passeio para o grupo de turistas estrangeiros com quem dividi o quarto (ver cap.2). A entrevista foi realizada *online*, por meio de áudios através do aplicativo *Whatsapp*, pois, das vezes que marcamos videochamada, o guia alegava problemas com a internet e imprevistos. Com o tempo percebi certa timidez, quando sugeri esse outro formato.

Com 30 anos, natural de Corumbá e com ensino médio completo, o guia Josué trabalha há 16 anos no turismo. Até entrar nesse ramo exercia atividades produtivas em fazendas e conheceu o turismo praticado na região em uma visita que fez à pousada onde o irmão trabalhava, quando surgiu o interesse em permanecer e aprender a função de guia na prática. Perguntado sobre como se tornou um guia bilíngue, informou que no dia a dia, por curiosidade ao ver as pessoas falando quis aprender e que foi no convívio com turistas e outros guias que aprendeu e hoje consegue se comunicar com os estrangeiros.

Para ele, para ser um guia de turismo no Pantanal “tem que ter conhecimento, primeiramente. Não precisa saber falar inglês, conhecer outro idioma. O negócio é você conhecer o que você tem, como saber andar na natureza, saber o que pode e o que não pode”. Parece então que para ele só é possível ser um guia de turismo sendo pantaneiro, pois em seu modo de ver para ser um pantaneiro é necessário “só viver por muito tempo, saber, aprender com a natureza”, advertindo, inclusive, que até mesmo eu, se quisesse, poderia me tornar uma pantaneira.

Embora tenha falado anteriormente sobre o tornar-se pantaneiro, através de um convívio intenso no local, diante da pergunta “você se sente pantaneiro?” respondeu de maneira categórica “eu não me sinto, eu nasci aqui. Eu sou pantaneiro”, informando que, mais do que sentir um pertencimento ou construir um pertencer, seu lastro identitário como pantaneiro é o nascimento e o seu crescimento, suas vivências, aprendizados e experiências no Pantanal, convivendo com a sua natureza de forma a conhecê-la espontânea e intimamente,

aspectos que, para ele, eram critérios para a definição desta identidade. Ou seja, mesmo sendo proveniente de um contexto urbano e economicamente do universo pastoril e rural, ele não destaca esses aspectos, mas o fato de ter nascido e convivido com a natureza local, conhecendo-a profundamente.

Apesar de ser proveniente de um contexto urbano como Sérgio, diferentemente dele Josué não fez menção a atributos ou comportamentos comumente atrelados ao peão, mesmo tendo feito parte deste universo pecuário. De acordo com Barth (2000; 2011) no processo auto atributivo de identificação as características importantes são as que são consideradas pelos atores que podem ser sinais, emblemas, comportamentos, valores e outros são ignorados, minimizados ou negados, tudo depende da leitura da situação e do contexto realizada pelo indivíduo.

O fator nascimento e íntimo convívio é interessante para os guias, pois o ecoturismo se vale do conhecimento nativo, do aspecto da “tipicidade” ainda que não o enfatize, e, no caso em questão, como o principal produto turístico é a natureza, é interessante ao guia, evidenciar um conhecimento singular desenvolvido de forma espontânea no Pantanal pelos nascidos ou habitantes de longa data. Ele se vale e se vincula à valorização do elemento natureza amplamente divulgada e importante no meio turístico em que se insere.

“Se diz pantaneiro porque viu uma onça. Nem daqui é”

A frase que dá nome a este subtópico foi dita numa conversa entre os guias Sérgio e Josué junto a outros funcionários no bar da pousada logo após a chegada da atividade de cavalgada durante a primeira etapa do trabalho de campo. Este passeio foi realizado numa fazenda localizada na EPP que tinha o seu próprio guia, de modo que Sérgio levou o grupo de brasileiros junto aos três estrangeiros com quem eu dividia o quarto até o local e nos acompanhou durante a sua realização liderada pelo guia do estabelecimento. Nesse dia o guia Josué conduziu um grupo maior de estrangeiros em outro passeio.

Durante a cavalgada conhecemos o guia da fazenda, cuja apresentação pessoal foi imponente e animada, identificando-se como um “guia pantaneiro” e apresentando-se como um “homem das onças”, chamando esses animais de “meus gatinhos”. Ao longo do percurso, ele falou de sua vida e contou ter abandonado uma carreira de fama em Campo Grande e em cidades estrangeiras em outra área econômica para viver no Pantanal e dizia amar aquela vida, apesar de viver o Pantanal há apenas cinco anos. Em sua apresentação da fauna e da flora nos espaços onde circulamos afirmou a existência de vários pantanais, mas não lembrou o nome

de todos e ao mostrar algumas conchas no chão, evocou o mito do “mar de Xaraiés”³⁸. Ele conduzia a fila de turistas montados em seus respectivos cavalos enquanto falava de sua vida, da natureza pantaneira com pausas para explicar alguns de seus aspectos aos estrangeiros, quando mostrava domínio da língua inglesa. Ao final do passeio tirou fotos com alguns turistas para publicar em sua rede social, onde divulgava o seu trabalho e projeto pessoal. Por fim, divulgou o endereço virtual dessa rede social e o seu telefone de contato, para os turistas o seguirem, pedirem fotos e informações. Nenhum outro guia que acompanhei se utilizou de maneira direta das redes sociais para promover o seu trabalho e só passavam o seu contato pessoal em caso de algum turista pedir alguma foto.

Ao chegarmos da fazenda, os guias Josué e Sérgio se encontraram no bar e comentaram sobre os seus respectivos passeios e quando o primeiro soube que o guia que nos conduziu foi o “homem das onças”, seguiram comentando em tom zombeteiro e crítico, dizendo que ele não saía da fazenda onde trabalhava, que não andava pelo Pantanal e que havia visto uma onça e já achava que era um guia pantaneiro, um domador de onças, sendo que não era do lugar.

Em “Os estabelecidos e os *outsiders*”, estudo de caráter etnográfico de Norbert Elias e John Scotson (2000), eles identificaram que na pequena comunidade inglesa de Winston Parva, onde os habitantes aparentemente não se diferenciavam, um grupo de famílias tradicionais que residiam no local há algumas gerações estabeleceram esse critério temporal para se diferenciar de um grupo recém chegado. Os estabelecidos formavam um grupo baseado no vínculo temporal que possuíam e nas normas de conduta e valores em comum, que lhes dava coesão, tratando de modo distinto e estigmatizado os *outsiders* que, diferentemente dos estabelecidos não formavam um grupo coeso e tinham dificuldades de compreender o porquê da exclusão.

Se por um lado Barth (1988; 2011) demonstrou a importância da auto atribuição no processo de identificação e do reconhecimento identitário por outros grupos, por outro também evidenciou a necessidade do reconhecimento interno pelo próprio grupo assim como Elias e Scotson (2000) que demonstraram como uma identidade precisa seguir uma série de critérios para ser internamente reconhecida e mantida. Mais do que isso, esses últimos

³⁸ De acordo com Costa (2007) o mito cartográfico da *Laguna de Xarayes* foi criado por conquistadores espanhóis que achavam que o Rio Paraguai nascia de uma grande lagoa no centro da América do Sul cujos arredores eram habitados por indígenas denominados Xaraiés – de onde vem o seu nome. Esse mito figurou nos mapas até meados dos setecentos, quando demarcadores de limites e inicianos perceberam que na verdade a lagoa nada mais era do que as águas do Rio Paraguai no período de cheia - quando o mito passou a ser contestado.

autores, a partir de um estudo intensivo das micro relações entre estabelecidos e *outsiders*, indicaram aspectos universais para o funcionamento das relações humanas perpassadas e motivadas pela necessidade de criar e manter relações de poder para lhes assegurar vantagens de ordens diversas - identificáveis em estudos empíricos em seus respectivos contextos. Assim, de modo geral, um grupo frente a outro estabelece a sua superioridade a partir de critérios de diferenciação próprios e da criação de estigmas, trabalhando para reiterá-los de modo a manter os de fora ou os novos na condição de inferiores naquele dado contexto.

O “homem das onças”, sendo um guia de fora recém chegado e que domina os códigos de comunicação com o turista, se impõe e acaba se sobressaindo nesse aspecto ao guia nativo. A reação dos guias nativo que se reconhecem como pantaneiros é então desconfiarem e agirem no sentido de deslegitimar o seu trabalho, negando ao *outsider* a identidade pantaneira por meio de uma fixação de alguns atributos e comportamentos que eles compreendem como determinantes e reconhecíveis para tal pertencimento.

De acordo com Barth (2000;2011) “a identificação de pertencimento entre duas pessoas implica em critérios de avaliação e julgamento compartilhados” (idem, p. 196), ou seja, ao se identificar como “pantaneiro” o “homem das onças” passa a ter o seu comportamento analisado pelo grupo que assim também se identifica de modo que, ao apresentar práticas e comportamentos em desacordo com suas orientações valorativas, pode ser visto negativamente, pois tais orientações validam mecanismos de inclusão e exclusão de pessoas à categoria.

Para Elias e Scotison (2000, p. 15), “[...] a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar”. Parte relevante desse trabalho de preservação está contida nas fofocas e comentários a respeito dos *outsiders* e foi o caso dos comentários sobre o guia em questão. Esse fenômeno feito por pessoas reunidas em grupos e possui dois pólos:

[...] aqueles que a circulam [a fofoca] e aqueles sobre quem é circulada. Nos casos em que o objeto da fofoca pertence a grupos diferentes, o quadro de referência não é apenas o grupo de mexeriqueiros, mas a situação e a estrutura dos dois grupos e a relação que eles mantêm entre si. (Idem, p.130)

Ou seja, ao dizerem e zombarem do fato de que o guia não é pantaneiro porque “nem daqui é”, falam de si como pessoas nativas, que podem se identificar como pantaneiros por terem nascido ou vivido na região há bastante tempo e falam indiretamente da relação que mantêm com os não nativos e que lhes dá existência. Após os comentários sobre a atuação do

guia e da entrevista com os dois guias nativos, nota-se que para eles ser pantaneiro está intimamente vinculado ao longo convívio com a natureza local, isto é, aprender com a natureza, conhecer o seu funcionamento, estabelecer vínculo afetivo e estar habituado a alguns costumes culturais locais tais como: o hábito de tomar o tereré, de comer o carreteiro e as frutas típicas, além de se caracterizar por comportamentos comedidos.

O “homem das onças”, guia que conduziu a cavalgada, não tinha para eles esses atributos. Estava fora das normas e critérios do grupo dos guias estabelecidos, nesse caso os nativos - nascidos nas regiões pantaneiras, incluindo as cidades ou os que nelas habitam há algumas décadas – como ficará claro na fala de outros interlocutores. Além de não ser nativo, o fato de ter visto uma onça e o curto período que vivia e trabalhava no Pantanal não lhe assegurava sólidos conhecimentos sobre a natureza do local, para o legitimar e lhe render o reconhecimento como “guia pantaneiro”. Ademais, o “homem das onças” e o seu domínio dos códigos de interlocução com os turistas induz os guias nativos a um desconforto e mal estar.

“Eu me sinto um pantaneiro de verdade”

Com 36 anos, natural de Corumbá e com o ensino fundamental completo, Sidnei é um dos guias bilíngues da pousada 2 onde foi realizada a atividade “cavalgada” durante a minha estadia como turista. Seu contato me foi passado através de outro guia que é seu irmão e que trabalha na pousada 1 onde fiquei hospedada. Apesar de demonstrar disponibilidade para a entrevista foi bastante difícil conversarmos porque na pousada onde trabalha a internet é muito instável, tornando impossível, por exemplo, uma entrevista por chamada de vídeo. Por isso, esta foi realizada online, através de mensagens de voz no aplicativo *Whatsapp*.

Sidnei entrou em contato com o turismo em 2000 quando o trabalho com o encilhamento de cavalos em fazendas o aproximou desse ramo. Ele passou a arrumar os animais para a realização de cavalgada pelos turistas e, em 2003 trabalhou por um breve período como vendedor em agência de turismo em Campo Grande e em Bonito, retornando para o Pantanal para exercer atividades como guia em várias pousadas na região. Segundo me informou, durante a pandemia voltou a atuar em fazendas, e só recentemente, no mês de outubro de 2021, retornou às atividades relativas ao turismo. Apesar de gostar das funções que desenvolve em fazendas diz preferir o turismo, mesmo tendo que lidar com o estresse que às vezes sente ao trabalhar com pessoas, sobretudo com os turistas brasileiros que “são mais reclamão”.

Ao comentar sobre o que gosta no trabalho como guia ele enfatiza a autonomia que os guias possuem para planejar o cronograma de passeios

Eles têm os passeios que os turistas compram já no itinerário deles, como vai fazer, que passeios que é, mas os donos das pousadas dão a liberdade pra nós de fazer do jeito que nós achamos melhor. Por exemplo, os horários dos passeios e os dias que a gente quer fazer o passeio, nós que marcamos que escolhemos os dias melhores.

Tal autonomia em relação à condução, não é, no entanto, integral. Os guias não decidem quais serão as atividades realizadas diretamente com os turistas e não têm autonomia para fazer outros percursos fora dos roteiros padronizados. Por exemplo, a cavalgada realizada na fazenda onde Sidnei trabalha não é feita fora dos limites da fazenda e a caminhada ecológica oferecida por várias pousadas da região é realizada geralmente dentro do terreno da própria pousada ou numa trilha aberta em um ponto da EPP. O guia não pode decidir mudar a trilha sem o consentimento dos superiores, de modo que a autonomia de que fala está estritamente relacionada à organização da programação de passeios de grupos de turistas tendo muitas vezes como fatores influenciadores o clima e/ou o desejo mais imediato dos clientes por uma ou outra atividade.

Para ele, ser um bom guia no Pantanal requer:

O mais importante você precisa gostar do que faz. E o mais importante também é conhecer o lugar onde você mora, porque no caso se você não conhece você pode se perder e colocar em risco os turistas. Tem que conhecer sobre os perigos, porque tem perigo querendo ou não, principalmente na época da cheia. Ai, conhecer os animais todos e no meu caso que trabalho com europeu precisa falar inglês e precisa ser um inglês bom pra entender o que a pessoa fala e poder dar a resposta certa. Então, precisa ter bastante conhecimento.

Como visto na fala de outros guias, aqui se repete a necessidade de conhecer a geografia do lugar para não se perder e conhecer os perigos que habitam a natureza singular do Pantanal, principalmente o comportamento dos animais silvestres. Conhecê-los não é importante apenas para mensurar o perigo e garantir a segurança dos turistas, mas também para poder informar a seu respeito. O tempo para desenvolver tais saberes é o principal recurso para exercer a função de guia. A comunicação é outro fator apontado, sobretudo a importância de aprender o inglês para trabalhar com o atendimento de estrangeiros.

Ao falar sobre alguns de seus colegas que são guias mais velhos e que acompanharam mais do que ele o início da atividade no Pantanal, os indicou como os melhores afirmando que:

[...] o guia bom, o guia que é guia, ele guia em qualquer lugar, não só na Estrada Parque como muitos. Conhecem o Pantanal mesmo... Se eu te soltar em qualquer lugar aqui do Pantanal com eles, eles fazem um *tour* bacana. **Nós que somos guias mais velhos, assim que nós dizemos.** (grifos meus)

A afirmação sutil de que o guia verdadeiro é o que conhece o Pantanal para além da pousada em que trabalha “como muitos”³⁹ – caso principalmente do “homem das onças” bastante comentado direta ou indiretamente pelos demais – e a identificação do “nós” como grupo dos mais velhos, nascidos ou residentes de longa data que acompanharam e participaram do processo de consolidação da atividade turística no Pantanal, pantaneiros e guias estabelecidos que assim pensam, definem e dizem – *declaram* mesmo que sutilmente – esses critérios que possuem como elementos indispensáveis a um pantaneiro e a um verdadeiro guia. Nota-se portanto, que esse grupo atrela tais critérios que para eles caracterizam o que é ser um pantaneiro à função de guia. Só é um verdadeiro guia, quem é ou se torna pantaneiro. Para isso é necessário seguir algumas normas como o longo e intenso aprendizado, convívio e mobilidade na natureza do Pantanal – o que demanda tempo, paciência e humildade.

Para Elias e Scotson (2000) só é possível compreender a lógica do sentido do pronome pessoal “nós” que as famílias de Winston Parva usavam para se referirem umas às outras, e a barreira levantada por tal afirmação, através de uma análise da dimensão diacrônica grupal, pois, por terem vivido juntas bastante tempo, as famílias antigas possuíam uma coesão como grupo, que faltava aos recém chegados. No caso em estudo, os guias nativos e residentes de longa data no Pantanal, advindos de outras atividades econômicas ajudaram a abrir caminhos para o turismo na região, aprendiam juntos e se ajudavam para exercer a função de guias e buscam se manter como um grupo coeso frente às novas gentes que chegam para atuar nessa nova atividade sejam outros guias, sejam proprietários.

Quando me respondeu à pergunta sobre o que é ser pantaneiro, enfatizou aspectos como a resistência e, como os demais guias entrevistados nascidos ou que vivem há muito tempo na região, trouxe também o elemento tempo e resiliência, apontando que há guias que dizem que são pantaneiros, mas que não possuem tais atributos. Em suas palavras:

Pra ser um pantaneiro de verdade você tem que ser bem resistente, porque no caso eu vejo muitas pessoas falando que são pantaneiros, principalmente alguns guias que trabalham com o turismo... ah sou pantaneiro, mas não tem a resistência verdadeira de um pantaneiro que no caso seria aguentar mesmo ficar bastante tempo no Pantanal, quatro, cinco meses sem sair... aguentar mosquito, porque na época da chuva, além de ser calor, chuva, mosquito, a pessoa tem que ser bem resistente e como eu digo é gostar do lugar onde está, gostar e ter força de vontade e querer ficar, porque tem muita gente que gosta mas só na época

³⁹ No início da entrevista, ao me apresentar, lhe disse que estive na fazenda em que ele trabalha, onde conheci o guia “homem das onças” e que eu havia conseguido o seu contato através do seu irmão que trabalha na fazenda onde me hospedei como turista. Quando ele soube que eu conhecia o guia com quem trabalhava, me perguntou se ele havia me falado muito sobre as onças. A tonalidade e a ênfase em “como muitos” fazia menção direta a esse personagem que, ao seu ver, sendo de fora, não conhecia o Pantanal para além da fazenda em que trabalha.

boa, a época que não tem mosquito, a época que tá um pouquinho mais fresco. (grifo meu)

O guia segue o seu discurso declarando que verdadeiros pantaneiros como ele possuem resistência e enfrentam a rudeza do meio porque gostam desse lugar e de seu ambiente mesmo quando os seus aspectos mais hostis e difíceis sobressaem. Para ser identificado como pantaneiro é necessário viver no Pantanal sejam quais forem as condições. Os *não*-pantaneiros, os diferentes, por terem vindo de fora e não estarem habituados às características desse ambiente voltam para suas cidades rapidamente no período de cheia, quando não é temporada turística, e assim, são lidos pelo grupo de guias que se definem como pantaneiros, como refratários às duras condições impostas pela natureza, como não corajosos e resilientes, critérios e atributos cujos significados se fazem presentes em sua definição de “pantaneiro”. Novamente, os elementos ressaltados possuem relação com a natureza pantaneira, principal referente e produto no setor em que trabalha e que é utilizado de forma estratégica por ele e por outros guias para se promoverem como verdadeiros pantaneiros e guias pantaneiros, sabendo serem essas características importantes para o setor em que trabalham.

“Não é pantaneiro... não conhece o Pantanal, não viu o melhor das cheias e das secas”

Manoel é um ex-guia que ainda exerce essa função esporadicamente em momentos de extrema necessidade na pousada que gerencia. A entrevista foi realizada e gravada em sua sala de trabalho na pousada e precisou ser breve em razão das suas demandas e atividades, além de ter sido interrompida algumas vezes por funcionários que precisavam de sua ajuda.

Nascido na vila Passo da Lontra, onde mora atualmente, ele tem contato e trabalha com o turismo desde criança e só trabalhou em outras atividades quando morou em São Paulo durante um período em que cursou o ensino superior. Segundo me informou, retornou por saudades de sua casa e de trabalhar com o que gosta.

Apesar de declarar o gosto pelo trabalho com o turismo, o que o desagrada em seu cotidiano na pousada é por vezes o desenrolar de conflitos com alguns turistas que não entendem a especificidade do turismo na região. Esses conflitos são fruto também de como as agências vendem a pousada, com propagandas enganosas que oferecem atrativos de que o local não dispõe.

[...] tipo televisão nos apartamentos. Tem um casal nordestino que quer televisão... nós estamos num hotel de ecoturismo, as pessoas dormem cedo, acordam cedo,

contemplam a natureza. Já teve televisão e foi tirado. Os quartos são de madeira e o isolamento não é suficiente, então dá para escutar. Até alvenaria você escuta.

Aproveitei que citou o ecoturismo de modo bastante relacionado à contemplação da natureza e perguntei a ele o que é esse tipo de turismo, ao que me respondeu que, para ele é uma fonte de renda, um meio de ganhar dinheiro e proteger a natureza ao mesmo tempo e que ali na região tem turistas diferentes como o de pesca e o ecológico (para ele sinônimo de ecoturista), diferenciando-os assim:

Pra gente não tem [diferença]. O turismo ecológico é aquele que vem só para contemplar, mas pode haver também uma pescaria. Agora, no ecoturismo, o ecoturista vem só pra contemplar a natureza. [...] O perfil é o seguinte: tem o ecoturista e tem o *ecocho* que é aquele que é 100% ecológico, a gente chama de *ecocho*.

Ao diferenciar os perfis de turistas dessa forma, caracterizando como chato o que tem preocupação mais radical com a preservação da natureza, ele deixa claro a confusão em relação às denominações dos segmentos turísticos na região e a não realização integral do ecoturismo conforme a sua definição conceitual.

Com cerca de 40 anos, a sua principal atuação no setor turístico foi como guia, função que ainda exerce quando necessário. Por isso lhe fiz a pergunta que direcionei aos demais guias. Ao ser indagado sobre o que é preciso para ser um guia de turismo no Pantanal respondeu:

Primeiro, o conhecimento da fauna, da flora, da história, conhecimento geográfico. Um conjunto de conhecimentos. Primeiro fauna e flora, segundo geográfico, porque você tem que sair, pegar barco, e terceiro comunicação e dinâmica para agradar aquelas pessoas que são mais difíceis. [...] Um guia tem que ser aquele que agrada o hóspede de qualquer jeito, se o hóspede for chato o guia tem que ser legal, se o hóspede não for comunicativo o guia tem que comunicar. Pode estar tudo bom. Você pode ter uma comida maravilhosa, você pode ter uma hospedagem maravilhosa, mas se o guia não for bom o turista não vai ficar contente.

Ele aponta a necessidade de que os guias tenham conhecimentos técnicos que possibilitem o acesso dos turistas em segurança a determinados lugares e também que tenham habilidades comunicativas para agradar os clientes. Para ter os primeiros é necessário tempo convivendo com a natureza pantaneira. O único elemento que não advém necessariamente dessa relação íntima com o local é a comunicação, mas ela fica prejudicada sem os demais. Apesar de citar no início a necessidade do conhecimento histórico, ao longo da fala dá pouca importância a esse aspecto e não fala sobre elementos culturais locais.

O gerente e guia Manoel disse sentir-se pantaneiro mesmo tendo incorporado hábitos pouco comuns ao universo rural da região : “eu me sinto ... assim eu tenho um brinco mas é normal hoje em dia é normal... tatuagem está popularizando”.

Ao elencar aspectos estéticos vinculados ao mundo urbano e dizer que é “normal” e que hoje em dia está popularizando ele justifica que, apesar de eles não serem atributos comumente atrelados ao mundo rural e à figura e representação do pantaneiro divulgada mercadologicamente, isso não o faz menos pantaneiro, pois nasceu na região. Mais do que isso, ao dizer que é algo que está se popularizando, indica que aspectos urbanos estão se tornando comuns no universo rural e não influenciam no seu sentimento de pertença, pois não são capazes de descontinuar outros elementos atrelados à categoria. Dito de outro modo, há outros elementos e referentes adentrando a região em razão da intensificação do turismo, da comunicação e de outras atividades. O fato de utilizá-los, não o faz menos pantaneiro, porque não são apenas os hábitos ligados ao consumo, sobretudo de roupas e acessórios, que importam nessa definição identitária.

A sua caracterização como um pantaneiro, que se utiliza de elementos mais comuns ao ambiente urbano e geralmente não associados à uma imagem do pantaneiro, informa que as mudanças de hábitos culturais não necessariamente influenciam o sentimento de pertença dos sujeitos, tal como aponta Oliveira (1978). O nível de influência, vai depender da importância simbólica dada a determinados objetos e elementos como critérios ou símbolos diacríticos.

Assim, Manoel define o que é ser pantaneiro:

Nasci na região, não é só mudar pra cá. **Tem pessoas que vêm pra cá há dois anos e diz ser pantaneiro. Não é pantaneiro...** não conhece o Pantanal, não viu o melhor das cheias e das secas, não pegou uma cheia de verdade, **nós que nascemos e crescemos aqui vimos cheias complicadas. À época a estrada era intransitável.** [...] Então essas coisas que é ser pantaneiro, conhecer o local [...] Eu conheço São Paulo? conheço nada. Fui a São Paulo algumas vezes, uma cidade daquele tamanho... O Pantanal é muito grande, mas eu conheço um bom pedaço do Pantanal. (grifo meu)

Para ele, o nascimento ou o longo vínculo com o Pantanal e a rudeza de sua natureza são os principais aspectos elencados para a definição do “ser pantaneiro”. Nesse último trecho ele indica uma oposição e um contraste que instaura uma diferença, uma barreira. Nós que aqui nascemos somos pantaneiros. Não é pantaneiro aquele que vive aqui há pouco tempo, pois não teve tempo de ter contato com cheias e secas intensas, de maneira que ser pantaneiro implica num prévio e longo contato com os aspectos mais hostis desse ambiente que moldam e preparam o indivíduo para nele habitar. Elementos como bravura e coragem, associados ao convívio com os traços mais desafiadores da natureza pantaneira, estiveram presentes nas falas da maioria dos entrevistados e são associações de significados que também estavam presentes na definição da categoria em seu contexto originário. Isso nos conduz, no que tange à análise histórica da categoria, a uma continuidade da qual falaremos mais adiante.

“Ser pantaneiro é ter responsabilidade com a região”

Com 54 anos de idade, natural da vila Passo da Lontra, Márcio sempre trabalhou com o turismo na região do Passo da Lontra e na EPP. Com 14 anos, o seu pai que trabalhava em fazenda, comprou um quarto que alugava para turistas de pesca. Até 2001, atuou com esse público, quando conheceu o que chamou de “turismo internacional de mochileiros europeus” e começou a se interessar pela atividade, pela língua inglesa e a trabalhar como guia de turismo para as pousadas da região como autônomo, dedicando-se desde então de forma mais exclusiva a este segmento que lhe agrada mais, por contribuir com a preservação e por lhe proporcionar contato com diferentes culturas nacionais e internacionais.

O guia disse se apresentar aos turistas como um “pantaneiro descendente de indígena, um filho da terra mesmo”. Nascido na região rural próximo de onde hoje fica a vila Passo da Lontra, onde há algumas décadas trabalha como guia autônomo, morando e apresentando o Pantanal a diversas pessoas como turistas, pesquisadores, repórteres, entre outros, compreende que a condição de ser pantaneiro implica uma responsabilidade de preservar e cuidar da região. Assim para ser pantaneiro é necessário

[...] procurar apresentar o melhor que tem da região, procurar preservar, cuidar da região. Isso é ser um pantaneiro, não só explorar, ganhar dinheiro com isso sem se preocupar, é ter responsabilidade com a região. Inclusive denunciar quem vem desmatando, acabando... isso é ser um pantaneiro.

A identificação ligada ao nascimento no território pantaneiro e à sua condição indígena, o legitima como um exímio conhecedor do Pantanal. Essa definição de pantaneiro vincula à categoria, a responsabilidade com a preservação do meio ambiente. Aqui a natureza não aparece acompanhada de outros elementos como coragem, bravura, resiliência, entre outros, apontados com frequência pelos demais guias entrevistados. Esse critério preservacionista aparece de forma exclusiva e sugere que, mesmo um indivíduo nativo ou que habita há muito o Pantanal pode não ser reconhecido como pantaneiro caso não atenda em seus comportamentos ao critério de conservação ambiental, e que pessoas recém chegadas que o atendam podem ser assim reconhecidas.

Márcio, que atua no turismo na região há décadas, tendo participado do seu processo de consolidação e que demonstra verdadeiro amor pelo que chama de turismo contemplativo se vincula à imagem de pantaneiro não apenas pelo convívio íntimo com a natureza local, mas tendo como critério de pertencimento a condição de preservacionista, que age de forma ativa e nitidamente política em favor do bioma em contraste com pessoas de dentro ou de fora da

planície, sejam guias ou proprietários, que enxergam o Pantanal apenas como uma oportunidade de auferir renda e lucro, atuando de forma irresponsável com o meio ambiente.

Para ele, que atua como guia de turismo na região há décadas, está mais do que claro que o principal produto a ser vendido pelo turismo independentemente do segmento no Pantanal é a sua natureza, o que torna imprescindível a sua preservação, sendo ela o mote para o interesse e a chegada de turistas, de empreendedores, pesquisadores, entre outros, e para o desenvolvimento e organização de uma gama de serviços e funções como a que exerce.

Compreende também que a massiva veiculação e valorização da natureza nas mídias, faz com que em torno dela ocorrem embates seja por recursos entre diferentes representantes de ramos de atividade ou identitários. Márcio joga com os discursos e intenções externas não só da mídia, mas também desses agentes que chegam e com os quais interage.

Identificar-se como pantaneiro, compreendendo essa identidade não como meramente conservacionista, mas sobretudo preservacionista, o valoriza no exercício de sua função como guia e o posiciona como uma referência local para falar sobre o bioma. Razão pela qual ele tem sido cada vez com mais frequência convidado a trabalhar com pesquisadores e jornalistas, seja como guia seja no auxílio à produção de documentários.

“Precisa primeiro ser, ter um tempo vivendo aqui pelo menos [...] se naturalizar”

Com 39 anos, Alan é um guia bilíngue da pousada 3, visitada durante a segunda etapa do trabalho de campo. Quando a visitei, em razão da pouca quantidade de turistas, ele não estava presente. Convivi com o seu colega de trabalho, Ricardo, outro guia de quem falarei mais adiante e que me passou o seu contato. Desse modo, a entrevista foi realizada online após o retorno do trabalho de campo e ele demonstrou bastante disponibilidade em colaborar, permitindo a gravação de áudio de nossa conversa.

Nascido na região sul do Brasil, Alan passou a morar no Pantanal durante a infância, quando a mãe começou a trabalhar numa pousada no Passo da Lontra. Morando na comunidade com os irmãos que ali nasceram, a família criou, no final da década de 1990, o próprio negócio voltado para o turismo de pesca. Ele que até então trabalhava em fazenda com o gado, começou a trabalhar nesse ramo como guia e, dentro de pouco tempo, como me informou, entrou em contato com o ecoturismo por curiosidade ao observar a movimentação de grupos de turistas na região e atraindo-se mais por este segmento por causa das línguas estrangeiras.

Por causa do envolvimento de sua família com o turismo de pesca esse ramo lhe pareceu mais favorável e, apesar de concentrar nele a sua atuação, durante a baixa temporada ele retornava aos trabalhos nas fazendas de gado. Diferentemente do que afirma Moretti (2006), nem todos os trabalhadores que buscaram no turismo de pesca uma fonte de renda o fizeram pela impossibilidade ou perda de condições vantajosas para o exercício de suas atividades produtivas tradicionais.

Ao falar sobre as funções que já exerceu e sobre o seu trabalho atual, enfatizou as suas múltiplas capacidades, necessárias em um contexto onde o turismo não é constante.

[...] eu já trabalhei com o gado, com o cavalo, com o trator, assim, meio Macguyver⁴⁰ um pouco de cada coisa, até porque o turismo não é constante. Então, trabalhando até com o turismo na fazenda você está sujeito a fazer todo trabalho que existe de uma fazenda como aqui [na pousada 3 onde trabalha]. Eu dirijo, eu sou o motorista, sou o cara da canoa, sou o cara do cavalo, eu sou o cara do piloto do barco, é assim, não é só um guia específico que sai para falar com as pessoas, aqui **como a gente conhece a região, então a gente faz de tudo**, eu mesmo piloto, eu mesmo vou no caminhão, é assim, entende?, o cavalo eu mesmo que encilho, eu que preparo, é tudo isso, **um guia pantaneiro, entende?, eu não sou um intérprete, eu sou um guia completo.** (grifo meu)

Para ele, ser um guia pantaneiro é ter conhecimento prático para exercer diversas funções vinculadas à fazenda e ao rio, é fazer de tudo. Sua noção de guia completo envolve componentes presentes no guia original e no guia profissional, não sendo um mero intérprete e exercendo várias funções utilitárias para o atendimento dos turistas. De fato, ele integra um grupo de guias que não só acompanhou como fez parte do desenvolvimento e consolidação do ecoturismo na região.

Apesar de se comunicar em três línguas, de início não as indicou como elemento importante de sua função - esse aspecto comunicativo e típico dos guias profissionais conforme Cohen (1985), - mas os componentes utilitários e práticos que mais frequentemente são foco dos guias originais, os quais necessitam de conhecimentos da geografia, do espaço, da fauna, da flora, que só são desenvolvidos mediante a prática diária de convivência com o Pantanal. O domínio desses componentes utilitários o diferencia dos guias forasteiros que, frequentemente possuem muitos conhecimentos em biologia, zootecnia e em línguas estrangeiras, mas que carecem de conhecimentos práticos necessários à função.

Ao responder à questão “o que é preciso para ser um guia de turismo no Pantanal?”, disse:

Eu acho que a primeira coisa é que você precisa se acostumar com isso daqui. Eu sou daqui na verdade, então foram anos de trabalho e ainda não sei tudo, ainda não

⁴⁰ Personagem da série norte-americana cujo nome traduzido em português é “profissão perigo”. Trata-se de um homem com múltiplas funções, um solucionador de problemas e que resolve questões complexas.

adquiri toda a experiência, então você precisa primeiro ser, ter um tempo vivendo aqui, pelo menos. Por exemplo, o Ricardo [o outro guia que é da região sudeste e que trabalha na mesma fazenda] é um cara que entende de natureza e tudo [pois é mestre em Biologia] mas muita coisa do campo ainda, a gente sai trocando ideia e ele fala, ‘ah isso é novidade’, é novidade pra mim também. Então você precisa primeiro se naturalizar. Pra ser um guia você tem que ter vontade pra isso, mexer com esse trabalho [...] acho que precisa gostar e ter vontade de aprender que pra ser um guia não aprende do dia pra noite. **A gente só tem o privilégio porque aqui a gente conhece, então só precisa aprender a falar e passar essa informação pro turista de uma forma que ele entenda** (grifo meu).

Ao dizer que não se aprende da noite para o dia as funções de um guia e apontar que “a gente” tem o privilégio de conhecer precisando apenas aprender a comunicar, Alan, ergue a barreira da diferença, apontando um contraste: nós, guias nativos ou moradores de longa data diferentemente dos outros já conhecemos e trabalhamos na região, sendo algumas das atividades bastante corriqueiras, investimos mais tempo na aprendizagem de outras línguas, enquanto eles, os de fora, mesmo que se comuniquem bem, precisam antes viver no lugar e adquirir conhecimentos do componente e aspecto mais prático da função que demandam acima de tudo, vontade, tempo e humildade. Ele mesmo demonstra humildade ao dizer que mesmo vivendo e trabalhando na região desde a infância, no campo se depara com novidades, com o desconhecido.

Assim, para ser um guia completo, um guia pantaneiro, é preciso ser ou se tornar um pantaneiro e, para isso é necessário se naturalizar, acostumar com o lugar, aprender a viver nesse ambiente, em sua natureza singular, o que demanda interesse, vontade e tempo. Para ele, ser pantaneiro é principalmente “viver nessa abundância aqui feliz “[...] é viver nesse lugar maravilhoso sem reclamar do mosquito picando, do calor... é um mundo maravilhoso sabe [...] as pessoas que vem aqui admiram [...] e você cai na realidade de onde você vive [...] valorizo o que a gente tem porque é coisa única”. Outra vez, nota-se a ênfase na resistência relacionada à natureza e em seu relativo isolamento. Ser pantaneiro é sentir-se feliz por poder contemplar as riquezas naturais e tem como condição que o sujeito não reclame e que seja resiliente em relação aos seus aspectos mais rudes.

Alan começou a trabalhar no ecoturismo em 1994, através “de um amigo indígena, peão de fazenda que começou a trabalhar com estrangeiros aqui, ele trazia grupos grandes e quando sobrava alguma atividade, ele dividia o grupo, então sempre tinha uma caminhada noturna, ou um passeio de *kaiak* e ele me colocava nessas funções [...]”. Note-se que enquanto o guia Sérgio proveniente da cidade de Miranda e muito ligado ao rio e ao turismo de pesca, não soube informar os turistas que lhe perguntaram se havia indígenas na região, outro guia

aprendeu funções ligadas ao ecoturismo com um guia indígena que trabalhava como peão, e que segundo informou, foi importante para o início do ecoturismo na região.

Isso sugere possíveis diferenças entre as representações que os guias nascidos ou que vivem no Pantanal há bastante tempo podem ter a partir de sua origem, isto é, aqueles que vieram das cidades pantaneiras podem interpretar, pensar e representar o Pantanal, suas gentes e culturas em seu dia a dia de formas distintas dos que são provenientes das regiões rurais e transmitir tais percepções aos turistas mais interessados nos aspectos culturais. Elas também podem ser influenciadas pelas trajetórias desses guias em diferentes áreas e funções, tais como a pesca, o trabalho em fazendas, com o turismo de pesca, em agências de viagens, entre outros.

A aprendizagem de línguas da qual se orgulha feita como visto dentro do próprio turismo ocorreu como outros aprendizados no Pantanal, através do interesse, da vontade e sobretudo da prática no dia a dia com os turistas estrangeiros. Alan se orgulha de exercer as múltiplas funções e, como ficará claro mais a frente, compreende a multifuncionalidade como um sinal diacrítico. Por meio dela, ele se credencia não como um mero intérprete - como enfatizou – esse aspecto que lhe dá legitimidade no que faz e os idiomas nos quais se comunica reforçam e lhe afirmam em sua atividade, tornando-o um “guia pantaneiro”, um guia completo.

Em suma os guias nativos se identificam como pantaneiros e dão sentidos diversos à categoria, mas, longe da completa indefinição, nota-se algumas repetições de elementos e critérios, tais como: a origem, o longo convívio que requer humildade e resiliência para aprender, conhecer e se habilitar à viver nessa natureza que, para além das belezas é também bastante hostil. O longo convívio desenvolve as habilidades de sobrevivência a este meio e gera indivíduos que adquirem multifuncionalidades, sendo este aspecto bastante enfatizado por um dos guias. A atitude preservacionista, o comportamento tímido e o consumo de alguns alimentos típicos também foram elementos enfatizados por outros guias.

3.3.2. Ser pantaneiro para os guias “de fora”

“Ser pantaneiro é ser apaixonado pelo Pantanal”

O guia Tiago se denominou “homem das onças” durante um passeio a cavalo que fiz como turista na fazenda onde ele trabalha, quando divulgou suas redes sociais e telefone para que os turistas entrassem em contato⁴¹.

Ao falar de sua trajetória de vida, o guia Tiago relatou que trabalhou ao longo de seus 40 anos em diversas atividades, desde pintor e cozinheiro até se tornar chefe de cozinha, depois de estudar gastronomia, quando, segundo disse, ganhou fama nacional e internacional. Nascido na capital sul-mato-grossense, morou em grandes cidades brasileiras como São Paulo, além de ter vivido por um período no exterior. Durante os 5 anos em que vive no Pantanal entende esse processo como fruto de uma grande paixão, não apenas pela natureza e simplicidade cotidiana, mas também por amor ao que faz. Falou com entusiasmo sobre o seu projeto com as onças, do seu trabalho como guia, e sobre o plano de dar continuidade ao trabalho do dono da fazenda e pousada onde atua, um senhor que lhe abriu as portas, que confia em seu trabalho, por sua dedicação ao lugar, principalmente por sua preservação.

Ao ser perguntado se ele era um pantaneiro, o guia ponderou e disse que essa era uma questão espinhosa, pois já ouviu de muitas pessoas da região que ele era arrogante e que não era pantaneiro porque não havia nascido no Pantanal. Para ele, ser pantaneiro não provém necessariamente do nascimento, mas, principalmente “da paixão, convivência e respeito pelo lugar e pela sua natureza”. Dessa forma, ele se identifica como um pantaneiro e no passeio a cavalo que ele conduziu durante a primeira etapa do meu trabalho de campo, não se apresentou como nativo, mas como um “guia pantaneiro”, um apaixonado pelo Pantanal que largou tudo o que tinha de mais valor em sua vida urbana para viver ali.

Como mencionei, esse guia era conhecido pelos demais. Ao longo do trabalho de campo, percebi que citar o seu nome e trabalho suscitava reações diversas como risos e comentários depreciativos sobre a sua conduta como guia e sobre o seu projeto como “homem das onças”, indicando que sua presença como uma pessoa de fora e há pouco tempo no Pantanal causava incômodo nos demais guias. Um dos momentos em que seu nome surgiu sem que eu precisasse citá-lo foi quando eu retornei ao Pantanal uma semana após ter passado cinco dias como turista. Na van, ao saber que eu estava pesquisando o turismo na região, o

⁴¹ Durante a segunda etapa do trabalho de campo eu visava entrevistá-lo pessoalmente, o que não foi possível, porém, após algumas tentativas e remarcações, conseguimos nos comunicar via chamada de vídeo quando ele estava de folga em Campo Grande, pois na fazenda e pousada onde trabalha o sinal de internet costuma ser bastante instável.

motorista me aconselhou a não entrevistar esse guia exclusivamente, pois o considerava arrogante e sem experiência para me dar informações. Esse motorista era um ex-guia, nascido no Pantanal e que trabalhou e acompanhou o desenvolvimento do ecoturismo ainda no período de sua estruturação. Ele ressaltou que para atuar nessa atividade é preciso conviver com a natureza, circular e não achar que o trabalho dentro dos limites de uma fazenda específica lhe daria o conhecimento necessário para apresentar e viver com a natureza pantaneira. O motorista, assim como Sidnei, destacou o critério da mobilidade no interior do Pantanal como elemento importante para a identificação de um guia como pantaneiro.

Tiago encarna a figura das gentes de fora, que buscam se tornar pantaneiras visando objetivos e projetos individuais, e faz um uso bastante estratégico da figura da onça, cobiçada principalmente pelos olhos dos turistas. Imagem essa explorada à exaustão pelo *marketing* turístico, por representar o selvagem, e trazer aos turistas sensações de adrenalina e aventura numa natureza pouco domada. Sendo assim, um “homem das onças” parece uma espécie de domador, um conhecedor exímio do comportamento desses animais em seu habitat, que sabe facilmente os encontrar para mostrá-los, saciando o desejo e anseio de seus clientes.

Agindo assim, Tiago performa para os turistas um ‘pantaneiro’, que conhece a natureza de forma íntima. E tenta, dessa forma se inserir de maneira estratégica nos critérios valorizados pelos guias nativos e moradores de longa data no Pantanal e, se consegue uma aceitação por parte dos turistas⁴² que trazem noções mais genéricas sobre o bioma e os modos de vida de seus habitantes, não consegue o mesmo efeito entre os demais guias estabelecidos. Estes que o enxergam como alguém que, apesar de aparentar amor e respeito pela natureza pantaneira, não possui longa vivência no Pantanal, a habilidade para se movimentar e se situar nas diferentes regiões da planície, a coragem, a bravura, a resiliência, a resistência e, sobretudo, a humildade que caracteriza o pantaneiro, necessária para que seja reconhecido como tal. Ao contrário, ele busca atender a interesses de ordem pessoal e econômica com o uso dessa identificação que eles lhe negam. Ademais o prestígio que consegue entre os turistas por dominar com maestria a comunicação e o atendimento às suas demandas, gera mal estar nos demais que não conseguem o mesmo feito.

De modo muito diferente age outro guia forasteiro que convivi e entrevistei.

⁴² O casal brasileiro elogiou bastante Tiago.

“Não sou pantaneiro. Eu sou mineiro. O pantaneiro é bruto”

A frase acima foi dita pelo guia Ricardo, um homem com cerca de 30 anos, na pousada 3 onde trabalha. Do sudeste, mestre em biologia, compreende a sua chegada ao Pantanal como um chamado e dentro de um propósito com um projeto de desenvolver um trabalho fotográfico e informativo sobre o Pantanal e sua cultura⁴³. Assim, durante nossas conversas ao longo de dois dias, durante os passeios e numa madrugada em que me hospedei em sua casa⁴⁴, me explicou a sua trajetória, o que faz e busca no Pantanal e como analisa o turismo na região em que se insere. Foi difícil fazer com ele uma entrevista formal, pois quando não estava nos passeios ou trabalhando em outra atividade, ele ia para a sua casa descansar e quando pude ficar com ele de forma mais tranquila ele queria beber e parecia fugir de uma conversa mais formal. E assim, foi em meio a outros assuntos sobre os turistas, o turismo, os funcionários, a pousada e sobre a sua vida, que pude pautar algumas questões que estavam previstas dentro dos eixos do roteiro de entrevistas.

Quando me disse que mora e trabalha no Pantanal há 3 anos, aproveitei para perguntar se ele se sentia um pantaneiro, quando ele me respondeu com a frase que intitula esse tópico, por achar que o Pantaneiro é bruto, por conviver em um ambiente difícil e rústico, com uma natureza hostil. Por isso, numa conversa que tivemos sobre o turismo de luxo no Pantanal em referência a uma pousada específica ele enfatizou que, “apesar de bonito, não é uma experiência autêntica. Para saber o que é o Pantanal é preciso fazer coisas da tradição, a comida típica, o churrasco pantaneiro de chão, ir nas fazendas ou conviver com os pantaneiros do rio”. Para ele, não é preciso luxo, tampouco “fantasiar e inventar coisas”, referindo-se ao “homem das onças” - que ele sabia que eu já tinha entrado em contato como turista.

Ao apontar o pantaneiro da fazenda e o do rio ele informa que no pouco tempo que ali vive, nota diferenças e enxerga dois tipos de habitantes do Pantanal e para ser um pantaneiro é preciso conviver e conhecer práticas comuns de ambos. Para ele, é importante que as produções sobre o Pantanal, sejam na sua área ou em outras, coloquem em suas lentes também aspectos da cultura, os quais sente estarem se perdendo, principalmente porque as

⁴³ Após concluir o mestrado em Biologia ele mandou e-mails para várias pousadas no Cerrado e no Pantanal trocando serviços como os de guia bilingue por moradia, para que fosse possível vivenciar a natureza dos biomas, fotografar e escrever a respeito. A proprietária Sônia, recém chegada no Pantanal, necessitando com urgência de um guia bilingue o respondeu e ele foi para a sua pousada, onde reside e trabalha desde então.

⁴⁴ Os funcionários da pousada 3 moram próximo à sede da antiga fazenda onde atualmente funciona a pousada. A casa de cada funcionário compreende uma cozinha, uma pequena sala, um quarto e um banheiro, além de uma pequena varanda. Dispõem de poucos móveis e eletrodomésticos, e, em suma, possuem os pertences que os funcionários levam.

novas gerações não se interessam pelos costumes tradicionais. Disse inclusive que isso também deveria ser uma preocupação do ecoturismo que “foca muito só na natureza e esquece a cultura pantaneira tradicional que está se perdendo por causa do desinteresse das gerações mais novas”.

Concordo com o Ricardo a respeito da falta atrativos culturais nas pousadas da região e em como isso afeta e reduz o sentido do ecoturismo que ali se pratica. Mas ao falar de autenticidade e perda cultural o interlocutor denota que possui uma concepção de cultura estática e que atribui, ainda que indiretamente, ao turismo uma tarefa de salvaguardar e reproduzir os aspectos autênticos e tradicionais da cultura local. Apesar de em muitos casos o turismo contribuir para a reprodução, manutenção, ressignificação e produção cultural mesmo que com objetivos vinculados ao turismo, como mostra Bruner (2005), Cohen (2002), Grunewald (1999;2001), Thomé (2008), entre outros, concordo com a afirmação de que “não há nada menos tradicional do que uma cultura tradicional” (BRUNER, 2005), pois a seleção de elementos tradicionais numa cultura não deixa de ser realizada com interesses e pelo contexto presente, modificando assim o sentido de determinada atividade cultural. Ademais, é importante destacar aqui que nenhum guia de turismo nativo fez referência à perda cultural ou à necessidade de fornecer atrativos culturais com o objetivo de salvaguardar a cultura local. Como veremos no capítulo seguinte, as críticas feitas por esses guias ao ecoturismo ali praticado se concentram noutras questões.

Mesmo tendo alguns atributos citados por guias nativos como necessários para ser um pantaneiro, tais como conseguir passar vários meses sem sair do Pantanal, Ricardo não se identifica como pantaneiro e não demonstra intenção em viver no Pantanal por muito mais tempo do que o necessário para cumprir o seu propósito, e, talvez este seja um dos motivos dele não ser comentado pelos guias nativos como o “homem das onças”, que se identifica como pantaneiro. Outro fator pode ser também o seu reconhecimento e humildade de dizer que o pantaneiro é bruto, palavra ou significante positivado, isto é, no contexto pantaneiro, essa brutalidade não tem um tom negativo, mas sim, positivo, denotando força, coragem e resistência que, embora ele tenha, ao viver naquele contexto, indo para a sua cidade em média duas vezes ao ano por no máximo um mês em cada viagem, não reconhece e não deseja fazer disso um elemento para reivindicar essa identidade.

Outro motivo que pode influenciar no seu sentimento de não pertencimento é o isolamento social. Notei ao longo do trabalho de campo que os dois guias forasteiros transitavam menos pelo Pantanal e estabeleciam menos relações sociais com grupos locais e

peças de fora da pousada onde trabalham. Mas se Ricardo não reivindicava tal identificação, o “homem das onças”, mesmo que isolado pelos demais, não só a buscava como performava diante dos turistas como pantaneiro.

3.4. Os guias na lida diária

Ao longo das duas etapas do trabalho de campo, a principal diferença notada entre os guias nativos ou residentes de longa data no Pantanal e os guias não nativos, foi a quantidade de atribuições. Os primeiros, geralmente, possuíam muito mais funções do que os segundos. Na pousada 1, onde estive como turista, os dois guias eram nativos – advindos de Miranda e Corumbá - e ambos, além de organizarem e fazerem os passeios, ajudavam no atendimento do bar e no restaurante. Um deles também se ausentou em um dos dias para exercer a função de motorista. Essa pousada ao contrário das demais não estava localizada em um terreno amplo e espaçoso onde antes funcionavam fazendas, como é comum na região e, como tal, eles não precisavam cuidar de animais comuns nesse ambiente como cavalos, porcos, galinhas, entre outros. O passeio a cavalo ofertado por essa pousada era terceirizado em uma outra, onde também funciona uma fazenda. Nela, foi observado que havia um cuidador dos cavalos que os preparava para os passeios, e o guia, que não era nativo e nem um residente de longa data no Pantanal. Este último exerceu de forma mais exclusiva as atribuições de um guia profissional, mais centrada na mediação e comunicação com os turistas mediador e comunicativo.

Na pousada 2, onde foi possível acompanhar Ricardo, um guia não nativo durante três dias de trabalho, a sua rotina também se mostrou menos atarefada, com menos atribuições. É necessário considerar que nas pousadas estabelecidas em terras de fazendas ou de antigas fazendas, o número de turistas recebidos em relação à primeira foi menor e, sendo período de alta temporada, é possível que em condições normais, isto é, sem pandemia, esses guias tivessem mais funções. O que se observou na pousada em questão foi que o guia recepcionou junto à proprietária da pousada os turistas que chegaram no estabelecimento e com exceção dos passeios, suas únicas atividades foram cuidar dos cavalos e dar alimento às galinhas logo pela manhã, pois, como me informou Ricardo, Alan, que era o outro guia e que é nativo, era o responsável por esses cuidados, mas não estava presente. Apesar de viver há 3 anos no Pantanal naquela pousada, exercia essas funções quando necessário, elas não eram suas atribuições.

Em um passeio de cavalgada que fiz junto a ele e a um casal norte-americano, a turista especialista em veterinária chamou a sua atenção em relação aos maus cuidados com o casco

dos animais – o que ele comentou comigo não ser sua atribuição por não saber fazer. A mesma turista o auxiliou nos cuidados com um potrinho machucado, chamando a atenção não só dele como também da proprietária para o descuido com relação ao animal (ver capítulo 2).

Na entrevista, o guia Alan exaltou sua multifuncionalidade como traço diacrítico de um pantaneiro e de um guia pantaneiro. Como um residente de longa data, ele conhecia a natureza pantaneira, o dia a dia de uma fazenda e dos cuidados dos animais, bem como o do rio e suas condições de navegação e para a pesca. Esses conhecimentos lhe permitem desenvolver diversos trabalhos no Pantanal e essa multifuncionalidade é utilizada por ele para se diferenciar dos guias de fora.

Neste ponto Alan, ao se afirmar através desta multifuncionalidade, nos permite uma interpretação diferente da realizada por Ribeiro, Vargas e Araújo (2011) que, compreenderam que os trabalhadores do turismo sofrem um processo de descaracterização e de disfunção, iniciando uma rotatividade de empregos em busca do reencontro com a sua profissão tradicional. Se por um lado, conforme os seus interlocutores, essa busca ocorre, por outro há também profissionais do turismo como o guia Alan que não anseiam este reencontro exclusivo com uma função específica que exerceu outrora e, pelo contrário, vê a ampliação de suas atividades e funções decorrentes dos vários empregos pelos quais passou e funções que exerceu como uma vantagem e uma forma de se manter trabalhando no turismo, ramo que ingressou por interesse próprio e que diz gostar e se identificar mais⁴⁵.

As múltiplas funcionalidades das quais fala Alan permite questionar a noção de Cohen (1985) de substituição do guia original pelo guia profissional que ocorre com a institucionalização do turismo. Como ficou claro em sua entrevista, Alan é um homem cosmopolita que, no setor de turismo, já trabalhou tanto no meio urbano, captando clientes, quanto no rural atendendo os turistas, dentre outras funções. Ele se comunica em pelo menos três línguas e executa atividades focadas tanto no aspecto prático de sua função como guia, quanto no aspecto comunicativo, é “um guia completo”, como enfatizou. O que Alan e outros guias nos mostram é que eles transitam entre essas categorias: podem ser caracterizados como

⁴⁵ A multifuncionalidade tem sido apontada sobretudo em estudos sobre turismo de base comunitária em meio rural como parte de uma nova visão de mundo ou uma “nova ruralidade” na qual as comunidades que buscam fontes alternativas de renda passam a enxergar o valor da terra de forma mais ampla e múltipla, o que se desdobra em atividades que envolvem as tradicionais produções agrárias, serviços ambientais, valores cênicos e paisagísticos e a própria cultura derivada da relação entre os habitantes e o meio onde vivem. Esses habitantes, por sua vez, são porta vozes dessas várias atividades desenvolvidas nesse meio que bem conhecem e por buscarem envolvimento em diferentes atividades econômicas, transitam entre funções e também se tornam indivíduos multifuncionais. Cf. (BRANDÃO, 2014).

guias originais e buscam se profissionalizar, unindo as funções de guia original e profissional para garantir vantagens à permanência no setor turístico e no cargo de guias de turismo.

Junto à multifuncionalidade dos guias nativos e a exaltação desse aspecto de maneira valorativa, os elementos discursivos e as categorias presentes na concepção do que é ser pantaneiro para esses guias, como a resistência, o aprendizado na prática, os saberes desenvolvidos no dia a dia em contato com uma natureza rude e hostil, bem como a multifuncionalidade remetem à categoria pantaneiro desenvolvida no processo de ocupação e povoamento atrelada à atividade pecuária, pois nela, como apontou Banducci Júnior (2012) estão vinculados significados como uma existência rural em contraste com a urbana; quem possui conhecimento e domínio sobre a natureza regional em seus mais diversos ciclos; e, principalmente, aqueles indivíduos que compartilham de um passado comum, que pautam suas vidas em códigos rígidos de honra, retidão e bravura, constantemente reforçados nas relações de trabalho e do convívio social diário. Dessa definição criada e vinculada ao universo das fazendas de gado, apenas a oposição “quem trabalha com o gado em oposição à lavoura” não foi contemplada. Os demais significados, mesmo que ditos de outras maneiras, permaneceram.

Para Banducci Júnior (2012; 2007), através da afirmação da identidade pantaneira alicerçada nos conhecimentos necessários para o desenvolvimento de seu trabalho, o vaqueiro regulava a permanência no contexto das fazendas e a sua condição social dela decorrente, isto é, seu status de peão e os direitos costumeiros dele advindos.

No contexto do turismo, guias que frequentemente entraram em contato com essa atividade depois de já terem atuado em outros setores, como a pesca profissional, com o trabalho em fazendas e com o turismo de pesca esportiva - seja por terem perdido condições vantajosas para o seu exercício ou por se interessarem por essa nova atividade-, têm se utilizado dessa categoria com sentidos e significados próximos ao seu uso tradicional. Eles retiram dela apenas o que tinha vínculo muito estrito com o ambiente e contexto das fazendas e do trabalho com o gado, ou ressignificam os seus sentidos, ressaltando e centralizando os elementos relacionados à natureza pantaneira.

Tal uso se dá em um contexto em que o turismo e mais especificamente as modalidades alternativas como o ecoturismo valorizam e dão centralidade à natureza local. Apesar do foco ser a natureza e ela estar presente nos discursos sobre ser pantaneiro, outros aspectos que contemplam a cultura, a tradição e a sociabilidade estão presentes no imaginário dos guias quanto a sua identidade pantaneira e servem para diferenciá-los dos guias de fora.

3.5. Ser pantaneiro para os proprietários de pousada

“Ser pantaneiro é usar coisas típicas”

Numa mesa rústica na varanda da pousada 3 enquanto alguns funcionários andavam de um lado para o outro organizando a bagunça causada por uma tempestade da noite anterior, conversei com a proprietária do estabelecimento que aguardava o retorno do serviço de internet para confirmar a chegada de dois turistas - os únicos previstos para aquele final de semana.

Vanessa⁴⁶, proprietária da pousada 4, natural do estado de Mato Grosso do Sul, trabalha na manutenção, no receptivo e administra a pousada junto ao marido a cerca de 18 anos. Anteriormente trabalhavam com comércio na capital do estado. A terra onde hoje fica o estabelecimento turístico era de seu sogro e o seu marido lhe ajudou com os negócios criando a pousada. Ela contou orgulhosa de tudo o que construíram ao longo desses anos e explicou que o trabalho com o turismo não consiste apenas na pousada em si, pois possuem agência própria em Campo Grande e o serviço que oferecem inclui hospedagem temporária em um *hostel* de sua propriedade na capital e o traslado até a pousada no Pantanal, e tudo tem como foco a marca que é o nome da pousada. Segundo ela, além disso, o diferencial está também nos tipos de acomodação que oferecem, desde quartos confortáveis com ar-condicionado até o famoso e procurado *camping* apreciado sobretudo pelos estrangeiros. Alguns dos passeios que fornecem também são apontados como uma exclusividade, pois, dependendo do tamanho do grupo de turistas, podem fazer um *tour* e acampamento na região da Nhecolândia, saindo dos limites da área da pousada. Empolgada, a proprietária mostrou fotos com grupos de turistas no *camping* e em festas como a de São João, quando decora a pousada e oferece comidas típicas.

Ela enfatiza que, assim como o marido, não são proprietários que não trabalham, e que não deixam o empreendimento “na mão de funcionários”. Para ela isso não dá certo e, por isso, junto ao marido trabalham diariamente, ficando bem próximos aos clientes e aos funcionários. De fato, com os demais trabalhadores, o marido capinava um campo próximo de onde estávamos. E assim, como funcionária, disse se apresentar aos turistas. Mais do que demonstrar paridade com os funcionários, esses comentários pareciam também sugerir certa desconfiança dos patrões em relação ao trabalho e à índole dos trabalhadores.

⁴⁶ Assim como nas entrevistas com os guias, com os proprietários os nomes dos entrevistados são fictícios.

Ao me levar para conhecer as dependências da pousada e a sua estrutura, mostrou no horizonte, a amplitude do campo aberto do terreno, um dos fatores que segundo me disse agradava muito aos turistas estrangeiros que gostam de ficar ao ar livre e de fazer caminhadas, “diferente dos brasileiros, eles gostam de simplicidade, gostam do contato com a terra, com o chão”. Explicando as diferenças entre o público internacional e o nacional apontou que “antigamente era só gringo no Pantanal. Eles querem conhecer o Pantanal, querem conhecer a vida do pantaneiro caracterizada pela simplicidade e não querem luxo, “o luxo está onde eles moram. Aqui querem o fogão a lenha, churrasco, não querem frescura”.

Ela se orgulha de fornecer essa simplicidade e exotismo aos estrangeiros e, diferentemente da pousada em que estive na primeira etapa do trabalho de campo, este empreendimento possuía características reconhecidamente desejadas por esse público: a fazenda é ampla, há a possibilidade de acampar sem a comodidades oferecidas nos quartos da pousada, havia como fazer churrasco ao ar livre, muito espaço para caminhar e contemplar a natureza e para descansar.

Falando sobre o luxo, citou uma pousada famosa no Pantanal, conhecida principalmente por recepcionar famosos. Assim como o guia Ricardo, para ela apesar de “[...] lindo, maravilhoso, não é o Pantanal”. Para ela, o Pantanal e o modo de vida pantaneiro estão relacionados com aspectos que envolvem a simplicidade de uma vida rural.

Ao ser questionada se se sente pantaneira, disse que “sim porque nasceu e foi criada em fazenda no interior de Mato Grosso do Sul”, mas que não usava coisas típicas como “o chapéu, o cinto e a faca que as pantaneiras verdadeiras usam”, pois “ser pantaneiro é usar essas coisas típicas”. Os apetrechos que aponta como necessários fazem referência ao universo pecuário de peões e vaqueiros e, nesse contexto das fazendas de gado as mulheres trabalham comumente em atividades domésticas, onde esses objetos não são necessários e utilizados pelas mulheres. Ela afirma que, apesar de ter o sentimento de pertença, por nascer em um ambiente rural, convivendo com o dia a dia das fazendas, não é uma pantaneira praticante, por não utilizar esses apetrechos para ela, utilitários e diacríticos. Vanessa generaliza um referencial masculino e estereotipado de pantaneiro para definir uma mulher “pantaneira”.

Apesar de ter nascido em fazenda de gado e ter mantido relação com o universo rural, diferentemente de muitos guias, nascer e crescer não são fatores que a legitimam integralmente como uma pantaneira. Alguns atributos são diacríticos em sua fala como o chapéu, cinto e faca e são característicos do cotidiano de peões. Ela relaciona a falta desses

hábitos a uma perda em razão de uma vida urbana que levou na capital. Para ela, sair do Pantanal por longos períodos impactou em seu sentimento de pertença, mesmo tendo retornado, vivendo lá há mais de uma década.

O serviço que vende no Pantanal tem, como todas as outras, o forte apelo à natureza e ao convívio com o meio, mas em sua definição de “pantaneiro” não fez nenhuma menção à conservação, à preservação ou ao convívio com a natureza como visto na fala da maioria dos guias de turismo. Apesar disso, ao elencar elementos diacríticos das fazendas e exaltar a simplicidade do modo de vida rural, ainda que não cite diretamente, implicitamente diz que tal simplicidade advém de uma vida muito próxima à natureza. Sendo assim ela aposta na rusticidade dos móveis e da decoração típicas de uma fazenda de gado e o contato e contemplação da natureza como formas de expressão de um modo de vida pantaneiro.

“Pra mim, pantaneiro é conviver com a natureza do Pantanal [...] agora pro pantaneiro mesmo é muito mais complexo, é a cultura deles”

Da região sul do Brasil, onde trabalhava com vendas, Sônia, proprietária da pousada 3, está no Pantanal há 3 anos e trabalha com o turismo desde então, administrando a pousada com o marido e atuando no receptivo dos clientes. Morar no Pantanal era seu sonho antigo, relacionado à novela Pantanal e ao gosto por acampamentos e atividades na natureza que realizava em grupos de escoteiros. Sua única preocupação era com o isolamento, com residir em um lugar de difícil acesso. Decidiu trabalhar com o turismo no Pantanal por ser uma atividade rentável e que a coloca permanentemente em contato com muitas pessoas de vários lugares.

Quando comprou a fazenda os antigos proprietários trabalhavam com a pecuária e mantinham a pousada e, apesar de terem lucros, a segunda atividade estava em segundo plano e caindo em rendimentos de maneira que hoje ela tem buscado aprender como recuperar a marca que leva o nome da pousada. Assim, me disse que tem

[...] uma visão muito simplista da coisa. Eu não tinha conhecimento nenhum do que é o turismo. Estou aprendendo ainda, mas estou aprendendo mais a parte comercial da coisa. O receptivo é muito simples, é a sua casa e você oferece o que tem de melhor e tem dado certo. A questão agora é o *marketing*, trabalhar para empoderar a marca.

Ao ser perguntada sobre se com o tempo que vivia na região já se sentia pantaneira, respondeu que se sente um pouco e que tendo que lidar com a realidade do lugar, acaba aprendendo “na marra”. Para ela, ser pantaneiro é

[...] conviver com a natureza do Pantanal... o ciclo das águas, as dificuldades que isso traz. Então pra mim é isso. Agora pro Pantaneiro mesmo é muito mais complexo, é a cultura deles, eu ainda não estou inserida na cultura deles. Eu ainda tenho a minha, eu ainda não consegui... a gente vai se adaptando aos poucos, né? Então, culturalmente falando [...] eu ainda sou do sul. Tanto é que muita coisa aqui quando eu cheguei me chocou, as diferenças. Eles têm questões de relacionamento pessoal, assim, afetivo mesmo que é muito volátil [...] não tem aquela formalidade [...] o compromisso. Isso chocou. A questão da rotina de trabalho também, porque nós no sul a gente é muito focado, muito focado mesmo. Você pega um negócio pra fazer você vai e vai até o fim pra fazer, né? De repente é até uma coisa meio obsessiva até, mas... aí eu cheguei aqui, e começa a trabalhar para pra tomar tereré, começa a trabalhar e para pra tomar tereré [...] é mais tereré do que trabalho [...] até você entender que é cultura. Eles são assim, não posso mudar, não tenho como mudar, então é isso daí, a gente vai se adaptando. Para eles isso é ser pantaneiro, conviver com a cultura local.

A proprietária traz o aspecto da convivência com as singularidades e dificuldades da natureza pantaneira como elementos que fazem parte do que constitui o “ser pantaneiro” junto a cultura, elemento do ser pantaneiro que ela não diz não possuir. Mas compreende que é possível se tornar com o tempo. Dito de outro modo, apesar de viver assim como os nativos na região em contato com a natureza, ela não partilha dos hábitos que a seu ver também constituem um pantaneiro, tais como a flexibilidade e informalidade nos relacionamentos pessoais e afetivos, a maneira de lidar com o trabalho de forma menos persistente, simbolizada pelo hábito de tomar tereré durante o trabalho. Esses aspectos culturais que ela enxerga no Pantanal contrastam com a sua cultura e valores que ela associa diretamente ao sul do país.

3.6. Pantaneiro: uma categoria organizativa, híbrida e abrangente

Ao longo das falas dos guias entrevistados, não há um padrão descritivo de elementos e critérios comportamentais para a definição da categoria aqui em estudo. Apesar disso, pode-se notar a repetição de algumas categorias para designar e significar o que é “ser pantaneiro”. Amparados nos debates teóricos acerca da identidade, compreende-se a identidade como ato enunciativo, auto atributivo e, portanto, discursivo tal como Hall (2014), Silva (2014), Agier (2001), Oliveira (1976; 1978; 2002), Barth (2000; 2011) e Bhabha (2013) que apesar de falarem sobre diferentes tipos de identidade como a cultural e a étnica, concordam em alguns pontos como a contrastividade, a multiplicidade de referenciais e a heterogeneidade que podem ser utilizados no processo de identificação, além do peso do contexto de embates e disputas dados pela situacionalidade do encontro entre diferentes que promove do ato enunciativo de identificação.

Para facilitar e tornar mais visual a análise elaborou-se um quadro a partir das entrevistas com os guias entrevistados, visando facilitar a apreensão dos mecanismos de identificação que são fundamentais “porque eles refletem a identidade *em processo*” (OLIVEIRA, 1976, p.5).

Tabela 1 - Entrevistas com os guias de turismo

Nome	Idade	Naturalidade	Como e porque começou a trabalhar com ecoturismo	Tempo como guia	Elementos ressaltados na definição de “pantaneiro”
Sérgio	33	Miranda	Cresceu na beira do rio. Trabalhou coma pesca, turismo de pesca e recentemente atua como guia no ecoturismo por interesse próprio.	Menos de 6 meses	Humildade, jeito caipira, comidas típicas.
Josué	30	Corumbá	Trabalhou em fazenda onde teve contato com o ecoturismo pelo qual se interessou	Há 16 anos	Nascimento e convívio com a natureza rude do Pantanal
Manoel	39	Passo da Lontra	Sempre esteve ligado ao turismo. Apesar de atuar nos segmentos da pesca e ecoturismo, tem como foco o segundo que mais o agrada, pelo perfil dos turistas e por contribuir para a preservação ambiental.	Não informado	Focaliza o nascimento, o convívio com a natureza rude; justifica o que parece ser uma contradição: é pantaneiro apesar de usar apetrechos mais comuns em ambientes urbanos.
Sidnei	36	Corumbá	Trabalhava em fazenda quando conheceu e se interessou pelo ecoturismo	Com alguns intervalos, há 19 anos	Nascimento, resistência, vontade, interesse, mobilidade e tempo.
Márcio	54	Passo da Lontra	Sempre atuou com o turismo	Há 20 anos	Preocupação com a preservação ambiental
Alan	39	Paraná/ desde a infância no Passo da Lontra	Atuou como peão em fazenda de gado, no turismo de pesca e se interessou pelo ecoturismo	Há 20 anos	Aspectos como resistência, humildade, vontade, interesse.
Tiago	40	Campo Grande -MS	Atuou em contexto urbano como pintor e chefe de cozinha. Uma visita recente ao Pantanal modificou seu modo de pensar e enxergar a vida, promovendo o interesse de trabalhar na região como guia	Há 5 anos	Paixão, convivência e respeito pelo lugar e por sua natureza
Ricardo	30	Minas Gerais	Ao terminar o mestrado em biologia buscou pousadas de ecoturismo para trabalhar e poder viver em biomas como o Cerrado e o Pantanal	Há 3 anos	Brutalidade (positivada), convivência com um ambiente difícil, rústico e hostil; convivência com pantaneiros ligados às fazendas de gado e os vinculados aos rios. Comidas típicas como o churrasco de chão.

Fonte: elaboração própria

Ao estudar a identificação étnica, Oliveira (1976) apontou que os diferentes grupos em interação afirmam suas identidades por meio de um “sistema de referências ou categorias” (Ibid, p. 9) que se estrutura a partir de elementos diacríticos comuns que são mobilizadas quando do contato com a alteridade. No contexto turístico do Pantanal não é diferente.

O turismo necessariamente envolve contato com nativos através de uma barreira cultural. Isso é verdade mesmo em situações onde o turista não busca ativamente exotismo étnico, e está primariamente interessado em paisagens, monumentos [...] (VAN DEN BERGHE; KEYES, 1984 apud GRUNEWALD, 2003, p. 148). Por isso, é preciso se atentar para “essa forma de relação turística” de extrema relevância para a antropologia, que é o fato de o turismo ter como mote a busca pelo *outro*, pelo diferente, pelo exótico (GRUNEWALD, 2003, p. 143).

Ela propicia nas comunidades receptoras não apenas uma alternativa econômica, mas pode promover “a própria revitalização cultural dessas populações em si” nos casos em que têm passado por reduções em suas produções culturais em razão de problemas impostos pelo capitalismo global (idem).

Assim, nessas comunidades há um reforço da etnicidade e/ou de suas tradições, pois, se o exótico é procurado em lugares distintos do de origem do visitante, é comum que os habitantes desses lugares, de acordo com a perspectiva turística, se promovam como esse exótico, a fim de ser atrativo no mercado turístico, exibindo sinais diacríticos que são promovidos, fortalecidos e criados para caracterizar um povo. Isso não quer dizer que a identidade desenvolvida para atuar na arena turística se torne a identidade reconhecida por todo o grupo. Ao estudar o turismo étnico, Grunewald (2003) afirma que “[...] nem todas os nativos da comunidade étnica estão engajados na etnicidade para o turismo, mas os que estão acabam por formar uma outra comunidade, a turística” (GRUNEWALD, 2003, p.154).

Há uma variedade de elementos mobilizados pelos guias de turismo em seus processos de identificação. Podemos dizer, no entanto, que as menções à natureza, a convivência íntima com os seus aspectos rudes e hostis, bem como a sua conservação, preservação e respeito, citados direta e indiretamente com maior ou menor ênfase pela maioria dos entrevistados atestam a análise de Banducci Júnior (1996), que apontou que com o advento do turismo houve uma descentralização do referencial do gado como referencial de mundo e um redimensionamento do meio ambiente que já era um elemento importante, mas que ganhou centralidade com o desenvolvimento da nova atividade econômica e de novas funções sociais a ela atreladas, como a de guia de turismo.

Mas se em um primeiro momento a referência à natureza que é central na promoção midiática do Pantanal e valorizada pelos turistas parece tomar sozinha à dianteira, uma análise mais apurada das falas dos interlocutores demonstra que há neste referente a atualização, ressignificação e o ajuste de elementos vinculados ao universo do gado. como a bravura, a

mobilidade, a resistência, a resiliência, a simplicidade e humildade, de modo que a pecuária, apesar da perda de centralidade, se mantém como referencial extremamente relevante.

Como vimos, no contexto de desenvolvimento do turismo no Pantanal, a atividade atraiu trabalhadores de diferentes áreas de atuação, que se auto definiam e identificavam a partir de referentes específicos pautados em sua condição étnica ou trabalho, como é o caso dos pescadores profissionais, pequenos agricultores e os peões, sendo presumível que um indivíduo que porventura migre de uma atividade para outra, possa também querer se identificar em consonância com a nova, pois “os incentivos para uma mudança de identidade são, pois inerentes às mudanças circunstâncias” (BARTH, 2011, p. 209). Além disso, sendo a cultura dinâmica, na arena do turismo pode ocorrer um reordenamento dos grupos locais objetivando a interação com o turismo (GRUNEWALD, 2003, p. 146).

No Pantanal, o turismo se apresenta como nova arena de atuação produtiva quando a majoritária estava em crise e as demais logo começam a ser afetadas por diversos fatores como mostrado no capítulo 1. Isso não significa, no entanto, que, ao migrar para os postos de trabalho no turismo, independente da motivação, esses indivíduos deixem de ter contato com as atividades as quais antes se dedicavam e que disso resulte uma perda cultural em relação às atividades tradicionalmente ali desenvolvidas. No turismo de pesca, por exemplo, muitos pescadores puderam continuar vivendo no rio e do rio, fazendo uso dos seus conhecimentos a respeito da pesca; no caso dos peões de fazenda, que passaram a trabalhar também como guias para o ecoturismo, apesar da sobrecarga de funções, pode-se continuar no ambiente costumeiro e com atividades habituais as quais novas foram acrescentadas.

Nota-se que, embora o turismo tenha surtido efeitos no universo laboral do Pantanal, apresentando-se como novo ramo, com as suas diversas funções e cargos, ele não causou uma transformação cultural que instaure uma ruptura com as atividades produtivas tradicionais. Ao contrário dos casos estudados por Barth (2011) a partir dos quais o autor afirma que as transformações culturais não geram necessariamente mudanças identitárias, tem-se aqui guias de turismo que passam a exercer novas funções, não deixando por completo as suas atividades anteriores, e que ajustam e ampliam os seus referenciais identitários para atuarem em uma nova arena.

Voltando à valorização da natureza, da preservação e da sustentabilidade a partir da década de 1970, o Pantanal, na época reconhecido como um dos biomas mais preservados do país passou a ser massivamente divulgado na mídia e a ser fruto de interesses diversos por diferentes agentes e instituições. Com a valorização do território e da natureza compreendidos

nominalmente como Pantanal, desenvolveu-se um processo de disputa entre os peões e os fazendeiros em torno da categoria “pantaneiro” por interesse dos últimos em tomá-la para si (BANDUCCI JÚNIOR, 2007; 2012), fazendo com os que os peões buscassem reforçar hábitos, costumes e valores pastoris visando esse o reconhecimento identitário.

Com o desenvolvimento e consolidação do turismo no Pantanal, um novo processo de disputa passou a ocorrer, tendo o turismo como arena. Trabalhadores como os guias entrevistados, nascidos ou não no Pantanal e provenientes de vários outros universos produtivos procuram se vincular à categoria “pantaneiro”, atualizando os seus parâmetros identitários por meio principalmente desse elemento valorizado e comum a todos: a natureza local.

Os guias locais se valem de referenciais próprios da tradição do gado para se identificarem como pantaneiros, ou seja, eles ou já se identificavam com base naqueles critérios ou deles se apropriam para se integrar num contexto em que são valorizados enquanto representantes da população local.

O turismo é a arena situacional desses interlocutores. Nela eles redefinem as suas identidades de modo a atuarem a contento e/ou disputarem os espaços e funções entre si. Mas conforme compreendem Agier (2001) e Bhabha (2013), se a contingência das interações reclama novas enunciações identitárias, ela não a define integralmente. Ela exerce influência na medida em que inaugura um terceiro lugar que é o entre-espço e entre-tempo, permitindo que redefinições simbólicas, releituras e atualizações ocorram em relação com o alhures, com os outros e também com “antes” (AGIER, 2001, p. 10), isto é, com o passado que, além de legitimador no sentido atribuído comumente por historiadores quando tratam da identidade⁴⁷, é antes e principalmente o recurso ao qual recorre-se para interpretar e se situar diante da nova situação de contato, pois congrega os referenciais de mundo precedentes, usados para compreender e se situar no novo contexto. É com base não só na situacionalidade, mas também nos referenciais prévios que os outros referenciais com os quais se entra em contato serão lidos, significados e ressignificados⁴⁸.

⁴⁷ Cf. HOBBSAWN & RANGER (2017); ANDERSON (2008);

⁴⁸ Me refiro aqui a noções como a de Gluckman (2010) e Sahlins (2011) que enfatizam as continuidades que ocorrem nos processos que decorrem de situações de contato. Entendo os “equilíbrios sucessivos” do primeiro autor não como sistemas de organização sociais integrados que se repetem com os reequilíbrios como meras adaptações ao novo contexto, mas como resultante da necessidade e existência de alguma organização da situação, uma atualização dos referentes existentes em diálogos com os outros que chegam através do contato. De forma semelhante isso também pode ser visto em “Ilhas de História” quando Sahlins (2011) mostra que os nativos havaianos diante da chegada do Capitão Cook fizeram uma “orquestração do contato”, caracterizada pelas reavaliações ou “releituras funcionais” de seus conceitos prévios. Relaciono essas noções ao

Isso pode ser visto nas falas de Josué, Manoel, Sidnei e Alan que, apesar de hierarquizarem o elemento ‘origem’ como comprovante de pertencimento à categoria, reconhecem a possibilidade de que pessoas de fora podem vir a se tornar pantaneiras seguindo algumas premissas: a) a principal, que é conviver, aprender e criar vínculo afetivo com a natureza local, e b) desenvolverem a bravura, a resistência, a resiliência, a mobilidade e a humildade, aspectos importantes a essa identidade. Como vimos ao longo do trabalho, os últimos critérios estão presentes na definição interna da categoria “pantaneiro” em seu contexto de criação e, agora, ainda que revestidos de novos sentidos vinculados à principal referência na atualidade que é a natureza de forma ampla, estabelece continuidade e vínculo com categorias e critérios nativos atuais e do passado. A falta dos atributos relativos às duas premissas foram levantadas pelos guias nativos e estabelecidos como evidência de não pertencimento à categoria do guia Tiago, o “homem das onças”.

Os guias que trouxeram essas categorias mesmo que ditas de formas diferentes foram Sérgio, Josué, Sidnei, Alan e Ricardo. Com exceção de Sérgio e Ricardo, os outros três trabalharam em fazenda de gado antes de se interessarem e começarem a trabalhar com o ecoturismo e é possível que utilizem a sua história de vida no Pantanal como referência para se definirem como pantaneiros. Para além disso, ainda que não seja a ênfase das produções midiáticas e turísticas, que focalizam a exuberância da natureza, quando há nesses materiais alguma referência aos habitantes do Pantanal ou a um modo de vida “pantaneiro”, frequentemente é a figura do peão que está presente⁴⁹, inclusive o remake da novela “Pantanal” produzido pela Rede Globo e apresentado entre março de 2022 e outubro de 2022 há ênfase na figura dos peões, representados principalmente pelo uso de roupas e acessórios como o chapéu, a bota, o cinto, o laço, o hábito de tomar tereré, de comer o quebra torto⁵⁰, atestando a reprodução dessa figura social na atualidade. Com isso, quero demonstrar que categorias nativas e locais também se fazem presentes no discurso que circula externamente sobre o Pantanal e as suas gentes.

A categoria “pantaneiro” criada internamente no processo histórico de ocupação e povoamento do Pantanal faz referência a esse passado, a um universo econômico que embora tenha perdido centralidade, ainda é majoritário, e, se constitui num importante universo de referências para os discursos internos e externos sobre o Pantanal e o modo de vida

“entre-espaço” e “entre-tempo” de Bhabha (2013) quando o contato entre categorias internas e externas, do presente e do passado, geram produções identitárias híbridas.

⁴⁹ Cf. BIGATÃO (2010); LEITE (2008);

⁵⁰ Café da manhã comum aos peões, composto, entre outros, por arroz carreteiro, ovo frito e farofa.

“pantaneiro”. Em sua definição, o guia Sérgio fez uma referência menos comum à categoria, vinculando-a à timidez, humildade, jeito caipira e modo de vida simples, que, pode se relacionar de maneira mais geral a hábitos rurais, sobretudo daqueles que estabelecem moradia em regiões de matas, onde é possível plantar suas roças nas fazendas de gado e que, por viverem afastados apresentam comportamento social mais tímido (BANDUCCI JÚNIOR, 2007 p. 130-132).

Ricardo, por sua vez, não se identifica com a categoria “pantaneiro” e a relaciona com a bravura de maneira positivada e relacionada à resistência de alguém que sobrevive num ambiente bastante rude e que a ele se adapta. Essa relação entre bravura, resistência, resiliência, coragem e humildade perante a uma natureza impositiva, esteve presente nas falas de todos os interlocutores, no momento de definir o que é “pantaneiro” ou no momento em que abordavam o que é necessário para ser um guia de turismo no Pantanal, com exceção do guia Tiago que definiu o “pantaneiro” como alguém apaixonado pela natureza. Essas categorias, embora agora estejam muito atreladas à fauna silvestre, à flora, ao clima, às cheias e secas comuns do bioma e aos perigos deles advindos, estiveram intimamente relacionadas no passado às fazendas de gado e à relação do peão com os bois e cavalos e outros animais considerados por eles como “selvagens”⁵¹.

No contexto das fazendas de gado analisado por Banducci Júnior (2007) a doma e a domesticação de um cavalo ou boi arisco, arredio, bravo, mais do que parte costumeira das atividades campeiras, era, nas palavras do autor “[...], um jogo constante, uma luta, como eles mesmos definem, na qual o que se arrisca a cada momento são as próprias virtudes dos homens, os seus valores mais caros: honra, coragem, dignidade, destreza e masculinidade” (BANDUCCI JÚNIOR, 2007, p. 111). O mesmo ocorria, por exemplo, com a onça, animal representante da “essência do selvagem”, por apresentar comportamentos imprevisíveis e grande ferocidade, despertando nos homens respeito e temor. Capturá-la rendia ao peão a distinção e admiração entre os pares como sujeito corajoso e ousado⁵² (Idem, p. 136).

No ecoturismo a onça ganha centralidade, sendo um dos principais desejos dos turistas e o motivo de uma disputa entre os guias. De acordo com Ribeiro (2014)

⁵¹ De acordo com Banducci Júnior (2007, p. 117-148) “selvagem” ou “brabo” são categorias aplicadas no contexto das fazendas de gado pelos peões para classificar animais que vivem nos matos e campos afastados do convívio humano. Alguns deles podem ser amansados pelos homens como é o caso de bois e cavalos antes criados soltos e que passam a ser domesticados, sendo controlados pelos homens.

⁵² É importante salientar, como faz Banducci Júnior (2007), que apesar do significado simbólico da caça à onça, não era apenas esse o motivo que conduzia os peões para essa ação. Sendo uma espécie predadora, a onça representava uma ameaça de ataque aos rebanhos, podendo trazer muitos prejuízos, daí também a motivação para a caça.

[...] há uma verdadeira caça à onça realizada pelos guias de turismo e pelos turistas no Pantanal. Esse animal que já fora símbolo de ameaça à pecuária da região e à segurança da população, ascendeu ao status de atrativo turístico - um espetáculo gerador de emprego e renda que faz com que os guias sejam criativos para aproximar os turistas ao máximo deste acontecimento, ainda que ele não ocorra. (RIBEIRO, 2014, p. 90).

A “caça” e a disputa de que fala a autora, é bem diferente da que ocorria entre os peões no contexto das fazendas de gado. A “caça” do turismo não envolve a morte desses animais, pelo contrário, sendo um atrativo turístico, muitas fazendas de gado que antes viam as onças como ameaças à produção, hoje, desenvolvendo atividades turísticas, preferem mantê-las vivas, haja vista que o prejuízo causado à produção do gado costuma ser compensado pelo lucro trazido pelo turismo. Mas, ainda que não envolva um embate físico entre o homem e o animal, encontrá-las rende aos guias respeito e admiração entre os pares e também entre os turistas e significa que quem a encontrou conhece o ambiente, os esconderijos, os hábitos do animal e que está atento aos rastros e detalhes deixados pela presa.

Durante a primeira etapa do trabalho de campo o guia Sérgio demonstrou aos turistas lugares onde já tinha encontrado onças e disse que nas pousadas daquela região era mais difícil de encontrá-las porque não eram “domesticadas como em algumas pousadas famosas no Pantanal”. Ele se referia à prática criminosa de ceva⁵³ e a desqualificava, dizendo que com isso era “fácil ser guia”, pois encontrar a onça não requer nesses contextos as habilidades e as competências requeridas para o feito e que são motivo de prestígio na profissão.

Mas mesmo conhecendo o valor e interesse por parte dos demais guias e dos turistas em encontrá-la, diante dos turistas é comum que alguns guias se utilizem de recursos artificiais para no mínimo aproximar os seus clientes do encontro tão esperado e que em muitos casos – como foi o meu – não ocorreu. Da mesma forma, como vimos no capítulo 2 muitos turistas frustrados por não terem conseguido encontrá-la, pedem aos guias fotos e vídeos do animal proveniente de encontros passados para mostrar em seu retorno como prova de que estiveram no Pantanal. Guias e turistas “caçam” atualmente a onça em busca de aventura e emoção, e de prestígio e status que as imagens e as histórias que contam sobre o encontro podem surtir.

Essa centralidade da onça é, no caso dos guias de turismo, um critério para identificar um guia “pantaneiro”, pois um guia que a encontre com frequência congrega valores como a bravura, o conhecimento do ambiente e de seus animais. Os guias Sérgio e Josué ao negarem

⁵³ Prática de atrair o animal com carne de outros animais, incentivando sua aproximação e permitindo aos turistas tirarem fotos.

ao guia Tiago a alcunha de “pantaneiro”, apontaram entre outros critérios como o pouco tempo que habita a região, a falta de humildade e mobilidade e o fato de ele ter avistado apenas uma única vez uma onça nas redondezas da pousada onde mora e trabalha, indicando que isso não bastava para que fosse prestigiado e considerado um “guia pantaneiro”.

A mobilidade foi uma categoria apontada pelos guias Alan, Sidnei e Josué como critério para identificar um bom e verdadeiro “guia pantaneiro”. Para eles, o guia Tiago, não pode ser identificado dessa forma porque vive há pouco tempo no Pantanal e permanece muito restrito apenas ao território da pousada na qual trabalha. Ele não circula pelo Pantanal, não conhece bem os aspectos da própria região onde está e tampouco as demais regiões. Apesar disso, ele se promove frente aos turistas como um guia pantaneiro, domador de onças, como um exímio conhecedor da fauna e flora do bioma e isto soa aos demais como falta de humildade, outro critério relevante na definição de “pantaneiro” e de “guia pantaneiro”. Tiago, por seu lado, sabe que se vincular à figura de um domador de onça lhe rende ao menos entre os turistas admiração e reconhecimento como um “pantaneiro”.

Assim como aparece no discurso dos guias nativos e estabelecidos, no contexto das fazendas de gado analisadas por Banducci Júnior (2007), a mobilidade era identificada como um componente importante aos peões, pois lhes permitia estender as suas redes de relações através das fazendas, assegurar uma base de apoio social e solidariedade junto aos seus pares, reforçando a sua autonomia e individualidade. No caso aqui em análise, os dois guias de fora se mantêm mais restritos ao território das respectivas pousadas onde trabalham. Sem a mobilidade no interior do Pantanal, eles se mostravam, ainda que com trânsito entre turistas, mais solitários e mais dificilmente integrados nos grupos dos demais guias.

As categorias elencadas pelos guias nativos tanto para descreverem um “pantaneiro” quanto um “guia pantaneiro” são utilizadas de forma organizativa, como são todas as identidades (BARTH, 2000; 2011; OLIVEIRA, 1978) isto é, por meio delas eles conseguem algum controle sobre quem está dentro do grupo e quem está fora, categorizando os que chegam e permanecem e mantendo-se dentro de um grupo melhor estabelecido, visando benefícios práticos em relação à disputa por trabalho no setor turístico.

Essa relação que a enunciação identitária estabelece entre o presente, a situação, e o passado, pode ser lida como o “entre-tempo” que a contingência inaugura (BHABHA, 2013). Ao falar sobre a identidade cultural e produção artística na contemporaneidade, Bhabha (2013) diz que o trabalho fronteiro da cultura gera uma produção artística que renova o

passado refigurando-o como um “entre-lugar” contingente. O “passado-presente” torna-se então parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2003, p. 29).

Mas ainda para este autor, por ocorrer a partir da alteridade, a produção identitária também se dá por meio de um “entre-espaço” e coaduna com a descrição de Agier (2001) quando informa que a identidade além de estabelecer relação com o antes, remete também a um “alhores e aos outros”.

Para além de atualizar valores do universo da pecuária a partir dos parâmetros da natureza enquanto referencial, ao enunciar e atrelar o ser pantaneiro ao convívio com a natureza, os interlocutores estabelecem relação imediata com algo que sabem ser objeto de interesse e valorização por parte do turista, caracterizando a principal busca dos turistas que os visitam e, assim se estabelece a relação dialógica e heterogênea da enunciação identitária.

Ao analisar o turismo étnico Grunewald (2003) considera que se atentar para a relação de alteridade que se estabelece no turismo potencializa um entendimento desta prática como sendo feita por meio de uma ‘cumplicidade’ entre atores e plateia, isto é, entre a população local e os turistas e visitantes, pois, sabendo da demanda pelo exótico e pelo contraste dos turistas e visando atendê-la, os nativos que circulam no universo turístico passam a se representar enquanto tal.

É na relação com o outro que o contingente inaugura um entre tempo e entre espaço, um terceiro lugar liminar que

[...] embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo (BHABHA, 2003, p, 74).

Isso deixa evidente que a identidade “pantaneira” enunciada pelos interlocutores toma a natureza inerente à planície como central, em diálogo com referências e discursos externas sobre o Pantanal. Nela, são atualizados os elementos nativos do passado e do presente que têm como referência a pecuária. É evidente também a relação estabelecida politicamente com preocupações ambientais e com a sustentabilidade discutidas nacional e internacionalmente, pois “as arenas turísticas podem ser muito bem aproveitadas para o posicionamento (discursivo) das comunidades no mundo globalizado” (GRUNEWALD,2003, p 155).

Apesar de todos os guias direta ou indiretamente enfocarem em algum momento de suas falas esse elemento como ficará claro no próximo capítulo, o guia Márcio, talvez seja o que melhor explorou estrategicamente essa questão, evidenciando o jogo que faz com o discurso externo sobre o Pantanal, pois ele vincula “pantaneiro” a condição de

preservacionista - o que lhe permite contestar a ação de pessoas nativas ou não que, no Pantanal, agem de forma descompromissada com o bioma, como veremos no capítulo a seguir.

Em sua análise sobre como a mídia representa e veicula a imagem do homem pantaneiro, Bigatão (2010) demonstrou que o caráter preservacionista é um aspecto bastante enfatizado, sendo que o agente local é representado como um herói pioneiro e desbravador por enfrentar uma natureza hostil. Essa imagem, segundo ela, esteve bastante presente na primeira versão da novela “Pantanal” de 1990.

O fato de dialogar com os discursos externos torna evidente a heterogeneidade do discurso enunciativo da identidade do qual fala Agier (2001) e Bhabha (2013) baseado em Bakhtin. A heterogeneidade do discurso é a relação que um discurso estabelece com outros que circulam sobre determinado objeto e é a base da hibridização que ocorre no ato enunciativo, isto é, diante de um Outro o Eu traça relação com o que o Outro traz (no caso do turista ou da pesquisadora a preocupação com a natureza e com a sua preservação) no momento de se definir. Quando o guia seleciona os aspectos relacionados à natureza e amplamente divulgados, se aproxima e toma para si estrategicamente um discurso que circula fora do Pantanal e que é trazido, valorizado e esperado pelos visitantes, ou seja, leva-se em consideração o que esses outros trazem de conhecimento prévio a respeito do Pantanal e de suas gentes. Contudo, isso não significa que os guias de turismo fiquem presos somente a essa caracterização elaborada pelos discursos externos, eles também ampliam a noção de identidade que é comumente e externamente vinculada às pessoas que habitam o Pantanal.

Exemplo disso foi quando o guia e gerente Manoel, que usava adereços como brincos, colares e tatuagens, ao ser perguntado sobre o que era ser pantaneiro, justificou que aquilo era normal e que estava “popularizando” na região. Para ele, esses itens mais comuns em regiões urbanizadas não alteram o seu sentimento de pertença ao Pantanal e à identidade pantaneira, muito atrelada aos vínculos afetivos e aos cuidados com a natureza. O formato de justificativa de sua fala expressa a heterogeneidade do discurso pois ele levava em consideração e inferia que eu, enquanto pesquisadora, trazia uma noção de pantaneiro que circula fora do Pantanal na qual os elementos que ele justificava como normais e em popularização não estão presentes por se tratar de uma região rural.

Em resumo, ainda que em um primeiro momento as falas dos interlocutores não se apresentem como uníssonas, ao observá-las de forma atenta nota-se repetições de categorias que congregam sentidos e intencionalidades. Analisá-las diante de uma concepção de

identidade que lance luz ao complexo processo enunciativo e híbrido deste fenômeno, permite compreendê-lo e identificar as relações que estabelece.

Tabela 2: A categoria “pantaneiro” e as suas relações

	Categoria identitária	Atributos, elementos, valores e critérios de pertencimento associados	Referências	
E n t r e - t e m p o	“Pantaneiro” para os guias de turismo	<ul style="list-style-type: none"> ● Humildade ● Resiliência/tempo/paciência ● Resistência/Coragem/brutalidade ● Mobilidade ● Multifuncionalidade 	Natureza de forma ampla (valorizada pelo turismo e principal referência sobre o Pantanal a circular fora dele)	E n t r e - e s p a ç o
	“Pantaneiro” para peões e vaqueiros no contexto originário da categoria	<ul style="list-style-type: none"> ● Humildade ● Resistência/Coragem/brutalidade ● Mobilidade ● Rural e não urbano ● Gado e não agricultura 	Natureza vivenciada no contexto da pecuária com lócus na fazenda de gado e em contraste com outras atividades produtivas existentes no Pantanal.	

Fonte: elaboração própria.

O quadro acima apresenta as principais categorias repetidas pelos guias de turismo entrevistados e todas elas foram enunciadas tendo como referência a natureza do bioma de forma ampla. As quatro primeiras categorias (humildade, resiliência/resistência, coragem e brutalidade) coincidem com algumas das categorias descritas pelos peões e vaqueiros que foram acompanhados por Banducci Júnior (1996) em sua pesquisa nas fazendas de gado na década de 1990. Tais repetições denotam um aspecto de continuidade na mudança, ainda que no contexto atual o uso dessas categorias se dê de maneira ressignificada e em relação a natureza de forma mais ampla. Ocorre aqui uma atualização desses valores e atributos para o contexto do turismo no qual a natureza é extremamente valorizada.

Nota-se também que três elementos não se repetem: a multifuncionalidade é acrescida nos depoimentos e critérios como ‘rural e não urbano’ e ‘gado e não agricultura’ são

removidos. A multifuncionalidade foi uma categoria utilizada de modo enfático por Tiago, para quem “a gente [os guias nativos, pantaneiros] conhece a região, então a gente faz de tudo”, atrelando os múltiplos conhecimentos sobre o Pantanal, tais como o geográfico, o da fauna e seu comportamento, da flora, e os do dia a dia e das necessidades práticas de uma fazenda e pousada, bem como o domínio técnico de múltiplas funções. Os demais guias nativos também citaram a necessidade de múltiplos conhecimentos e, ainda que não tenham usado o termo ‘multifuncionalidade’, estavam de modo indireto e menos incisivo, citando uma soma de conhecimentos que lhes habilitavam ao exercício de várias funções, como fez Sérgio, quando informou que além do conhecimento da fauna, da flora, do geográfico para antecipar e proteger os turistas dos perigos, da história da região para informá-los, era necessário também o desenvolvimento de habilidades comunicativas, principalmente o aprendizado do inglês. São esses vários conhecimentos que os tornam aptos a desenvolver distintas funcionalidades no contexto turístico. Esses conhecimentos requerem tempo e paciência, para serem aprendidos e, por isso, Sérgio enfatiza a seguridade do trabalho dos guias mais velhos que, diferentemente dos mais novos e recém chegados, guiam em qualquer lugar do Pantanal.

Esse último aspecto relacionado ao tempo, à resiliência e a paciência também não era enfatizado entre os peões de gado estudados por Banducci Júnior (1996). Naquele contexto, as muitas das identidades presentes no Pantanal faziam referência às atividades produtivas de forma contrastiva o que lhes fornecia a principal fonte de legitimidade, além disso, havia menor movimentação e trânsito de pessoas provenientes de outras regiões e contextos produtivos distintos, de modo que a questão do tempo não precisava ser um critério de diferenciação enfatizado, mesmo que fosse importante, afinal, todo novo vaqueiro e peão precisava aprender gradualmente os seus afazeres. Aqui também havia muitos casos de vaqueiros, cujos pais eram trabalhadores de fazenda e que cresceram nesse contexto e desenvolveram um conhecimento empírico, prático e intuitivo a seu respeito ao longo de seu próprio desenvolvimento.

A categoria ‘multifuncionalidade’ aqui pode ser lida de duas formas conjuntamente: primeiro, de forma ampla, como uma nova maneira de enxergar a natureza e o campo, que podem agora ser explorados de múltiplas formas, uma nova visão de ruralidade desenvolvida desde o final do século XX⁵⁴ e seguida pelas populações que habitam tais regiões que

⁵⁴ Essa nova ruralidade tem relação com os debates acerca do esgotamento da natureza o qual me referi no primeiro capítulo. Trata-se de discussões a respeito da sustentabilidade e de uma mudança do modelo fordista

acompanham tal multiplicidade por meio da multifuncionalidade, o que tem sido visto principalmente em pesquisas sobre turismo rural e os de base comunitária (SACCO DOS ANJOS & CALDAS, 2012; BRANDÃO, 2014); e como forma de se legitimar no contexto do turismo como exímios conhecedores da natureza pantaneira, do dia a dia do gado, das fazendas, dos guias de turismo, valorizando os seus conhecimentos múltiplos diante dos turistas, guias forasteiros e proprietários – falaremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Quanto às oposições que antes ligavam o pantaneiro estritamente ao universo rural e ao trabalho do gado, foram suprimidas de modo a ampliar o universo representativo da categoria, pois com o turismo e outras atividades, além de melhorias no acesso para as cidades próximas, os habitantes do Pantanal passaram a se locomover com mais facilidade e a trabalhar em outras áreas e funções, ou mesmo acrescer novas funções às tradicionais como foi o caso de vários peões que se tornaram guias de turismo, muitos dos quais, como informaram alguns dos guias entrevistados, começaram a trabalhar em agências de turismo capitando clientes em grandes capitais e contextos urbanos brasileiros.

Temos assim a categoria “pantaneiro” num ‘entre-tempo’. Ela não é utilizada de maneira inteiramente nova, sem interação com categorias e com significados e valores anteriores. São eles que permitem a afirmação de legitimidade desses guias nas funções que exercem. Mas, ela também não é apenas uma repetição do passado, é ressignificada, atualizada conforme o contexto turístico, os interesses e os embates dessa arena vivenciados pelos interlocutores.

Para Bhabha (2013) as identidades são híbridas pois a contingência na qual são enunciadas inaugura um terceiro espaço que além de um ‘entre-tempo’ é também um ‘entre-espaço’ e que no caso aqui em análise pode ser visto nessa atualização e ressignificação da categoria em relação a natureza de forma ampla, pois ela domina os discursos externos sobre o Pantanal e, ao colocá-la em primeiro plano, visando atender os interesses dos turistas, os interlocutores fazem interagir com esta referência categorias e valores internos e nativos, antes mais relacionados estritamente ao universo do gado.

As duas referências (natureza e gado) também aparecem nas respostas das duas proprietárias entrevistadas:

monocultor aplicado nas zonas rurais para um modelo mais flexível, de pluriatividade ou multifuncional (SACCO DOS ANJOS & CALDAS, 2012; BRANDÃO, 2014).

Tabela 3 - Resumo entrevistas com proprietárias

Nome	Naturalidade	Há quanto tempo está no Pantanal	Como começou a trabalhar com ecoturismo?	Elementos ressaltados na definição de “pantaneiro”
Vanessa	Jardim – MS	Nasceu numa região próxima ao Pantanal e foi criada em contexto de fazenda de gado	Ela e o marido há 18 anos começaram a ajudar o sogro com a fazenda criando a pousada para complementar a renda, o que acabou se tornando a principal atividade econômica da propriedade	Se sente pantaneira porque nasceu em região próxima e foi criada em fazenda de gado, mas não se sente como as “verdadeiras” que usam coisas típicas (cinto, chapéu, faca)
Sônia	Paraná	Há 3 anos, quando realizou o sonho de comprar uma fazenda no Pantanal	Após realizar o sonho de comprar uma propriedade no Pantanal precisava de uma fonte de renda. Nunca tinha trabalhado com gado e nem com turismo e resolveu investir na última atividade também porque ela contribui para minimizar o isolamento social causado pela distância e dificuldades de acesso à região	Se sente pantaneira por conviver mesmo que pouco tempo com a natureza do bioma, mas não sente que possui os hábitos culturais dos pantaneiros nativos

Fonte: elaboração própria

Apesar dos dados referentes aos proprietários de pousadas de ecoturismo no Pantanal terem sido obtidos mediante duas entrevistas apenas, há informações relevantes que, se não servem para gerar conclusões mais amplas acerca do entendimento da identidade pantaneira por esta categoria social, ao menos nos fornece indícios importantes em torno deste tema, sendo o principal a presença dos referenciais internos e externos ao Pantanal acerca do que é “ser pantaneiro” e que tem sido até então enfatizados pelas demais categorias pesquisadas.

As categorias apontadas por Vanessa chamam atenção por declararem que, apesar do sentimento de pertença advindo de uma história de vida numa região próxima ao Pantanal e também marcada pelo universo pastoril, ela sente que esse sentimento tende a ser limitado pelo fato de não utilizar algumas roupas e apetrechos que para ela caracterizam uma mulher pantaneira, tais como o chapéu, o cinto e a faca. Mas, esses utensílios são símbolos diacríticos que remetem à categoria que tem como referência as fazendas de gado e os vaqueiros, sendo utilizados - quando são - pelos homens em suas atividades. As mulheres que trabalham nas fazendas de gado, exercem geralmente atividades domésticas. Elas cozinham as refeições dos peões e patrões e se dedicam às funções de faxineiras e lavadeiras. As que não são contratadas pela fazenda, trabalham em suas casas, dedicando-se além desses mesmos afazeres, à

educação dos filhos e podem prestar serviços como lavadeiras, cozinheiras e fazer doces e outros produtos para venda. (BANDUCCI JÚNIOR, 2007, p 65-67).

A noção de mulher pantaneira trazida por Vanessa parece se utilizar de referenciais estereotipados advindos do contexto urbano e de referências folclóricas. O cinto pantaneiro, por exemplo, não é um artefato comum nem mesmo entre os homens. A roupa comumente utilizada pelos peões composta por calça comprida, bota, camisa e chapéu só foi vista no trabalho de campo sendo usada pela proprietária Sônia, da qual falarei adiante. No contexto turístico, esses símbolos parecem ser reforçados como típicos e de modo estereotipados como representativos de “verdadeiros pantaneiros/as”.

Seja como for, Vanessa nos indica que também entre os proprietários de pousadas situadas em terrenos onde funcionaram fazendas de gado, há a permanência do universo pastoril como referencial, mesmo estando vinculadas no presente exclusivamente ao turismo que se pauta na referência à natureza. Assim, elencam como critério de pertencimento à categoria “pantaneiro”, objetos e símbolos vinculados à pecuária e às fazendas de gado.

Sônia, por sua vez, disse se sentir “um pouco” pantaneira adotando como critério de pertencimento a convivência com a natureza do bioma, a qual identifica que possui, mesmo vivendo há apenas três anos no Pantanal; e o critério cultural, o qual compreende não satisfazer ainda por trazer consigo hábitos e valores da sociedade na qual cresceu e que considera bastantes conflitantes com os que entende serem os hábitos de pessoas que nasceram ou que vivem há muito tempo na região, os quais não possui “ainda” – como informou. À exceção do tereré presente no universo do gado, ela não aproxima o que considera hábitos culturais dos pantaneiros a esse referencial e de modo genérico aponta comportamentos como um modo de se portar menos compromissado no trabalho e nos relacionamentos pessoais como característicos de um pantaneiro.

A especificidade dos discursos das duas interlocutoras é que as suas falas, diferentemente da dos guias, não são taxativas e não pretendem vinculá-las integralmente à categoria. Apesar de se identificarem num primeiro momento como pantaneiras a partir de diferentes referenciais, ambas relativizam essa identificação apontando pertencimentos parciais, revelando que a noção de identidade que possuem, ainda que inconscientemente, é mutável e que não é necessário ter todos os atributos, valores, comportamentos e sinais diacríticos comumente atrelados à categoria para atestar um pertencimento que pode ocorrer em diferentes níveis. É possível que, enquanto proprietárias elas se sintam em contexto mais favorável para assim se declararem, haja vista, o fato de terem garantidas posses que são

parâmetro fundamental de pertencimento (mesmo que não seja reconhecido ou considerado pelos turistas e alguns guias), não necessitando de reafirmações.

Ainda sobre a presença dos dois referenciais nas falas dos interlocutores, gostaria de relembrar a noção de “entre-lugar” de Bhabha (2013). Para o autor o encontro entre diferentes que estabelece uma relação de fronteira e que evoca o ato criativo de enunciação identitária, funda esse terceiro espaço, caracterizado como, um *lócus* liminar, uma fenda no espaço-tempo abstrato, ambíguo e híbrido, um “entre-espaço” e também um “entre-tempo”, onde se colocam em relação o Eu e o Outro, os seus respectivos espaços, referenciais, bem como o passado e o presente. Nele nascem construções criativas que não são nem um nem outro, mas os dois.

No caso aqui em análise, é possível, tomando por base esse conceito, dizer que: na definição de “pantaneiro” as referências atrelam valores, comportamentos e aspectos morais criados internamente pelos nativos no passado que se atualizam e são ressignificados no presente e nos parâmetros da natureza. Esses valores são a bravura, a coragem, a resistência, a mobilidade e a humildade. Se essas referências internas estavam antes mais vinculados à fauna e à flora do bioma e eram praticados na arena do universo pecuário, principalmente com a doma de animais como cavalos, bois e onças, são agora praticados também no contexto turístico, tendo como referência a natureza valorizada externamente e focalizada pela arena do turismo. Sendo assim, os valores e comportamentos estão a ser acionados pelos guias de turismo relacionados de forma mais geral à natureza. A bravura, a coragem, a mobilidade, a resiliência e a humildade são praticados no dia a dia e no trabalho dos guias com os turistas, nos passeios e atividades em que explicam sobre a fauna, a flora e, sobretudo, na “caça” à onça.

A categoria “pantaneiro/a” se tornou abrangente sendo utilizada amplamente por indivíduos nativos ou não que a ela se vinculam fazendo menção à relação com o principal referente: a natureza. Pelo destaque que possui no contexto, serve como instrumento de identidade mesmo para aqueles que não vivem e conhecem a contento o Pantanal. Mas, mesmo aqui, outros atributos são necessários, como dominar o mundo fora do Pantanal, suas linguagens e demandas. Além disso, tais usos não se dão sem conflitos, pois, ao menos no âmbito do turismo e no contexto aqui em análise, há embates e disputas em torno do que é “ser pantaneiro” .

Embora tenha ocorrido mudanças nos referenciais que influenciam a criação de sentidos para a categoria “pantaneiro/a” ela permanece ativa e relevante e os embates entre os guias de turismo em torno de sua definição e reconhecimento, evidenciam que, apesar de

bastante abrangente e do amplo uso, se mantém o seu caráter organizativo que ocorre por meio de significações de critérios, valores e comportamentos.

Como tenho tentado demonstrar aqui a categoria “pantaneiro” em voga e amplamente utilizada atualmente por nativos ou não nativos, como apontado por Ribeiro (2014) e Vargas (2006), ao menos no âmbito do ecoturismo e no contexto aqui analisado não é difusa, sem contorno e sem significado. Ela possui sim múltiplos significados, mas neles podem ser identificados dois principais referenciais, quais sejam: um externo, constituído pelas imagens e produções sobre o Pantanal e que circulam nacional e internacionalmente e que são muito utilizados pelo turismo, tendo como principal característica a ênfase na natureza do bioma; e a interna e que remete a critérios, categorias e valores criados no local, muitos dos quais estiveram presentes na construção da categoria nativa “pantaneiro” em seu contexto originário. Esta última referência faz menção ao passado das fazendas de gado e a valores que lhe dão lastro, que a legitimam, e sobretudo, que são atualizados e ressignificados no presente no próprio contexto pecuário e turístico e em diálogo com o referente que se tornou central, a natureza.

A categoria “pantaneiro” congrega em cada contexto e arena de disputa identitária, interesses, estratégias, referências e discursos heterogêneos, reajustes e ressignificações que só podem ser investigados e compreendidos junto aos agentes sociais que dela fazem uso e por meio de referenciais teóricos que tematizam a identidade tomando-a de forma complexa, dinâmica, como processo em constante mutação e que movimenta diferentes estratégias e referências nas diferentes tentativas de definição.

3. O ECOTURISMO SOB O OLHAR DOS GUIAS LOCAIS

Como vimos ao longo da etnografia e em análises apresentadas como a de Moretti (2006), Almeida (2002) e Oliveira (2017) o ecoturismo na região aqui em estudo não é praticado de maneira integral e negligencia a dimensão cultural da proposta do segmento, deixando de valorizar os modos de fazer das comunidades locais e outros aspectos culturais dessas populações e as incluem na atividade como mão de obra, sem participação efetiva no planejamento e na tomada de decisões relativas ao turismo. Mas, a despeito disso, vimos também que há uma arena formada de disputa e afirmação da identidade, ou seja, há um espaço possível de negociação e trânsito dos locais em torno de seus interesses e valores como trabalhadores e como agentes portadores da cultura local. Além disso, circula entre os guias de turismo nativos queixas, ideias e propostas para o segmento.

Oliveira (2017) aponta que além de estudos detalhados é preciso perguntar a esses indivíduos o que eles desejam, como pensam a atividade e o seu futuro. Em concordância com este autor, compreende-se assim como Stronza (2001) que, mais do que apontar as motivações dos turistas e os efeitos negativos do turismo às populações locais, como têm enfocado os estudos nas ciências sociais, é necessário que busquemos compreender como as comunidades locais se inserem no turismo, quais são as suas motivações, interesses, como enxergam essa atividade e o que elas propõem para o seu futuro.

Durante as entrevistas com os guias de turismo, alguns relatos evidenciam a ambiguidade com que enxergam o desenvolvimento do ecoturismo na região, isto é, a consolidação desta atividade por meio de uma organização das pousadas junto ao trade turístico, caracterizado, sobretudo, pelo vínculo com agências. Muitos deles, trabalhavam em outras funções em fazendas de gado ou no turismo de pesca quando passaram a trabalhar com um público mais interessado na contemplação da natureza de forma amadora, quando a atividade e a sua organização eram mais espontâneas. Com o ecoturismo consolidado e organizado, houve mudanças em suas funções, na relação com os turistas, nas relações de trabalho e também no modo que eles enxergam algumas práticas atuais da pecuária.

Este capítulo se dedica à análise e a apontamentos concernentes às visões e interpretações dos guias de turismo que nasceram e ou vivem há muito tempo no Pantanal e que trabalham com o ecoturismo, sobre o desenvolvimento do setor na região e em suas propostas para o ecoturismo ali praticado, de modo que ele venha a contribuir para maior participação e valorização dos moradores locais.

4.1. Organização e consolidação do ecoturismo

O guia Alan explicou que quando iniciou o trabalho neste segmento no início dos anos 1990, ele atuava com os turistas desde o processo de propaganda e abordagem que era feito em algumas capitais brasileiras

[...] [na época do carnaval quando vinham muitos estrangeiros como europeus e israelenses] os guias viajavam para Salvador, pago pelas agências, a gente viajava para Salvador, Rio de Janeiro e Foz do Iguaçu, os portais, a gente conhecia esse povo nas festas, olha só como era interessante, a gente conhecia esse povo na festa de carnaval, a gente ganhava camiseta, boné, tudo com o emblema da pousada... propaganda do Pantanal. Já sabia que existia Pantanal, então quando vinha pra Campo Grande, já estava fechado, a gente esperava na rodoviária, chegava essa galera ai e só destinava às agência que ia, era assim que a gente fazia, [...] e assim a gente fechava era no papo a papo, era tudo diferente e foi assim que eu aprendi [...].

Sua fala alicerçada na memória tem um tom nostálgico quanto a forma como o ecoturismo foi organizado inicialmente na região, quando os guias desempenhavam também o papel de vendedores, atraidores de clientes e mantinham maior contato com os turistas desde a abordagem até o fim da viagem. Os guias de turismo nesse período precisavam ter traquejo de mercado e um discurso apropriado, visando captar o desejo dos turistas dispersos pelas capitais brasileiras. Ao viajar para vários locais e manter contato com turistas nacionais e estrangeiros constantemente, esses guias adquiriram uma experiência de vida cosmopolita, mesmo sendo provenientes de um lugar de difícil acesso e relativamente isolado.

Isso permite questionar a noção de “guia original” de Cohen (1985), a que nos referimos no capítulo anterior, pois este entende que o guia original por ser um morador local e conhecedor da região aonde estão começando a se desenvolver atividades turísticas, possui papel instrumental, mais relacionado à mobilidade e segurança dos turistas. Para este autor, com a organização do turismo no local, o guia original é substituído pelo guia profissional, geralmente, alguém com formação superior, caracterizado pela função comunicativa. Alan, um morador local, não foi substituído por um guia profissional, ele se profissionalizou, desenvolvendo habilidades comunicativas por meio de tarefas e funções que estão além das atividades de um guia como a de atrair clientes.

Alan participava desde a captação dos turistas em grandes cidades até a finalização da viagem dos grupos de turistas que atraía. A primeira função de captação que exercia tem como característica a comunicação e poder de convencimento e persuasão, demonstrando que seu papel era muito mais amplo do que o de um guia original tal como classifica Cohen (1985) e, principalmente, não se restringia ao espaço onde ele residia, pois para conseguir clientes ele viajava, transitando constantemente entre o mundo rural e o urbano. Ele já exercia

o trabalho de um guia profissional no contexto de organização e consolidação do ecoturismo na região e não após esse processo.

O guia Sidnei que também trabalha com o ecoturismo desde o final de 1990, diz que o turismo naquele período era melhor, pois sentia-se mais próximo dos turistas.

[...] Era mais divertido, você tinha mais comunicação com os turistas, agora é só nos passeios. Antigamente como não tinha quarto, não tinha ar condicionado pro turista se esconder, não tinha internet, nem celular tinha ainda, a câmera era aquela de pilha ainda, recém tinha saído aquela digital. Era muito mais interessante, você conhecia as pessoas que você trabalhava, conversava, brincava, virava mais amigos deles. Agora na verdade é mais trabalho porque você tem pouca comunicação, porque quando você chega na pousada, isso vale pros guias também, eu mesmo faço isso, chego na pousada e já vou pro meu quarto ficar na internet pra assistir alguma coisa. Eu gostava mais daquela época, era uma época boa.

Em tom saudoso o Sidnei reflete sobre sua história de trabalho no setor, trazendo a memória de um turismo aventureiro e perigoso. Na época, mais jovem gostava da troca com os turistas que tinham perfil de idade semelhante, a ponto de tomarem dificuldades e desconfortos como componentes intrínsecos à experiência. Ele enxerga com pesar que a infraestrutura para melhor recepcionar os turistas e as facilidades de comunicação, apesar de positivas pois os próprios guias fazem uso destes recursos, empobrecem a relação presencial entre guias e turistas e isso pode ocorrer não apenas pela presença da internet e de algumas comodidades, mas também por ter ocorrido uma mudança no perfil dos turistas, pois na medida em que o turismo se estrutura, e passa a oferecer maior segurança, conforto e praticidade, tende a encarecer e a atender outra clientela.

Note-se que ele chama a atenção para uma perda no aspecto comunicativo da sua função, ou seja, como um guia original ele não exercia apenas funções instrumentais e práticas, passando a nelas se concentrar com o processo de consolidação do segmento. Novamente o seu relato nos permite questionar a classificação de Cohen (1985) que compreende que os guias originais, diferentemente dos guias profissionais, têm como foco os aspectos instrumentais e não os comunicativos. Para Sidnei, a consolidação do ecoturismo e a maneira de organização atual é que restringe e reduz o seu contato e a sua comunicação com os turistas.

Tais mudanças contribuíram para alterar ou adicionar outros perfis de turistas na região. No início do ecoturismo no Pantanal, o público majoritário era estrangeiro e alternativo e a falta de infraestrutura dava às atividades e aos passeios caráter mais aventureiro, atraindo um público disposto a lidar com dificuldades de ordem diversa e com a falta de conforto.

Baseado na tipologia de turistas de Cohen (1972; 1974) é possível afirmar que a institucionalização possibilitou a chegada de turistas de massa institucionalizados, isto é, turistas altamente dependentes da bolha ambiental criada pela indústria do turismo e que não buscam experiências radicalmente diferentes do seu a dia, por isso, desejam conhecer lugares diferentes, mas sem abrir mão do conforto e familiaridade das instalações da hospedagem, da alimentação, etc. Porém, isso não significa que é apenas esse público que o ecoturismo no Pantanal atrai. Ao longo do trabalho de campo, me deparei com turistas interessados em imersões na natureza sem guia, como o holandês, com as turistas de Curitiba, interessadas na atividade de comitiva por ser a que lhes afastaria da infraestrutura e dos confortos trazidos pela pousada, bem como com uma zoóloga acostumada a lidar com animais silvestres e que se dispôs a sair do seu estado contemplativo, abrindo mão dos confortos da pousada para ajudar com os cuidados de um animal machucado.

Os guias que fizeram o papel de guia original apesar de manterem múltiplas funções sentem falta do maior contato e comunicação que tinham antes com o público não institucionalizado. Inclusive todos os guias bilingues aprenderam a se comunicar em outras línguas nesse período através do contato com os próprios turistas estrangeiros.

Sidnei relata que aprendeu a se comunicar em inglês por interesse pessoal e através de conversas com os estrangeiros, quando a falta de infraestrutura como as que existem atualmente tornava mais próxima as relações de contato, de comunicação e de troca entre os guias locais e os turistas.

No começo eu achei bonito, né, quando eu recém comecei com os meus 17, 18 anos e eu gostei de ver eles falando, eu fui me interessando e também mais porque eu queria saber, entender o que eles estavam falando, me comunicar. Eu fui tentando, aprendi mesmo com eles mesmo, com o turismo. Mas antigamente, nessa época, não tinha pousada era mais acampamento no meio do mato, acampamento fixo. Tinha o calor, o frio e tinha duas opções: ou dormia em rede no barracão telado ou na barraca, mas como ninguém conseguia dormir direito por causa do calor e dos mosquitos, fazia fogueira, tinha bar e ai ficava conversando com eles. Falava duas palavras em inglês e ia tentando se comunicar, assim que eu aprendi, me comunicando mesmo.

De forma semelhante, Alan destacou princípios como interesse, vontade e aprendizagem na prática e no dia a dia com os estrangeiros para aprender a se comunicar em outras línguas. Mas diferentemente de Sidnei, Alan relata uma experiência mais próxima do que ocorre atualmente, enquanto Sidnei informou que tratava com os turistas quando ainda não existiam as pousadas, Alan relata como era o contato com os turistas no início da estruturação do ecoturismo, quando já havia pousadas e passeios organizados no formato de pacotes:

[...] [Quando comecei, nos grupos de turistas] quando tinha uma ou duas pessoas que falavam um pouco espanhol fui me interessando por isso e com o meu interesse eu busquei das pessoas, dos próprios clientes com muitas perguntas e eu comecei a ganhar livros de conversação dos próprios clientes, aulas também dos próprios clientes, no barco, no passeio a cavalo, na caminhada noturna. Eu sempre ouvia aquelas coisas e eu tenho boa memória [...] descobri que tenho facilidade para aprender línguas. Eu, com um ano, nessa época que eu comecei, 1994, 1995, com um ano eu fui contratado na primeira pousada como guia bilíngue, já estava falando inglês, o básico. Aí foi só engrenando, eu escrevia as palavras, então cada dia eu pegava 5 ou 6 palavras e escrevia num papel ... assim as coisas que eu precisava tipo, caiman, a garça, o cavalo, como se diz em inglês, eu ia anotando isso num caderno, fui formando conversação, formando frases, chegou uma época que eu não escrevia mais, eu só perguntava e a pessoa me falava e aquilo eu já usava no próximo *tour* e hoje não sou um dos melhores mas não tenho inveja de nenhum professor de universidade, não ofendendo os professores, mas eu converso com qualquer americano e com qualquer britânico sem problemas como eu estou falando com você. E foi entrando o espanhol e também o hebraico, porque na época vinha muito visitante de Israel [...] eles terminavam a fase do exército e esses jovens viajavam para a América do Sul, por questão do preço, né, é mais barato pra viajar [...] aprendi um pouco em hebraico porque quando dava esse fluxo era sempre fevereiro, época de carnaval, então era muito judeu, grupos e grupos de judeus [...].

As duas experiências que ocorreram no início dos anos 1990 parecem indicar que a redução e mesmo o empobrecimento neste contato entre os guias e turistas não se deu apenas pela mudança no perfil do turismo e dos turistas em razão da estruturação e organização do segmento. A internet aparece na fala de Sidnei como uma de suas causas, mas ele também relata que tanto turistas quanto guias a utilizam. Dessa forma, o contato entre ambos ocorre de modo mais objetivo durante os passeios.

Apesar da expressão saudosa em relação a esse tempo, Alan também indicou como o ecoturismo se organiza atualmente, do seu ponto de vista é melhor, pois

Antes era muito desorganizado. Tinha muito cliente, tinha muitos visitantes, mas era desorganizado. Nessa época o nosso turismo ficou muito sujo principalmente em Corumbá, pra cá houve muitos casos de desorganização de guia, de bebida, de droga, então, hoje o turismo é mais organizado. Hoje você não vai mais pro mato acampar com o turista, até vai, é uma opção, mas não é mais como era antigamente, a gente acampava no mato com 70, 80 pessoas, uma situação meio precária, não tinha uma situação de higiene legal, um banheiro legal. Hoje é bem mais organizado, com internet, como os guias, tudo isso mudou, os guias nem falavam inglês, nem um pouco de espanhol... vendia lá, mostrava as fotos do Pantanal pro turista, poucas agências existiam, os turistas chegavam na rodoviária, primeiro era Corumbá, depois passou para Campo Grande, então a gente abordava os turistas na rodoviária, chegavam nos ônibus e a gente vendia os passeios assim. Hoje não, o cara vai lá, ele clica no botão, ele vê as pousadas, ele vê quantas estrelas, ele vê os comentários. [...] então acho que melhorou, aperfeiçoou [...] não tem como dar calote no turista, é o produto que está ali, você vende e é o que o cara vai ter, então isso acho que mudou para melhor. Existia muito pirata nessa época, foram muitos golpes, muita sacanagem com o turista e acabou ficando manchado por uma boa época o nosso turismo, [...] por uma época ficou muito feia a coisa aqui no Pantanal. Agora tá bem melhor, né, com a internet e todas essas regalias. Vem pro Pantanal tá em tempo real falando com você, isso não existia, não existia nem celular, era radioamador.

O trecho acima destacado demonstra no momento em que faziam a captação dos clientes nas cidades e que também atuavam como guias a atividade carecia de estrutura, sendo caracterizada pela precariedade e pelo improvisado, oferecendo muitos riscos para os turistas. Além disso, do modo como era realizado o ecoturismo, fornecia muitos impactos negativos ao meio ambiente pois recebiam muitos turistas para fazer acampamentos sem condições apropriadas de higiene. Um dos componentes básicos do ecoturismo são os estudos de impacto visando estabelecer parâmetros para administração e controle da quantidade e fluxo de turistas objetivando o baixo impacto no meio ambiente (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010) e para Almeida (2002) tanto o turismo ecológico quanto o ecoturismo são segmentos considerados de pequena escala.

O fato de ter se consolidado por meio de investimentos em infraestrutura e comunicação, não significa que o turismo ali praticado tenha causado ou esteja causando danos. O levantamento de Almeida (2002) das fichas de cadastro das pousadas na região, mostrou que algumas delas têm capacidade para mais de 70 pessoas, não possuem esgoto tratado e não contam com coleta de lixo, utilizando fossas e aterros sanitários. Cabem estudos e levantamentos para atualizar esses dados, de modo a permitir avaliar se os estabelecimentos que vendem os seus serviços com o selo “ecoturismo” têm buscado se adequar aos princípios do segmento.

Outra questão evidente na fala de Alan é que, com o ordenamento da atividade, os guias deixaram de transitar para os centros urbanos para atrair clientes, restringindo-se, portanto, às funções exercidas no destino turístico. Alan também realça de modo positivo a facilidade trazida aos turistas para fechar os pacotes e terem maior segurança quanto ao serviço contratado se comparado com o modo de captação de clientes anterior.

Tanto Alan quanto Sidnei apresentam sentimentos ambíguos em relação ao modo de organização atual e ao perfil dos turistas com os quais lidam diariamente. Da década de 1990 em diante, muitas foram as mudanças no turismo praticado na região, nos turistas que a visitam, na comunicação entre eles e os guias de turismo, nas relações de trabalho, na maneira com que os trabalhadores locais se enxergam, se identificam e se posicionam diante das novas situações.

Ao analisar o ecoturismo praticado na Ilha Grande, no Rio de Janeiro, Prado (2003) esboçou um esquema encontrado em trabalhos que refletem a inserção do turismo em territórios naturais e relativamente isolados que possuem potenciais atrativos turísticos. Nesse esquema estão pontos como “mudanças drásticas na ocupação do território e no uso dos

recursos naturais”; “destruição do objeto de atração” que envolve especulação imobiliária, densificação e excessos de todo tipo como gente, demandas, serviços, construções, problemas de infraestrutura que trazem a sensação de que o local não é mais o mesmo; “ambiguidade em relação ao turismo” envolvendo a perplexidade da população nativa e a sensação de que o turismo é bom por trazer divisas e gerar emprego, mas que é sentido também de maneira negativa como propiciador de uma invasão e pelo sentimento de que o mal vem de fora, gerando, por sua vez, disputas de todo o tipo e uma rivalidade entre nativos e não nativos.

Essa ambiguidade em relação ao turismo foi evidenciada nas falas dos interlocutores. A rivalidade da qual fala a autora foi trabalhada no capítulo anterior, sobretudo entre os guias, mas ela também está presente entre os guias e os proprietários das pousadas e envolve as mudanças nas relações de trabalho.

4.2. Ecoturismo e relações de trabalho

Os guias Márcio e Alan, moradores da vila Passo da Lontra desde a infância, expressaram alguns descontentamentos e apresentaram propostas de melhoria da prática do ecoturismo na região bastante relacionadas à relação estabelecida entre patrões e empregados e ao modo singular que o trabalho que exercem se organiza naquele contexto que, contraditoriamente aos princípios do ecoturismo, lhes retira autonomia e limita a sua participação e expressão enquanto integrantes da comunidade local.

Alan nota que há a necessidade de organização dos trabalhadores do setor na região para que o turismo se efetive como uma atividade sustentável e ecológica, isto é, que turistas, proprietários e moradores locais dele se beneficiem, dividindo esse recurso gerador de renda de forma mais justa e coerente à sua concepção de ecoturismo:

Ecoturismo eu acho que é, na nossa região aqui uma atividade sustentável [...]. Do ecoturismo se tira, a natureza tá pra suprir o homem, certo? então eu acho que nenhuma atividade na natureza é sustentável. Acredito que é isso. É extrair da natureza de forma legal que não prejudica e usar em prol da nossa vida. É pra isso que tá a natureza, pra servir ao homem.

Reconhecendo que nenhuma atividade humana praticada na natureza é sustentável, ele indica que se deve utilizá-la de forma a causar menos danos, de forma legal e de maneira a suprir a vida humana. Para que isso ocorra, sua proposta é a de que haja mais união e envolvimento da população local e ele tem como referencial de sucesso a organização dos guias da cidade de Bonito – MS:

[...] acho que deveria ser mais organizado [...] pessoal local, tipo como é Bonito, por exemplo, uma cooperativa, uma união das pessoas, porque o

turismo é pra trazer o sustento das pessoas da região certo, fala isso né... eu acho que teria que ser um pouquinho mais organizado, pra todo mundo ganhar igual e dividir esse pão que está na mesa dos pantaneiros. Essa é a minha ideia.

De forma semelhante a Alan, o guia Márcio ao dizer o que lhe desagradava no turismo praticado na região, apontou a falta de organização e participação da população local e a falta de autonomia dos guias de turismo que decorre da relação de trabalho estabelecida entre proprietários /patrões e os guias.

[...] a exploração do empresário com os guias [...] não tem carteira de trabalho ou aqueles que trabalham fixo nas pousadas não têm muitas garantias. O autônomo, o diarista devia ter autonomia para trabalhar quando quisesse, a questão é que o cara não ganha como funcionário fixo, mas é um funcionário fixo. O salário é baixo, e tem muita cobrança, são descartáveis também, não têm segurança.

Ele se referia à contradição que os guias de turismo no Pantanal vivenciam. Apesar de trabalharem em sua maioria como autônomos e diaristas, por terem que morar na pousada em razão das longas distâncias, acabam perdendo grande parte da sua autonomia, sendo coagidos ao trabalho como funcionários fixos, exercendo várias atividades. Vale lembrar que os guias nativos reconhecem que grande parte do seu valor enquanto trabalhadores no ecoturismo consiste justamente no conhecimento prático que possuem para exercerem múltiplas atividades, como enfatizou o guia Alan no capítulo anterior. O que tanto Márcio quanto Alan procuram em suas falas é evidenciar a contradição em que se encontram enquanto população local que se dedica ao ecoturismo. Essa atividade cuja concepção deveria representar valorização de seus conhecimentos, alternativa econômica e autonomia, para eles, na prática os emprega de forma precarizada e lhes retira participação, segurança e autonomia.

Nesse ponto, Márcio apresentou ideias para a melhoria das condições de trabalho, entre elas estava a criação de um sindicato e a construção de um alojamento onde os guias poderiam residir nos períodos de prestação de serviço e onde pudessem ter uma vida pessoal, por exemplo, “se arrumar uma namorada na região poderem ter o seu espaço”. Outra mudança necessária para ele é o fornecimento de cursos para desenvolver os trabalhadores e melhorar o atendimento aos turistas.

No que tange ao trabalho em si, para ele, nas condições atuais é difícil oferecer o melhor atendimento ao cliente, pois

[...] pousada é pra ganhar dinheiro, não é pra prestar um bom serviço para os turistas. O empresariado de pousada, de fazenda, ele está aqui para ganhar dinheiro. Por exemplo, eu joga o grupo [de turistas] na mão de um guia e coloco 10 litros de gasolina [no barco]. Se o guia sabe que tem bicho mais longe, numa boa região, não vai poder levar porque a pousada não libera.

Agora se o cara [o guia] tem o próprio barco, ele faz um serviço melhor. Ele negocia com o cliente mais combustível. O empresário tira muito dinheiro dos turistas e oferece o mínimo. Se passar para a mão do profissional, isso melhoraria muito o turismo na região [...] o certo seria cada grupo fazer o passeio individual para aproveitar mais. Coisas pra fazer aqui tem. Contratando um barqueiro da região, barcos menores, tem como fazer, mas eles querem economizar.

Para ele, seria possível ofertar um serviço de maior qualidade aos turistas se os guias pudessem comprar os seus próprios barcos e prestar o serviço de piloto e guia para as pousadas, negociando o percurso com os clientes, a partir das expectativas destes e de forma mais autônoma para o guia, o que, seria, para ambos, mais satisfatório. Além disso, para atender a clientela desta forma o número de turistas nos passeios seria reduzido e poderia resultar na maior contratação de guias. Nessa perspectiva, os empresários das pousadas forneceriam o serviço de hospedagem e fariam uma intermediação com os guias de turismo que lhes prestariam serviço. Os guias, por sua vez, não limitados aos itinerários de passeios fixos das pousadas, poderiam utilizar com mais liberdade e propriedade os seus conhecimentos sobre a fauna, a flora e a cultura local.

A respeito da maior autonomia dos guias, é necessário ponderar, primeiro porque o alto preço de recursos como barcos e carros que possam atender os turistas nos passeios não é uma realidade acessível aos guias de turismo naquele contexto. Márcio parece se referir de modo mais específico ao turismo de pesca, pois neste segmento há a contratação de alguns pilotos como guias de pesca por grupos de turistas de forma avulsa, sem necessariamente depender de uma pousada e de seus recursos. Alguns desses guias prestam esporadicamente serviços como guias para as pousadas de ecoturismo da região, como ocorreu na pousada onde estive como turista. Outra questão é que essa autonomia do guia, em se tratando de ecoturismo, deve ser relativa e controlada, pois eles não podem ir a qualquer lugar, importunando mamíferos e aves em seu habitat, apenas para satisfazer o desejo do turista por ver animais. Os percursos padronizados são um componente básico do ecoturismo, pois as atividades do segmento, não podem ser invasivas demais.

Seja como for, o que Márcio contesta é a forma como se organiza ecoturismo na região e que além de reduzir a autonomia dos guias que precisam morar nas pousadas em razão das longas distâncias, minimiza os seus ganhos com a atividade.

É interessante lembrar que o fato de terem que residir na pousada por longos períodos foi uma das características do turismo na região que mais chamou a atenção dos turistas como na pousada 1, como mostrado no capítulo 2. O conhecimento desta situação os levou a conversar a respeito das injustiças vivenciadas pelos agentes do turismo no Pantanal.

Ou seja, esta situação de conhecimento dos proprietários e dos guias de turismo extrapola a relação de ambos, marcando também a experiência dos turistas.

Outra proposta de Márcio para a melhoria do trabalho e do serviço prestado aos turistas é o fornecimento de cursos aos guias, proposta que coaduna com a sua resposta à pergunta “ o que é preciso saber para ser um guia de turismo no Pantanal?”, com a qual demonstrou a necessidade de profissionalização e organização.

Primeiro precisa falar inglês e se possível francês também, porque vem muito [turista estrangeiro]. Fazer um curso de atendimento ao cliente. Tem muita gente boa, mas sem treinamento. Tem guias barqueiros que atendem como se fosse amigo do cliente... se os clientes estão pescando e bebendo, o barqueiro também vai beber... Não! Tem que ser profissional.

Nesse ponto ele se refere a problemas que envolveram e envolvem principalmente os guias que atuam no turismo de pesca esportiva, pois um dos efeitos negativos deste segmento na região foi o aumento do consumo de bebidas alcoólicas por parte dos guias de pesca e pilotos, tornando o alcoolismo um problema local (RIBEIRO, 2015, p. 75).

Diferentemente da resposta de outros guias locais a essa questão, Márcio enfatizou primeiro a profissionalização em detrimento dos conhecimentos da natureza da região. Em sua fala, que possui um tom mais marcadamente político, isso não ocorre sem razão: ele parece perceber que esse investimento em qualificação é uma forma de profissionalizar e manter os guias locais na profissão frente à chegada de guias profissionais de fora. Para Márcio, a profissionalização é um caminho que garante aos moradores locais a permanência nos postos de trabalho abertos pelo ecoturismo na região, mesmo que já tenham certa primazia por serem conhecedores da natureza local, o que é imprescindível para o próprio funcionamento do segmento que deles necessita e que se pauta em sua participação, enquanto membros da comunidade local.

Sua fala parece indicar que assim como Sidnei e Alan, Márcio vê a organização e consolidação do ecoturismo na região como positiva ao trazer infraestrutura e segurança, facilitando e garantindo a chegada de turistas, mas a sua lógica de maximização dos lucros incomoda na medida em que tira dos guias a autonomia que gozavam quando a atividade era feita de modo mais espontâneo e quando os guias se relacionavam, negociavam e atendiam de forma mais direta aos turistas, estabelecendo comunicação mais próxima a eles.

Compreende-se que anteriormente quando a atividade era realizada sem infraestrutura esses guias gozavam de mais autonomia em suas atividades. Do ponto de vista dos princípios do ecoturismo que pregam a sustentabilidade relacionada à natureza e à cultura local, ela favorecia as interações e trocas culturais humanas, mesmo que apenas entre os guias,

representantes da população local e os turistas, mas causava danos imensuráveis à natureza, justamente por ocorrer de maneira menos controlada tanto em relação ao número de turistas, quanto às atividades ali praticadas. Atualmente, a organização da atividade possibilita trazer menor impacto à natureza por meio, por exemplo, do maior controle da quantidade de turistas e dos trajetos dos passeios, mas de outro lado, reduz a autonomia dos guias e as limita as interações humanas com os turistas.

Após décadas trabalhando com o ecoturismo e se envolvendo em projetos para a melhoria do turismo na região onde reside, Márcio tem se engajado também como guia para projetos de documentação visando a preservação do lugar, pois diante de um contexto em que há pessoas como os proprietários de pousadas, que de seu ponto de vista enxergam o Pantanal apenas como um lugar para ganhar dinheiro, para ele, ser pantaneiro é ter, antes de qualquer coisa, responsabilidade e compromisso com a região. Isto é, desenvolver atividades produtivas, como o turismo, por exemplo, mas de forma responsável não apenas com o meio ambiente, mas também com as pessoas que ali vivem e trabalham. Ele utiliza o referencial à natureza para se definir como um “pantaneiro” preservacionista e fazer frente aos interesses dos proprietários de pousada que, ao priorizar o lucro, agem contraditoriamente aos valores do segmento ao qual se dedicam.

4.3. Embates entre o ecoturismo e a pecuária

Ao falar sobre os desafios que encontra o Pantanal em conciliar o desenvolvimento sustentável com atividades como o turismo rural e o ecoturismo junto à preservação ambiental e cultural, Araújo (2009) menciona que isso só pode ser alcançado por meio de um planejamento compatível com a capacidade de suporte e com o envolvimento e participação das comunidades locais, o que, para ela, é facilitado no Pantanal pelo fato de que essas modalidades turísticas nasceram conjugadas à pecuária de corte, sendo, portanto, compatíveis.

Das três pousadas visitadas, duas ficavam em terrenos onde já existiram fazendas, mas nenhuma delas se dedicava mais à pecuária diretamente. Uma delas ofertava o passeio de acompanhamento de comitivas aos turistas em parceria com uma fazenda vizinha e era também a que mais mantinha aspectos estéticos rústicos em referência direta ao universo do gado. Apesar do vínculo real ou imaginário que esses empreendimentos buscam com esse universo pecuário, foi na fazenda que mais conserva esses aspectos que um guia mostrou descontentamento com a pecuária e falou sobre uma relação bastante contraditória que essa atividade mantém atualmente com o turismo.

Ao falar sobre os aspectos que o agradam e desagradam na prática do turismo no Pantanal, o guia Alan informou que:

O turismo me agrada por ser uma forma da gente mostrar a natureza que a gente tem de rico aqui do nosso país para o povo de fora e ao mesmo tempo não degradar isso né. Se chama turismo sustentável, isso é uma coisa que ao mesmo tempo você mostra as maravilhas que a gente tem, ao mesmo tempo usando isso como forma de sobrevivência. O que me desagradava é a depredação em volta, a verdade, né? Porque o turismo não é ainda a principal atividade da nossa área [...] a pecuária é que predomina, então o que me desagradava é estar fazendo um passeio com os turistas no campo e ouvir barulho de tiro e o cara tá matando uma onça, ou tá matando outro animal. Minha opção para entrar no turismo é estar fazendo parte dessa preservação e ao mesmo tempo usando isso para uma boa situação.

Ele expressa o contrassenso existente na região onde no mesmo espaço em que o turismo mostra, exalta e chama a atenção para a conservação da fauna e da flora, da natureza pantaneira conservada, haver outra atividade que do seu ponto de vista, não possui o mesmo tipo de preocupação com a natureza, conflitando com os interesses do turismo e com os valores que como vimos, são importantes para os guias e a prática do ecoturismo.

Em outro momento desabafou

O fazendeiro desmata, quebra. O Pantanal não tem mais peixe em época de cheia, por quê? Porque o peixe não para mais na nossa região, não tem mais comida no Passo, não tem mais fruta, não tem mais nada, fazendeiro queimou, quebrou, amontou e plantou grama. Então é tudo isso que vem mudando. Eu sou morador daqui há muitos anos e essas mudanças vêm de sabe, vêm ... assim, vêm aumentando muito, sempre existiu, mas de uns anos pra cá a coisa ficou muito diferente. [...].

De forma semelhante, o guia Josué também criticou práticas da pecuária que se chocam aos interesses do turismo e dos turistas.

[...] o que poderia melhorar aqui é o pessoal andando com caminhão de gado aqui [na EPP] em alta velocidade, nem ai se tem turista em cima no carro, eles jogam poeira mesmo. Acho que isso mudaria, ou gostaria que mudasse.

Há que se pontuar, como faz Araújo (2009), que as fazendas de gado tradicionais ou modernas que transformaram parte de suas terras em pousadas e investiram no turismo como alternativa de renda, passaram a se sensibilizar com a questão ambiental. Muitas delas, inclusive, proibiram a prática comum de caça às onças, entendendo que o prejuízo de seus ataques ao gado era compensado pelo turismo que era muito fomentado em razão da presença desses animais exóticos aos turistas provenientes de regiões urbanas. O que parece ocorrer é uma falta de sensibilidade por parte das fazendas que não têm o turismo como atividade principal ou complementar e que escolheram seguir a cartilha e as exigências do mercado

externo para produzirem mais, entre elas a plantação de gramíneas exóticas que requer o desmatamento realizado por meio das queimadas.

Mas turismo e pecuária também aparecem na fala de Alan de maneira relacionada, indicando que o turismo depende da infraestrutura da pecuária para que possa ocorrer, ao mesmo tempo em que é prejudicado pelas práticas dos fazendeiros que a ela se dedicam de forma mais restrita.

Até a nossa estrada-parque ela tem boas condições porque existe na região um grande leilão [de gado], o leilão Novo Horizonte é o maior do Estado. Então a nossa estrada só tem condições boas pra gente ir pra lá e pra cá devido isso, antes era muito precário e isso só mudou devido ao investimento da pecuária na nossa região.

As críticas dos guias à pecuária expressam a complicada relação existente entre os dois setores, sobretudo por falta de regulamentação, de consciência e do reconhecimento do lugar e do papel do turismo na região. Mais do que isso, revelam que indivíduos como Josué e Alan que se intitulam e se afirmam como pantaneiros e que já trabalharam em fazendas de gado, criticam esta atividade econômica a partir do referencial turístico que enfatiza a preservação da natureza. Sendo assim, tecem comentários negativos à pecuária quando identificam práticas predatórias desta atividade e que causam danos à natureza e ao turismo.

Essas falas novamente nos conduzem ao que Banducci Júnior (1996) observou na região, afirmando que o turismo reduziu a centralidade do gado como referencial de mundo das populações locais, abrindo espaço para outros referenciais, principalmente a natureza pantaneira por ele valorizada. Com isso, não quero dizer que a pecuária se tornou irrelevante, pois continua a ser a principal atividade produtiva da região e, como visto, o turismo interage e estabelece relação com ela na medida em que muitas pousadas estão estabelecidas em fazendas de gado ou em antigas fazendas de gado, ou que se utilizam de parcerias com outras fazendas para fornecer aos turistas atividades como a cavalgada e o passeio de comitiva, e por se utilizar e compartilhar com a pecuária estradas como a EPP. Vimos ao longo do trabalho também que a pecuária se mantém um referencial presente e importante no processo de identificação dos interlocutores.

Como afirmou Almeida (2002) ao analisar como vários segmentos turísticos se aproximam e se complementam no Pantanal como o ecoturismo e o turismo rural, “a permanência do homem pantaneiro, e a manutenção de sua principal atividade econômica que é a pecuária, são primordiais para o futuro da prática do turismo de forma sustentável e com

base local” (idem, p. 122). É necessário maior conscientização e fiscalização para que ambas as atividades se desenvolvam de modo sustentável.

Outra questão a se destacar é que as novas formas de produção e gerenciamento das fazendas estão sendo inseridas sobretudo pelas “novas gentes pantaneiras” (Ribeiro, 2014) que substituem as técnicas de produção ali desenvolvidas tradicionalmente visando aumento produtivo. Isso parece dar a essas críticas dos guias um caráter de resistência dos moradores locais, que se afirmam como “pantaneiros” diante e em contraste com as pessoas de fora que chegam ao Pantanal com novas formas produtivas, sem respeitar os conhecimentos e modos locais de lidar com esse ambiente. Mas, nesse âmbito específico os dados dessa pesquisa são limitados e, faz-se necessárias outras pesquisas e incursões a campo.

O que os interlocutores demonstram ao rememorar o processo de desenvolvimento do ecoturismo na região é uma complexa dinâmica na qual as funções dos guias mudam, a comunicação entre eles e os turistas se alteram, os perfis de turistas que chegam ao Pantanal se multiplicam, alteram-se as relações de trabalho, gerando sentimentos ambíguos em relação à atividade turística e em relação à pecuária, atividade a qual muitos deles se dedicaram ou em alguma medida ainda se dedicam.

Revela-se aqui uma dinâmica de múltiplas e mutáveis interações e relações que no cotidiano do ecoturismo, geram sucessivas situações de releitura do contexto, disputas pelos critérios de legitimidade, como pantaneiros e como guias de turismo, além de posicionamentos identitários e políticos por esses agentes sociais frente às pessoas de fora, entre elas os proprietários de pousada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é um fenômeno característico da contemporaneidade, por ser uma atividade que promove em larga escala o encontro entre o local e o global, encarnando as máximas de descolamento, contato e interação entre populações e grupos sociais distintos. Trata-se de um fenômeno inadiável e de grande relevância para a análise dos processos de construção identitária e pode ser analisado como um produtor de relações de fronteira, de entre-lugares e de espaços intersticiais de interação.

No contexto de intensificação da globalização e da mundialização em que vivemos, discussões sobre identidade(s) se tornaram recorrentes. As identidades deixaram de ser vistas como essencialistas, fixas, imutáveis e passaram a ser compreendidas como contrastivas, discursivas, narrativas e performativas e, principalmente, em produção contínua, acompanhando os diferentes contextos históricos em veloz mutação. Mas, diferentemente das perspectivas que projetavam uma homogeneização cultural ou uma ocidentalização, temos visto que junto às mudanças econômicas e sociais ocorre a valorização do local feita pelo global, ou, como chama Salazar (2005), a glocalização.

A história do turismo no Pantanal Sul está vinculada a crises provocadas por problemas locais e às mudanças do mercado global a partir de 1970, que estabeleceram buscas por alternativas de fonte de renda. Desde a década de 1980, o segmento do ecoturismo tem despertado grande interesse e expectativas por se tratar de uma modalidade que mais se aproxima e viabiliza o desenvolvimento e produção de uma prática sustentável, conforme os valores e interesses mundiais em relação à preocupação com o esgotamento da natureza.

As discussões em nível nacional e internacional em torno da sustentabilidade focalizando a busca de alternativas de fonte de renda para países e regiões com áreas preservadas suscitou uma valorização da natureza. Nesse ínterim, o Pantanal, um dos biomas mais preservados do Brasil, entrou no foco de interesses diversos, quando muitos discursos a seu respeito foram produzidos na mídia.

Com a valorização da natureza e a intensificação das comunicações, desenvolvimento de novas atividades econômicas, entre as quais está o turismo, muitos autores passaram a se interessar pelos impactos, problemas e contradições geradas por essa atividade na região. No Pantanal esse debate tem sido encabeçado pela área da Geografia que se preocupa com as alterações na paisagem, na relação das populações locais com o espaço, focalizando temas como urbanização do espaço rural, a contrariedade e a forma paradoxal como o turismo ao modificar o meio para fornecer infraestrutura destrói o produto turístico e o seu exotismo.

Uma das preocupações apontadas por esses estudos se refere o amplo uso da categoria ‘pantaneiro/a’ por pessoas nativas ou não, que vivem ou que são recém-chegadas no Pantanal, pois isso junto às outras influências globais que chegam a região, poderia gerar uma homogeneização cultural e que disso resulte perdas culturais e identitárias por parte da população local. Tal debate está imbuído de perspectivas que restringem a cultura e a identidade de seu aspecto dinâmico, interativo e, sobretudo, mutável.

Buscou-se ao longo da pesquisa, compreender como ocorrem os usos da categoria ‘pantaneiro/a’ no âmbito do ecoturismo, e quais disputas e embates ocorrem por seu intermédio. Utilizou-se como hipótese as reflexões de Banducci Júnior (1996) a respeito do descentramento da pecuária e das fazendas de gado como referencial identitário no Pantanal em função da valorização da natureza que tornava esse elemento o principal referente para a construção identitária das populações locais. Mas, uma análise apurada evidencia que houve uma ampliação e atualização do referencial identitário do gado para englobar a natureza em geral. Muitos atributos e comportamentos antes valorizados no contexto das fazendas estão agora a ser utilizados numa relação mais geral com a natureza.

Identificou-se através do trabalho de campo e das entrevistas com turistas, guias de turismo e proprietários de pousadas que os referenciais relacionados ao universo da pecuária e natureza do bioma estão presentes em menor ou maior medida nas noções que essas três categorias fazem a respeito do que é ser pantaneiro.

As pesquisas de campo junto aos turistas, guias de turismo e proprietários de pousadas ao longo da EPP evidenciaram que os turistas trazem consigo comumente uma ideia genérica a respeito dos habitantes do Pantanal, entendendo que os que lá vivem em meio àquela natureza singular e às práticas econômicas, sociais e culturais ali desenvolvidas são pantaneiros e quando têm contatos com aspectos culturais, estes referenciam o peão vinculado às fazendas de gado. Em geral, o *marketing* turístico que acessam apela para as belezas naturais do bioma como o que define a população local. Esse é também um dos motivos pelos quais não demonstram grande interesse em conhecer a diversidade de modos de vida que ali existem e isso não significa que por não quererem, não entraram em contato com alguns desses outros modos de vida, pois o turismo por si só é motivado pelo encontro com o diferente e proporciona experiências com outros.

Mas através dessas noções prévias sobre o destino turístico, os turistas criam o “conto turístico” que buscam *in loco* confirmar. De modo geral, não se preocupam em constatar os diferentes habitantes do Pantanal e os seus respectivos modos de vida, e objetivam o contato e

contemplação da natureza, a prática de atividades incomuns em seu cotidiano, algumas delas com teor aventuroso, perigoso e desafiador como a “caça à onça”, animal alçado à objeto de desejo pelo turismo. A busca por vivências extra cotidianas está vinculada à necessidade de lazer, recreação e à dimensão ritualística do turismo que é vivenciada, por sua vez, de forma relativa e oscilante, conforme os diferentes tipos de turistas e as características dos locais visitados, além das relações criadas *in loco* entre os turistas e destes com os guias de turismo e os demais agentes de turismo.

As duas propostas de trabalho de campo aqui apresentadas tiveram o seu peso na percepção de comportamentos e discursos dos interlocutores. Mas a primeira imersão no campo como turista permitiu alcançar um estado de imersão maior em algumas atividades junto aos demais turistas, como na canoagem, que rendeu a aceitação do grupo de turistas e o maior envolvimento posterior junto a eles. Partilhar de um mesmo status dos interlocutores foi providencial, sobretudo numa proposta de trabalho de campo curta. Na segunda etapa, além da observação participante, o uso das entrevistas com os guias e proprietários se mostrou um recurso importante, pois além de ser também uma etapa curta, eles estavam na maior parte do tempo desempenhando as suas atividades produtivas.

As duas experiências permitiram constatar que, se por um lado, não havia entre os turistas grande interesse em questões concernentes à(s) identidade(s) local(is) e/ou as distintas práticas culturais como se espera de um ecoturista conforme o ideal conceitual do segmento; por outro, notou-se entre os guias de turismo o uso da categoria “pantaneiro” envolta em um contexto de permanente embate.

Também entre os guias de turismo o duplo referencial *natureza e pecuária* estiveram presentes ao enunciarem o que é ser um pantaneiro e se identificarem como tal. Os guias nativos, isto é, nascidos no Pantanal, seja na zona urbana ou rural, ou aqueles que o habitam por mais de uma década, definiam a categoria “pantaneiro” afirmando a necessidade de convívio com a natureza do bioma, derivando dele elementos como o amor pelo Pantanal demonstrado nos valores como a resistência, a resiliência, a mobilidade e o aprendizado na prática, além da humildade. Esses elementos também estiveram presentes na definição da categoria “pantaneiro” em seu contexto originário mais vinculado ao universo pecuário, quando tais valores eram demonstrados nas práticas cotidianas dos vaqueiros e peões principalmente através da relação com a fauna, sobretudo com bois, cavalos, além de outros animais silvestres como a onça. Os critérios de pertencimento à essa categoria colocavam em

primeiro plano o convívio com a natureza situadas e em relação às atividades e práticas das fazendas de gado.

Tomando os conceitos de entre-lugar e entre-tempo de Homi Bhabha (2003), compreende-se que, com a descentralização do universo pecuário como principal referencial identitário no Pantanal, houve ampliação, atualizações e ressignificações dos critérios e valores deste referencial em consonância com o referencial que se tornou central que é a natureza de forma mais abrangente. Além disso, convivem as definições nativas atualizadas e ressignificadas que se entrelaçam com as definições de pantaneiro que circulam externamente e que valorizam a natureza e a colocam em primeiro plano. As enunciações sobre o que é ser pantaneiro congregam de forma heterogênea o interno e o externo, o local e o global, o passado e o presente em consonância com o que diz Agier (2001) quando informa que os enunciados identitários relacionam o presente, o passado, com os outros e com o alhures.

Tendo a natureza de forma mais abrangente como principal referencial identitário e com a migração de pessoas que trabalhavam no universo pecuário para o turístico, o uso da categoria “pantaneiro” se tornou mais amplo, pois não estava mais limitado às fazendas de gado e às atividades a elas vinculadas. Com isso, pode-se dizer que atualmente há um uso mais generalizado e amplo da categoria, mas de modo algum eles são difusos, destituídos de significação, de interesses ou se dão sem disputas e embates. Entre os guias de turismo, há um uso organizativo desta categoria com o intuito de controlar quem pertence ou não, quem pode ser ou não considerado pantaneiro, visando garantir a participação dos que a ela pertencem nos postos de trabalho que são abertos na área em detrimento de guias forasteiros, sobretudo, aqueles que não buscam se enquadrar em critérios de pertencimento que são definidos pelo grupo de guias nativos estabelecidos.

Sabendo da necessidade e da valorização feita pelo turismo aos conhecimentos locais dos guias nativos, alguns guias forasteiros que pretendem seguir nesta função e se estabelecer no Pantanal procuram se identificar à categoria, apresentando-se como guias pantaneiros como é o caso do “homem das onças”. Ele consegue tal reconhecimento por parte dos turistas, mas o mesmo não ocorre com os guias nativos que apresentam resistência à sua presença, e não reconhecem o seu pertencimento, a não ser que ao longo do tempo, apresente comportamentos e valores condizentes com aqueles que os guias nativos e estabelecidos utilizam na definição da categoria e que reconhecem entre si.

Para os guias de turismo que se valem da valorização do Pantanal é importante serem identificados como “pantaneiros”, pois o segmento do ecoturismo tem como precedente, além

da valorização e preservação da natureza, a participação da população local e a valorização dos seus conhecimentos e práticas culturais singulares. Por isso, alguns guias de turismo utilizam este pertencimento identitário para questionar os métodos de proprietários de fazendas ou de pousadas de turismo que não dão devida atenção à sustentabilidade e à preservação no desenvolvimentos de suas práticas econômicas e reivindicam maior participação e autonomia no âmbito do turismo como parte da valorização de seus conhecimentos em relação à natureza local, algo que sentiam possuir quando o ecoturismo na região ainda era realizado de maneira amadora, quando também se sentiam mais próximos e desenvolviam relações de aprendizado mútuo com os turistas que se utilizavam de seus serviços.

As proprietárias de pousadas, por sua vez, demonstraram ainda que inconscientemente uma concepção de identidade como algo construído, que se adquire ou que se deixa de ter integralmente ou não. Elas se identificaram parcialmente com a categoria “pantaneira”, por reconhecerem que não possuem um vínculo tão enfático com a natureza local, seja porque deixaram de viver na região por um longo período ou por habitar nela há pouco tempo, evidenciando assim, a importância da natureza como referencial central. Uma delas também se desvinculou de um pertencimento integral por não se utilizar de determinados apetrechos e roupas que para ela são diacríticos e distintivos das pantaneiras e que são característicos das fazendas de gado. Esses sinais, mesmo que folclóricos, evidenciam o universo pecuário como importante referencial.

Considera-se, assim, que os usos da categoria “pantaneiro/a” ao menos no âmbito das pousadas de ecoturismo localizadas na EPP, se dão de maneira ampla através do manejo dos dois referenciais apontados - *natureza* e *pecuária* - que fazem interagir discursos internos/locais com os externos/globais a respeito do Pantanal e de sua gente, movimentando noções, critérios e valores de pertencimento que fazem interagir passado e presente. A disputa, no entanto, ocorre de forma mais incisiva entre os próprios guias de turismo que buscam através do pertencimento à essa categoria se legitimarem como verdadeiros pantaneiros frente a alguns guias que chegam de fora, os quais só são reconhecidos como “pantaneiros” e como “guias pantaneiros” se buscarem se adequar aos critérios, comportamentos e valores que eles como guias estabelecidos definiram como indicativos de pertencimento.

Os guias locais seguem se afirmando como pantaneiros visando se manterem como guias de turismo frente aos guias de fora, e demonstram em suas falas compreenderem que o

ecoturismo é uma atividade que deve priorizar a participação da comunidade local, pois é ela que deve ser beneficiada com a atividade. Por isso, eles comentam de ambíguas o desenvolvimento e consolidação do segmento através de uma organização que padroniza os serviços, e apontam que é necessário maior investimento no treinamento e capacitação dos guias locais para seguirem atuando nesta função. Eles também se ressentem das injustiças que vivenciam no trabalho e nas relações de trabalho com os patrões e apontam perspectivas de resolução para o problema como a criação de um sindicato. Por fim, pontuam que além destes problemas outro que afeta diretamente o trabalho com o ecoturismo na região é a falta de fiscalização das atividades da pecuária que contrastam com a proposta do turismo, colocando-o em risco.

Eles expressam que desenvolvimento e consolidação do ecoturismo na região modificou as funções dos guias, alterou as relações e a comunicação na medida em que também propiciou a chegada de múltiplos perfis de turistas e transformou as relações de trabalho. Tal dinâmica de rápidas transformações geram sentimentos ambíguos por parte dos guias de turismo em relação ao ecoturismo ali praticado. No cotidiano do ecoturismo as múltiplas e mutáveis interações e relações geram sucessivas situações de releitura do contexto e posicionamentos identitários e políticos pelos agentes sociais.

Diante do exposto ao longo do trabalho é notório o quanto o turismo no Pantanal produz uma nova arena de afirmação e de atualizações de referenciais de identidade. Nela, entre os guias de turismo, a categoria “pantaneiro” está em constante disputa e movimentada e faz interagir referenciais internos e externos, do passado e do presente sobre o Pantanal e as suas gentes. Neste processo, há ajustes de elementos relativos à pecuária e ao universo do gado que são ampliados para englobar a natureza que se torna o principal referente identitário. É nela, na natureza, que determinados comportamentos, valores e critérios de pertencimento à categoria “pantaneiro” antes circunscritas ao universo das fazendas de gado, são atualizados.

Dessa forma, longe de uma homogeneização cultural, o encontro entre diferentes promovido pelo turismo multiplica os referenciais identitários. Nessa relação de alteridade, inaugura-se um espaço de enunciação da identidade que faz movimentar referenciais heterogêneos. E, mesmo que essa ampliação do uso de uma categoria identitária como a “pantaneiro” pareça à primeira vista destituída de significado por ser utilizada por muitas pessoas e congregar múltiplos sentidos, é apenas nas arenas específicas onde ocorrem esses usos que os seus sentidos, lógicas, intuídos, embates e disputas, bem como a dinâmica dos diferentes referentes que movimentada, podem ser rastreados e analisados sob o amparo de

perspectivas que visam compreender o fenômeno identitário como ele é: contrastivo, dinâmico, mutável, múltiplo, político, organizativo, combativo e complexo em seu processo produtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan/jun, 2008.
- ABREU, S. *Planejamento governamental: a SUDECO no espaço mato-grossense: contexto, propósitos e contradições*. Editora UFGD, Dourados – MS, 2014.
- AGIER, M. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. *Mana*, n. 7(2), 2001, p. 7-33.
- ALMEIDA, N. P. Segmentação do Turismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense. Dissertação (mestrado em desenvolvimento local), Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande – MS, 2002.
- ARAÚJO, A. P. C. Pantanal: um espaço em transformação. Programa de Pós Graduação em Geografia. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza – Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- ARAÚJO, S.M. *Artifício e autenticidade: o turismo como experiência antropológica*. In BANDUCCI JR, A. J; BARRETO, M. (Orgs). *Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica*. Papirus, Campinas - SP, 2001 p. 49 -63.
- BANDUCCI JUNIOR, A. *No Paço do Lontra uma reflexão sobre a alteração de valores sociais no contexto pantaneiro*. In UFMS - Cadernos de Extensão, ano I, dez, 1996.
- _____. *O Pantanal e sua gente: diversidade étnica e cultural* In BANDUCCI JUNIOR., Álvaro (Org). *Pantanal: territorialidades, culturas e diversidade*. Editora UFMS, Campo Grande, 2012, p. 9-23.
- _____. *Tradição e ideologia: a construção da identidade em Mato Grosso*. In MENEGAZZO, Maria Adélia; BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro (Orgs). *Travessias e limites: escritos sobre identidade e o regional*. Editora UFMS, Campo Grande, 2009.
- _____. *Turismo cultural e patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai*. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n.20, p. 117-140, out. 2003.
- _____. *Turismo de pesca e suas contradições no Pantanal Mato-Grossense*. In BANDUCCI JUNIOR, A; MORETTI, E.C. (Orgs). *Qual Paraíso: turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. Editora UFMS, Campo Grande, 2001a, p. 75-99.
- _____. *Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar*. In BANDUCCI JUNIOR., Álvaro; BARRETO, Margarita (Orgs). *Turismo e Identidade local: uma visão antropológica*. Papirus, Campinas – SP, 2001b, p. 21-47.
- BARTH, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In POUTINGNAT, P; STREIFF-FERNART, J. *Teorias da Etnicidade*. Editora Unesp, São Paulo, 2011.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Zahar, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade*. In BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1998.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Editora UFMG. Belo Horizonte – MG, 2013.

- BIGATÃO, R. I. *A construção da imagem do peão pantaneiro: a inscrição da tv e do rádio na cultura mestiça do Pantanal de MS*. Mestrado em comunicação e semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- BRANDÃO, J. O. S. Turismo de base comunitária: resignificando a concepção de comunidade. Dissertação de mestrado. Programa de pós graduação em Turismo. Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2014.
- BRUNER, E. M. *Culture on tour: ethnographies of travel*. The university of the Chicago Press, 2005.
- BURNS. P. M. *Turismo e Antropologia: uma introdução*. Chronos, São Paulo - SP, 2002.
- CAÑADA, E.; SUD, A. *Estratégias empresariais que precarizam o trabalho turístico*. Disponível em: <https://www.labormovens.com/post/estrategias-empresariais-precarizam-trabalho-turistico>. Acesso em: 04/01/2022.
- CAMPOS, F. L. M. O que os turistas querem de seu guia? uma valoração pelos turistas que visitam o Estado do Espírito Santo. *Revista Turismo: Estudos & Práticas (RTEP)*, v. 11, n. 1, jan. 2022.
- CARDOSO, R. C. *O trabalho do Antropólogo*. Editora UNESP, São Paulo – SP, 2000.
- CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*, n. 2, Campinas, jul-dez, 2008.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, HÉCTOR. *Tourism, ecotourism and protected areas*. Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN – The World Conservation Union, 1996.
- COHEN, E. A phenomenology of tourist experience. *Sociology*, 1979.
- _____. The Tourist Guide. *Annals of tourism research*, 1985.
- _____. Toward a sociology of international tourism. *Social Research*, v. 39, n. 1, 1972, pp. 164-182. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40970087>.
- _____. Who is a tourist?: A conceptual Clarification. *The Sociological Review*, vol. 22 (4), p. 527-555.
- COSTA, M. F. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. *Revista do IEB*, n. 455, 2007, p. 21-36.
- CRICK, M. Representations of international tourism in the social sciences: sun, sex, sights, savings, and servility. *Annual Review of Anthropology*, 1989, n. 18, p. 307-44.
- DAMATTA, R. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rocco, Rio de Janeiro, 1987.
- Mato Grosso do Sul. Decreto n. 7,122 de 17 de março de 1993. *Considera Estradas Parque trechos de rodovias estaduais da região do pantanal, e dá outras providências*. Disponível em: <http://aacpdappls.net.ms.gov.br/appls/legislacao/secoge/govato.nsf/1b758e65922af3e904256b220050342a/26b7d72c4ad2b5fa042577610049d235?OpenDocument&Highlight=2,7.122>
- ELIAS, N; SCOTISON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Zahar. Rio de Janeiro, 2000.

- ESSELIN, P. M. A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal Sul Mato-Grossense (1830-1910). Dourados – MS: Ed. UFGD, 2011.
- EREMITES, J.O. da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do pantanal. *Revista Arqueologia*, n. 16, 2003, p. 71-86.
- EVANS-PRITCHARD, E. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013.
- FAVRET SAADA, J. “Ser afetado” In *Cadernos de campo*, n. 13, 2005, p. 155-161.
- FERREIRA, A. C. Dialéticas coloniais: a construção do Estado e as transformações da organização social indígena sul-americana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 77, 2011.
- FIGUEIREDO, S, L; RISCJ,AMM. D. V.M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos cadernos NAEA*. V. 7, n.1, 2004, p. 155-188.
- GENNEP, A. V. *Os ritos de passagem*: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Vozes, Petrópolis - RJ, 2012.
- GLUCKMAN, M. H. *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*. In FELDMAN-BIANCO, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- GOFFMAN, E. *Estigma*- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 4 ed, Rio de Janeiro, 2021.
- GOLDMAN, M. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, v. X (1), 2006, p. 161-173.
- GRABURN, N. H. H. The Anthropology of tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 10, pp, 9-33, 1983.
- _____. The ethnographic tourist. In DANN, G. M. S. *The Tourist as a Metaphor of the Social World*. Wallingford. CABI, pp. 19-39.
- _____. Tourism: the sacred Journey. In SMITH, V.L. *Hosts and Guests: the Anthropology of Tourism*, University of Pennsylvania Press, 1989, pp. 17-36.
- GRÜNEWALD, R. A. Os índios do descobrimento: tradição e turismo. Tese (Doutorado). Programa de Pós graduação em Antropologia. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999, pp. 350.
- _____. Turismo e Etnicidade. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 20, p. 141-159, 2003.
- _____. *Turismo e o “resgate” da cultura Pataxó*. In BANDUCCI JUNIOR, A; BARRETO, M (Orgs). *Turismo e identidade social: uma visão antropológica*. Campinas-SP, Papyrus, 2001, p. 49 - 63.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Lamparina, 2021 (E-book não paginado).
- HALL, S. *Quem precisa de identidade?* In WOODWARD, K; HALL, S; SILVA. T.T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.
- JAFARI, J. El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, v. 42, pp 39-56, 2005.

- KRIPPENDORF, J. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Aleph, São Paulo - SP, 2000.
- LEAL, R. E. S. O turismo desenvolvido em terras indígenas sob o ponto de vista antropológico. *Caderno Virtual de turismo*, v. 7, n.3, 2007, pp. 16-25.
- LEITE, Eudes Fernando. *Do éden ao Pantanal*: considerações sobre a construção de uma representação In Espaço Plural, n. 18, 2008.
- LEACH, E. R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1996.
- LEVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LINDBERG, K; HAWKINS, D. E. *Ecoturismo*: um guia para planejamento e gestão. 3. Ed, Editora SENAC, São Paulo, 2001.
- MARTINS, D, M, B. A tessitura intersubjetiva dos entre-lugares: o que pode um grupo?. *Revista de Estudos antiutilitaristas e pós-coloniais.*, v, 1, n.1, jan/jun, 2011, pp. 76-90.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Ecoturismo*: orientações básicas 2. ed. Brasília, Ministério do Turismo, 2010.
- MITCHELL, J. C. *A dança kalela*: aspectos das relações sociais entre africanos urbanos da Rodésia do Norte. In FELDMAN-BIANCO, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- MORETTI, E. C. *Paraíso visível e real oculto*: a atividade turística no Pantanal. Ed. UFMS, Campo Grande - MS, 2006.
- _____. *Atividade turística*: produção e consumo do lugar Pantanal In BANDUCCI JUNIOR., A; MORETTI, E. C.(Orgs). *Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*, Ed. UFMS, 2001, p. 41-73.
- OLIVEIRA, M. S. Estrada-Parque Pantanal e o conhecimento tradicional das comunidades locais na potencialização do desenvolvimento territorial. Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Campo Grande – MS, 2017.
- OLIVEIRA, R.C. Identidade e estrutura social. *Seminário “A pesquisa Etnológica no Brasil”*, Academia Brasileira de Ciência, Rio de Janeiro, junho de 1978.
- _____. *Identidade, etnia e estrutura social*. Livraria Pioneira Editora, São Paulo – SP, 1976.
- _____. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 39, n.1, 1996.
- _____. Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral. *Anthropológicas*, v. 16, n 2, p. 2005, p. 9-40.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. Brasiliense, São Paulo, 2007.
- PINTO, M, L. *Discurso e cotidiano*: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2006.
- PINTO, R. Luzes e Sombras: notas para um balanço crítico da antropologia do turismo. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 3, set, 2021, p. 84-107.

- PRADO, R. M. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 20, ano 9, out, 2003, p. 20-224.
- RIBEIRO, M. A. Entre ciclos de cheia e vazante a gente do Pantanal produz e revela geografias. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pp. 279, 2014.
- RIBEIRO, M.A.; MORETTI, E.C. Pantanal/MS/BRASIL: A construcción de novas geografias In *XII Coloquio Internacional de Geocrítica - Las independencias y construcción de estados nacionales: poder, territorialización y socialización, siglos XIX - XX*. Bogotá, Mayo, 2012.
- RIBEIRO, M.A.; VARGAS, A. I. Um Pantanal de marias e marruás. *Revista GeoPantanal*, n. 31, Corumbá – MS, 2022, pp. 29-45.
- RIBEIRO, M; VARGAS, I; ARAÚJO, A.P. Estrada-Parque Pantanal, MS, Brasil: paisagens ressignificadas, modos de vida alterados. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial EGAL, Costa Rica, 2011, p. 1-11.
- RODRIGUES, A. A. B. Lugar, não lugar e realidade virtual no turismo globalizado In *Revista Do Departamento De Geografia*, v. 10, 2011, p. 73-78.
- SACCO DOS ANJOS, F; CALDAS, N. V. Multifuncionalidade, turismo rural e pluriatividade: interfaces de um debate inacabado. *REDD Revista de Diálogo e Desconexão*, Araraquara, v. 5, n. 1, jul/dez, 2012.
- SANTOS, R. J. *Hibridização cultural e turismo*. In BARRETO et al. Turismo e antropologia: novas abordagens. Campinas, SP: Papiurus, 2009.
- SALAZAR, N. B. Tourism and glocalization. *Annals of Tourism Research*, v. 32, n. 3, 2005, p. 628 – 646.
- SILVA, J. S. V; ABDON, M.M. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa agropecuária brasileira*, Brasília, v. 33, n. especial, 1998, p. 1703-1711.
- SILVA, T. T. *A produção social da identidade e da diferença*. In WOODWARD, K; HALL, S; SILVA, T.T. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.
- SILVEIRA, C. B. M. *O paraíso negociado: ensaio etnográfico sobre turistas em Resort*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, 2004.
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Zahar, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. Cosmologias do capitalismo: o setor transpacífico do “Sistema Mundial”. *Religião e Sociedade*, n. 16/1-2, 1992.
- STEIL, C. A. *Peregrinação e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas*. GRABURN et al (Orgs). Turismo e Antropologia: novas abordagens. Editoria Papiurus, Campinas – SP, 2009.
- STEIL, C. A; CARNEIRO, S. S. Peregrinação, turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, n. 28 (1), Rio de Janeiro, 2008, p. 105-124.
- STEIL, C. A; TONIOL, R. Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. *Caderno CRH*, V. 24, n. 61, Salvador, Bahia, jan-abr, 2001, p. 29-49.

STRONZA, A. Anthropology of tourism: forging new ground for ecotourism and other alternatives. *Annual Review of Anthropology*. v. 30., 2001, p. 261-283.

THOMÉ, Pollianna. *A mulher e o Pantanal: uma relação de trabalho e de identidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana - MS, 2008.

TITO, A.L.A; BRUMATTI, P. N. M; NÓBREGA, W. R. M. Pós-modernidade e Turismo: Reflexões acerca da experiência turística no contexto das agências de viagens. *Revista Turismo em Análise – RTA, ECA-USP*, v. 28, n. 3, set/dez, 2017, p. 424-437.

TURNER, V. *O processo ritual*. Estrutura e Antiestrutura. Vozes, Petrópolis, 1974.

URIARTE, U. M. *O que é fazer etnografia para os antropólogos*. Ponto Urbe, n. 11, 2012.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Sesc/ Studio Nobel, São Paulo – SP, 1996.

VARGAS, A. I. *Território, identidade, paisagem e governança no Pantanal mato-grossense: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa*. Tese de doutorado. Programa de Doutorado em Meio Ambiente e desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR, 2006.

WESTERN, D. Definindo o Ecoturismo. In MINISTÉRIO DO TURISMO. *Ecoturismo: orientações básicas* 2. ed. Brasília, Ministério do Turismo, 2010.